



LeYa

Uma **Bruxa Solitária**

LIVRO TRÊS

RUTH WARBURTON

# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [xlivros.com](http://xlivros.com) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

***Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.***

# Ficha Técnica

Copyright © 2012 Ruth Warburton

Tradução para a língua portuguesa © Texto Editores Ltda., 2015

Título original: A witch alone

Tradução: Débora Isidoro

Preparação de texto: Lyvia Felix

Revisão: Andréa Bruno

Adaptação de capa: Vivian Oliveira

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Warburton, Ruth

Uma bruxa solitária / Ruth Warburton; tradução Débora Isidoro. – São Paulo: LeYa, 2015.

ISBN 9788544101957

Título original: A witch alone

1. Literatura fantástica 2. Literatura inglesa 3. Ficção

I. Título II. Isidoro, Débora

15-0210 CDD-823

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura fantástica inglesa

2015

Todos os direitos desta edição reservados à

LEYA EDITORA LTDA.

Rua Desembargador Paulo Passaláqua, 86

01248-010 — Pacaembu — São Paulo - SP

[www.leya.com.br](http://www.leya.com.br)

## Outros livros de Ruth Warburton



Uma Bruxa na Cidade  
Uma Bruxa Apaixonada

*Para Ian, por tudo.*

# CAPÍTULO UM

**E**stava escuro, mas senti que havia alguém ali assim que abri a porta do celeiro.

– Oi? – Minha voz ecoou nas vigas. – Olá?

Esperei um momento e fiquei ouvindo. Nada. Mas eu não estava sozinha, não precisava de bruxaria para saber disso; havia alguém ali – alguém vivo e que respirava – e perceber isso me deixou com os cabelos da nuca em pé.

Um longo e alto som agudo rompeu o silêncio e eu pulei, mas era só a porta do celeiro balançando lentamente atrás de mim, a madeira úmida rangendo com o movimento. Então ela fechou com um tranco e a escuridão invadiu o espaço amplo.

Eu não estava com medo: se eu não enxergava nada, ele também não. Fiquei parada esperando.

O golpe me atingiu em cheio, acertou-me com tanta força que eu cambaleei e vi estrelas. Caí contra uma viga de madeira e me agarrei a ela, mantendo-me ereta enquanto tentava reunir forças para um contrafeitiço.

– *Sl...* – balbuciei, mas a explosão de luz foi muito rápida e me jogou de joelhos sobre a palha.

Naquele breve e ofuscante segundo eu o vi, em pé sobre uma viga no centro do celeiro. A localização oferecia vantagens, mas era perigosa. Por um minuto fiquei deitada no chão imundo do celeiro, certa de que ele se preparava para mais um ataque.

Então, saltei.

– *Ábréodē!* – gritei.

Houve um estalo ensurdecido da viga sobre a qual ele estava, seguido de um barulho de ossos quebrando e um grito de dor quando um corpo se chocou contra o chão.

Fiquei parada, arfante, esperando para ver se ele se levantava. Ele não se levantou e, por um momento, me senti triunfante. Então, fios formando uma

rede sufocante começaram a cair da escuridão, grudaram em minhas mãos, meus olhos, minha boca. Quanto mais eu me debatia, mais os fios grudavam, como uma gigantesca teia de aranha que me prendia. Em pânico, disparei maldições inúteis a torto e a direito, contrafeitiços que não faziam nada além de queimar minha pele e rasgar minhas roupas. Ouvi uma risada debochada tremular na escuridão, e a fúria cresceu dentro de mim.

– *Unwrið!*

Os fios que me prendiam queimaram e eu concentrei toda minha fúria em uma lança de raiva, que disparei pela escuridão na direção da risada. Acertei: ouvi o grito de dor.

Agora era a vez de ele ficar na defensiva. Tirei proveito da minha vantagem e o acertei de novo e de novo, golpeando-o com cada grama de magia que conseguia dominar.

Mas eu estava cansando, e ele não. Eu sentia sua energia e a força de sua magia enquanto o desconhecido resistia aos meus golpes. Então ele começou a abrir caminho pelo chão do celeiro em minha direção. Eu me concentrava em não machucá-lo, mas em mantê-lo afastado. E não conseguia. Ele me empurrava para trás, para trás, até minhas costas tocarem a madeira rústica da parede do celeiro. Ele estava tão perto que eu podia sentir a estática de sua magia, o calor de sua pele, sentir seu suor.

– Não! – arfei.

Contudo, era tarde demais – eu estava encurralada em um canto e ele, a centímetros de distância, esmagava-me. Senti quando ele se inclinou, mais e mais perto na escuridão abafada. Era o fim. Ele havia vencido.

– Tudo bem – disse, com a voz tremendo de exaustão. – Tudo bem, eu...

A mão dele segurou meu ombro, a outra agarrou meu cabelo, e ele me beijou.

Por um minuto não tive reação – fiquei ali parada, devastada, sem nenhuma defesa, e consenti seu beijo. Tudo que conseguia pensar era no calor de sua boca macia, na força rígida de seu corpo, na rispidez da pele sem barbear em contato com a minha. Por um longo, longo minuto, não fiz nada além de ficar parada, tremendo, enquanto ele me beijava.

Só quando senti sua mão escorregar para baixo da minha blusa que a lucidez retornou. Uma forte explosão de magia estremeceu o celeiro. Seu corpo foi jogado para trás, bateu contra a parede oposta com um estrondo terrível, seguido de um silêncio absoluto.

– Meu Deus, Abe! – Minhas mãos tremiam enquanto eu tentava lembrar o encantamento de luz que minha avó havia me ensinado.

– *Loet...* não, *léoth...* Espera, ai Deus. *L-léohtfætels-ábied!*

O ambiente foi inundado por um brilho claro e lá estava Abe, deitado quieto contra a parede oposta com alguma coisa escura e assustadora empoçando a palha. Corri em sua direção com o coração na boca e me ajoelhei a seu lado no chão empoeirado, segurando sua cabeça.

– Desculpa. Você está bem?

Ele tossiu, cuspiu sangue no chão, depois se sentou com dificuldade e se apoiou contra a parede.

– Jesus, mulher! – Sua voz era rouca. – Bastava dizer “não, estou com dor de cabeça”. Teria resolvido.

– Abe! – Saber que ele estava vivo trouxe de volta toda a raiva, agora ainda mais intensa por estar misturada ao alívio. – Você devia me treinar, não me induzir a causar dano físico.

– Fui obrigado – ele murmurou com a boca cheia de sangue, que cuspiu com cara de nojo. – Caso contrário, você não teria movido um dedo, teria? Eca, por que sangue tem sempre esse gosto rançoso?

– Está tudo bem? Precisa de um médico?

– Médico? Você deve estar brincando, não é? Estou bem. É só uma hemorragia nasal, vai parar em um segundo. Poderia ajudar, em vez de ficar aí parada como uma garota acanhada na balada.

– Ah, cala a boca – falei, mas toquei seu rosto e me esforcei para ajudar seu corpo a se curar. O fluxo de sangue diminuiu um pouco, e eu acrescentei: – A propósito, por que disse que foi *obrigado*? Eu estava fazendo o melhor que posso.

– Não estava. – Abe agarrou meu braço para se apoiar e ficar em pé. Havia palha e sangue em seu jeans rasgado. – Estava enrolando com aqueles encantamentos de que sua avó tanto gosta. Não ia desistir enquanto não fosse forçada, então... eu a forcei.

– Não precisava me atacar sexualmente – respondi, irritada, e saímos tropeçando para o ar frio da noite.

– Foi o melhor em que consegui pensar. – Abe me olhou de lado e sorriu. – Era um cenário de vitória certa. Se não gostasse, ficaria furiosa o bastante para realmente fazer um estrago, e, se gostasse... bem, vantagem para nós dois.



– Cala a boca – resmunguei. A raiva em minha voz deve ter ecoado clara, porque ele ficou em silêncio.

Andamos lentamente até o carro dele através do bosque iluminado pelo luar, e eu senti meu rosto frio e a raiva desaparecer. Afinal, não era culpa de Abe se meu coração ainda estava tão machucado que o menor contato físico me fazia virar um porco-espinho. Não era culpa dele eu ainda não conseguir ter total acesso à minha magia sem ser rasgada pela mais crua emoção. E não era ele o culpado por eu estar começando a gostar um pouco demais dos nossos treinos de luta. Não gostei de notar a alegria evidente e intensa que me inundou quando senti o corpo dele voando contra a parede do celeiro.

O remorso me fez subir na ponta dos pés para tocar o rosto de Abe quando ele parou ao lado do carro para procurar as chaves. Ele se virou com uma expressão surpresa.

– Por que isso?

– Por me aguentar. Sei que deve haver coisas mais divertidas para fazer em uma sexta-feira à noite.

– Humph. – Ele abriu a porta, depois se acomodou no banco do motorista sem esconder a dor. – Bom, eu não estaria aqui se não quisesse estar, acredite.

– Eu sei. – Sentei no banco do passageiro e fechei a porta com cuidado. Força demais e a maçaneta saíria na minha mão. – Mesmo assim... não precisa fazer isso... me ajudar, quero dizer. Obrigada. Queria poder fazer alguma coisa por você em retribuição.

– Não quero sua gratidão. – A voz dele soava irritada.

Não falei nada enquanto ele manobrou o carro e fez algumas curvas até tomar a direção de Winter, mas, quando chegamos à estrada e o silêncio se prolongou carregado de sentimentos não declarados, eu não consegui me conter.

– O que você *quer*, então?

Ele não disse nada, só se virou para olhar para mim na penumbra do carro, os olhos negros fixos nos meus num olhar duro que primeiro me deixou desconfortável e, depois, com o passar dos segundos, absolutamente em pânico.

– Abe, olha para a frente – eu disse finalmente. – Abe... Olha para a droga da estrada!

– Tudo bem. – Ele olhou para a frente, para a escuridão.

Somente quando saímos do meio das árvores para a estrada costeira eu percebi como o tempo havia mudado. Quando entrei no celeiro, começava uma noite fria de primavera. Agora havia uma névoa que vinha do mar e ondas quebravam aos pés do penhasco. Um manto branco começava a pressionar o para-brisa, refletindo os faróis do carro e devolvendo a luz. Quando olhei pelo vidro de trás, vi que a luz da lanterna era uma muralha vermelha como a boca do inferno e tremulava a cada vez que o pé de Abe tocava o freio, reduzindo a velocidade na medida em que a neblina ia ficando mais densa.

Vi o ponteiro do velocímetro cair para trinta, depois para vinte, e depois para menos ainda. A estrada acompanhava o precipício e seria muito fácil errar uma das curvas fechadas no meio da neblina e mergulhar no mar. Eu havia sobrevivido a dois afogamentos, mas até a sorte de uma bruxa tem que acabar em algum momento.

– Que noite horrível! – Abe falou finalmente, e foi um alívio perceber que não havia mais raiva em sua voz. – Esse tempo não é normal. – Ele girou os ombros com desconforto dentro da jaqueta. – Tudo errado. Vai... contra a natureza climática, de algum jeito. Consegue sentir? Tipo, a neblina com esse vento. Não devia...

Ele parou de falar quando um barulho choroso rasgou o ar da noite, ecoando nos penhascos e me fazendo pular assustada. Senti o carro engasgar, resultado do movimento instintivo do pé de Abe sobre o freio. Em seguida ele riu.

– Maldito alerta de neblina. Moro aqui há oito anos e ainda me assusto. Parece uma vaca gigante morrendo em trabalho de parto.

O som se repetiu, um uivo longo e agudo que me causou um frio na espinha. Pensei em todos os pescadores na água, debruçados sobre o mostrador luminoso de um GPS, espiando em meio à névoa em direção à segurança do porto. Pensei em... não, bani esse pensamento. Agora não. Não aqui no carro com Abe. Eu não podia.

– Quer me encontrar amanhã para uma revanche? – Abe perguntou, interrompendo meus pensamentos.

Balancei a cabeça.

– Não posso. Amanhã vou a Londres.

– Hum. Vai ver a vovó, é?

– Sim, se quer mesmo saber.

– Está bem perto de se meter em confusão com aquela gente. – Ele balançou a cabeça, e a luz do luar cintilou no piercing da sobrancelha quando uma ruga marcou sua testa.

– Não é da sua conta – respondi com tom seco.

– Tem razão. – A voz soou dura. – Não é. Mesmo assim, não deixo de pensar que vai acabar encrencada.

– Escute, não tenho opção.

– Porque é parente da velha?

– Não, porque... – Percebi que respirava depressa. Por que eu me dava ao trabalho de justificar meu comportamento para Abe? Por que me incomodava com o que ele pensava sobre mim? – Porque eu... decidi fazer alguma coisa. Estou procurando minha mãe.

Abe virou a cabeça de repente.

– Acha que é uma boa ideia?

– Eu tenho que tentar! – O desespero em minha voz me surpreendeu. – É *necessário*. Não posso passar a vida toda sem saber se ela ainda está por aí, se morreu, se tirou sua própria vida, sei lá.

– Por que acha que vai ter mais sucesso que seu pai e sua avó e todas as pessoas que já tentaram encontrá-la? Se está em algum lugar por aí, ela não quer ser encontrada, isso é óbvio.

– Tenho mais informações que eles. Meu pai e minha avó tinham metade do cenário cada um. Eu sei muito mais. Por exemplo, sei que ela voltou ao quartel-general dos Ealdwitan depois de ter supostamente desaparecido.

– Tem certeza? – A voz de Abe demonstrava seu ceticismo. – Pelo que você me contou, ela fugia deles como se a própria vida dependesse disso. Por que voltaria ao quartel-general deles?

– Não sei. Mas uma pessoa a viu pular da doca de St. Saviours alguns dias depois de ela ter desaparecido. Pensaram em suicídio, é claro, e vasculharam o rio, mas não encontraram corpo algum. Contudo, eu olhei o mapa e percebi...

– Que St. Saviours é onde o Neckinger entra no Tâmis, uma das entradas para o quartel-general. – concluiu Abe. – Seus dedos batucavam sobre o volante com energia inquieta. – Mas isso não explica por quê.

– Eu sei. Por isso tenho que voltar lá. Eles devem ter algum tipo de registro, algum tipo de equivalente bruxo de um circuito interno de

câmeras. Tenho que examinar os arquivos deles, descobrir o que ela fez.

– Você é maluca – Abe respondeu. – Anna, pelo amor de Deus, não faça nenhuma bobagem. Eles quase mataram você uma vez, chega, é o suficiente. Se for pega mexendo nos arquivos...

– Não serei – garanti. – E agora tenho Elizabeth do meu lado, não se esqueça. Se for preciso, tenho certeza de que ela vai me proteger.

– Acredita que sangue é mais forte do que água? – Ele me encarou com seus olhos escuros e indecifráveis. Depois olhou novamente para a estrada, a luz fraca do painel iluminando seu rosto sombrio, firme, e a linha rígida de sua boca. – Eu não contaria com isso, Anna. Não com relação aos Ealdwitan, pelo menos.



– Eu ouvi barulho de carro? – Meu pai saiu da cozinha quando bati a porta ao entrar.

– Sim. Abe me trouxe – respondi.

– Hum. – Ele se absteve de comentar. Eu sabia em que estava pensando, Abe não era exatamente o amigo ideal. Ele fumava, bebia e falava palavrões, e não fazia muito esforço para esconder tudo isso quando estava perto do meu pai. Ele também era... bem, eu não sabia ao certo quantos anos ele tinha. Não era surpreendente que meu pai não ficasse muito feliz com essa amizade. Mas, ao mesmo tempo, Abe havia colaborado muito para me manter inteira depois que... depois que Seth partiu.

Pensar no nome dele ainda me fazia sentir como se alguma coisa me rasgasse por dentro, como se pequenos pontos se rompessem. Era difícil acreditar que fazia... o quê? Oito, dez semanas desde que ele foi embora? Dois meses. Parecia uma eternidade e ontem, tudo ao mesmo tempo.

Meu pai havia preparado meu prato favorito e conteve o impulso de me dizer para crescer e superar porque, quando minha mãe desapareceu, ele havia passado pela mesma coisa, porém de um jeito muito pior. Em vez de me criticar, ele apenas cozinhava, me confortava e me deixava tentar superar no meu ritmo. E Emmaline havia me animado, brincando e me incentivando a voltar para a escola com a força necessária para impedir que minhas notas desabassem completamente. Juntos, eles me ajudavam a seguir em frente. Mas Abe... Abe me deixava furiosa. E me fazia rir. E me

fazia *sentir* outra vez. E meu pai sabia disso.

Um cheiro delicioso vinha da cozinha e, quando abri a porta, respirei o ar pesado de um aroma que me fez ficar com água na boca. Meu pai estava na frente do fogão, mexendo alguma coisa em uma panela, e o cheiro de manteiga e temperos me envolveu.

– Uau, o que tem aí?

– Moong dal. Achei que ia gostar.

Eu gostava. Era uma das poucas coisas que ainda me faziam sentir muita, muita saudade de Londres. Winter tinha um restaurante chinês que entregava em casa, mas nenhum indiano, e havia momentos em que eu sentia muita falta da nossa velha casa de curry em Notting Hill.

– Que delícia! O que estamos comemorando?

– Ah, nada de mais. Sexta-feira, o fim de semana, o fim das aulas. O que vai fazer amanhã? Quer ir comigo a Brighthaven? Vou buscar algumas coisas para El... – Ele fez uma pausa breve antes de concluir. – Uma amiga. Quer ir?

Eu suspirei.

– Tudo bem, pai. Pode falar o nome dela. – Havia muita coisa em Winter que me fazia lembrar de Seth, e evitar mencionar o nome de Elaine não tornava a situação menos óbvia. Além do mais, eu simpatizava com Elaine. Sabia que ela se preocupava com Seth tanto quanto eu. Gostava de ouvir meu pai falar sobre ela.

– Está certo, desculpe. Enfim, quer ir comigo? Você andou falando que precisava de um jeans novo.

– Preciso. Mas não posso ir. Combinei um encontro com Elizabeth no fim de semana. Vou dormir lá, lembra?

– Ah. – A expressão de meu pai se tornou fechada, reservada. Ele olhou para a panela. Eu sabia que havia sido difícil para ele perdoar velhos erros e aceitar minha avó participando da minha vida. E também havia muita coisa para esquecer, ela se afastou quando minha mãe se apaixonou por meu pai, um homem sem poderes.

– Tem razão, você mencionou alguma coisa, mas esqueci de anotar na agenda.

– Desculpe, eu só... – Parei de falar, e meu pai forçou um sorriso.

– Não precisa se desculpar! É bom passar um tempo com Elizabeth. Ainda me sinto culpado por vocês terem perdido dezoito anos de

convivência por causa de...

– Pai. – Segurei a mão dele. – Por favor, não. Não foi sua culpa. Eu entendo, de verdade. – Meu pai havia estado limitado, quase incapacitado de pronunciar o nome de minha mãe, até o encantamento se quebrar quando eu fiz dezoito anos. Agora eu sabia disso. O que ainda não sabia era por quê.



Depois do jantar, ajudei meu pai a limpar a cozinha enquanto ele falava sobre os planos para o fim de semana. Não conseguia me concentrar; o gemido agudo do alerta de neblina continuava invadindo meus pensamentos.

Abe estava certo: havia alguma coisa que não era natural na neblina, no jeito como ela envolvia as árvores e cercava a casa. Olhei para o espesso manto branco do outro lado da janela da cozinha e me arrepiei, pensando nos marinheiros na água, pensando em...

Não. Afastei o pensamento, enxuguei as mãos e enchi um copo com água.

– Pai, se importa se eu subir? Estou exausta e ainda preciso arrumar a mochila.

Era verdade. O treino com Abe havia me deixado esgotada, e minha avó provavelmente ia querer mais de mim amanhã, embora sua abordagem fosse quase diametralmente oposta à de Abe – cheia de aprendizagem mecânica, livros e memorização. Ela me ensinava como desenvolver a vidência, como adivinhar, mostrava-me a diferença entre feitiço e encantamento. Ela me fez aprender cada uma das Runas Designadas. Ensaiei comigo as Invocações Brilhantes e as Invocações Obscuras, os feitiços para proteger e salvaguardar, e os feitiços para explodir, quebrar e aleijar.

Ela acreditava que a melhor magia vinha dos livros e do aprendizado, e que você podia se livrar dos problemas estudando muito. Enquanto isso, Abe sentia que a magia vinha de dentro, era um instinto melhor do que a memória, e que você não devia nem contar com um feitiço em caso de dificuldade, caso não conseguisse criá-lo por conta própria.

Os dois concordavam sobre uma coisa, porém: eu tinha dezoito anos de negligência para compensar. Tinha poder, mas poder sozinho não faz

ninguém poderoso. Para ser poderoso é preciso ter controle e confiança, e eu não tinha nenhum dos dois, um problema que havia sido quase fatal alguns meses antes. Abe e minha avó estavam decididos: se acontecesse outra crise, pelo menos dessa vez eu seria capaz de cuidar de mim mesma.

Meu pai olhava para mim com ar preocupado.

– Parece cansada, meu amor. Vá dormir cedo. Quer uma carona até a estação de trem amanhã?

– Sério? Vou sair cedo – avisei. – Disse a Elizabeth que estaria em Londres no meio da manhã, preciso chegar à estação às oito, no máximo.

– Tudo bem. Prefiro chegar a Brighthaven antes de os estacionamentos ficarem cheios. Deixo você na estação e vou direto... – Ele fez uma pausa, mas continuou, corajoso: – Para o Âncora pegar Elaine.

– Ah, você vai com ela? – perguntei, surpresa.

– Bem, achei que seria boa ideia, já que você não pode ir. A companhia é melhor que qualquer outra, e se eu for cedo ela ainda consegue voltar e abrir o pub para a hora do almoço.

– Muito bom. – Tentei sorrir. – Boa ideia. Mande um beijo para Elaine. Pergunte a ela... – Parei, mas meu pai sabia o que eu ia dizer.

– Sim, eu vou perguntar se ela tem novidades. – Ele beijou minha testa. – Boa noite, meu amor. Durma bem.

A preocupação no rosto dele me acompanhou enquanto eu subia as escadas e ao abrir a pesada porta de carvalho do meu quarto.

Ele se importava comigo e se preocupava com o que eu fazia a noite toda trancada no quarto. E se preocuparia ainda mais se soubesse a verdade.

As molas da cama rangeram quando eu me sentei, mas não estava pronta para dormir. Ainda não. Em vez disso, apoiei as mãos abertas sobre os joelhos e olhei para o anel de vidro do mar, uma ametista turva à luz do meu abajur. O alerta de neblina soou outra vez e, de repente, tomada por uma tentação irresistível, arranquei o anel e peguei a vasilha de madeira polida que ficava sobre o meu criado-mudo.

Fiquei sentada na cama por um longo minuto, segurando a tigela sobre as pernas e o anel na palma da mão esquerda, respirando depressa. Então, com um movimento rápido, esvaziei meu copo de água na vasilha, joguei o anel lá dentro e aproximei o rosto da superfície. Cheguei tão perto que meu reflexo perdeu o significado, tornou-se uma coleção de luzes refratadas, sem foco. Estava perto demais para as luzes formarem uma imagem única.

Com o tremor das minhas mãos, a água parecia tremular e se mover, entrecortada com os veios da madeira, cada vez que eu expirava. Pequenas ondas se formavam, se encontravam, perseguiam um feixe de luz pela tigela. Então, gradualmente, nuvens começaram a se reunir, a água escureceu e a luz perdeu intensidade, resumiu-se a um barquinho correndo pelo mar, tentando desesperadamente se manter à frente das ondas enormes que ameaçavam tragá-lo. Quase todas as velas haviam sido rasgadas, e o barco navegava quase com os mastros nus. Consegui ver uma silhueta no leme, um corpo castigado pela chuva e pelo vento, esforçando-se para manter a proa apontada para as ondas.

E eu não podia fazer nada. Nada além de assistir à luta silenciosa, ver a silhueta solitária na escuridão, no meio daquele vasto e hostil oceano.

Fiquei olhando até não poder mais. Então sentei-me ereta e me afastei daquele mundo solitário e varrido pela tempestade.

Meu pescoço estava tão rígido que eu nem conseguia movê-lo. Massageei devagar os músculos tensos enquanto meus olhos se habituavam à luz do abajur, tão quente e suave depois da escuridão da tempestade.

Pesquei o anel no fundo da tigela e joguei a água no vaso da minha violeta africana, tomada por uma mistura de medo e desgosto. Medo por Seth, desgosto por mim, por espioná-lo dessa maneira.

No início eu o vigiava de um jeito quase obsessivo. Essa era parte da preocupação de meu pai depois da partida de Seth: meu hábito de ficar fechada no quarto, com a porta trancada por um feitiço. Contudo, eu não chorava sobre as fotos de Seth, nem as rasgava. Eu praticava a vidência. No início o esforço era inútil; depois, quando passei a usar o vidro do mar para focar a atenção, fui alcançando mais e mais precisão. Nunca soube onde Seth estava exatamente – por qual litoral ele passava, em que porto estava ancorado –, mas sempre conseguia encontrar seu rosto. E isso virou uma obsessão: vê-lo velejar e comer e dormir e chorar. E, em uma noite horrível, ele levou uma mulher para o barco. Ela era linda, com cabelos cor de mogno brilhante, e, quando ela desceu a escada para a cabine, vi a ponta do sarongue que caiu no chão. E depois vi Seth descer atrás dela.

Naquela noite, joguei a tigela pela janela e jurei nunca mais espia-lo. Sentia-me degradada pelo que eu havia feito, e também pelo que Seth fez, apesar de ele não me dever nada. Não mais. Não agora.

Esta noite, porém, com a neblina tão baixa... eu não estava espionando, só



queria ter certeza de que ele estava bem. Não era diferente?

Talvez, mas ainda preferia não ter olhado. O que Seth pensaria de mim se soubesse que eu usava meu poder para espionar? E de que isso adiantava? Eu não podia ajudá-lo. Não podia mudar nada. Só podia espiar enquanto ele enfrentava seus demônios sozinho – e eu lutava contra os meus.

## CAPÍTULO DOIS

*N*ebolina Fatal Mata Três!, gritava o anúncio quando subi a escada do metrô, sentindo o nariz inundado pelo ar morno, poluído. *Sul Tomado por Neblina Mortal*, anunciava a manchete do anúncio e, abaixo, *Três Mortos em Nevoeiro Bizarro*. Os rostos olhavam para mim de um jornal descartado; um homem idoso em Essex, que havia caído de uma escada na neblina, e um jovem casal cujo carro derrapou em uma estrada deserta na reserva central. Nenhuma notícia sobre barcos. No entanto, um ano de vida em Winter me ensinou que, normalmente, navegantes mortos não eram notícia, a menos que as vítimas fossem turistas ricos. Navegantes de verdade – pescadores e marinheiros profissionais – não atraíam interesse pelos riscos que corriam.

O resto da névoa ainda persistia densa e estranha sobre as ruas em Pimlico que eu percorria com passos rápidos. Talvez fosse a névoa, mas Londres parecia, de alguma forma, desconhecida. Era difícil acreditar que eu andava por aquelas ruas movimentadas todos os dias, que o cheiro de fumaça dos carros e o ar morno das grades do metrô haviam sido algo mais familiar que o cheiro do mar e das ostras secando no píer.

Senti uma enorme vontade de estar em Winter, mas ignorei a emoção e segui para a Vauxhall Bridge Road, tentando sufocar o crescente pressentimento com relação ao que estava por vir.

Eu não havia voltado desde a primeira e desastrosa visita – primeira e última. Minha avó esteve em Winter e eu a visitei em sua casa, mas toda vez que ela me pedia para ir ao quartel-general dos Ealdwitan, eu me recusava. Havia feito as pazes com minha avó, mas nunca consegui esquecer as atitudes dos Ealdwitan no ano passado, não com a lápide de Bill ainda limpa e branca no cemitério de Winter.

Contudo, se eu queria descobrir a verdade sobre mim e minha mãe, tinha que voltar lá. Quando sugeri a visita a minha avó pela primeira vez, não

havia parecido nada tão importante, mas agora...

Eu estava no parapeito da ponte Vauxhall olhando para o rodaminho de águas cinzentas lá embaixo, e meu estômago deu um salto mortal.

– Vai, covarde – cochichei para mim mesma, preparando-me para pular. Ônibus percorriam a estrada, e havia uma balsa passando lá embaixo, por isso murmurei algumas palavras e olhei para baixo, para os meus pés, verificando se o feitiço de invisibilidade havia funcionado.

– Houston, aí vamos nós – resmunguei. E pulei.



A primeira coisa que registrei foi o cheiro, como a lembrança de um pesadelo. Quando abri a porta, o ar denso invadiu a antessala, carregado com o odor, a sensação e o gosto de magia, como mil temperos esmagados embaixo dos pés. Eu me encolhi.

*Não entre*, gritava cada osso do meu corpo. Fiquei parada com a mão na porta de aço reforçado, e o homem sentado atrás da mesa me olhou intrigado. Eu queria muito me virar e correr, mas, em vez disso, dei um passo à frente. Voltei ao centro dos Ealdwitan.

Lá dentro, a atmosfera me envolveu como um grosso cobertor. Senti as camadas de feitiço e contrafeitiço, magia e ilusão se acomodando como um peso físico sobre meus ombros.

– Bom dia. – O homem no balcão me olhou com o que poderia ser um sorriso, se eu desse a ele o benefício da dúvida. – Posso ajudar?

– Hum... obrigada. Vim ver minha avó, Elizabeth Rokewood.

– É claro. – Ele não se abalou. Devia ser de uma das facções rivais. Havia cinco Presidentes e, pelo que minha avó me contou, nunca eram mais que dois de acordo.

Assinei o livro sobre a mesa. O restante de seu escritório era escuro, mas consegui ver fileiras de prateleiras, cada uma delas ocupada por dúzias e dúzias de livros semelhantes, todos com capas de couro, e um pensamento me ocorreu.

– Você guarda os livros de registros? Com as assinaturas, quero dizer – perguntei.

– É claro. – Ele me olhou de um jeito duro.

– O que tem neles?

– Uma lista de todos os visitantes de cada dia e um relato de ocorrências e reuniões dignas de registro.

– E é possível... hum... as pessoas podem vê-los?

– É claro que não. – Seu olhar agora era de franca desconfiança. – Por que quer saber?

– Por nada. – Meu coração batia depressa. Quando eu tentava pensar no que dizer a seguir, ouvi uma voz que reconheci e virei para ver minha avó percorrendo o longo corredor carpetado, ditando alguma coisa para a secretária enquanto andava depressa.

– ... diante disso é essencial uma reavaliação da segurança, sublinhe, vírgula, inclusive a suspensão e reemissão de todos os passes e autorizações de acesso válidos no momento, ponto. Parágrafo... Anna! Não, senhorita Vane, é claro que isso não faz parte do memorando. Retomamos mais tarde.

Quando ela me beijou uma vez em cada lado do rosto, senti sua mão fina e carregada de joias tocar meu ombro e inspirei seu perfume amargo.

– Olá, querida. Receio que o dia seja especialmente movimentado hoje. Sorte ter sugerido me encontrar aqui, porque teria mesmo que vir.

– O que aconteceu? – perguntei.

Ela fez uma careta, um arremedo de sorriso, e a pele se distendeu sobre os ossos de seu rosto. Começamos a andar pelo corredor em direção ao escritório dela, o veludo *farfalhando* sob meus pés.

– É uma longa história. Problemas de segurança, associados a eventos recentes e preocupantes. Teremos hoje uma reunião de emergência para tratar dessas questões, e quero que você esteja presente.

– Eu? – Engoli em seco. – Mas...

– Anna, sei que isso é muito mais do que esperava se envolver. Não queria apresentá-la aos Presidentes desse jeito, mas agora tudo está em andamento. Os Presidentes estão em pânico; acho que este pode ser o momento.

– O momento?

Ela olhou para os dois lados do corredor, depois me empurrou para dentro do escritório e fechou a porta.

– Para responsabilizar Thaddeus Corax.

Thaddeus Corax, que havia ordenado o ataque contra Winter; que havia mandado seus subordinados para me aterrorizar e apavorar meus amigos; que, de acordo com minha avó, era culpado por tudo que havia acontecido

em Winter um ano atrás. Ela me prometeu que um dia o confrontaríamos e o impediríamos de tratar mais alguém daquele jeito. Mas agora? Tão rápido?

Elizabeth deve ter lido os pensamentos em meu rosto, porque falou, decidida:

– Thaddeus tem desestabilizado muita gente em toda essa história, Anna. Se temos alguma chance de prejudicar sua autoridade, esse momento é agora.

– Então... Quer que eu fale sobre o ano passado?

– Não, pelo menos por enquanto. Eu o acusei há alguns meses pelo que fez em Winter. A posição dele é imutável, e seu depoimento se mantém; de acordo com Thaddeus, ele enviou um grupo de pessoas para investigar você e tentar convencê-la a parar de praticar magia sem segurança. Os agentes em campo se deixaram levar pelos eventos e se excederam em suas responsabilidades, agindo à revelia de suas ordens e sem seu conhecimento. É muito difícil provar qualquer uma das duas versões.

– Então... por quê? Por que precisa de mim?

– Porque, Anna, você é a última Rokewood. – Seus olhos eram impenetráveis. – E eu estou velha. Porque Corax se agarra à própria mortalidade com uma teimosia que me amedronta, usando métodos nos quais não consigo nem pensar. E porque, quando eu partir, e se as coisas ocorrerem como quer Corax, isso não vai demorar a acontecer, a Presidência vai ser sua responsabilidade.

– Não! – Recuei um passo, tropeçando em uma mesinha de café. – Não, eu não quero. *Não quero!*

– Mas você *tem* que aceitar. Ou Corax vai instalar um de seus comandados, e nós estaremos perdidos.

Balancei a cabeça ao me imaginar enterrada para sempre naquele labirinto subterrâneo, acorrentada a uma Presidência que não queria, escravizada por uma obrigação que nunca procurei. Imaginei o peso que agora estava sobre os ombros da minha avó sendo transferido para os meus.

– Você é uma Rokewood. – A voz de minha avó era áspera.

– Não, eu sou uma Winterson.

– Você é uma Rokewood. E, Anna, acredite você ou não, existem males maiores que Thaddeus Corax por aí. – O tom de sua voz era sombrio. – Nesse momento, os Ealdwitan, mesmo imperfeitos como somos, são o

obstáculo entre seus amigos e esses males.

Meu coração batia acelerado no peito. No entanto, não havia como voltar atrás. Nunca houve, desde a primeira vez que abri as páginas do *Grimório*. Só me restava seguir em frente, às cegas.



O aposento era abobadado, com um teto alto e encurvado cravejado de saliências ornamentadas. Meu relógio dizia que era fim de tarde, mas não havia janelas ali, e as sombras nas vigas sugeriam que poderia ser meia-noite. As luzes de bruxa nos cones presos à parede tremulavam pálidas, projetando uma luminosidade irregular nas paredes de pedra e no encosto entalhado de cada uma das cinco cadeiras imponentes arranjadas em círculo no centro da sala. Quatro delas já estavam ocupadas; aquelas pessoas deviam ser os famosos Presidentes, representantes dos mais importantes clãs de bruxos da Bretanha.

Em torno delas, atrás das cadeiras, reuniam-se seus seguidores espremidos em pequenos grupos nos bancos que formavam arquibancadas. Eu estava sentada atrás da cadeira vazia, com a secretária de minha avó, senhorita Vane, e mais algumas pessoas que eu não conhecia.

– Quem são as pessoas no meio? – sussurrei, aproveitando o ruído geral de gente se acomodando, organizando papéis e canetas e ajeitando almofadas.

– A mulher sentada na nossa frente, a jovem, aquela é Margot Throgmorton – a senhorita Vane cochichou de volta. – Ela está substituindo o marido, Edward Throgmorton, que é muito velho e está muito doente para comparecer. Se ele morrer, ninguém sabe o que vai acontecer. Margot vai tentar tomar a presidência, tenho certeza, e é bem provável que tenha o apoio de Erasmus Knyvet. Dizem que eles são amantes.

Olhei para o rosto bonito e animado da mulher sobre a qual a senhorita Vane falava e não me surpreendi com os boatos. Ela não podia ter mais que quarenta anos, mesmo que fosse adepta do hábito das bruxas de alisar as rugas. Enquanto a observava, notei alguma coisa se enroscando sinuosamente em torno das pernas de sua cadeira, um animal muito grande para ser um gato. Um lampejo vermelho, e eu o reconheci: uma raposa. Margot Throgmorton abaixou a mão e afagou a criatura atrás das orelhas, e

o animal se retorceu de prazer antes de sumir nas sombras embaixo da cadeira.

– O homem ao lado dela é Knyvet – continuou a senhorita Vane. – Ele é muito sério, muito tradicional. A esposa... – ela inclinou a cabeça sutilmente para uma mulher grávida em um dos bancos no alto da arquibancada – a esposa deve parir o oitavo filho deles em maio.

Oitavo? Olhei para o rosto retraído e pálido da mulher, depois para a imagem esguia de Knyvet. Ele parecia uma raposa. Inclinado, falava com Margot Throgmorton de um jeito sigiloso, e cada linha dos corpos sugeria prazer e diversão mútuos.

– Depois dela no círculo vem Charles Catesby – ela continuou, olhando para um homem com abundantes cabelos grisalhos e barba loira com reflexos brancos. – Ele é um velho amigo de seus avós.

– E o último homem? – perguntei com a garganta seca.

A senhorita Vane me olhou por um instante.

– Sim. O último homem é Thaddeus Corax.

Olhei pela penumbra da sala para a parte de trás da cabeça dele. Era um homem pequeno, encarquilhado, impossivelmente velho. Há muito tempo eu o odiava e temia. E agora lá estava ele.

Enquanto eu olhava, ele se virou como se pudesse sentir a intensidade do meu olhar. Dois olhos semicerrados varreram a sala, e eu notei dentes amarelos, um nariz encurvado como um bico, um rosto tão marcado por linhas que parecia esculpido em pedra. Então, ele abaixou a cabeça com um balanço curioso e olhou novamente para o círculo.

A última a sentar-se foi minha avó, e eu a vi se mover para ir ocupar seu lugar. Havia uma estranha sensação de opressão em meu peito. Era como... carinho. Amor, até. Mas isso era impossível, certamente. Como amar alguém tão dura, tão altiva quanto minha avó?

Talvez fosse por ela parecer estranhamente frágil. Ela era velha, sessenta, talvez até setenta anos. E não havia um grama de carne extra sobre seus ossos. Os pulsos eram só pele e tendões, os anéis pareciam pesar nos dedos finos. O cabelo ainda negro estava preso num coque impecável tão pesado que me dava a impressão de que o pescoço não poderia sustentá-lo. Ela havia sido uma mãe firme, eu sabia. Dura com a filha. E seria rígida comigo também, se eu deixasse. Mas agora, vendo seu pescoço se curvar sob o peso de toda sua autoridade e maldade, eu compreendia que ela havia sido ainda

mais dura consigo mesma.

– Vamos começar a reunião – falou Thaddeus Corax com uma voz áspera e rouca que ecoou pela sala, e o silêncio foi imediato. – Como sabem, estamos aqui para discutir o ataque que aconteceu ontem à noite contra o nosso litoral.

– Ataque? – cochichei para a senhorita Vane.

– A neblina – ela sussurrou de volta. – Shh.

– Acreditamos que a neblina foi um mecanismo de teste – Corax continuou –, um precursor, se preferirem, para um ataque futuro que pode causar estrago maior. Até onde podemos dizer, a névoa propriamente dita não causou danos, mas sua presença é motivo de grande preocupação, ela não devia ter conseguido penetrar essas praias. Mil anos de feitiços e contrafeitiços deviam ter repellido a névoa. Por alguma razão, esses feitiços falharam.

– E que razão sugere que seja, meu colega Presidente? – perguntou Knyvet com uma voz fluida como óleo.

– Traição! – retumbou Charles Catesby, cuja voz ecoou nas vigas e causou um sobressalto entre os espectadores. – Traição! Um espião na fortaleza.

– Espere, espere, Presidente Catesby. – Corax levantou a mão. – Ainda não temos provas disso. Mas é verdade que a neblina parece ter se concentrado em cada ponto fraco de nossa defesa, e isso é muito preocupante. É quase como se quem a mandou tivesse acesso a informações privilegiadas sobre essas defesas e pudesse criar e apontar uma arma para penetrá-las.

– Quase? – Margot Throgmorton ronronou do outro lado da sala com sua voz sedutora. – Por que “quase”, Presidente Corax? De acordo com o relato, entendo que a questão não é só a neblina de ontem à noite. Documentos desapareceram, feitiços confidenciais foram revelados, mensagens foram interceptadas e nunca chegaram ao destinatário. Sou só... – ela baixou a voz – uma substituta, mas, para mim, a situação é bem clara. Ainda assim, não acredita na existência de um espião?

– Desculpe... – Pela primeira vez Corax parou para pensar no que diria. Ele levantou os olhos, observando em volta como se estivesse surpreso. – Desculpe, senhora, se tenho dificuldade para acreditar na traição de alguém tão próximo do círculo que tem conhecimento de segredos importantes.



Desculpe-me por ser um velho que confia nos amigos.

Confiar? Quase bufei. Thaddeus Corax parecia nunca ter confiado em ninguém, homem, mulher ou criança, desde o dia em que nasceu.

Vi que minha avó pensava a mesma coisa. A boca estava pressionada em uma linha fina e sem cor, e as mãos cheias de anéis se apertavam com tanta força sobre as pernas que as articulações estavam ainda mais pálidas.

– Teria que haver um motivo muito forte, Presidente Corax – ela falou pela primeira vez, com tom sombrio. – Um motivo muito forte, realmente. Alguém no centro de um poder tão grande arriscar tanto para ganhar... o quê? Segurança? Contra um adversário, talvez?

Seus olhos estavam fixos nos dele, mas Corax não se abalou.

– Ou talvez ajuda para derrubar um inimigo, Presidente Rokewood? – A resposta dele foi fria. – Há muitas possibilidades.

– Amigos, amigos... – A voz de Knyvet era suave, insinuante. – Não devemos discutir entre nós. Unidos venceremos, divididos cairemos. Não é o que dizem?

– De fato, caro amigo. – Corax cobriu a mão de Knyvet com a dele, e seu rosto grave se retorceu em uma expressão que deduzi ser um sorriso. Contudo, minha avó não sorriu, e, quando Corax estendeu a mão livre, ela não retribuiu o gesto.

– Nossa casa já está dividida – minha avó falou com frieza. – A única dúvida é onde está essa linha divisória. Amigos ou não, fomos traídos; há uma fissura em nossa fundação, e ela vai nos dividir em dois. E, enquanto não soubermos onde está a rachadura, como poderemos nos proteger?

– O que propõe, então, Presidente Rokewood? – A voz de Margot Throgmorton agora era menos sedutora, e havia impaciência em seu tom. – Em vez de profetizar a desgraça, talvez possa nos sugerir alguma atitude?

– Bloqueio – minha avó anunciou sem rodeios. Houve uma comoção imediata na sala, mas a voz dela se ergueu sobre o coro de desaprovação e consternação. – Revogamos todos os passes. Cancelamos todas as autorizações de segurança. Reemitimos cada uma delas individualmente com base em uma política severa de informações detalhadas. E observamos para determinar o momento em que o vazamento de dados recomeçar.

– Isso é absurdo – Knyvet protestou, impaciente. – Presidente Rokewood, vai nos fazer perder tempo discutindo entre nós, em vez de olharmos para o verdadeiro inimigo.

– E quem é o verdadeiro inimigo, Presidente Knyvet? – minha avó perguntou.

Um silêncio tenso caiu sobre a sala. Tive a impressão de que todos esperavam, como se aguardassem um martelo cair.

Mas, antes que Knyvet pudesse responder, uma enorme explosão sacudiu a sala.

As luzes de bruxa nas paredes tremularam, quase se apagaram, como se um terrível golpe houvesse atingido a fonte de sua energia, e, por um momento, ouvi uma forte corrente de água à nossa volta, como se os rios corressem muito próximos, tentando romper as correntes e recuperar seus poderes. A sala se tornou uma caverna escura, tremulante, cheia de gritos e choro.

No centro da sala, os Presidentes se levantaram e olharam em volta, preocupados.

– Por favor, acalmem-se todos e fiquem sentados! – Thaddeus Corax ordenou com voz ríspida. Suas palavras foram ignoradas. Pessoas corriam em todas as direções.

A senhorita Vane levantou-se, mordeu o lábio e segurou meu ombro com firmeza.

– Anna, fique aqui, entendeu? Fique aqui até eu voltar. Serão só cinco minutos, mas preciso ir verificar... tenho que descobrir o que...

– Vá – eu disse. – Eu vou ficar bem.

– Só cinco minutos – ela repetiu com determinação. E depois desapareceu, após subir os degraus para a porta da sala.

Por um momento, fiquei ali sentada com os ouvidos zumbindo por causa da explosão. Depois, corri atrás dela.

## CAPÍTULO TRÊS

O corredor estava quase deserto, mas, de longe, no fundo do labirinto, eu ouvia os gritos e o trovejar de feitiços e encantamentos. Era persistente a sensação de uma ilusão desgastada – eu sentia como se pudesse pressionar com a mão o papel de parede de damasco vermelho, mergulhar o braço até o ombro na imundície e no lodo do rio.

A senhorita Vane corria com passinhos elegantes e sumiu além de uma curva à esquerda no corredor. Eu esperei colada à parede e, quando tive certeza de que ela havia desaparecido, virei à direita.

Estava torcendo para lembrar o caminho. O quartel-general dos Ealdwitan era um quebra-cabeça, e eu tinha apenas uma vaga lembrança de sua configuração. Passei por duas salas que reconheci e, por um momento, comecei a me sentir confiante... até chegar a um beco sem saída. Havia duas grandes portas de vidro na minha frente; além delas, uma catedral de vidro abobadado – uma estufa gigante cheia de árvores e plantas tropicais.

Droga, droga. Virei-me e senti o suor escorrendo pelas costas, e ouvi novamente o anúncio firme da senhorita Vane: “cinco minutos”.

Comecei a correr.

Depois do que parecia muito mais que cinco minutos, encontrei a mesa da recepção e o livro que eu havia assinado tão recentemente. E, como eu esperava, a mesa estava abandonada, e o escritório atrás dela estava vazio e escuro.

Meu coração batia na garganta, batia tão forte que, por um minuto, foi difícil respirar. Contudo, ignorei a sensação e passei por cima da mesa, batendo dolorosamente o tornozelo na madeira polida. Sufoquei um grito e mergulhei na caverna do outro lado.

A sala estava escura, muito escura, e procurei o interruptor de luz antes de lembrar onde eu estava.

Estendi a mão e respirei fundo, tentando me acalmar.

– *Léohtæls-ábied!*

Uma luz branca e fria tremulou na palma de minha mão, iluminando a sala.

Havia livros empilhados à minha volta, pilhas tortas nas prateleiras, nas mesas, no chão... Por onde começar? Cinco minutos. O aviso ecoava em minha cabeça quando desandei a ler a caligrafia rebuscada nos dorsos.

*Registro Diário 1808, Registro Diário 1809...* Muito velhos. Notei um 1947 sobre uma prateleira empoeirada. Estava chegando mais perto. Olhei para a ponta da prateleira... 1968... Um pouco mais adiante... Droga! *Registro Diário 1716*. Eles nunca ouviram falar em ordem?

O suor escorreu para dentro dos meus olhos e a luz de bruxa tremulou e se apagou em minha mão. Praguejando, olhei para minha palma e ela se acendeu novamente.

*Registro Diário 1978* – Bom, legal! 1979... 1981... 1992... e de repente, lá estava. Tirei o livro da prateleira com mãos ansiosas e deixei a luz ganhar força novamente quando o abri, tentando manter a palma virada para iluminar a página. Janeiro, fevereiro... ia contando nos dedos. Seis semanas a partir do meu aniversário, então... dezesseis de janeiro... Um, dois, três... Primeira semana de março, bem perto. Virei mais algumas páginas do livro e fui lendo as listas de nomes. Nada. Nenhum que eu reconhecesse.

Estava quase fechando o livro tomada pelo desgosto quando, de repente, uma sombra passou pela lâmpada do corredor, e eu prendi a respiração. A luz de bruxa em minha mão perdeu força e morreu bruscamente, e eu me encolhi no canto da sala, quase sem respirar.

No entanto, a sombra seguiu em frente, e eu soltei o ar num suspiro aliviado. Então, de repente, me dei conta.

– Sua idiota – resmunguei. É claro! Quando meu pai disse seis semanas, ele se referia ao meu nascimento *verdadeiro*, não ao falso. Seis semanas a partir de seis de janeiro. Isso significava... terceira semana de fevereiro.

Minhas mãos tremiam tanto que a luz de bruxa em minha palma projetava sombras sobre o papel grosso. Fui virando página após página... Vinte e um de fevereiro, nada. Vinte de fevereiro, nada. Deslizei o dedo pela coluna de nomes do dia dezenove: *Franklin, Adelstrop, Restorick, Vandellen, Menton, Vane, Ayckbourn... Rokewood*.

Meu dedo parou. Ela havia estado aqui.

*I. Rokewood. 11h45, entrada Neckinger.*

E uma anotação no pé da página, antes do início do novo registro referente ao dia 20 de fevereiro: *hoje houve uma lamentável ocorrência na biblioteca: o vandalismo contra um de nossos mais valiosos volumes, o Codex Angelis. Uma página inteira, “O Enigma da Epifania”, foi arrancada. É muito difícil acreditar que um dos membros presentes nesta data foi responsável pela destruição.*

Coincidência? O pensamento pairava no ar enquanto a luz de bruxa tremia e ganhava força na palma da minha mão. Impossível.

Então, uma sombra surgiu sobre a página e uma voz acusadora soou atrás de mim.

– Quem é você e o que está fazendo aqui?

Pulei e deixei o livro cair das minhas mãos com um estrondo que lembrava um trovão.

– Eu...

A luz invadiu a sala quando o desconhecido acendeu sua própria luz de bruxa, envolvendo a minha com um brilho muito mais forte.

– Você!

Nós dois nos espantamos.

Era um homem – um garoto, na verdade, apenas alguns anos mais velho que eu – vestindo um impecável terno cinza. O cabelo castanho e liso brilhava iluminado pela luz de bruxa. E eu o conhecia. Há alguns meses ele salvou minha vida – e eu não tinha ideia de quem ele era, exceto pelo primeiro nome.

– M... Marcus? – gaguejei.

– Saia – ele disse, apressado. – O arquivista vem vindo. Não vai querer que a vejam aqui.

– Obrigada! – respondi.

– *Vai!* – ele insistiu.

Não precisei de mais incentivo.

Corri.



– Anna! – A senhorita Vane parecia furiosa, mas aliviada, quando sentei a seu lado tentando respirar sem arfar. – Onde estava? Fiquei preocupada! Eu disse para ficar aqui... De onde tirou a ideia de andar por aí? Especialmente

hoje!

– Desculpe – falei. Minha voz soava tão controlada quanto eu era capaz de mantê-la. – Tive que ir ao banheiro e me perdi.

– Ah. – Ela se acalmou. – Bem, parece que a reunião acabou, de qualquer maneira. Presidente Rokewood – a senhorita Vane disse quando viu minha avó subindo os degraus com ar cansado. – A reunião acabou?

– Sim, parece que sim. Por enquanto, pelo menos.

– Já sabem o que provocou a explosão?

– Ainda não. Não há evidência física de perturbação, mas o som sugere que uma das alas foi comprometida. Não sabemos se foi a atividade dos sem-poderes que interferiu em nossas medidas de segurança. Se eles cavaram muito perto do rio, isso pode desestabilizar as fundações, embora as defesas devessem impedir esse tipo de interferência. Mas, seja como for, é preocupante que os campos tenham sido tão afetados. Os Guardiões trabalham agora para restabelecê-los, e concordamos que é melhor adiar a reunião até que os escudos estejam funcionando plenamente outra vez. Acho que a única coisa a fazer é aproveitar a oportunidade para jantar. Vamos comer no meu escritório, senhorita Vane, por favor.



Minha avó sentou-se na poltrona na frente da lareira e passou a mão pelo rosto num gesto muito cansado. Ela parecia centenas de anos mais velha que hoje de manhã. Depois, com um movimento repentino e furioso, pegou o relatório da mesa diante dela e jogou-o no fogo, o rosto severo iluminado pelas chamas.

– Maldito Corax – ela falou finalmente. – Ele comandou a reunião. Não se importa com a presença de um espião entre nós? Sei que tem alguém aqui promovendo o vazamento de informações. Eu sei!

– Vó... – Parei para reunir coragem, depois continuei. – O que queria que Knyvet dissesse... antes da explosão?

– Não sei, criança. – Ela passou a mão pelo rosto, os anéis brilhando à luz da vela. – Mas tem um espião, e esse espião trabalha para alguém. Na melhor das hipóteses, para um dos outros Presidentes.

– E na pior?

– Trabalham para outro país.

– Outro país?

– Sim. Pensou que fôssemos os únicos da nossa espécie no mundo? Nosso povo existe em todos os cantos do globo, dos polos ao equador. E onde quer que se reúnam os da nossa espécie, amamos ordem, ritual e hierarquia. E rixas. Outros países têm seus conselhos: Les Viseurs. El Circulo. Os Nodus. Os Sistren... Alguns são muito parecidos com os Ealdwitan, tão velhos ou até mais. Alguns são muito diferentes. O desejo de poder, a busca de conhecimento... essas forças são as mesmas em todos os lugares onde aparecem. Mas os métodos... – Ela fez uma pausa antes de continuar com a voz tensa, quase como se sentisse dor. – Anna, sei que conheceu o pior dos Ealdwitan, mas não somos os piores. Bom Deus, não, não somos os piores. Os outros...

Batidas na porta a interromperam.

– Entre, senhorita Vane.

– Não é a senhorita Vane – avisou a voz masculina, baixa e divertida do outro lado. O visitante abriu a porta e entrou. Meu coração deu um pulso, como se eu tropeçasse na escada rolante e perdesse um degrau, e eu me levantei apressada e pronta para fugir.

Alguma coisa brilhou nos olhos dele, mas o rosto ainda era uma máscara de cortesia quando ele se virou para minha avó.

– Lamento interromper, Presidente Rokewood, mas podemos ter uma conversa rápida?

– É claro, Marcus. Já conhece Anna, minha neta? Anna, esse é Marcus Corax.

– Já nos conhecemos – ele respondeu. Alguma coisa levantou os cantos de sua boca.

– É mesmo? – Minha avó parecia surpresa. – Como?

– Ah, foi na última vez que Anna esteve aqui. Tive a oportunidade de ajudá-la a se orientar.

Lembrei-me de meu desespero, como corri para tentar escapar do labirinto de corredores e de como Marcus me mostrou o caminho para a saída.

– E mais recentemente – ele continuou –, não nos encontramos na recepção?

– Eu... não tenho certeza – falei. Meu coração ainda estava acelerado, e olhei para ele com ar sério. Ele estava zombando de mim? Pensar nisso me

deixou zangada e nervosa. – Mas obrigada por ter me ajudado na última vez. – De algum jeito, mantive a voz firme. – Nunca tive oportunidade de agradecer.

– Não é necessário. – Ele estendeu a mão. Hesitei por um momento, depois aceitei o cumprimento. Quem era ele? Por que me salvou uma, duas vezes? Sua mão era forte, com unhas bem-feitas. Contudo, enquanto nos cumprimentávamos, alguma coisa nas palavras de minha avó ecoou em minha cabeça. Marcus Corax. *Corax*?

Ele já falava com minha avó.

– Queria me desculpar. Por meu pai. Tem razão, ele estava errado. Não sei por que se recusa a admitir.

– Porque ele não quer reconhecer que estou certa? Porque revogar todos os passes de segurança tem um custo alto, e é uma medida política altamente perturbadora? Ou porque ele está protegendo o espião? – Minha avó beliscou a parte mais alta do nariz e se recostou na poltrona com um suspiro cansado.

– Nada disso! – Uma expressão de dor passou pelo rosto de Marcus, e ele também sentou, puxando as pernas da calça para preservar o vinco. – Tenho certeza de que não é nada disso.

– Queria poder ter tanta certeza – respondeu minha avó. – Mas você pode estar certo. Bem, vai fazer o que puder para convencê-lo, Marcus? Amanhã votaremos pela rescisão dos passes e temos que aprovar a medida. Sem a revogação das permissões de segurança, não saberemos quem é o responsável pelos vazamentos.

– Vou tentar, senhora, mas, como sabe, meu pai não me vê com bons olhos no momento. Desde que sabe que a apoio nisso... – Ele deixou a frase inacabada. – Mas vou tentar de novo. Que outros votos acredita que consegue garantir?

– Não sei. Seu pai tem o voto de Knyvet no bolso, todos nós sabemos. Catesby me apoia, ou espero que me apoie, pelo menos.

– E Margot Throgmorton?

– Ah. Essa eu não sei. O certo seria Edward votar, mas duvido que ele esteja bem o bastante para entender o problema, muito menos expressar sua opinião. Normalmente, eu diria que a inclinação dela é se aliar a mim. Ela não tem nenhum afeto pelo pai, e o que disse hoje me fez pensar que tem dolorosa consciência do perigo que representa esse espião. No entanto, o



relacionamento dela com Knyvet compromete a questão. Não sei até onde ela está disposta a segui-lo. Margot pode se abster de votar e, nesse caso, teremos um empate.

– O que... o que acontece, então? – perguntei, nervosa. – Alguém tem o voto de minerva?

– Não. – Minha avó soava cansada. – No caso de empate, o plenário é esvaziado e nós, os Presidentes, ficamos trancados sem comida e sem água até alguém ceder e mudar de lado. É uma prática arcaica e feia.

Hum. Ela não estava se esforçando para me convencer a herdar a Presidência.

– Marcus – minha avó continuou –, fica para jantar conosco?

– Eu adoraria. Pedi a Franklin para levar o jantar ao meu escritório, mas posso ligar e avisar que vou jantar aqui.

De repente meu apetite diminuiu.

A senhorita Vane entrou nesse momento com um carrinho coberto e, alguns minutos mais tarde, um homem alto vestindo um terno preto apareceu com uma bandeja onde, eu imaginava, estava o jantar de Marcus. Eles andavam pela sala arrumando com eficiência a mobília, dispondo pratos e talheres, e em seguida desapareceram.

– Senhora? – Marcus puxou a cadeira para minha avó sentar. Em seguida: – Anna?

Meu rosto queimou e eu me sentei, desajeitada e depressa demais, o que significa que acabei muito longe da mesa e tive que levantar e puxar a cadeira para a frente.

Minha avó levantou a redoma prateada que cobria seu prato.

– Cordeiro. Muito bom.

– Vinho, senhora? – Marcus pegou a garrafa, e minha avó assentiu.

– Bem, um brinde a... – Ela levantou a taça e parou. – A que vamos brindar? Laços de família, talvez. – E sorriu, bebendo um gole do vinho antes de prosseguir com tom casual. – Vocês dois são... bem, primos de algum grau, Anna. Sabia disso?

Prima? De um Corax? Meu rosto deve ter demonstrado perplexidade, porque minha avó e Marcus riram, e minha avó bateu com ternura em minha mão.

– Logo você saberá, minha querida, que as relações familiares entre os de nossa espécie nunca são muito simples. Minha irmã mais nova, Catherine,

era mãe de Marcus. Não sei exatamente o que isso faz de vocês, mas imagino que sejam primos de segundo grau.

Um primo. Esse homem polido e enigmático era meu primo.

– Nunca tive um primo antes – falei devagar. – Meu pai é filho único.

– Eu tenho dúzias – contou Marcus. – Meu pai tem onze irmãos. Isso nos faz praticamente um clã. Mas é sempre bom ter mais uma prima, especialmente alguém tão adorável e cheia de qualidades.

A declaração teria soado barata vinda de outra pessoa. Se Abe dissesse a mesma coisa, eu reviraria os olhos e bufaria, mas, de algum jeito, Marcus dava credibilidade às palavras. Corei furiosamente e olhei para minha avó esperando que ela não houvesse notado.

Felizmente, ela estava preocupada com a costeleta. Porém, antes que pudesse levar o garfo à boca, o telefone sobre sua mesa tocou.

– Ah, que coisa desagradável. – Ela suspirou. – Alô? Não, não se preocupe, senhorita Vane, está tudo bem. Sim, entendo. Mesmo assim, é inevitável. Sim, é claro. Cinco minutos.

Minha avó desligou com um gesto irritado e olhou para mim e para Marcus.

– Peço desculpas, meus queridos, mas surgiu algo urgente. Por favor, comam e, se Franklin vier buscar os pratos, digam a ele que pode levar o meu.

Minha avó saiu apressada, e Marcus e eu ficamos nos olhando. Ele levantou a garrafa.

– Vinho, Anna?

– Sim, por favor. – Eu estava precisando.

Houve um instante de silêncio enquanto ele enchia nossas taças e levantava a dele.

– Bem, para repetir o que disse sua avó... à família.

– À família – concordei.

O vinho era amargo e eu tossi quando o sabor ficou retido no fundo de minha garganta. Esperava que ele me desafiasse, que perguntasse o que eu fazia na sala do arquivo. Contudo, Marcus não disse nada, apenas cortou sua costeleta com ar pensativo. Quando levou um pedaço à boca, fez uma careta.

– Ai, está frio. – Quando ele abriu a mão sobre o prato, eu desviei o olhar. Não era diferente de esquentar seu jantar no micro-ondas. Não mesmo. Mas

a sobriedade de Maya com a magia havia me contaminado. Nunca me imaginei usando o poder de um jeito tão casual.

Pus um pedaço de carne na boca e mastiguei, mas ele parecia grudar na garganta. Eu não conseguia relaxar, queria ir atrás de minha avó e exigir uma explicação. Quem era esse homem? Por que um *Corax* comia à nossa mesa? E, mais intrigante que tudo, por que ele havia me ajudado duas vezes? Eu tinha com ele uma dívida de gratidão e não gostava disso. E não sabia por quê.

– Sabe que eu conheci sua mãe? – A voz de Marcus interrompeu meus pensamentos. Deixei o garfo sobre o prato, enquanto ele pegava mais um pedaço de cordeiro e levava à boca, mastigando pensativo. – Eu era muito pequeno, é claro, mas minha mãe morreu quando eu tinha dois anos, e Isabella foi muito gentil. Ela era muito próxima de minha mãe, por isso entendeu meu sofrimento quando ela faleceu e me confortou. Deus sabe que meu pai não se incomodou com isso, então, na falta de pais verdadeiros, acho que me apeguei a ela. Senti muita saudade quando ela partiu. Ainda sinto.

Eu encarava aquele estranho que devia ter chorado o desaparecimento de minha mãe como eu nunca chorei. Depois baixei os olhos.

– Que coisa horrível. Sinto muito.

– Nunca soube o que aconteceu com ela. – Marcus desviou o olhar para as chamas da lareira, o rosto indecifrável. – Sabia que ela havia desaparecido com seu pai e que ninguém nunca conseguiu encontrá-la. O assunto virou tabu por aqui, completamente proibido. Aquela que fez o impensável: colocou o amor sem poderes acima da família e do dever. Mas eu nunca a esqueci. Sempre tive esperança de que ela pudesse voltar. Como você também teve, tenho certeza.

– N... não – gaguejei. – Nunca tive. Pelo menos...

Pelo menos, não exatamente. Mas, quanto mais descobria, mais percebia que não havia razão para minha mãe ter se matado. Eu não tinha esperança de que ela voltasse, mas havia começado a esperar... o quê? Que *eu* pudesse encontrá-la?

– Você é muito parecida com ela – Marcus falou de repente. – Isso é uma coisa que eu lembro nitidamente... como ela era bonita.

Meu rosto queimou outra vez, tão quente quanto as chamas ao meu lado. Baixei os olhos para o prato e bebi um gole de vinho. Minha mão tremeu e

os respingos na toalha lembraram gotas de sangue.

– Droga – resmunguei, pegando um guardanapo. – *Droga*.

– Anna... – Marcus segurou meu pulso. Por um momento ficamos imóveis, seus olhos fixos nos meus. Depois removi a mão e as gotas de vinho sumiram, a toalha ficou branca novamente.

– Viu? – Ele sorriu de um jeito encantador. – É bobagem chorar pelo vinho derramado.

– Marcus – falei, aflita –, por que...

– Bem, parece que você não sabe muito sobre as fofocas locais, então, o que acha de eu ajudá-la a conhecer os Ealdwitan?

Enquanto terminávamos a refeição, ele falava animado, contando histórias dos Ealdwitan, coisas que me fizeram ver um lado completamente diferente da política traiçoeira que tanto preocupava minha avó, relatos engraçados sobre velhos comerciantes, festas incríveis oferecidas no salão de baile do subsolo e chás dançantes que aconteciam no conservatório.

– Salão de baile, conservatório, biblioteca... o que vocês não têm aqui?

– Hum, boa pergunta. Não tem piscina, até onde eu sei. É realmente irônico, considerando que a estrutura toda está plantada na água do rio. Mas, sim, é um labirinto. Passei a vida toda explorando esses corredores e ainda me perco de vez em quando.

– Você morava aqui? Cresceu aqui? – Talvez fosse uma pergunta estúpida, mas eu realmente não sabia.

– Não, não no sentido de dormir aqui. Este é um prédio comercial, todo mundo tem casas lá em cima, na superfície. Por um tempo, depois da morte de minha mãe, eu corria livre por aqui durante o dia enquanto meu pai trabalhava, mas logo meu pai percebeu que eu me tornava... bem, um pouco selvagem, podemos dizer. Então, ele me mandou para o colégio interno. Foi onde morei dos sete aos catorze anos.

Sete. A palavra era como uma bofetada. *Sete*. Mas perguntei apenas:

– Por que saiu do colégio interno?

– Ah, ficou meio esquisito. Quando minha magia começou a aflorar, sabe? No começo não foi difícil, eu praticava nas férias e tentava esconder os poderes no colégio, mas cometi alguns deslizos. – A faca riscou o prato, e o barulho o fez se encolher e rir. – Não quero reclamar mais do que o necessário, sei que todos nós estamos no mesmo barco com relação ao sigilo, mas, acredite, um dormitório ocupado por vinte meninos pode ser

um lugar complicado para quem está começando a entrar em contato com seus poderes.

Tentei imaginar, mas não consegui. Havia sido suficientemente difícil me tornar bruxa em Winter, mas um colégio interno para meninos?

– Havia outros como você? – perguntei. – No colégio, quero dizer.

Ele balançou a cabeça.

– Não. Nenhum. Por isso foi um alívio voltar para cá. Mas chega de falar de mim. E você?

– Ah... – Olhei para minhas mãos segurando a taça de cristal. O anel de vidro do mar cintilava à luz da vela. O que dizer? – É... é complicado. Minha mãe foi embora e meu pai... bem, você sabe, ele não é bruxo.

– O que aconteceu? Foi muito difícil de negociar?

– Sim e não. Minha mãe... – Mordi o lábio. Isso era *muito* idiota? Eu não sabia se podia confiar nele. Um Ealdwitan. *E* um Corax! Mas, por outro lado, minha avó parecia confiar nele... e, francamente, o que eu ainda tinha a esconder? Se quisesse respostas para minhas dúvidas, tinha que começar a falar. – Minha mãe deixou um encantamento que adormeceu minha magia até o fim da adolescência. Não tive que lidar com isso enquanto ainda era muito nova.

– É mesmo? – Marcus apoiou o queixo na mão e me encarou por cima da mesa. A chama da vela desenhava pontinhos brilhantes em seus olhos cor de chocolate. – E por que ela fez isso?

Dei de ombros.

Se eu soubesse...



Mais tarde, muito mais tarde, Franklin havia levado os pratos do jantar e servido café com biscoitinhos, e ainda não havia nem sinal da minha avó.

– Deveria ir para casa. – Marcus olhava para mim. – É tarde. Você parece muito cansada. Acho que os Presidentes foram chamados de volta à câmara.

– E o que isso significa?

– A espera vai ser muito longa até eles saírem de lá. Presumo que esteja hospedada na casa de sua avó. Tem a chave?

– Não, eu vou esperar. Tudo bem, de verdade – falei. E estraguei tudo deixando escapar um bocejo.

– Está caindo de sono. – Marcus se levantou e pegou o telefone de cima da mesa. – Alô, senhorita Vane. Sim, ela ainda está aqui, mas precisa ir para casa. Tem alguém que possa abrir a porta? Sim, tudo bem. Obrigado.

Ele desligou o telefone e começou a procurar alguma coisa na mesa de carvalho.

– Tem uma cópia da chave por aqui. Deve estar... Aha! Aqui está. – Ele segurou meu casaco, ajudou-me a vesti-lo e depois vestiu o paletó.

– Também vai para casa? – perguntei, sufocando outro bocejo.

– Não, vou levar você. Não! – Ele levantou a mão. – Sei o que vai dizer, mas é muito tarde e eu... bem, sou antiquado. Aceite minha companhia.

– Eu sempre voltava para casa sozinha quando morava em Londres. Acho que posso atravessar Knightsbridge sem problemas.

– Já disse, aceite minha companhia. – Marcus segurou meu cotovelo. – Além do mais, como conseguiria sair daqui?

Tudo bem. Esse era um bom argumento.

Marcus me conduziu por um emaranhado de corredores, salas e câmaras, até chegarmos a uma porta revestida entre dois vasos de palmeiras. Quando ele a abriu, o cheiro frio e úmido do rio entrou. Passei pela porta e me descobri pisando no concreto de uma calçada ao lado do Hyde Park.

A noite era fria, e as ruas ainda estavam incrivelmente cheias. Era difícil acreditar que faltava pouco para as onze horas. Havia mais pessoas andando por ali do que no centro de Winter em uma manhã de sábado. Marcus segurava meu braço enquanto andávamos pela calçada empoeirada até passarmos pela Harrods, linda e brilhante na escuridão, em direção à Avenida Kensington.

– Onde você mora? – perguntei, mais para puxar assunto do que por qualquer outro motivo.

– No momento, em Cambridge, Christ's College, mas estamos no recesso de Páscoa, e estou passando uns dias na casa do meu pai. Ele tem um apartamento em Piccadilly.

O jeito como ele falou chamou minha atenção. Estou passando uns dias na casa do meu pai, não em casa. Eu não me imaginava chamando minha casa de *casa do meu pai*.

– Você... – hesitei, de repente não sabia se estava ultrapassando o limite. – Você se dá bem com seu pai?

– Sinceramente? Não.

Alguma coisa na voz de Marcus me fez olhar para ele, estudar sua expressão, mas ele olhava para a frente, para a rua, não para mim. O perfil banhado pela luz dourada das lâmpadas da rua era firme, e notei que suas sobranceiras estavam unidas, formando uma ruga profunda.

– Sinto muito – falei automaticamente.

Ele soltou meu braço e massageou a testa, como se tentasse alisar a ruga e transformá-la em algo mais agradável.

– Não se preocupe, Anna. Não é nenhum segredo. Meu pai é velho, e por muito tempo ele se considerou o membro mais importante do conselho, embora, por tradição, não exista hierarquia entre os Presidentes. Sou filho único, e ele está começando a se dar conta de que sua Presidência um dia será minha, independentemente do que ele faça para prolongar sua vida. E essa constatação causa... tensão. Para nós dois. Ele quer meu apoio, mas o quer incondicionalmente, sem ouvir minha opinião e, com frequência, sem nem me dizer sequer o que estou apoiando. E isso eu não vou aceitar.

– Marcus... – Engoli em seco. Isso era um salto no escuro. Um salto suicida, talvez. – Sabia que seu pai tentou me recrutar? E que ele tentou matar minha família?

– Sim, eu sei disso... agora. – Ele me encarou como se tentasse ler minha reação. Mantive minha expressão tão neutra quanto era possível. Não queria que o ódio assassino que eu sentia por Thaddeus Corax respingasse em Marcus e em mim. – Mas na época eu não sabia. Sua avó ficou furiosa quando descobriu e fez muito barulho na reunião do conselho. Eu sinto muito. Se soubesse... – Marcus segurou meu braço novamente quando atravessamos a rua.

– Tudo bem. – Eu nunca perdoaria Thaddeus Corax, mas não achava que Marcus tinha que ser punido pelas atitudes do pai. – Mas por que seu pai queria tanto me recrutar? Nunca consegui entender.

– Não sei. – Ele me encarou outra vez. – Mas posso descobrir, eu vou...

E parou. Uma garota estava parada na nossa frente, a mão cobrindo a boca numa expressão exagerada de choque.

– Ai, meu Deus! Anna Winterson!

Eu pisquei. A garota abriu os braços como se esperasse... o quê? Um abraço?

– Anna! – ela disse. – Sou eu... Lauren, pelo amor de Deus!

– Lauren! – Olhei com mais atenção, quase incapaz de acreditar nos meus

olhos. Lauren? Aqui? A coincidência parecia louca, impossível. Por outro lado, estávamos a poucos metros da minha antiga escola. – Lauren! – Soltei meu braço da mão de Marcus e corri para abraçá-la. – Não acredito! Quase não reconheci você com o cabelo novo. Como vai?

– Bem! E caramba, não preciso perguntar como você está, sua aparência é incrível! – Lauren me segurou pelos braços e me olhou da cabeça aos pés com evidente admiração. – Seu pai ganhou na loteria? De onde veio esse vestido fantástico?

– Ah... – Lembrei que estava usando roupas que ganhei da minha avó. Como sempre, eram peças de grife ridiculamente caras, totalmente inadequadas para usar na escola e completamente inúteis. Como eu podia explicar as roupas e tudo que havia acontecido nesse ano desde que saí de Londres?

– Longa história – falei finalmente. – Foi um presente.

– E você deve ser Seth. – Lauren sorriu para Marcus com um olhar de flerte, baixando um pouco as pálpebras. – É tão bonito quanto Anna disse.

Foi como um chute no estômago. Eu me sentia enjoada, enfraquecida pelo golpe inesperado.

Marcus esperou minha resposta e, percebendo que por alguma razão eu continuava em silêncio, interferiu.

– Na verdade, não. Meu nome é Marcus.

– Ah! – Foi a vez de Lauren ficar surpresa. Ela olhou para mim, para Marcus, para mim novamente, claramente pensando no que acabara de dizer. Depois sorriu.

– Bem, é um prazer conhecer você do mesmo jeito. Como conheceu Anna?

– Famílias amigas. Saímos para jantar, e eu me ofereci para levá-la para casa.

– Um cavalheiro! Eu iria com vocês, mas estou andando em direção oposta. Vou dançar. Querem ir? É uma pena estar toda arrumada e não ir a lugar nenhum.

– Desculpe. – Tive que forçar as palavras. – Estou muito cansada. Talvez...

– Sim, talvez outro dia. Preciso correr, vamos nos encontrar às onze, já estou atrasada. Adorei ver você! E também gostei muito de conhecer você, Marcus! Anna, *precisamos* pôr a conversa em dia. Eu ligo para você. – Ela



jogou beijinhos para nós e se afastou animada.

Quando ouvi os saltos batendo na calçada cada vez mais longe, encostei-me à parede e tentei recuperar o fôlego.

– Anna. – Marcus tocou minhas costas. – Tudo bem?

– Sim – murmurei. – Só... fiquei nervosa. Não posso...

– Tudo bem, não precisa explicar – Marcus interrompeu em voz baixa. Percorremos em silêncio o resto do caminho até a casa da minha avó.

Em casa, Marcus esperou enquanto eu tirava a chave do bolso.

– Bem, adeus – falei, encabulada.

– Espere. – Marcus tocou meu braço. – Só um segundo. Escute, se houver alguma coisa que eu possa fazer... – Ele tirou uma caneta do bolso do paletó e olhou em volta, procurando um lugar onde pudesse escrever. – Droga, onde tem um recibo ou qualquer outro papel quando a gente precisa? Espera aí. – E pôs a mão no bolso novamente, de onde tirou um lindo lenço de linho. Antes que eu pudesse protestar, ele havia anotado um número no lenço. Sua caligrafia era antiga, cheia de voltas. – Meu celular. Se precisar de alguma coisa... bem, aí está.

– Marcus... – Peguei o lenço e mordi o lábio olhando para o número. – Quero dizer... obrigada. Mas... por quê? Por que continua me ajudando?

– É só um número de celular – ele falou com tom casual e um sorriso divertido nos lábios. Mas seus olhos castanhos encontraram os meus por um momento, e eu vi alguma coisa neles. Tristeza. – Eu amava sua mãe. Ela foi o que tive de mais próximo de uma família.

Queria dizer alguma coisa, mas não encontrava as palavras.

– Bem, guarde o número. Se precisar dele... – Marcus repetiu.

– Obrigada – falei.

Ele se inclinou e beijou meu rosto. Depois foi embora.

## CAPÍTULO QUATRO

O relógio do hall badalava meia-noite quando entrei e fechei a porta, depois a tranquei com a chave. Cansada, chutei os sapatos e subi a escada para o segundo andar, onde me esperava o quartinho branco de hóspedes. Aquele era o “meu” quarto quando eu ficava para dormir, e eu devia ter entrado nele e me jogado agradecida na cama estreita e branca.

Contudo, por alguma razão, continuei subindo. Caminhando para a escuridão.

Não havia mais lâmpada no topo da escada e, quanto mais eu subia, mais as sombras me cercavam. Quando cheguei ao último andar, a escuridão era quase completa, e eu tive que tatear para encontrar a maçaneta. Não sabia o que havia lá dentro, mas podia imaginar.

Girei a maçaneta, abri a porta e entrei no quarto da minha mãe.

Era um quarto de adolescente, mas de uma adolescente de décadas atrás, congelado no dia em que ela o deixou.

Havia pôsteres desbotados nas paredes: bandas de que nunca ouvi falar, shows que aconteceram há décadas em locais que já nem existem mais. Um cronograma de revisão de matérias havia sido fixado sobre a escrivaninha, o que me fez sentir culpada com relação aos meus estudos, abandonado em algum lugar no fim da minha lista de prioridades.

Havia fotos presas em torno da moldura do espelho: meninas risonhas, grupos de amigos abraçados. Olhei com cuidado, mas não reconheci ninguém. Não, não era verdade. Havia um rosto que eu reconhecia. Uma menina com longos cabelos escuros e olhos azuis, rindo para uma amiga. Podia ser eu, mas não era. Era minha mãe.

De repente senti lágrimas fechando minha garganta; lágrimas quentes e doloridas que me sufocavam como um pedaço afiado de osso. Minhas pernas tremiam e eu sentei na cama. A cama dela. As cobertas estavam amassadas. A última pessoa a dormir aqui havia sido...

Deitei com muito cuidado, tomada pela sensação de estar mexendo em uma relíquia de museu. Depois virei o rosto para o travesseiro e inspirei o cheiro de minha mãe, o cheiro do cabelo dela, o fantasma de seu perfume.

– Por favor – sussurrei para a casa silenciosa, para o fantasma dela –, ajude-me.

No entanto, a única resposta foi o ruído noturno de Londres.



Quando acordei, eu estava dura e com frio e minha boca tinha um gosto ácido de ressaca, embora eu não houvesse bebido muito no jantar. Olhei para o meu relógio de pulso. 4h10. Ai.

Alguma coisa no silêncio da casa avisava que minha avó ainda não havia voltado. Desci a escada com passos duros e vi a porta do quarto dela ainda aberta, a cama arrumada sob a luz acinzentada que precede o amanhecer.

No quarto de hóspedes, vesti uma jaqueta e rabisquei um bilhete rápido.

*Querida vó,*

*Desculpe, tive que ir embora inesperadamente. Espero que a reunião corra/tenha corrido bem. Ligue para mim quando tiver tempo.*

*Beijo,*

*Anna*

Depois saí para o amanhecer pálido e carrancudo e comecei a andar em direção à estação Victoria, pensando em pegar o primeiro trem para Winter. Queria sair de Londres. Queria ir para casa. Queria... A resposta me surpreendeu.

Queria Abe.



– Abe! – gritei novamente pela porta. Ele não podia ter saído!

E não tinha. Quando eu me preparava para bater novamente, ouvi uma tosse abafada do outro lado e a fechadura estalou. Uma cabeça descabelada e um rosto amassado e marcado de um lado pelas dobras dos lençóis surgiram na fresta da porta.

– Anna... o que faz aqui? Pensei que estivesse em Londres.

– Estava. Tive que vir para casa. Posso entrar?

– Sim, é claro. Desculpe por eu estar... – Ele puxou a porta e olhou para baixo, para si mesmo. A barba estava por fazer, uma toalha havia sido enrolada na cintura, e isso era tudo.

Não sei por que, mas fiquei vermelha. Um sorriso distendeu seus lábios e ele deu de ombros.

– Não esperava visitas tão cedo. Espere um segundo.

– Não é tão cedo! – falei para o corredor por onde ele se afastava. A resposta foi um dedo médio levantado, e eu sorri e fui para a cozinha. Outra coisa que eu queria era café. Muito café.

Quando Abe voltou, ainda com os cabelos negros despenteados mas úmidos, vestindo jeans e camiseta, eu bebia uma xícara de café tão forte que podia tirar o esmalte dos meus dentes.

– Fique à vontade, não se acanhe! – Ele se sentou ao meu lado diante da bancada e também se serviu de uma xícara.

– Desculpe por ter vindo sem avisar. Você se importa?

– Eu tenho escolha? – A voz abafada pela xícara sugeria um sorriso. – Caramba, esse café é tão forte que pode remover tinta.

– Desculpa – repeti. – Eu precisava disso.

– Noite difícil? Vovó quis virar a noite, não foi?

– Sim... e não. – Contei sobre minha descoberta no quartel-general dos Ealdwitan, e ele comprimiu os lábios.

– O que é? – perguntei finalmente. – Pensei que ficaria satisfeito. Não é muita coisa, concordo, mas sinto que estou um passo mais perto. Não acha?

– Duas coisas: primeiro, não gosto quando você vai àquele lugar.

Eu não sabia se ele se referia à casa da minha avó, ao quartel-general, ou a Londres de maneira geral. Talvez, referia-se a todos os lugares.

– Segundo: você é maluca o bastante para confiar naquele tal de Corax? O que sabe sobre ele, além de que é filho de um cretino?

– Ele parece legal – respondi e levantei as mãos ao ver a expressão de Abe. – Eu sei, eu sei. Mas, francamente, não acredito que ele goste do pai dele muito mais do que eu gosto. Eles parecem ter problemas *sérios*.

– Anna, eu tenho problemas sérios com a *minha* família. Isso não significa que Jesus me quer para ser seu porta-voz.

– Não foi isso que eu quis dizer – falei, irritada. – E você sabe disso.

– Bom, não entendo sua lógica. O cara não parece muito legal, para ser franco.

– Para sua informação, ele salvou minha vida duas vezes.

– Provavelmente, para ver se conseguia algum... – Ele parou ao ver minha cara e se corrigiu: – bom livro. O pai dele certamente acredita que você tem alguma coisa que ele quer; Marcus pode estar lutando pela mesma causa, mas com um pouco mais de tato.

– Ele me ajudou muito antes de saber quem eu era – falei sem rodeios. – E como vou conseguir respostas sobre minha mãe sem passar pelos Ealdwitan?

– Não sei. – Seu rosto expressava inquietação. – Mas ela foi ao inferno e voltou para tentar esconder você deles. E agora você está jogando tudo fora. Parece meio... estúpido.

– Não estou jogando nada fora, porque a vantagem desapareceu no segundo em que saí de Londres. Não entende? Eles *souberam* imediatamente onde eu estava. Se minha mãe me deu alguma proteção, eu a perdi quando me mudei para Winter. Eles sabem onde estou, e tenho certeza de que alguns deles, pelo menos, sabem *quem* eu sou. E eu não sei. Preciso dessa informação. Caso contrário, nunca saberei.

– Nunca saberá o quê?

– Quem eu sou.

– Quem você é? Como assim? – Agora sua expressão era confusa, frustrada.

– Não, não é bem isso. Quero dizer... de que sou capaz, o que posso fazer. – Senti o pânico crescer dentro de mim.

– Como assim, do que está falando? Você faz coisas e vê o que acontece. Não é isso? Ninguém nunca me falou do que *eu* era capaz. Você é uma bruxa, não um carro esportivo. Não tem cavalos de força, não tem painel de comando nem instruções para operação do teto solar. Quer fazer alguma coisa? Experimente. Veja o que acontece.

– Não! – Minha voz era quase um grito. – Não posso! Não posso correr o risco.

– Anna, o que está aprontando? – Abe segurou meus ombros e me virou para encará-lo. Tentei desviar o olhar, mas ele tocou meu rosto, obrigou-me a olhar para ele. – Qual é o problema?

Respirei fundo.

– Olha... Emmaline, Maya... Todo mundo sempre presumiu que, seja lá o que estiver relacionado comigo, é algo bom, alguma coisa desejável. E se não for?

– O que quer dizer? – Agora ele parecia desconfiado.

– E se... – As palavras subiram por minha garganta e me sufocaram. Nunca admiti esses temores para ninguém, nunca falei deles em voz alta, nem mesmo para Seth. – Abe, e se eu for... má?

Ele arregalou os olhos e abriu a boca, mas eu continuei apressada para não ouvir o que ele tinha a dizer.

– Talvez eu devesse ter sido... destruída. Talvez seja isso. Podia ser isso que minha mãe estava fazendo, protegendo a filha em detrimento de todo mundo. Contudo, ela não conseguiu lidar com o que estava fazendo e por isso fugiu.

Abe ficou em silêncio por um minuto. Depois, começou a balançar a cabeça com veemência cada vez maior.

– Não.

– Faz sentido.

– Não. Não, não, não. Você não tem provas de nada disso.

– Não tenho prova de *nada*. É tão provável quanto qualquer outra coisa.

– Não é. Como assim, você é *má*? Você é uma boa pessoa.

– Eu machuco as pessoas, Abe, mesmo sem querer. – Pensei em Seth, em todo o sofrimento que ele enfrentou por minha causa. Porque minhas mãos o queimavam, porque eu havia conjurado tempestades para prejudicar sua família e destruir sua casa. Por causa de seu amor por mim. Um amor que havia se distorcido e corrompido até nós dois estarmos machucados por causa dele. – Por isso não posso correr riscos – falei. Havia um nó na minha garganta. – Não posso simplesmente *ver* o que acontece. O que acontece pode ser... morte, ou algo pior, por isso tenho que saber o que minha mãe descobriu sobre mim que a fez fugir.

Abe não respondeu, mas, ainda em silêncio, abraçou-me. Deixei minha testa descansar em seu ombro duro e musculoso embaixo da camiseta.

Ele não disse nada, apenas ficou ali sentado me abraçando. Contudo, senti sua magia me envolver, mais terna e mais urgente do que o próprio Abe jamais teria demonstrado. Lembrei novamente a euforia intensa e ardente que senti quando Seth injetou em mim a magia de Abe. Lembrei-me da sensação correndo por minhas veias, preenchendo-me com o poder e a

paixão de Abe pela vida.

Não havia como esquecer. Eu sentia a vida dele dentro de mim... e sabia que ele também podia sentir a mesma coisa.



Quando percorri a longa e esburacada trilha para Wicker House, só pensava em uma única coisa: ligar meu notebook e fazer uma pesquisa profunda. Tinha que haver uma cópia do *Codex Angelis* em algum lugar. Na Biblioteca Britânica. No Google Books. *Em algum lugar.*

Se nada disso desse resultado, talvez “O Enigma da Epifania” pudesse resultar em algumas ocorrências. Ou Caradoc podia saber alguma coisa.

Era uma pista, de qualquer maneira. Pelo menos eu sentia que tinha alguma coisa concreta por onde começar.

No entanto, quando abri a porta da frente, meu pai estava no hall amarrando as botas e cantarolando sozinho. Ele parecia ter tomado Prozac no café da manhã.

– Anna! – exclamou ao me ver. – Voltou cedo. Quer dar uma caminhada? Mordi o lábio.

– Gostaria, mas... – procurei uma desculpa. – Tenho que estudar.

– Você tem se preocupado demais com isso. – Meu pai ergueu o corpo e apontou um dedo para mim. – Está muito pálida. O Dr. Winterson receita um almoço no pub. Vamos... O dia está lindo e a gente quase não se viu durante a semana toda. Faça um pouco de companhia a este velho, só para variar. Eu ia comer uma carne assada no Co... – Meu pai parou e mudou rapidamente de direção. – Poderíamos ir de carro a algum lugar – concluiu, olhando para as próprias botas com alguma melancolia.

Suspirei.

– O que acha de irmos a pé até o Coroa e Âncora, pai? Assim não precisamos dirigir e você pode tomar uma cerveja no almoço.

– Tem certeza? – meu pai perguntou, hesitante. – Não me importo de ir a outro lugar, mesmo que seja de carro, se você preferir.

Sim, sim. Eu preferia. Para ser franca, preferia batatas rançosas no pier de Brighthaven. A ideia de sentar no pub de Seth, com a mãe dele nos servindo e sendo adorável, fazia-me querer enfiar agulhas nos olhos.

Mas eu tinha que superar. Winter era uma cidade pequena. O Coroa era

um dos poucos lugares que servia uma refeição decente. E era inútil punir meu pai e Elaine pelo meu sofrimento.

– Tudo bem, pai. Vou gostar da caminhada.



– Anna! – Elaine exclamou de trás do balcão quando entramos e, por um minuto, sua expressão foi de completo choque. Em seguida, ela se recuperou e veio até nós sorrindo, beijou-me nos dois lados do rosto e levou-nos a uma mesa ensolarada ao lado da janela aberta. – E Tom. Que bom ver vocês dois. Delícia de clima, não?

– Bem típico do verão – concordou meu pai, deixando sua jaqueta impermeável estendida sobre o banco de mogno polido. – Aproveitamos para caminhar pelos penhascos. Foi fantástico, não foi, Anna?

– Lindo – respondi. E havia sido. O passeio havia dissipado meus temores sombrios e me feito lembrar como eu era uma pessoa de sorte por morar em um lugar como Winter.

– Vou buscar o cardápio para vocês – disse Elaine. – Mas já aviso que o cordeiro assado está especialmente bom. É da fazenda Jenks, absolutamente delicioso.

– Eu quero cordeiro – meu pai avisou. – E uma cerveja, por favor.

– Também quero o cordeiro – decidi.

– E o que vai beber, Anna? – perguntou Elaine.

– Só água, por favor.

– Tudo bem. Já volto.

Meu pai a seguiu com os olhos até Elaine desaparecer na cozinha, depois olhou para mim.

– Tem certeza de que não quer nada mais interessante? Afinal, é uma ocasião especial.

– É?

Pensei em todas as possibilidades, morrendo de medo de ter esquecido alguma data de importância vital. Era abril. O aniversário do meu pai era em agosto. O meu já havia passado. Eu não sabia quando minha mãe fazia aniversário, e meu pai nunca marcou a data, nem de seu aniversário de casamento. O que poderia ser?

– Hoje, minha querida, faz exatamente um ano que nos mudamos para



Winter. Lembra a primeira noite que passamos encolhidos com as aranhas e os ratos? Parece que faz muito tempo, não é?

Sim, *uma vida inteira*.

Um ano. Um ano desde o dia em que me mudei para Winter, descobri a verdade sobre mim, conheci Emmaline, conheci Seth... Como tantas coisas haviam acontecido desde então, como tudo havia dado tão certo e tão errado?

– Sei que não escolheu sair de Londres e que não foi o melhor momento, considerando minha demissão e tudo mais, mas está feliz por termos nos mudado?

Olhei pela janela, para as crianças que brincavam no jardim do pub, e aproveitei para pensar nisso. Eu estava feliz? Que pergunta. Eu era uma *pessoa* diferente por causa de Winter, minha antiga vida em Londres parecia tremendamente comum, segura a ponto de ser sufocante. Eu mudaria alguma coisa se pudesse? Eliminaría todas as coisas terríveis, maravilhosas e dolorosas que aconteceram comigo em Winter?

– Sim, estou feliz – falei finalmente. – Sinto saudade de muita coisa em Londres, mas... sim. Ainda assim estou feliz.

– Que bom. – Meu pai deu um tapinha no meu ombro. – Sempre amei Winter, desde a primeira vez que sua mãe e eu estivemos aqui. De alguma maneira, sempre pareceu um lugar que eu podia chamar de lar.

A palavra “mãe” me causou um pequeno sobressalto. Meu pai havia rompido o silêncio de dezoito anos no dia do meu aniversário, há três meses, mas eu ainda não havia me acostumado com a palavra saindo de sua boca. Levei um minuto para superar o arrepio de surpresa e compreender realmente o que ele havia dito.

– Espera – interrompi alguma coisa que ele estava falando sobre a casa. – O que foi que disse? Esteve aqui pela primeira vez com minha *mãe*?

Não perguntei: *por que nunca me contou?* Sabia qual era a resposta: um feitiço o silenciara com a mesma eficiência de uma faca cortando sua língua. Contudo, meu pai podia ter contado que havia estado em Winter antes, não?

– Eu nunca contei essa história?

– Não – respondi, atônita por ele ainda perguntar.

– Viemos para cá na lua de mel. A ideia original era ir para a Rússia, São Petersburgo, se não me engano, mas no último minuto sua mãe teve

problemas com o visto, e decidimos ficar no Reino Unido. Estávamos folheando um guia de pousadas românticas, e sua mãe viu uma lista de chalés de pescadores em Winter. Ela disse imediatamente que *esse* era o lugar aonde devíamos ir, que era um sinal, porque ela ia se tornar a Sra. Winterson. – Meu pai parou de falar quando a garçonete deixou a cerveja na frente dele e serviu meu copo de água, depois acrescentou: – Agora é um salão de chá, aquele logo depois da biblioteca, nos penhascos.

– Então... por isso veio para cá quando tudo desmoronou em Londres? – perguntei.

Meu pai coçou um lado do nariz.

– Bem, colocando nesses termos, acho que sim. Foi um dos últimos lugares em que me senti completamente feliz com Isla antes de... você sabe.

Assenti. Sabia. Antes de ela ficar grávida de mim e os delírios paranoicos começarem, antes de ela ser internada e drogada.

– Porque não foi muito depois disso que... bem... – Ele riu e pegou a cerveja. – Digamos que existe uma grande chance de você ter sido concebida em Winter. Na verdade, é praticamente uma certeza. Isla me deu a notícia praticamente no dia em que voltamos a Londres.

– Pai, eca – gemi. Sabia que não podia ter chegado aqui *sem* meu pai ter feito sexo, mas eu não queria ouvir sobre isso. Estava muito acostumada com meu pai sozinho e preferia que continuasse assim.

– Desculpe, amorzinho. – Ele levantou o copo, bebendo para esconder o sorriso. – Vamos mudar de assunto e falar sobre coisas mais adequadas a sua delicada sensibilidade. Ah, oi, Elaine. – Ela parou ao lado da mesa com dois pratos de cordeiro assado. – Chegou bem a tempo de evitar os rubores de Anna.

– Anna está vermelha? – Elaine deixou os pratos sobre a mesa. – Alguma coisa que eu deva saber?

– Não, não. – Meu pai riu. – Só eu tentando deixá-la com vergonha. Tem tempo para sentar e beber alguma coisa?

– Bom... – Elaine olhou em volta. – Na verdade, não, mas não parei desde cedo. Angel! – ela gritou para o bar. – Pode cuidar de tudo por uns minutos? Vou sentar um pouco.

– Tudo bem. – Angelica gritou de volta. – Sem problema.

– Muito bom, estou oficialmente na hora do meu intervalo. – Elaine sentou-se conosco e tirou os sapatos. – Como estão?

– Ah, bem – meu pai respondeu por nós dois. – Anna devia estar em casa cuidando dos estudos, é claro, mas, fora isso... E você, Elaine? Alguma novidade de Bran?

– Novidade? – Olhei para um e para o outro. Elaine suspirou e passou a mão pelos cabelos reproduzindo com perfeição o gesto característico de Seth. Meu coração ficou apertado.

– Meu pai não está muito bem. Conte ao seu pai ontem. Ele está no hospital de Brighthaven. Ninguém acredita que ele consiga sair de lá. E ele pergunta o tempo todo...

– Por Seth? – Concentrei-me em cortar uma batata do assado para não ter que encará-la.

– Sim, mas Seth está em um barco no meio do nada. O que ele pode fazer? Sei que ele está voltando, mas duvido que chegue a tempo.

As palavras de Elaine me atingiram repentinamente. Bran estava tão doente que, provavelmente, morreria antes de Seth voltar a Winter.

– O engraçado – Elaine continuou –, bem, vocês vão rir... – Mas ela dava a impressão de que rir era a última coisa que passava por sua cabeça. – Ele pediu... – E olhou para as próprias mãos antes de suspirar. – Pediu para ver você.

O garfo caiu da minha mão.

– *Eu?*

– Sim. Engraçado, não é? Elaine perguntou com voz distante e vazia.

– Mas... por que ele quer ver Anna? – Meu pai estava confuso. – Ele sempre pareceu bem... ah... resistente.

*Resistente* era o eufemismo do ano. *Cheio de ódio amargo* era a expressão que ele devia ter escolhido. Elaine abriu as mãos.

– Eu sei, também fiquei surpresa, mas não se preocupe, Anna, não estou falando para você se sentir obrigada a vê-lo. Eu não a faria passar por isso. Afinal, ele nunca fez nada para merecer sua compaixão. E não acredito que esteja inteiramente lúcido, na verdade. Ele pergunta por muita gente, pessoas do passado. Pessoas de quem nunca ouvi falar. Ontem à noite estava balbuciando sobre alguém chamada Isla. Sei lá quem pode ser... Nunca conheci nenhuma Isla.

– Isla? – engasguei. Olhei para meu pai e vi que ele estava tão chocado quanto eu.

– Sim. – Elaine olhou para mim, para meu pai e para mim de novo. –

Desculpe, vocês...?

– Anna... a mãe dela chamava Isla – meu pai conseguiu falar finalmente. Quando ele pegou o copo, sua mão tremia. – Coincidência, só isso.

Peguei meu garfo e pus a batata na boca, mastigando de maneira mecânica. De repente, ficou impossível engolir.

## CAPÍTULO CINCO

Assim que voltamos do pub, dei uma desculpa sobre ter que estudar e subi para o quarto. Enquanto tirava as meias, prometi a mim mesma que realmente *faria* um pouco de lição, porque assim não estaria contando uma mentira completa. Mas... só depois de alguma pesquisa extracurricular.

Contudo, duas horas depois, a internet não havia resultado em nada. Havia muitas ocorrências para *Codex Angelis*, mas nada que parecesse sequer próximo do que eu procurava, e “O Enigma da Epifania” não resultou em uma ocorrência sequer.

Em seguida, verifiquei o catálogo da biblioteca de Winter e, depois, quando essa pesquisa também não resultou em nada, o catálogo on-line da Biblioteca Britânica. Nada.

Finalmente, cliquei na minha conta de e-mail e comecei a escrever uma nova mensagem.

*Caro Caradoc,*

*Espero que você e Jonathan estejam bem. Seria ótimo ir a Londres para vê-los algum dia.*

*No entanto, escrevo agora para pedir um favor: estou procurando um texto chamado “O Enigma da Epifania”, de um livro chamado Codex Angelis. O livro está na biblioteca Ealdwitan – mas a cópia foi desfigurada, e a página onde estava o texto foi arrancada.*

*Sabe alguma coisa sobre o livro? Pode existir outra cópia? Não consigo encontrar nenhum registro dela, mas pensei que você pode ter outras informações.*

*Quaisquer sugestões são bem-vindas.*

*Com amor,*

*Anna*

Saí da página de e-mail e abri meu arquivo negligenciado de anotações da matéria. Hoje, de acordo com o cronograma em cima da minha mesa, eu devia estar estudando matemática.

O primeiro bloco de exercícios deveria ser feito em cinquenta e cinco minutos, e preparei meu despertador antes de começar. Contudo, estava ainda na metade do primeiro problema quando fui interrompida pelo alerta de e-mail. Quanto mais eu tentava ignorar a notificação, mais ela ecoava no fundo da minha consciência, prejudicando a concentração. Finalmente eu cedi – seria melhor simplesmente ver quem era o remetente e, depois, quando descobrisse que era algo desinteressante, voltar tranquila ao exercício de matemática.

Só que não era desinteressante. Era de Caradoc.

Abri a mensagem ignorando o ruído do despertador. Ele já havia encontrado alguma coisa?

*Querida Anna,*

*Que delícia receber notícias suas, e com uma pergunta tão intrigante.*

*É claro que conheço o livro a que se refere.*

*O Codex Angelis, que recebeu esse nome por causa do anjo iluminado na página dois, é uma coleção de enigmas, profecias e poesias anglo-saxões do século X. Boa parte do conteúdo mundano é semelhante a do Codex Exoniensis e do Livro Vercelli, mas é um volume obscuro, quero dizer, desconhecido para o mundo dos não bruxos, daí a dificuldade com a Biblioteca Britânica, e as profecias são, até onde vai meu conhecimento, totalmente únicas. Sei que existe apenas mais uma cópia: a que está na biblioteca Ealdwitan.*

*Sua busca por esse texto desaparecido não será simples. Minhas pesquisas rápidas resultaram em uma menção de uma tradução de 1570, mas a referência é de uma cópia na biblioteca de Pedro, o Grande, Czar da Rússia, e não consegui encontrar mais nenhuma menção ao trabalho posterior àquela data.*

*Porém, vou me informar e entro em contato com você assim que tiver notícias.*

*Seu mais afetuoso amigo,  
Caradoc Truelove*

De algum jeito, não parecia muito animador. Digitei um rápido

“obrigada”, depois suspirei e voltei à matemática.

O alarme apitou pela última vez, anunciando que eu havia cumprido a cota diária. Então deixei no chão a folha com o último exercício e alonguei minhas costas cansadas antes de desligar o despertador. Eram quase quinze para as dez. Não era de surpreender que eu estivesse exausta. Ouvi a música de um filme lá embaixo e imaginei que meu pai devia estar roncando no sofá. Ele sempre apagava quando bebia na hora do almoço.

Talvez fosse por ter passado horas estudando, mas, de repente, as provas pareciam estar perto demais. Quantas semanas ainda faltavam? Eu não sabia ao certo, mas tinha a horrível sensação de que a resposta tinha um só dígito.

O vento soprou na chaminé, e eu me aproximei da janela para olhar para fora. Tinha algo errado com o clima novamente, a mesma nota falsa que Abe tinha mencionado havia algumas noites.

No entanto, o ar lá fora era frio, sem indício algum de neblina à vista. Então não era isso, apenas uma tempestade que se formava. Eu a ouvia no gemido do vento e no estrondo das ondas que quebravam nos penhascos distantes. O céu estava claro, mas mais distante, sobre o mar, eu vi sombras escuras em movimento, unindo-se e se fortalecendo. Um corvo grasnou na escuridão, as asas abertas desenhando um borrão contra o escuro do céu noturno.

E então o telefone começou a tocar.

Automaticamente, olhei para o relógio. 21h50? Quem poderia ser? Desci a escada correndo para atender antes que desligassem.

– Alô?

– Anna? – A voz do outro lado era estranha: trêmula e rouca, como a de alguém que havia chorado.

– Ah... sim...?

– Anna, sou eu. Elaine.

– Elaine! O que... O que aconteceu? Está tudo bem? Seth...? – Parei. Não conseguia falar. Minhas mãos estavam frias e dormentes no telefone. Pensei na tempestade, nas nuvens que se formavam ao longe na noite negra, no barquinho tão pequeno e frágil...

– Seth está bem – Elaine respondeu, mas sua voz soava estranha, e havia um eco na linha. Ela não estava no pub. – Anna, desculpe por ter ligado tão tarde e peço desculpas também por pedir...

Ela parou, e eu engoli o medo e falei com a voz mais ríspida do que pretendia:

– Elaine, por favor, está me assustando. Fale de uma vez.

– Anna, é Bran – ela engoliu, e havia um soluço em sua voz. – Ele está morrendo. Eu acho que ele está morrendo, e os médicos também acham. E ele está chorando, soluçando e chamando... Seth, mas você também. E eu não posso fazer nada com relação a Seth, ele está preso em algum porto, tentando conseguir um visto. Sei que não tenho o direito de pedir, por favor, acredite em mim, eu sei disso. Você não deve nada a ele, mas eu pensei...

– Estou indo – falei.

Enquanto ela me dizia que ela eu deveria procurar, eu vestia o casaco.

Elaine estava enganada. Eu tinha uma dívida com Bran. E devia isso a Seth também.

– Pai – chamei, correndo até a porta. – Pai, pegue as chaves.



– Anna! – Elaine pulou da lateral da cama quando entrei. Mesmo com a luz pálida do abajur, era possível ver seu rosto abatido e triste.

– Elaine. – Eu a beijei. – Você parece cansada.

– Estou cansada. – Ela passou a mão trêmula pelo rosto. – Tem sido... Ai, não suporto mais isso.

Era horrível vê-la daquele jeito, tão deprimida e exposta, tão sozinha. Seth devia estar ali para ajudá-la. E não estava.

– Tem alguma coisa que eu possa fazer? – perguntei sussurrando.

– Bem... odeio pedir... mas pode ficar com ele por alguns minutos enquanto vou ao banheiro? Não quis deixá-lo antes, mas agora ele está dormindo, acho que vai ficar bem por um tempo. O remédio vai ajudar. Sabe, com... com a dor... – Ela tocou o rosto.

– É claro – engoli em seco. – Não tem problema, pode ir.

– Tudo bem. – Elaine assentiu e respirou fundo. – Obrigada. Vou me sentir melhor sabendo que você está aqui e pode tocar a campainha. Só para você saber – ela respirou fundo outra vez –, ele não está muito... lúcido. O analgésico é muito forte. Talvez não a reconheça se acordar, mas pode ser...

Elaine parou. Eu sabia o que ela estava pensando. Pode ser melhor assim.

– Vai ficar tudo bem – garanti. – Se ele acordar, eu peço para uma



enfermeira ir buscar você. Prometo.

– Obrigada, Anna. – Ela sorriu para mim com tristeza e saiu com passos lentos e duros.

Quando ela foi embora, olhei para Bran.

Ele estava deitado embaixo dos lençóis, e seu corpo era magro e frágil como o de uma criança de dez anos. Era impossível acreditar que esse era o mesmo homem que, há poucos meses, andava pela ilha que era seu reino, pescava nos rochedos, praguejava, xingava e impunha sua vontade a todos.

Agora ele estava completamente imóvel, a pele flácida em torno dos ossos do rosto, as mãos magras inertes sobre o peito. Havia uma secreção nos cantos da boca e de cada olho. Enquanto o observava, notei que ele estremecia e vi seus olhos se moverem depressa por trás das pálpebras finas. Então ele gemeu, um gemido baixo e cansado que fez meu coração ficar apertado.

– Seth... – Foi quase impossível decifrar a palavra, mas eu a ouvi. Era só um sussurro, o som de alguém lamentando a perda do filho.

– Oh, Bran. – Não consegui me conter. As palavras simplesmente saíram, e eu segurei a mão desse homem velho e fraco e a pressionei contra o rosto.

– Hã...? – Ele suspirou e abriu os olhos. Soltei sua mão e me preparei para a reação dele, mas não aconteceu nada. Os olhos vidrados estudaram o quarto. – Quem está aí? Elaine?

– Não, não, Bran. – Eu me aproximei para ele não ter que se esforçar para me ver. – Sou eu, Anna. Elaine disse que você perguntou por mim.

– Perguntei... sim, eu perguntei por meu neto. Você o conhece? – Sua voz era lamentável. – Conhece meu neto Seth?

– Sim. – Minha garganta doía. – Sim, eu o conheço.

– Ele é um bom menino – Bran falou com um suspiro cansado, e a sombra de um sorriso distendeu seus lábios secos. – Os pecados dos pais... mas ele é um bom menino. E quem é você?

– Eu sou Anna.

– Não, não é. – Ele levantou a cabeça do travesseiro e tremeu com o esforço, e por um momento seus olhos se tornaram tão penetrantes quanto antes, o cinza projetando um fogo impossível. – Eu conheço você, *conheço* você!

– Sou Anna – repeti. – Anna Winterson. Eu namoro... eu namorava com Seth.

– Fiz mal a você. – De repente a mão agarrou a minha. – Não fiz? Quando a mandei embora. E você se vingou de mim, amaldiçoou-me.

– Não sei do que está falando – respondi, desconfortável. Ele apertava minha mão com força, suas unhas machucavam minha pele.

– Pobre desgraçada, Deus sabe que sua carga já era suficientemente pesada, e eu devia ter ajudado você e sua filha, mas sua maldição tirou tudo de mim, tudo. Minha vida, meu sustento. Quando me aleijou, sabia o que estava fazendo? Sei que eu merecia, agora eu sei disso. – Seu hálito fétido encontrava meu rosto. – Mas não faça meu neto pagar por meu erro. Não passe a maldição para ele, eu suplico. – Lágrimas repentinas escorriam de seus olhos, desciam pelas linhas fundas do rosto. – Estou implorando!

– Bran, não sei do que está falando!

– Diga que não vai – ele chorava. – Não prejudique meu neto. E de minha parte, bom Deus no céu, eu peço desculpas, arrependo-me todos os dias desde então, amaldiçoo a noite em que cuspi a seus pés e a mandei embora, mas não faça mal a meu Seth!

– Não farei – respondi, perplexa, mas desesperada para confortá-lo. – Prometo que não farei. Eu o amo. Amo Seth. Nunca o prejudicaria.

– Hã? – Ele piscou confuso, depois suspirou. – Ah, sim. – E afagou minha mão antes de apoiar a cabeça novamente no travesseiro. – Criança, sinto muito.

– Sente?

– Sim, lamento não poder desfazer o mal que fiz a sua mãe, eu sei que fiz, mas isso ficou no passado, anos atrás.

– Minha mãe? – Descobri que estava em pé e respirava depressa. – Bran, quem você pensa que eu sou?

– Quem é você? – Seus olhos se moveram para um lado e para o outro, depois ele franziu o cenho. – Sim, quem é você? Onde está minha filha?

– Foi tomar um café, mas, Bran... – Eu estava quase chorando. – Você disse alguma coisa sobre minha mãe. Conheceu minha mãe?

– Se a conheci? – Seus olhos se encheram de lágrimas. – Não, eu só a vi uma vez. E depois falhei com ela, quase a levei à morte, e ela me amaldiçoou por isso, aquela maldita bruxa de coração frio. Ahhh...

Um gemido horrível de agonia brotou de seus lábios, e ele segurou um lado do corpo, depois apertou freneticamente um botão vermelho preso a um fio. Uma enfermeira entrou correndo no quarto, segurando uma bandeja

de comprimidos e frascos.

– Sr. Fisher, sente alguma dor?

– Sim. – Ele estava pálido e suando. – Senti uma dor forte agora.

– Quer um pouco mais de morfina? Já passou da hora, se quiser.

– Sim. – Ele assentiu com gratidão. – Morfina, sim.

Vi a enfermeira administrar a dose, depois ajudou Bran a beber um pouco de água. Ele se recostou contra os travesseiros e fechou os olhos.

A enfermeira suspirou.

– Agora ele vai ficar bem por mais algumas horas. É muito triste quando chegam a esse estágio. Você está bem, querida? – Ela olhou para mim. – É muito perturbador testemunhar essa dor, eu sei, mas ele vai ter algum tempo de conforto agora.

– Estou bem – respondi com voz rouca.

Ela assentiu e disse:

– Bem, então irei deixá-los a sós.

Assim que ela saiu, peguei a mão de Bran e sentei, segurando-a com muita delicadeza e ouvindo sua respiração arfante, difícil. Sua mão era fina e ressecada, e eu fechei os olhos.

Quando voltei a abri-los, ele olhava para mim, e seus olhos cinzentos como os de Seth estavam cheios de lágrimas. Parecia implorar para que eu entendesse alguma coisa, seus lábios se moveram, mas nenhum som saiu deles.

– Não consigo ouvir você, Bran – falei. Seus dedos apertaram os meus, e ele inspirou com dificuldade. Tentou falar novamente, mas as palavras ainda eram apenas suspiros e chiados. Seu rosto se contorceu com o esforço, depois os olhos se fecharam, mas os dedos ainda seguravam os meus com força, como se ele tentasse comunicar sua mensagem pelo tato.

Pensei em Em e em como falávamos uma com a outra por pensamento.

Pensei na minha promessa de nunca mais interferir na vida de um não bruxo, nunca mais enfeitiçar uma pessoa comum.

E pensei nos olhos de Bran, tão cheios de agonia, implorando-me para entender alguma coisa que ele não conseguia dizer, implorando-me para ajudá-lo antes que fosse tarde demais.

Respirei fundo, fechei os olhos e toquei sua têmpora com a ponta dos dedos. E esperei.

Aquilo me atingiu como o tranco de uma onda – o cheiro das docas, o

uivo do vento e a mulher parada na frente de Bran, os cabelos negros atingidos pela ventania, o rosto branco na escuridão, o casaco cobrindo o ventre inchado.

*Como assim, não? A voz dela tremeu.*

*Eu disse não.* A voz de Bran, mas não a de agora. Sua voz como devia ter sido há vinte anos, forte, segura, mais alta que o barulho das ondas e do vento.

*Mas eu vim até aqui... você não entende. Vai nos condenar à morte, eu e o bebê. A profecia diz que você a salvaria, que daria a vida por ela.*

*Não vou dar nada por ela, nem por você, nem por ninguém da sua raça. Entendeu? Você e sua conversa sobre profecias... o que sabe? Minha vontade pertence a mim.*

O rosto dela se retorceu. A mulher deu um passo à frente, aproximou-se dele.

*Li a profecia cem vezes, ela não pode estar errada. Um homem do mar, a linhagem do Fisher King. É você, tem que ser você. Pratiquei a vidência de cem maneiras diferentes, e todos os meios, a água, as estradas, os ossos, tudo me trazia para cá, para Winter.*

*E eu vou expulsá-la daqui, mandá-la de volta para o lugar de onde veio, bruxa.* Ele cuspiu no chão aos pés dela, um círculo nojento no cais, e ela recuou cambaleando com as mãos sobre o ventre. *Morro antes que eu ou os meus ajudemos alguém da sua raça. Entendeu?*

Ela o encarou. Seus olhos azul-acinzentados estavam cheios de lágrimas e ódio, e sua voz, quando ela falou, era um chiado.

*Então eu o amaldiçoo, Bran Fisher. Eu, Isla Winterson, amaldiçoo você pelo que fez a mim e a minha filha. Eu o amaldiçoo a mancar pela vida como um homem destruído, acorrentado ao mar, sua vida em poder dele. A ferida que sofreu na guerra vai apodrecer, você vai morrer um pouco mais cada vez que seus pés pisarem em terra firme, e cada maré que o tirar da praia vai levar um pouco da sua força, um pouco da sua vida, um pouco da sua esperança. Vai sentir dor todos os dias até sua morte, e, quando morrer, a maldição será passada a todos os filhos de sua linhagem, até que eles também morram.*

Ela se virou e começou a andar na noite encharcada pela tempestade, o casaco tremulando ao vento.

*Não se atreva a me dar as costas, sua bruxa!* Bran gritou. Ele começou a

seguir a mulher, mas tropeçou, o pé se chocando contra o solo de um jeito que a dor subiu até o joelho, para a coxa e para a bacia, uma dor lancinante da velha ferida de guerra. Bran deixou escapar um gemido, mas se obrigou a seguir em frente, ir atrás da sombra de Isla. *Volte aqui!* A dor o dominou novamente, mais cruel e mais forte que antes, e ele caiu no chão segurando a bacia, erguendo a voz num rugido desarticulado de fúria. O som se ergueu sobre a tempestade e ecoou no cais vazio. Depois desapareceu, deu lugar lentamente ao ruído dos monitores do hospital e da respiração difícil. A morfina fez efeito, e Bran mergulhou em um sono drogado e sem sonhos.

Fiquei ali sentada segurando a mão dele até Elaine voltar.

– Tudo bem? – ela sussurrou.

– Ele acordou – contei devagar, ainda tentando processar o que vi e ouvi.

– Mas... não me reconheceu. A enfermeira aplicou mais morfina.

– Ah, bom. – Elaine suspirou aliviada. Não entendi se o alívio era por causa da morfina ou por ele não ter me reconhecido. – Obrigada por ter vindo, de verdade. Mesmo que Bran não tenha lembranças claras, acho que de algum jeito ele vai saber. Só queria... queria que Seth...

Elaine parou de falar. Eu assenti, e nós duas ficamos ali em pé, uma espelho da dor da outra.

– Sinto muito – eu disse. Esperava que ela soubesse a que me referia. Sentia por Bran, por Seth, por tudo.



Bran morreu naquela noite enquanto dormia. O funeral aconteceu três dias mais tarde, na pequena igreja de pescadores sobre o penhasco onde havia o memorial de granito que homenageava todos os homens que a cidade havia perdido para o mar em séculos.

Meu pai estacionou o carro e subimos a pé pelo caminho do penhasco. O vento batia em minha saia preta e jogava a gravata de meu pai por cima de seu ombro.

– Sabe quem vai estar lá? – perguntei. Achava que minha voz soava convincente, mas meu pai não se deixou enganar.

– Muita gente da cidade, tenho certeza. Contudo, Elaine está muito aborrecida, porque parece que Seth não vai conseguir chegar. Ela pensou em adiar a cerimônia, mas ninguém conseguiu dizer ao certo quando ele

teria permissão para embarcar em um avião.

– Ah. – Fechei os olhos por um momento, e uma emoção forte me invadiu como uma onda. Eu não sabia o que era. Alívio? Decepção? Senti o rosto quente, apesar do vento frio do mar. – Qual é o problema?

– Aparentemente, porque estava tentando voltar depressa, ele atracou em um porto onde não podia ter entrado sem permissão. A tentativa não deu certo, e ele acabou detido e sem visto de saída, e é por isso que não o deixam pegar um voo de volta. Elaine pediu ajuda à embaixada, mas a última coisa que ouvi foi que o problema não seria resolvido essa semana.

Pobre Seth. Pobre Elaine. Andamos em silêncio até o cemitério, onde pessoas da cidade se reuniam perto da porta da igreja, fumando cigarros de último minuto e conversando com ar de preocupação arrependida.

– Tom! – alguém chamou, e meu pai foi absorvido pelo grupo. Pela primeira vez percebi o quanto agora ele era parte daquela comunidade, como naturalmente se ajustou.

Alguém me passou um panfleto, e eu li o que estava escrito nele. Havia um poema no verso.

*A morte não é nada  
Só passei para a próxima sala  
Eu sou eu e você é você  
O que quer que tenhamos sido um para o outro  
Isso ainda somos*

*A vida significa tudo que sempre significou  
É a mesma que sempre foi  
Há uma absoluta continuidade  
O que é a morte, senão um acidente desprezível?  
Por que eu deveria ser esquecido  
Porque não sou mais visto?*

*Estou só esperando você durante um intervalo  
Em algum lugar muito próximo  
Logo depois da esquina*

*Tudo está bem.*

Padre Henry Scott Holland

Os versos eram familiares, mas estranhos, e me causavam uma raiva surda que eu não conseguia identificar. Então percebi. Eram os mesmos versos que minha mãe havia usado em sua última carta para mim, porém mais longos. Havia um trecho maior do poema no panfleto. No entanto, alguma coisa... faltava alguma coisa...

– Ei – disse uma voz familiar ao meu lado, e levantei a cabeça, surpresa.

– Abe! O que está fazendo aqui? – Não era só a presença dele que me chocava. Ele estava quase irreconhecível. Ainda não tinha feito a barba, mas usava uma camisa branca bem passada e gravata preta, e um terno preto de corte impecável que, eu suspeitava, pertencia a Simon. Ele parecia... bem, uma delícia, para ser bem honesta. Bani o pensamento aborrecida comigo mesma, torcendo para Abe não conseguir ler o rubor no meu rosto. Esperava que ninguém pudesse interpretá-lo.

– Estou aqui com Maya e o pessoal.

– Mas Bran, você sabe... Ele me odeia, quero dizer, odiava... – A palavra “bruxa” pairava no ar como um palavrão impronunciável. Abe deu de ombros.

– Mesmo assim, ele merece nosso respeito. Era um homem forte.

– E ele salvou a vida de Emmaline, não esqueça. – Maya surgiu ao lado de Abe, com Emmaline atrás dela. – Bran Fisher era um bom homem. Independentemente do que pensava de nós, eu o admirava e devo muito a ele.

– Bem, fico feliz por estarem aqui.

Segurei o braço de Emmaline e entramos juntas na igreja. Maya, Abe, Simon e Sienna estavam logo atrás de nós. Meu pai ainda conversava com os amigos na varanda, e eu toquei seu braço quando passei por ele, informando que estaria sentada com Emmaline. Ele assentiu.

Lá dentro, a igreja era muito fria e eu não consegui evitar um arrepio quando seguimos pelo corredor central, procurando um lugar vazio para nos sentarmos.

– Frio? – Abe me perguntou, enquanto Maya seguia na frente do grupo ocupando um banco vazio.

– Tudo bem – respondi, mas estraguei a declaração estremeando novamente ao me sentar entre Abe e Emmaline. Abe tirou o paletó e o colocou sobre meus ombros. – *Tudo bem* – repeti, impaciente. Havia algo de insuportavelmente íntimo no gesto, com o paletó ainda quente de seu corpo e suavemente perfumado por sua loção.

– Como queira – Abe falou com tom casual. – Fique com o paletó, ou tire, se quiser. Pode tirar tudo, não me importo.

– Shh – Maya o censurou severa, e eu vi o padre se dirigir ao púlpito. Achei que era mais fácil ceder e ficar com a porcaria do paletó.

– Amigos e paroquianos – ele começou. – Quero dar as boas-vindas a todos, aqui estamos para celebrar a vida de nosso amigo Bran Fisher, muito conhecido por todos nós na cidade de Winter.



A cerimônia não foi longa. Elaine falou rapidamente sobre a vida de Bran. O serviço na Marinha durante a Segunda Guerra Mundial, quando ele sofreu o ferimento. O tempo que passou com os barcos de pesca entre os anos 1950 e 1960. A aposentadoria parcial como guardião do farol em Castle Spit; e depois, quando o farol foi automatizado, a aposentadoria de fato, a vida mantida por uma pensão de veterano de guerra em um chalé que foi cedido a ele até o fim da vida como fundo de pensão do farol.

Então cantamos “For Those in Peril on the Sea” e o ministro se levantou, e eu deduzi que era hora de encerrar a cerimônia. Mas não.

– E agora, para a última leitura antes de nos dirigirmos todos ao local do sepultamento, gostaria de convidar o velho amigo de Bran, Reginald Markham, para ler um trecho do salmo cento e sete, também conhecido como Salmo do Marinheiro.

Um homem muito velho se levantou do primeiro banco e subiu lentamente os degraus do púlpito. Depois ele ergueu a cabeça e começou a falar, a voz velha e entrecortada alcançando o fundo da igreja silenciosa.

– Fizeram-se ao mar em navios, para negócios na imensidão das águas, e viram as obras do Senhor, as suas maravilhas nas profundezas. Deus falou e provocou um vendaval que levantava as ondas. Subiam aos céus e desciam aos abismos; diante de tal perigo, perderam a coragem. Cambaleavam, tontos como bêbados, e toda a sua habilidade foi inútil. Na sua aflição,



clamaram ao Senhor, e ele os tirou da tribulação em que se encontravam. Reduziu a tempestade a brisa e serenou as ondas. As ondas sossegaram, eles se alegraram, e Deus os guiou ao porto almejado.

Ele parou e abaixou a cabeça por um momento, esfregando os olhos por trás dos óculos.

– Meus amigos, podemos nos alegrar porque Bran Fisher chegou ao seu paraíso.

E de repente eu estava chorando. Não era a única, mas me sentia a mais hipócrita. Eu odiava Bran. Odiava e havia me enfurecido com ele em uma disputa pelo amor de Seth. E nós dois perdemos, mas Bran também perdeu a vida. Morreu sem nem sequer dizer adeus ao neto. As últimas palavras entre eles foram cheias de amargura e ódio, por minha causa.

Descobri que estava soluçando e me levantei, cega pelas lágrimas, enquanto os amigos mais próximos se acercavam para carregar o caixão.

Abe passou um braço em torno dos meus ombros, e por um instante eu sacudi a cabeça, resisti à oferta de conforto. Tentei me afastar, mas ele me puxou para mais perto e eu me senti melhor por ter um ombro embaixo do rosto.

Então, através das lágrimas, vi as pessoas apoiarem o caixão sobre os ombros e endireitei as costas, ainda com o braço de Abe me amparando, e olhei para o corredor com a intenção de prestar a Bran o devido respeito em sua última jornada.

O caixão progredia devagar, ainda mais lentamente que de costume. Quando limpei as lágrimas, vi que uma das pessoas que o carregavam se movia de um modo desajeitado, arrastando uma perna, e os outros se adaptavam ao doloroso caminhar.

No entanto, só quando passaram por mim eu pude ver seu rosto.

Era Seth.

Ele se virou, nossos olhos se encontraram, e vi a fúria arder em seu olhar. De repente vi a cena como devia parecer para ele – o paletó de Abe me agasalhando, o braço dele me amparando. Como se...

– Seth... – balbuciei, apesar da garganta dolorida pelas lágrimas. Empurrei o braço de Abe e estendi a mão entre Emmaline e Sienna. – Seth!

Por um minuto, vi seu rosto queimar com uma emoção tão forte que era impossível identificá-la; o rosto branco, os olhos ardentes – podiam significar qualquer coisa, desde ódio até um amor amargurado, doído.

Contudo, ele desviou o olhar e continuou seu progresso doloroso pelo corredor da igreja, em direção à cova aberta no cemitério.



Eu deveria estar olhando para o padre, ou para o caixão, ou para Elaine, que jogava o primeiro punhado de terra no túmulo, mas não conseguia desviar os olhos de Seth.

Ele estava na minha frente, do outro lado da sepultura, a poucos metros de distância, e as lágrimas lavavam seu rosto. Não havia nenhum outro sinal de que ele chorava; nenhum som, e a expressão quase não mudara, ainda guardava a mesma inércia vazia. Só os olhos continuavam transbordando, traindo sua dor. Cada parte de mim queria transpor a distância e confortá-lo, mas, é claro, eu não podia. Não podia, porque ninguém poderia aplacar uma dor como aquela. E também porque não tinha mais esse direito.

Finalmente a cerimônia chegou ao fim, o coveiro começou a fechar a sepultura e as pessoas foram se dispersando. Fiquei ali parada por um longo instante, ignorando a discussão entre Emmaline e Maya atrás de mim sobre sair para comer peixe com batatas ou cozinhar. Eu me sentia dividida entre a necessidade de falar com Seth e a certeza de que essa seria uma decisão estúpida. Ele começou a se afastar. Tudo em mim gritava para eu ir atrás dele, mas eu me continha com esforço. Até que, logo além do toldo que protegia a área do sepultamento, ele se virou e, por um segundo, olhou para mim.

– Seth. – Foi como se um feitiço se quebrasse, e eu comecei a andar, depois correr para ele. – Seth, espera.

Ele acelerou o passo, mas, mancando como estava, não tinha chance de escapar, e eu o alcancei na metade da descida do penhasco.

– Seth!

Estendi a mão, e ele se virou de repente.

– O que é?

A hostilidade em sua voz foi como uma bofetada, e eu me encolhi. De onde vinha tanta raiva? Nossa separação havia sido brutal, mas foi Seth quem optou pelo rompimento.

Segui-lo havia sido um grande engano. Eu me virei. Ele fez um barulho baixo, amargo, como se bufasse de desgosto, e virei novamente.

– O que significa isso?

Ele deu de ombros, os lábios se contorcendo numa expressão que me machucou ainda mais.

– Eu não disse nada. Se você se sente culpada...

– Culpada? Mas que...

– Não demorou muito, não é? Da minha cama para a dele.

– Cala a boca! – De repente eu estava furiosa. – Como se atreve, Seth? Você não sabe nada, *nada!*

– Nada? Então, vamos ver, está usando as roupas dele... – E apontou um dedo desdenhoso para o paletó de Abe, ainda sobre meus ombros. – Ele a toca em público, abraça-a no *funeral* do meu avô... – De repente ele estava pálido de raiva, uma fúria fria e quieta que me fez encolher. – Enquanto eu tive que ficar lá, *vendo* vocês dois se esfregando. Tudo aquilo era nada, então?

– Ele me deu um abraço, seu... seu bastardo idiota, imbecil e pervertido.

Agora era eu que sufocava com a raiva, quase não conseguia falar. No entanto, Seth... Seth continuava frio. Ele me observou por um minuto, o rosto marcado por linhas que eu nem reconhecia. Depois deu de ombros e começou a mancar colina abaixo.

– Pare – gritei, enfurecida a ponto de não conseguir raciocinar. – Pare agora, ainda não terminamos, Seth. – Ele continuou andando devagar, com dificuldade. Dessa vez eu projetei todo meu poder na palavra: – *Pare!*

E ele parou, os pés colados no chão. Por um minuto, foi como se não conseguisse acreditar no que acontecia. Vi o fluxo de sangue colorir sua nuca quando ele usou toda a sua força física para tentar se desprender do chão. Em seguida, ele olhou para mim, e sua expressão me assustou. Havia em seus olhos alguma coisa que se aproximava do ódio.

– Deixe-me ir. – Ele pronunciou as palavras devagar, como se dissesse o pior de todos os palavrões. – Ou vai se arrepender, bruxa.

– Desculpa. – Cobri a boca horrorizada e removi o feitiço, mas foi tudo tão rápido que ele caiu no chão, ralando mãos e joelhos nas pedras. – Ai, meu Deus, desculpa, por favor, eu vou... – Toquei seu ombro tentando ajudá-lo a ficar em pé, mas Seth empurrou meu braço com tanta violência que bati a mão em minha própria boca, cortando o lábio sobre a antiga cicatriz deixada pela bofetada de Caroline há muito tempo.

Gritei de dor e de repente senti o sangue na boca. As mãos de Seth

estavam em seu rosto. Sua calma fria e cruel se desfez e ele começou a chorar, soluços doloridos que pareciam rasgá-lo por dentro.

– Anna! – Seth falou com a voz sufocada, e no instante seguinte estávamos nos braços um do outro, meus pés fora do chão, seu rosto apertando o meu com tanta força que doía. Havia sangue em meu lábio, na minha boca, no colarinho dele, manchando com estampas escarlates no ombro e no peito o branco imaculado da camisa. – Anna – ele soluçou de novo, e eu também chorava.



Não sei o que os outros pensaram. Ninguém nos incomodou, embora tenhamos ficado ali por... nem sei quanto tempo. Eles saíram pelo outro portão e Seth e eu ficamos, abraçados como sobreviventes agarrados a um destroço do navio, enquanto o sino da igreja badalava o número de anos da longa vida de Bran e o coração de Seth batia sob meu rosto. Eu o sentia real em meus braços, magro e rígido, mas real – a pele quente sob a camisa, o coração forte e rápido.

Finalmente o sino da igreja silenciou e eu levantei o rosto do ombro de Seth. O sol se punha vermelho no oeste. Seth mancou até perto da parede da igreja, e nós sentamos para ver o sol afundar em nuvens escuras no horizonte, deixando o cemitério desolado e cheio de sombras.

– Seth, o que foi que fizemos? – perguntei. Virei para olhar seu rosto no crepúsculo. Era mais magro, havia sombras sob as maçãs do rosto que não deviam estar ali e cicatrizes novas que eu não reconhecia: hematomas e cortes parcialmente fechados.

– Não sei – ele disse finalmente. Depois passou a mão pelos cabelos, a expressão totalmente derrotada. – Não podemos voltar atrás, não existe essa possibilidade, mas sinto... – Seth fechou os olhos e meu coração doeu. – Eu me sinto dilacerado.

– O que aconteceu com sua perna? – perguntei em voz baixa.

– Um acidente idiota. Escorreguei durante uma tempestade há algumas semanas. Bati com o quadril e a perna em uma divisória do barco. Pensei que fosse só uma pancada mais forte, e parecia estar melhorando, mas... bem, nos últimos dias ficou pior.

– Vai ao médico enquanto estiver aqui?

– Tenho que ir, mas não sei o que vão dizer. Provavelmente, a ordem será para descansar e não fazer nenhum esforço. E não tenho essa opção.

– Por que não?

– Porque fui contratado para levar um barco a Helsinki em uma data determinada, e se não aparecer no prazo combinado, perderei metade do pagamento. Já estou atrasado. Entrei em um porto desconhecido sem visto ou documentação para atracar e depois disso deixei o barco. Nada disso fazia parte do plano. E o barco não é meu, tenho que voltar para pegá-lo, pagar as taxas, tentar recuperar o tempo perdido... – Ele suspirou e esfregou o rosto com um gesto cansado. – Lamento ter sido tão cretino com você. Estou... cansado e com dor. O voo foi horrível, oito horas espremido em um assento da classe econômica. No fim, quase nem conseguia andar.

– Seth... – Não consegui me conter. Tentei segurar sua mão, mas ele a afastou.

– Não.

Mordi o lábio e o vi levantar apoiando o peso do corpo na perna boa.

– Adeus – Seth falou com tom definitivo.

– Não, espere... – pedi, mas ele deu as costas e, sem pensar, desapareceu: – Pare!

E me encolhi quando a palavra saiu da minha boca. Queria poder recuar, desfazer a lembrança do que eu havia feito, mas ele parou, e dessa vez foi por vontade própria. Ficou parado de costas para mim, sem se mover, a silhueta longa e esguia recortada contra o céu do crepúsculo.

– Não vá, ainda não. Você... Podemos voltar juntos para a cidade?

– Você vai para o outro lado.

“Quero ir com você”, queria dizer, mas engoli as palavras e dei de ombros, tentando fingir uma indiferença que não sentia.

– Não faz mal. Preciso andar um pouco.

– Tudo bem – ele concordou quase furioso. – Mas vai ser muito lento. Estou mancando muito. Não me culpe se chegar tarde em casa.

Descemos a encosta em silêncio, lado a lado. Meu braço às vezes tocava o dele quando árvores e arbustos estreitavam o caminho, ou quando um de nós tropeçava em alguma coisa na escuridão. Uma vez os dedos dele roçaram nos meus, e eu tive que lutar contra a tentação de segurar sua mão.

Então, quando saímos do bosque no alto do penhasco, ele falou inesperadamente, o rosto voltado para trás, para o cemitério.

– Meu pai também está enterrado lá, mas perto do muro do outro lado. Seu funeral... foi diferente. Era inverno, chovia muito. Lembro que fiquei satisfeito porque a chuva lavava meu rosto, e nenhum dos meus amigos podia ver que eu estava chorando.

Um nó fechou minha garganta e não consegui falar.

– Meu pai... meu avô... – ele disse. Eu não sabia se ele falava comigo, ou consigo mesmo. – Coitada da minha mãe. Não tem mais ninguém para perder agora. Só eu.

– Seth, não. – Não pude me conter. Segurei sua mão e ele parou, o rosto pálido de tristeza. – Não fale assim.

– Assim como?

– Como... – Mas não consegui terminar. Como se ele fosse o próximo, era isso que eu pensava, mas não podia dizer. Minha boca tinha gosto de sangue e do sal das lágrimas.

Seus dedos envolveram os meus e, por um momento, ficamos ali parados. Seth fechou os olhos e eu vi as marcas deixadas pelas lágrimas em seu rosto. Em seguida ele se virou, ainda segurando minha mão, e percorremos lentamente as poucas centenas de metros até a doca, onde os barcos balançavam e as cordas entoavam seu estranho canto.

Paramos no píer.

– Você tem que ir – Seth falou. – Está ficando tarde. Seu pai vai ficar preocupado...

Assenti e respirei fundo.

– Adeus... Lamento por sua camisa.

Ele olhou para baixo, para as manchas de sangue e lágrimas espalhadas pelo peito e pelos ombros.

– Tudo bem... já aconteceu coisa pior. Lamento pelo seu lábio.

– Já aconteceu coisa pior – devolvi e forcei uma risada trêmula. – Seth, você... – Tentei engolir o nó na garganta. – Acha que algum dia vamos parar de nos machucar?

Ele virou o rosto, olhou além dos barcos e do porto, para o mar e para a interminável, indecifrável escuridão. Eu não conseguia ver seu rosto, mas ouvi quando engoliu em seco e notei o tom dissonante de sua voz quando falou:

– Não. Acho que nunca. Devíamos ter ouvido Bran. Algumas coisas... algumas coisas são simplesmente impossíveis.

Seus dedos seguraram os meus com mais força por um momento. Sua mão era fria; a pele, áspera, ressecada e machucada. Em seguida ele me soltou e se virou para ir embora.

## CAPÍTULO SEIS

— **A** nna! — A voz era insistente, firme. — Anna!

E de repente a Sra. Finch estava parada na minha frente, batendo na página com a ponta do dedo.

— Anna Winterson, pelo amor de Deus. Pedi três vezes para você ler o próximo trecho. O que está acontecendo com você?

— Eu... desculpe-me. — Saí do estupor em que me encontrava. — Não tenho me sentido...

Ela se abaixou, pousou a mão sobre a minha e seu rosto estava mais suave.

— Anna, está tudo bem? — E abaixou a voz. — Sei que o semestre não tem sido fácil para você, mas...

— *Estou bem* — irritei-me. A última coisa que eu queria era a piedade da Sra. Finch. As pessoas já se preocuparam comigo o suficiente na primeira vez que Seth foi embora.

Ela levantou as mãos e recuou um passo.

— Muito bem! Se quiser conversar sobre alguma coisa, fique depois da aula. Por ora, leia o próximo trecho, por favor. — A Sra. Finch suspirou ao ver minha expressão. — O que começa com “Normalmente é sugerido...”. E desta vez, *por favor*, tente prestar atenção.

Eu tentei. E tentei em casa também, ignorando a expressão preocupada de meu pai depois que Seth partiu para o aeroporto. Havia ignorado os passos dele do lado de fora do meu quarto à noite, quando havia se aproximado para ver se eu estava dormindo. Ignorava suas sugestões veladas sobre desistir das notas máximas se alguma coisa estivesse me incomodando. Fiz o possível para ignorar até os olhares preocupados de Emmaline e Maya, mas não consegui ignorar Abe. Eu tentei, mas ele não se deixava ignorar.





– Toc, toc. – A voz dele me assustou e interrompeu meu estudo de matemática. Com o susto, derrubei a caneta e bati a cabeça na mesa com força indescritível quando abaixei para pegá-la. Quando Abe abriu a porta do meu quarto, encontrou-me encolhida com a testa sobre os joelhos, as duas mãos apertando a cabeça.

– O que está fazendo, mulher? Isso é alguma posição de ioga para levar mais sangue ao cérebro?

– Cala a boca – gemi. Depois endireitei o corpo ainda massageando a cabeça. – Ai, ai, ai, ai...

– O que você fez?

– O que parece que fiz, seu idiota?

– Não desconte em mim! – Ele parecia estar se divertindo, mas veio se sentar ao meu lado na cama e tocou com delicadeza o lugar machucado. Senti sua magia se espalhar com um formigamento pela pele, e a dor recuou para um nível suportável. – Melhor?

– Um pouco. – Afastei-me e endireitei as costas. – O que está fazendo aqui?

– Vim ver como você está. – Ele me encarou como se tentasse decidir que caminho seguir, depois falou sem rodeios: – Emmaline está preocupada com você.

– Por quê? O que ela tem a ver com isso? – Ainda estava irritada por causa da dor na cabeça.

– Que coisa mais delicada para dizer sobre uma amiga! – Abe fingiu que estava chocado, mas eu sabia que não estava. – E você sabe por quê. Porque você está tendo um colapso, mas se recusa a admitir.

– Não – protestei, teimosa. – Estou resistindo bem.

– É mesmo? Que nota tirou no último trabalho de matemática?

Essa era fácil. Eu havia entregado o trabalho antes do Natal.

– Um dez – falei, convencida. – Obrigada por perguntar.

– E no último trabalho de prática, como se saiu?

Minha expressão murchou. Emmaline havia bisbilhotado minha vida.

– Cala a boca.

– Quanto tirou?

– Eu vou recuperar.

– Quantas horas dormiu na noite passada?

– Oito.

– Mentira.

Droga.

– Tudo bem, é mentira. Tenho tido dificuldade para dormir. E daí?

– Está enlouquecendo em silêncio! Anna, você está ultrapassando seus limites. Procurar sua mãe, acompanhar a escola, tentar espremer dezoito anos de educação mágica em alguns fins de semana... Francamente, acha que consegue manter esse ritmo? E agora o garotão apareceu de novo, cortou sua boca e deixou você mal outra vez.

– Ei! – Levantei com um pulo. – Deixe Seth fora dessa história. Ele não tem nada a ver com isso.

– É mesmo? Em que estava pensando ontem à noite, quando não consegui dormir?

Ele também se levantou, e nós nos encaramos. Os olhos de Abe eram negros, furiosos, e sua respiração era rápida. Eu não sabia o que dizer. Ele estava certo, sim, com certeza tinha razão, mas...

– Não é o que está pensando – falei finalmente.

– O que eu estou pensando? O que *realmente* estou pensando?

– Seth, o verdadeiro motivo da minha preocupação...

– Sim?

Eu me sentia doente. Mal havia começado a processar o que aconteceu com Bran, mas talvez Abe pudesse ajudar.

– Ai, Abe – falei, e de repente era um alívio desabafar, as palavras saíram atropeladas –, tenho estado muito preocupada. A perna de Seth... Tenho um pressentimento horrível. Acho que tem a ver com minha mãe. Ela amaldiçoou Bran, condenou-o a mancar. E acho que a maldição... Com a morte de Bran, a maldição... passou para Seth. – Parei e olhei nos olhos de Abe, que estava muito sério. – Isso é possível?

– Sim – ele confirmou devagar. Depois sentou na minha cama novamente e mordeu o lábio. – É possível, mas de onde tirou essa ideia?

Contei sobre Bran e o que ele me mostrou. Falei sobre a perna de Seth, sobre sua dor e amargura tão parecidas com as de Bran. E como os dois incidentes haviam se fundido lentamente em minha mente em uma certeza fria, dura.

– Ela pensou que Bran poderia protegê-la, não sei por quê. Contudo, tinha um grande conhecimento sobre profecias; era o tema de sua dissertação. Acho que ela encontrou alguma coisa que a fez pensar que Bran a ajudaria

e, assim, quando os Ealdwitan seguiam seu rastro, ela foi procurá-lo. No entanto, estava enganada, ele não a ajudou. Ele a mandou embora.

– Então ela amaldiçoou Bran... e os descendentes dele – Abe concluiu. Eu assenti.

– Você disse que Seth me deixou mal. É verdade, deixou, mas tudo aconteceu por minha culpa. Eu comecei isso e, embora esteja magoada, vou ficar bem. Vou superar. Contudo, também prejudiquei Seth, e acho que ele *não* vai ficar bem.

Pensei em Bran amargo e deformado, preso àquela ilha. Ele previu que a mudança para Winter o mataria, que não conseguiria viver tão longe do mar. E estava certo.

– Se a maldição passou para Seth – falei devagar –, como vou desfazê-la?

– Depende – respondeu Abe. – Se a bruxa que lançou a maldição ainda estiver viva... – Ele olhou para mim, os olhos negros muito diretos. – Está?



No dia seguinte, andei até a escola me sentindo mais cansada que nunca depois de mais uma noite sem dormir, revendo todas as coisas em minha cabeça. Conversar com Abe devia ter feito eu me sentir melhor, mas não fez.

No entanto, tomei três xícaras grandes de café e estava determinada a manter o controle hoje. Havia feito minha lição de casa de inglês, estava preparada para a prova de estudos clássicos. Bem, *mais ou menos*. E faltavam só algumas semanas até o fim do semestre. Depois disso viriam os feriados de Páscoa, e então entraríamos em recesso para estudar até as datas dos exames. Eu podia me segurar por duas semanas. Não podia?

Mal havia saído do bosque quando meu celular apitou. VOCÊ TEM UMA NOVA MENSAGEM DE VOZ, anunciava a notificação. Digitei o número da caixa postal e ouvi o recado enquanto caminhava.

– Alô? – A voz soava ao mesmo tempo áspera e suave como chocolate. Era Caradoc, e ele ainda não sabia identificar o ruído da caixa postal. – Alô? É a Srta. Winterson? O quê? – Pela mudança no tom, a última pergunta foi feita a alguém que devia estar atrás dele. Depois um suspiro. – Ah, uma gravação. Muito bem. Um recado para Anna Winterson. – Ele falava com muita clareza, como se fizesse um ditado para alguém com

dificuldade auditiva. – Caradoc Truelove falando. Encontrei o texto sobre o qual estávamos discutindo, mas não quero dar detalhes por telefone. Não queremos que essa tradução siga o mesmo caminho do original. Pode vir à loja para conversarmos pessoalmente? Por favor, telefone para mim. Obrigado. Até logo. É só isso? Ah, tenho que apertar este...

Liguei de volta com os dedos trêmulos, mas a voz que atendeu na loja era a de Jonathan gravada na secretária eletrônica.

– Alô, e bem-vindo à Truelove & Fox. A loja funciona das 10 às 17 horas, de terça-feira a sábado, e somente com hora marcada às segundas e aos domingos. Se está ligando fora desses horários, por favor, deixe um recado. Obrigado.

– Oi – comecei, as palavras se atropelavam. – Jonathan, acabei de ouvir a mensagem de Caradoc. Estou indo a Londres. Chego aí... – olhei meu relógio – às onze, mais ou menos. Até mais tarde.

E a revisão para estudos clássicos havia sido perda de tempo, aparentemente.



O trem era lento. O metrô era lento. Corri da estação na Leicester Square, passando no meio de pessoas que andavam devagar, que circulavam sem pressa. Então, finalmente, entrei em Cecil Court e atravessei o pátio de pedra, tentando acalmar minha respiração ofegante. *Truelove & Fox*, anunciava a modesta placa cinzenta na loja mais afastada da entrada, e embaixo, em letras menores, *Livros Antigos*.

O sino sobre a porta tilintou quando entrei, e eu chamei:

– Caradoc! Jonathan! Sou eu, Anna.

Ninguém respondeu.

Fiquei parada diante do balcão por um momento, olhando para os belos grimórios dourados na vitrine trancada, e depois, sentindo-me como uma intrusa, contornei o balcão e espiei pela porta da sala no fundo. Ali também não havia ninguém, mas tinha uma xícara de chá preto sobre o móvel, e uma espiral de fumaça saía de dentro dela.

Estranho, mas pelo menos eu sabia que havia alguém ali. Eles não teriam saído sem trancar a porta. Talvez estivessem lá embaixo?

Havia uma segunda sala de livros no subsolo; uma área secreta para

volumes obscuros que só os bruxos conheciam. O acesso era por uma porta escondida que consegui encontrar uma vez, embora nunca tenha descoberto se abri a porta por força de vontade ou se Caradoc ajudou. E agora nem imaginava como destravá-la. O piso era de madeira brilhante, e não havia vãos evidentes.

– Caradoc? – chamei, esperançosa, e me ajoelhei no chão unindo as mãos sobre as tábuas. – Caradoc, está me ouvindo? Pode abrir a porta?

E ouvi... Não sei o que ouvi. Alguma coisa. Um som tão fraco que era difícil identificar. No entanto, de repente, senti um nó no estômago e soube que tinha que entrar naquele porão. Simplesmente tinha que entrar.

Apoiei-me à parede e tentei lembrar um feitiço.

– *Ætýne!* – disse, numa tentativa. Uma fenda negra apareceu no meio da loja, um resquício de escuridão pairava no ar ralo e houve um sopro de vento antes de a porta se fechar novamente com um “bang”. Meu estômago se retraiu. O ar tinha cheiro de... sangue.

– *Ætýne!* – gritei, e a porta no chão se abriu com um estrondo de trovão, deixando um buraco negro no meio da loja, uma escada que descia para a escuridão. Cobri a boca com a mão para sufocar um grito. O cheiro de sangue era mais forte do que nunca.

– Caradoc! – chamei, tentando não deixar a voz tremer. – Caradoc? Jonathan?

Silêncio. Os únicos sons eram o da minha respiração hesitante e do rangido da escada que comecei a descer indo ao encontro do porão e do que havia nele.

Não conseguia ver quase nada na escuridão, só alguma coisa no piso cintilando com um brilho embaçado, fosco. Minha mão procurou e encontrou um interruptor na parede, e lâmpadas fracas se acenderam espalhando sua luminosidade tímida pelo porão, uma depois da outra, iluminando a poça formada ao pé da escada.

Sangue. Cobri o rosto com a mão tentando bloquear o cheiro de açougue, sufocando o grito que queria explodir diante da visão da poça vermelha. Era demais. Ninguém podia perder tanto sangue e ainda estar vivo. Podia?

Segui a trilha de líquido viscoso no chão, entre as fileiras de estantes. Estava apavorada com a ideia do que poderia encontrar, mas não podia voltar atrás.

A onda vermelha envolvia os pés de uma grande estante de prateleiras.

Fiz a curva seguindo a trilha... e um grito escapou da minha boca.

Havia sangue... Sangue em todos os lugares, respingado nos livros e nas paredes, até na luminária.

E, no centro, Caradoc jazia em paz como uma criança adormecida, a garganta cortada de orelha a orelha.

– Caradoc!

Caí de joelhos na poça vermelha e pegajosa e, incapaz de me conter, mesmo sabendo algumas coisas sobre perícia na cena de um crime, toquei seu rosto. A garganta havia sido cortada logo acima da gravata, e o tecido estava encharcado de sangue. A impressão era de que o peito dele também estava aberto.

– Caradoc... Ai, meu Deus, Caradoc...

Então ouvi nitidamente o som de passos lá em cima, na loja.

Não pensei que meu corpo pudesse produzir mais adrenalina, mas, antes que conseguisse pensar, eu estava em pé, o coração disparado. Devia gritar por socorro? Devia me esconder?

Antes que eu decidisse, um grito soou na escada.

– Caradoc!

Parei, congelada. Ouvei mais um grito.

– Caradoc, eu trouxe o leite. Quer que eu deixe o seu aqui ou prefere que eu leve aí embaixo?

– Jonathan! – Corri para a escada e comecei a subir, meus sapatos e dedos escorregando no sangue de Caradoc. – Precisamos... a polícia... ai, meu Deus... Caradoc, ele está...

A xícara de chá que Jonathan segurava caiu no chão da loja, e cacos de porcelana e respingos da bebida se espalharam em todas as direções com um barulho horrível.

– Anna, o que...? – Ele estava parado na porta, o rosto pálido e tomado pelo terror diante do sangue em minhas mãos e roupas. – Meu Jesus, o que...

– Chame a polícia! – Cambaleei na direção dele, mas Jonathan deu um passo para trás numa reação instintiva, e eu me agarrei ao balcão para não cair. – Precisamos de uma ambulância. É Caradoc, ele...

– Deixe-me ver...

Jonathan desceu a escada para o porão, mas parou ao ver o lago de sangue.

– Cristo! Ajuda... – Ele cobriu a boca com a mão como se tentasse evitar o vômito, depois disse: – Mas o que... aconteceu? Anna, o que aconteceu?

Sua face estava muito branca, as maçãs de seu rosto estavam muito vermelhas, e os olhos estavam muito abertos e transtornados.

– Ele está morto – falei com a voz sufocada. Por um segundo tudo pareceu dançar na minha frente e eu rangi os dentes, tentando não enlouquecer.

– Ele está morto? – Jonathan não conseguia processar a informação. – Mas como...?

– Sua garganta foi cortada. – Senti a bile subindo pela minha laringe, e meus ouvidos apitaram. Quase não ouvia as perguntas de Jonathan enquanto balançava a cabeça, tentando evitar a náusea. – Chame a polícia – era tudo que eu conseguia dizer.

– Não podemos – Jonathan respondeu, furioso. – Ele está na parte proibida da loja. Não podemos permitir que a polícia dos apartados vasculhe tudo lá embaixo.

– Danem-se os apartados! – Solucei. – Que importância tem isso?

– Ainda é importante! – Jonathan gritou de volta. Sua expressão era contorcida pela agonia, e ele se apoiou a uma estante de livros, o rosto coberto pelas mãos. – Oh, Deus, Caradoc! Ai, meu querido...

– O que podemos fazer, então?

– Vamos ter que tirá-lo de lá. Trazê-lo para cá.

– Não!

– Você não entende. – Jonathan falava devagar, rangendo os dentes. – Minha vida e a sua não terão mais nenhum valor se deixarmos a polícia apartada mexer em tudo lá embaixo.

– Mas aqui em cima não vai fazer sentido nenhum. A cena do crime... Não vai haver sangue. E como alguém poderia ter cometido o crime aqui sem ser visto? – Apontei para a rua.

– Temos que convencer a polícia. – Seu rosto era sombrio. – De um jeito ou de outro. Vai me ajudar ou não?



Jonathan vomitou quando levamos o corpo de Caradoc para a parte de cima da loja, e vomitou de novo quando tentamos colocar o cadáver na

posição mais próxima possível daquela em que o encontrei. Eu ajeitava a mão de Caradoc sobre o peito, como ele estava no porão, quando notei um pedacinho de papel entre seus dedos fechados.

Peguei o papel e o desamassei. Era um cantinho de folha, não mais do que isso, impresso em tipo preto e pesado como o dos romances vitorianos. Embaixo das manchas de sangue, eu li:

*Um Enigma*

*Uma criança nascerá na festa de Reis*

*Um filho da gralha*

*E a*

– O que é isso? – Jonathan perguntou, enxugando os olhos com a manga de sua blusa.

– Acho... – Engoli a dor que formava um nó em minha garganta. – Acho que foi isto que eles vieram buscar. Um enigma. E o levaram.

– Um enigma? – Jonathan levantou os olhos para o teto e seu rosto se contorceu numa expressão de sofrimento tão grande que tive que desviar o olhar. – Oh, Caradoc, você deu a vida por um maldito enigma.

E ele começou a soluçar – soluços profundos, pesados, doloridos. Tentei confortá-lo, mas ele esticou a mão.

– Vá. Vá embora, Anna.

– Mas... a polícia...

– Vá. – Sua voz era áspera e dilacerada. – Você não pode ajudar. É melhor não complicar as coisas ainda mais. Posso dizer simplesmente que o encontrei. – Jonathan tirou a gaveta da caixa registradora e a esvaziou no chão, espalhando moedas que rolaram até a porta. – Pronto. Foi um assalto. Vou chamar a polícia agora, vai embora.

– Mas... minhas roupas. Estão cobertas de sangue.

– Você é uma bruxa – Jonathan gritou. – Limpe o que tem que ser limpo.

Ele caiu de joelhos no chão da loja enquanto eu saía dali.

As manchas de sangue haviam desaparecido quando cheguei à avenida principal.

As lágrimas em meu rosto demoraram mais para secar.





Vaguei sem rumo tentando andar para longe do pavor e da agonia. Leicester Square, Soho, Oxford Street, Regent Street, Piccadilly, Bond Street... Andava em zigue-zague por Londres, as ruas duras sob meus pés, os apartados se desviavam de mim como folhas sopradas pelo vento. Meus pés latejavam, mas a sensação, de alguma forma, mantinha afastada a lembrança de Caradoc, e eu continuei andando até ir parar em Green Park.

E lá, de maneira bizarra, inexplicável, Emmaline apareceu na minha frente, seu rosto tomado por uma mistura de fúria e choque. Ela se aproximou correndo, segurou meus braços com intensidade dolorosa, depois me abraçou.

– Graças a Deus! O que aconteceu?

– Como assim? – perguntei, atordoada.

– Abe ouviu você. Não sei como. Ele ouviu você gritar e ligou no meu celular quando eu estava no colégio. E foi então que percebi que você não havia aparecido o dia todo. Fui à sua casa e você havia saído. Que diabo está fazendo aqui?

– Eu vim... – Sentei na grama e puxei os joelhos contra o peito. – Vim procurar Caradoc.

– E? Anna, o que aconteceu? Parece que você viu um fantasma.

Era muito próximo da verdade. Fechei os olhos, apertei as mãos contra o rosto. As palavras cresceram dentro de mim e me sufocaram, alojaram-se em minha garganta como pedras.

– Caradoc está morto – consegui falar.

– *Morto?*

– Eu havia pedido para ele encontrar um texto, um enigma que minha mãe roubou dos Ealdwitan. Ele o encontrou e telefonou para me avisar, mas foi assassinado antes que eu pudesse encontrá-lo.

– Meu Deus. – O rosto de Em perdeu toda a cor, e ela sentou na grama ao meu lado. – Isso é sério, não é?

– Eu não devia ter envolvido Caradoc! – gritei. – A culpa é toda minha. Eu *pedi* para ele procurar o enigma. Devia saber!

– Como podia saber? *Não* é sua culpa!

– É o que as pessoas sempre dizem. Não é minha culpa... não é minha culpa... Nada disso é minha culpa. A morte de Bill, a morte de Bran, agora a

morte de Caradoc. Não matei nenhum deles... mas todos morreram por minha causa, Em. Não é minha culpa? Mesmo? O que mais você quer?

– Eles morreram por um motivo muito maior que você. E o fato de ter sido envolvida nisso não a torna responsável. Você está nessa armadilha como todos nós. Podia ter sido você.

– Quem é o próximo? Quem vai ser o próximo?

Em só balançou a cabeça, enquanto imagens horríveis passavam por minha cabeça: Emmaline, Abe, Seth, meu pai... Fechei os olhos sem conseguir suportar aquilo, mas as imagens só ficaram ainda mais nítidas na escuridão.

– É Thaddeus Corax – falei finalmente. – Eu sei que é ele. Corax foi responsável pela morte de Bill. Ele *deve* saber o que minha mãe tentou esconder. Ele sabe... e não quer que eu descubra.

– Pode ser – admitiu Em, mas havia relutância em sua expressão. – Mas o que você vai fazer?

– Vou falar com ele.

– Você ficou maluca.

– Não, é o único jeito. Se eu continuar tateando no escuro, mais gente vai acabar sofrendo. Assim...

– Assim a pessoa que vai sofrer é *você!*

Apenas concordei movendo a cabeça.

– Não – Em falou. E segurou meu braço. – Não! Não seja burra, *não* é desse jeito.

– Esse é o único jeito. – De repente eu me sentia calma. – Vou procurar Thaddeus no escritório. Vou marcar um horário. Se tudo for feito abertamente, o que ele pode fazer?

– Você acabou de dizer que acredita que esse cara *matou* Caradoc Truelove. E está me perguntando o que ele pode *fazer?*

– Ele não vai me matar. Ele quer alguma coisa, alguma coisa que eu tenho. Sou praticamente a única pessoa de quem ele não pode se livrar.

– Você é maluca. – Em empurrou os óculos para cima do nariz com impaciência, depois pegou o celular. – Vou ligar para Abe.

– Pode ligar para quem você quiser. Eu vou telefonar para Marcus.

– Quem é Marcus?

– Meu primo. Filho de Thaddeus.

Ouvi Emmaline apertar com movimentos frenéticos os botões do

telefone, e, quando pus a mão no bolso para pegar meu celular, encontrei o lenço grosso e caro de Marcus. De repente me sentia completamente calma, absolutamente segura.

Ele atendeu no primeiro toque.

– Alô?

– Alô, Marcus? É Anna. Anna Winterson.

– Oi, Anna. Que bom ouvir sua voz.

– Não liguei para bater papo, desculpa. Preciso de um favor.

– Não precisa se desculpar. Que favor? Não posso garantir nada, mas, se eu puder ajudar...

– Quero encontrar seu pai.

– Ah. – Houve um silêncio do outro lado da linha.

– Marcus?

– Sinto muito, acho que não posso ajudar.

Mordi o lábio.

– Não quero ser insistente... mas é muito importante. Eu posso ir e esperar, não importa quanto tempo vá demorar.

– A agenda dele é preenchida com semanas de antecedência.

– Ele não pode me encaixar entre dois compromissos? Ou durante um jantar? Desculpe, Marcus, mas é urgente. Se for necessário, vou ficar sentada na porta do escritório até ele sair. Prefiro não fazer uma cena, mas farei, se for necessário.

– É tão importante assim? – perguntou Marcus.

– Sim.

Houve outro período de silêncio, como se Marcus tentasse tomar uma decisão. Depois ele disse:

– Espere, vou falar com a secretária dele e ver o que pode ser feito.

Houve outro silêncio, uma pausa interrompida por uma porta fechando e vozes abafadas. Em seguida Marcus voltou à linha.

– Está com sorte, ele acabou de ter um compromisso cancelado. Na verdade, era uma reunião com sua avó, mas ela recebeu um chamado de emergência e teve que sair apressada. Um velho amigo sofreu um acidente, acho.

Caradoc. Ai, Caradoc! Fechei os olhos e pensei em minha avó a caminho da terrível notícia que a esperava.

– Sim – confirmei. Nem tentei disfarçar a tristeza que dominou minha

voz. – Esse é um dos motivos pelos quais preciso falar com seu pai.

– A reunião que ele teria com sua avó estava marcada para as quatro. Consegue chegar lá nesse horário?

– Sim, estarei lá. Tchau, Marcus.

– Tchau, Anna.

Ele desligou.

Quando guardei meu celular, ouvi a voz apavorada de Emmaline e imaginei o tom sarcástico de Abe do outro lado da linha.

– Sim, completamente maluca... estou falando... Sim, é claro que tentei, mas, se não der certo, o que posso fazer? Diz... – Houve um longo silêncio, e depois de um instante Emmaline assentiu. – Tudo bem, vou tentar... Tudo bem... Tchau.

Ela olhou para mim, depois balançou a cabeça.

– Abe está a caminho. Disse para você não se matar antes de ele chegar.

## CAPÍTULO SETE

— **Q**ue bom ver você de novo, Anna. — Marcus me beijou nos dois lados do rosto, depois olhou para Emmaline e Abe atrás de mim, ambos parados ao lado do balcão da recepção com uma atitude que misturava raiva e tensão. — Não vai me apresentar seus amigos?

— Marcus, esta é Emmaline Peller. Emmaline, este é meu primo Marcus. E ele é Abe Goldsmith.

— É um prazer conhecê-los. — Marcus apertou a mão de Emmaline e depois a estendeu para Abe. Abe só olhou para a mão estendida, como se não conhecesse esse costume bizarro de trocar “apertos de mão”. Houve um breve silêncio e, depois de um momento, Marcus deu de ombros e abaixou a mão. Pensei que ele ficaria ofendido, mas, quando olhou para mim, tinha os cantos da boca levantados por um sorrisinho.

— Bem, como vocês estão alegres. Todos vão falar com meu pai?

— Não — respondi, e no mesmo instante Abe disse “sim”.

Nós nos encaramos.

— Ah, desculpe — Abe falou. — Você e Thad precisam de um tempo a sós para lembrar os velhos tempos? Ou vai contar a ele seus segredos de garota?

— Não convidei você para vir — resmunguei.

— Não, meu papel de escudo humano se enquadra na categoria de serviço voluntário — Abe respondeu, furioso.

— Como é que é? — Marcus olhou para mim e depois para Abe com uma expressão confusa, e de repente me senti cansada demais para continuar brigando.

— Venha também, se quiser — eu disse. — Não importa. Mas eu falo, certo?

— Certo — Abe concordou.

Andamos o longo corredor de carpete de veludo, e eu sentia Emmaline atrás de mim olhando para tudo com uma mistura de admiração e horror,

notando as luzes de bruxa tremulantes, os amplos cômodos abobadados à direita e à esquerda, o pulso e o fluxo de poder embaixo dos nossos pés, onde os rios acorrentados a este lugar se contorciam e retorciam pela liberdade.

– Isso é demais – ela cochichou. – Mal consigo respirar, é podre de magia.

Eu sabia a que ela se referia. O peso do poder que pairava no ar era quase sobrepujante. No entanto, quando vi tudo aquilo pelos olhos dela, tive a estranha sensação de que o feitiço que mantinha o lugar em pé estava se curvando, não funcionava mais sem esforço como antes, talvez fosse até inadequado. Era como ver um dique contendo o mar, e de repente um pedregulho rola pela parede: o aviso de um dilúvio.

– Aqui estamos – disse Marcus, e nós paramos diante de uma porta de carvalho entalhado, enegrecido pela idade e muito brilhante. Ele bateu na porta e esperou um momento. Nenhuma resposta.

– Hum... – Marcus olhou para o relógio. – Ele devia estar aqui, está esperando vocês. – E bateu de novo.

– Ah, pelo amor de Deus. – Abe segurou a maçaneta. – Ele deve ter dormido.

– É inútil tentar abrir a porta – Marcus avisou. – Meu pai tem encantamentos que a tornam impenetrável e... – Mas ele se calou quando Abe girou a maçaneta e abriu a porta sem esforço.

Aparentemente, Abe havia acertado; Thaddeus Corax não estava sentado atrás da mesa, mas deitado no sofá diante da lareira acesa. O encosto do sofá nos separava dele, mas vi sua cabeça apoiada no braço, os olhos fechados.

– Pai – chamou Marcus, aproximando-se com passos rápidos. – Pai, seu compromisso das quatro...

E parou. Por um momento não entendi por que, depois, quando me aproximei dele e pude enxergar por cima do encosto do sofá, eu percebi.

O cabo de osso entalhado de uma espada brotava da região entre as costelas de Corax.

Ele estava morto, golpeado até a morte.

Antes que eu tivesse tempo de falar alguma coisa, houve um rugido aterrorizante, o papel vermelho da parede se rasgou como lenço de papel molhado, e as paredes da sala desabaram.

Vi Marcus com os braços estendidos para o pai; Abe pálido de pavor; Emmaline congelada no meio de um grito. E depois a água invadiu tudo. Acima do estrondo e do barulho, ouvi Marcus gritar um feitiço e vi um enorme escudo surgir e isolar seu lado da sala. No entanto, antes que a proteção pudesse me alcançar, a corrente me arrastou.

Em algum lugar no meio da água lamacenta e violenta, senti uma mão agarrar meu pulso com força.

– Não solte – a voz de Abe explodiu em minha cabeça, e eu não soltei. Ele me puxou na correnteza destruidora, abraçou-me, e seu escudo se abriu para cobrir nós dois. Eu sabia que devia tentar ajudá-lo, mas a força da água nos esmagava, arrancava o ar do meu corpo, e depois a água cobriu minha cabeça, e eu tive que me concentrar em continuar viva.



Estava em uma praia, se é que podia usar essa palavra para descrever o chão lamacento ao lado do rio imundo. E estava coberta da cabeça aos pés de um lodo preto e fedorento. Havia pedrinhas frias em meu rosto, e vi à minha volta latas vazias de refrigerante, sacolas plásticas molhadas, uma camisinha usada. Sentei cuspiendo sujeira e areia e olhei em volta com desespero, tentando descobrir onde estava.

Por um minuto fiquei totalmente desorientada, depois vi ao longe a conhecida torre em forma de pirâmide de Canary Wharf. Devia estar na margem leste do Tâmis... mas como? E onde estavam os outros?

Ouvi alguém tossir à minha direita e olhei na direção do ruído. Abe estava encolhido no lodo.

– Abe! – Eu o abracei com força, e ele tossiu água do rio.

– Devagar – disse com voz rouca, mas seus dedos apertaram meu pulso. Senti uma onda quente de alívio por ele estar vivo.

– Você está bem?

– Não, estou deitado aqui morrendo – Abe resmungou, sentando-se com esforço. – Você está só alucinando quando me vê tossindo e cuspiendo água como um bebê de dois meses.

– Para com isso – pedi, e ele pôs seus braços em torno do meu corpo, mesmo imunda e fedida como estava. Meus dedos agarraram seus cabelos sujos de lama, e em seguida olhamos para o rosto sujo e enlameado um do

outro.

– Que diabo acabou de acontecer? – Abe perguntou.

– Não *sei*. – Tentei fazer meu cérebro encharcado e castigado funcionar direito. Depois, quando comecei a perceber todo o horror do que havia acontecido, fechei os olhos. – Ele está morto. Thaddeus Corax está *morto*.

– E daí? – Abe perguntou. – Por que se incomoda com isso?

– Ele sabia... – falei devagar. – Era a única pessoa viva que sabia a verdade sobre mim. Todos que se aproximam são eliminados, mas eu pensei... pensei...

– Pensou que ele estava por trás da morte de Caradoc – Abe concluiu. – Talvez estivesse. Mas, então, quem o matou?

– Será que foi um espião? – Olhei para ele. – O que está acontecendo?

– Anna, isso é inútil. – Ele estendeu a mão suja de lama e me puxou, colocando-me de pé. – Não vamos conseguir respostas aqui. E temos que encontrar Em.

Emmaline. Meu Deus. Tentei pensar, lembrar se o escudo de Marcus a havia protegido... e não consegui.

Meu único conforto era saber que ela era uma bruxa poderosa. Se a magia pudesse salvá-la, Emmaline ficaria bem.

– Vamos tentar ligar para ela – disse Abe. Contudo, nossos celulares estavam desligados, encharcados de água. Mesmo quando tentamos salvá-los com magia, nada aconteceu.

– Burro – Abe resmungou.

Nós nos encaramos por um tempo, depois começamos a andar na direção de Londres.

Ficamos em silêncio depois de dois ou três quilômetros, por isso, quando a exclamação sem palavras de Abe interrompeu o ritmo agitado dos nossos passos, olhei para cima assustada.

– O que é?

Em resposta, ele apontou o buraco aberto nos galpões Wapping, um espaço por onde era possível ver o Tâmis.

Sufoquei minha exclamação de espanto.

O Tâmis corria vermelho de sangue.

Uma camada de entranhas boiava da margem sul para o rio, transformando o rio em uma correnteza vermelha e agitada. O vento trazia o som de sirenes e um ruído abafado de vozes.



– Temos que atravessar – disse Abe. – Como? Você é a londrina. Tem alguma ponte por aqui?

– Sim, por ali – respondi.

Abe agarrou meu pulso e começamos a correr.

Eu ouvia as sirenes e os gritos enquanto corríamos pela Shad Thames para as docas de St. Saviours, e o tempo todo o dilúvio de sangue continuava inundando o rio como uma artéria cortada. O que *era* aquilo? De onde vinha?

– Para trás – gritou um policial quando nos aproximamos. Ele abriu os braços impedindo nossa passagem. – Houve um desabamento, um prédio caiu. O acesso está proibido até a área ser desinterditada.

– Ah, seu desgraçado – Abe arfou. Depois me puxou para trás de um prédio e disse: – Invisibilidade. Agora.

E desapareceu. Não fosse por sua mão segurando meu pulso, eu nem saberia onde ele estava.

– Vai logo – ouvi a voz dele perto da minha orelha. – O que está esperando?

Eu estava arrasada; com frio e exausta, tanto no aspecto físico quanto no mágico. Havia visto dois cadáveres desde o café da manhã, era como se tivesse vivido cem anos desde que ouvi a mensagem de Caradoc.

Não sentia uma migalha de poder em mim, mas Abe havia conseguido, e eu não ia pedir a ajuda dele. De jeito nenhum. De algum lugar, tirei um resto de magia e resmunguei um feitiço que minha avó havia me ensinado.

– Funcionou? – perguntei.

– Não completamente – ouvi a voz de Abe em tom de avaliação. – Vejo seu contorno como uma onda.

Rangi os dentes e repeti o feitiço, arrancando poder de cada músculo, sentindo-o se espalhar por minha pele como um arrepio.

– Melhor – ouvi Abe dizer. – Vamos, enquanto você ainda consegue sustentar o feitiço. Segure minha mão para não nos perdermos um do outro.

Corremos em silêncio de volta ao local onde estava o policial e viramos a esquina. Quase tropeçamos em outro policial que apareceu na nossa frente, incapaz de nos ver chegando. Continuamos em frente nos equilibrando na beirada da doca de St. Saviours, quase na água, olhando boquiabertos para as ruínas de um enorme depósito perto da entrada das docas. As fundações pareciam ter desmoronado embaixo do prédio; tijolos e pedaços de concreto

se amontoavam na água, e debaixo deles vinham os jorros de sangue misturados a alguma coisa preta e viscosa como piche. Correntezas borbulhavam sob a superfície, como se uma criatura gigantesca e sinuosa se retorcesse nas profundezas. Havia aves mortas na água vermelha: três deles, corvos. Pássaros de verdade ou bruxas presas em seus estados transmutados e incapazes de sair dele? Um sapato feminino de grife passou flutuando na corrente agitada. Parecia muito com os sapatos que minha avó usava. De repente senti um enjoo forte, incontrolável, e cobri a boca com a mão para conter a ânsia, enquanto o suor frio cobria minha pele.

– Anna!

O sussurro urgente e repentino de Abe me fez perceber horrorizada que eu havia me tornado visível.

– Não! – Ele agarrou meu braço, e dominei o feitiço novamente. – Não piore as coisas... Ah, você conseguiu. Sua idiota, tinha um policial olhando.

– Desculpe, eu não...

– Tudo bem, mas fique invisível e vamos sair daqui. Temos que encontrar Em.

– E Marcus – sussurrei.

– Dane-se o Marcus – Abe disparou com tom ríspido. Depois me puxou para um espaço entre os depósitos, e nós dois tropeçamos em alguma coisa rígida e invisível, alguma coisa que esbravejou de choque e dor.

– Ai! – Abe gritou e ficou repentinamente visível, como se alguém acionasse um interruptor. Uma de suas mãos estava estendida, tateando o obstáculo invisível. A outra cobria o nariz, que sangrava. – Pelo amor de Deus, meu nariz de novo, não!

– Seu nariz! – Emmaline surgiu de repente na nossa frente, cobrindo a testa com as duas mãos. – E a minha cabeça?

– Quebrou a cabeça? Duvido.

– Ah, Abe! – Ela abaixou as mãos e o abraçou, apertando-o tanto que ele gemeu. – Fiquei muito preocupada. Onde você estava? E onde está Anna?

– Estou aqui! – Dei um passo em direção a Em e percebi, por causa de seu olhar para várias direções, que continuava invisível. – Aqui! – Interrompi o feitiço com impaciência. – Sou eu!

– Anna! – Em me abraçou. – Graças a Deus. O que aconteceu?

– Não sei. Fomos parar em algum lugar perto de Canary Wharf, a quilômetros daqui. O que aconteceu com você?

– A correnteza nos jogou na margem perto de Westminster. Fizemos a única coisa em que conseguimos pensar, seguimos o fluxo do rio... e demos de cara com isso.

– Nós quem? – Abe perguntou com tom seco.

– Eu e Marcus – Em respondeu. A alguns passos de nós, o ar tremulou como uma onda de calor, e Marcus apareceu. Ele estava seco. Imaculadamente seco. Em e eu percebemos.

Olhei para baixo, para as minhas roupas encharcadas que começavam a secar; nelas se formavam pregas duras e recheadas de lodo.

– Marcus nos protegeu com um escudo – Emmaline contou tímida, interpretando meu olhar. – Por isso não ficamos molhados.

– Não tem importância – disse Marcus. – Podemos dar um jeito nisso. – Ele apontou um dedo para os meus pés e murmurou alguma coisa, traçando uma linha dos meus pés até a cabeça, passando pelo centro do corpo. Quando olhei para baixo, minhas roupas estavam secas e limpas. Não era ilusão, elas estavam realmente limpas.

– Uau! – exclamei. – Por que não pensamos nisso, Abe?

– Parece que algumas pessoas se preocupam mais em encontrar os amigos, em vez de secar suas roupas – ele respondeu, azedo. – Peço desculpas se tinha outra coisa em mente.

– Acha que eu não tinha? – Marcus replicou, furioso. – Esqueceu que vimos o corpo do meu pai pouco antes de o escritório dele explodir e desabar?

– Se estava preocupado, tem um jeito bem esquisito de demonstrar – Abe devolveu.

– Meu pai está *morto*. Foi assassinado. E você acha que pode tirar conclusões sobre o que estou sentindo?

Houve uma faísca repentina de fúria no ar entre os dois, uma sensação de tensão silenciosa, como se uma grande luta invisível acontecesse ali. Abe cerrou os punhos, e vi uma veia saliente na testa de Marcus. O ar parecia vibrar com a intensidade da fúria, e depois, também de repente, os dois se viraram.

Olhei de um para o outro tentando entender o que havia acabado de acontecer ali. O rosto de Abe estava contorcido pelo aborrecimento, mas havia no canto da boca um sorriso cruel. Marcus dava a impressão de que nada havia acontecido, mas respirava depressa; vi seu peito arfando

embaixo da camisa branca.

– Se já terminaram de trocar farpas – Emmaline falou, irritada –, talvez seja hora de tentarmos entender o que aconteceu.

O que *aconteceu*? De repente, todo o horror dos episódios recentes se apoderou de mim. Dois homens mortos, assassinados como porcos. E a única coisa que os ligava era uma informação sobre o meu passado, minha verdadeira identidade, e o fato de eu ter ido – ou tentado – procurá-los para descobrir a verdade. Então, outra coisa me ocorreu.

– Elizabeth. E se ela estava lá?

– Não acredito que estivesse – disse Marcus. – De qualquer maneira, ela já deve ter voltado. Eles certamente a chamaram de volta.

– Que entrada ela pode ter usado? – perguntei. – Ela ia a Charing Cross.

– Não tenho certeza. – Marcus massageou a têmpora. – Pode ser a Fleet ou a Effra. Ela usa mais a entrada Effra. Acho que essa seria sua primeira tentativa. Eu vou com você. Preciso voltar lá, descobrir o que aconteceu.

– Obrigada – falei. Olhei para ele, para seu rosto pálido e abatido, as sombras escuras sob seus olhos. Queria abraçá-lo, prometer que tudo ia ficar bem, mas não o conhecia bem o bastante. E, de qualquer maneira, essa era uma promessa que eu não tinha o direito de fazer. O pai de Marcus havia morrido. Nada ficaria bem de novo para ele.

Em vez disso, olhei para Abe e Emmaline. – Vocês não precisam ir. Não sei o que vamos encontrar. Não quero...

Abe balançou a cabeça, sua mandíbula estava tensa.

– Se você vai voltar, eu também vou.

Olhei para Emmaline, e ela levantou uma sobrancelha.

– O quê? Acha que vou voltar para Winter sozinha? Sem chance. Pode pedir um táxi para quatro.



Paramos no parapeito da Ponte Vauxhall e olhamos para a água escura, agitada.

– Nada de sangue – disse Abe. – Parece que está tudo bem.

– Só tem um jeito de descobrir – falou Marcus. – Então, quem vai primeiro? Eu?

– Não – respondi. – Eu vou.

– Anna. – Abe estendeu a mão. – Espere!

No entanto, eu sabia que, se esperasse, perderia a coragem. Pulei. A voz de Abe desapareceu enquanto eu caía, e logo a água cobriu minha cabeça e eu despenquei para a escuridão.

Cheguei ao fundo com um impacto forte e um repentino pressentimento ruim. Estava no conhecido vestibulo de concreto, um lugar que lembrava o poço do elevador de um estacionamento no subsolo, mas a porta de aço reforçado estava aberta, e o cheiro que passava por ela não era o de magia pesada, mas um odor de lama do rio, sangue e imundície. Antes que eu pudesse fazer alguma coisa, escutei um barulho e Emma e Abe caíram no piso de concreto ao meu lado. Marcus foi o último a chegar, sua queda foi suave. Quando viu a porta aberta, ficou pálido, mas alinhou os ombros e, juntos, caminhamos para a recepção.

Não tinha ninguém lá, mas ouvi gritos vindos do corredor e senti mais forte o cheiro de lama do rio quando começamos a andar na direção do barulho. As luzes de bruxa nas arandelas eram tão fracas que projetavam somente uma luminosidade cinzenta e tremulante, e as paredes de damasco vermelho estavam manchadas de lama. Um barulho soou sobre nós e olhei para cima. Uma rachadura no teto corria em zigue-zague se apoderando do forro, espalhando-se como a cobertura de um bolo. Água preta começava a pingar da fenda, e nós passamos encolhidos sentindo os respingos.

Viramos em uma esquina e continuamos para a principal câmara de debates, mas logo encontramos uma bifurcação no corredor.

– Para onde? – perguntei a Marcus.

Ele abriu a boca para falar, mas não houve nenhuma resposta.

– Cuidado! – Em gritou, encobrimdo o que ele poderia ter dito. – A parede!

Virei-me depressa. A parede à nossa esquerda inchava, rachava como uma fruta muito madura. Horrorizada, vi um enorme rasgo surgir no papel de parede.

Marcus gritou um feitiço e desenhou no ar com o dedo indicador o símbolo de um raio. O desenho brilhou por um segundo antes de explodir em um lampejo de fogos de artifício. A parede tremeu e voltou ao lugar por um momento, mas, em seguida, com um estrondo como o de uma cachoeira, ela explodiu, e água e lodo jorraram pela fenda.

Corremos como loucos pelo corredor estreito. Marcus gritava feitiços por

cima do ombro, a água rugia e rosnava atrás de nós como uma enorme besta que havia escapado da corrente e atacava descontrolada.

Minha respiração parecia rasgar o peito, e eu tropeçava enquanto a água quase tocava nossos calcanhares.

– Aqui! – Emmaline gritou.

Ela abriu uma porta e nós entramos, e a fechamos com violência bem no instante em que a correnteza se chocou contra a madeira. A porta gemeu, e Emmaline resmungou um feitiço rápido na direção dela. Depois olhou para mim com o rosto abatido.

– Em nome de todas as coisas mais doidas, o que está acontecendo aqui?

– O lugar está desabando. – Marcus estava de costas para a porta, e vi a tensão em seus músculos enquanto ele tentava usar a magia para manter a água fora dali. – Os rios estão se libertando. – Havia suor em sua testa e ele fechou os olhos, concentrado no esforço de controlar a água.

– O que estão esperando? – Emmaline gritou para mim e Abe. – Ajudem Marcus!

Eu me recuperei e apoiei a mão à porta, sentindo a magia de Abe fluir para a madeira junto com a minha.

Depois de algum tempo, o barulho diminuiu e nós olhamos uns para os outros.

A onda havia recuado, deixando no corredor uma camada de lodo que chegava na altura dos nossos tornozelos. Havia coisas estranhas se retorcendo na lama. Tentei não olhar para elas enquanto caminhávamos de volta com cuidado. Mantinha os olhos voltados para as paredes e o teto.

Havíamos percorrido poucos metros quando ouvi uma voz familiar do outro lado de uma porta aberta.

– Senhorita Vane, tranque a entrada Fleet. No momento, temos que restringir todo o tráfego a uma entrada. Partridge, mande avisar os outros Presidentes, diga a eles para ficarem alerta em seus campos. E alguém, *por favor*, localize Ratzinger e providencie segurança e vigilância para a entrada Effra!

– Vó! – Corri para a porta aberta escorregando na imundície, esmagando criaturas gosmentas com os pés. – Sou eu!

Entrei no escritório, e ela levantou os olhos da mesa na qual estava. Impecável como sempre, minha avó não tinha sequer um fio de cabelo fora do lugar. A sala, no entanto, era a imagem do caos. Os sofás de seda e as

cortinas de brocado estavam sujos de lama. Água suja ocupava a lareira onde o fogo devia estar aceso. A mesa de minha avó estava rachada ao meio; nela havia uma grande fenda escura, como se uma viga em chamas houvesse caído em cima dela. Contudo, continuava em pé, ou quase isso, e estava coberta de grimórios e antigos livros de feitiços da biblioteca Ealdwitan, cada um deles com marcadores brotando das páginas, como se minha avó procurasse desesperadamente um remédio para o caos que se espalhava à sua volta.

Por um momento seu rosto empalideceu, depois ela saiu de trás da mesa e estendeu os braços.

– Anna, querida...

Dei alguns passos cambaleantes pela sala cheia de destroços e a abracei.

– Graças a Deus. Quando eu soube... – Ela me apertava com força dolorosa.

– O que aconteceu? – perguntei.

– Não faço ideia. Isso é o que mais me apavora.

– Sabia que Corax está morto?

– Sei que ele morreu, mas não sei como. Ninguém sabe se foi um acidente ou coisa pior.

– Foi assassinato. – A voz de Marcus era controlada, mas suas palavras cortavam como uma navalha. – Ele levou golpes de espada.

– Golpes de espada? – Elizabeth estava em choque. Ela olhou para mim, depois novamente para Marcus. – Você viu?

– Vimos o corpo. – Marcus falava como um robô. – Ele foi morto em seu escritório com uma espada.

– No *escritório*? Então deve ter sido... deve ter sido alguém que o conhecia. – O rosto de minha avó ganhava um tom acinzentado. – Um de nós.

– Conseguiram passar pela segurança – contou Marcus. – A porta estava destrancada.

– Meu Deus – minha avó disse em voz baixa. Cambaleando, ela se aproximou de uma cadeira e sentou, sem se importar com o veludo do estofamento encharcado de lama. – Eu pensei... Ah, meu Deus, Thaddeus. Como errei com você. – E enterrou o rosto entre as mãos, as pedras de seus anéis brilhavam na luz fraca da sala. No entanto, quando levantou a cabeça, sua rigidez havia voltado; sua expressão era dura. – Vamos encontrar o

assassino de Thaddeus e puni-lo com rigor. Marcus, pode reunir os partidários de seu pai? Traga-os aqui.

– O que posso fazer? – perguntei. De repente, tudo parecia irreal.

Elizabeth balançou a cabeça, os olhos brilhantes.

– Obrigada, minha querida, mas o melhor que pode fazer é ir para casa. Não tenho tempo para ensinar o que precisa saber para ser útil aqui, e isso vale para os seus amigos também. E eu me preocuparia com vocês. Vai ficar mais segura em Winter. Eu telefono hoje à noite.

– Promete? – perguntei quando ela beijou meu rosto.

– Sim, prometo. Agora vá. É tarde. Seu pai deve estar preocupado.

Meu pai. A lembrança foi como uma bofetada fria. Sim, ele devia estar me esperando em casa há horas. O que eu ia dizer? Como poderia explicar?

– Marcus – minha avó falava –, pode acompanhar Anna e os amigos dela até a saída?

– É claro – ele respondeu.

Andamos em silêncio por um labirinto de corredores, até chegarmos à porta entre duas palmeiras. As plantas estavam mortas, esmagadas e destroçadas.

– Tem certeza de que não posso fazer nada para ajudar? – perguntei. – Não queria deixar você assim.

– É melhor ir embora. Seu pai... – Ele tocou a têmpora como se esmagasse alguma coisa em que não suportava pensar. – De verdade, vá para casa.

– Você vai ficar bem? – Meu coração ficou apertado quando olhei para seu rosto. Tão contido, tão reservado que era difícil lembrar que havia perdido o pai hoje, no meio de todo esse terror e destruição.

– É claro. De verdade, vá. Preciso fazer uma coisa... trabalhar... – A sombra de uma emoção muito forte passou pelo rosto de Marcus, e tive a sensação de que ele estava perto de desabar. – *Preciso* trabalhar.

Ele havia perdido o pai. Havia perdido tudo.

Passamos pela porta e, quando a fechei atrás de mim, senti-me como uma traidora por deixá-lo do outro lado, por abandoná-lo com sua dor e com as águas sujas de sangue.



## CAPÍTULO OITO

— **T**em certeza de que não quer entrar, Abe? Você está um caco. Você também, Anna. — Maya pôs as mãos na janela aberta do carro, seu rosto pálido e preocupado sob a luz da rua. Dentro do automóvel, o pisca-alerta ligado acendia e apagava um brilho rubi no piercing que havia na sobrancelha de Abe.

Ele passou a mão no rosto com ar cansado, mas balançou a cabeça.

— Não podemos parar. Preciso levar Anna para casa.

— Conseguiu falar com meu pai? — perguntei, aflita.

Emmaline havia conseguido soprar um pouco de magia em seu celular e havia falado com Maya quando embarcamos no trem, mas, entre interferências e cortes, era difícil saber quanto Maya havia entendido. Depois o celular parou de funcionar completamente, e ficamos torcendo para Maya ter transmitido o recado.

Ela assentiu.

— Sim, mas eu não sabia o que dizer... não sabia se passariam aqui primeiro ou se iriam direto para lá, não quis contradizer o que você poderia dizer a ele. Seu pai sabe que você está viva, mas é só isso. Acho que ele está um pouco...

— Vou ficar bem longe — Abe avisou com tom seco.

— Ele ficou muito bravo — Maya avisou como se pedisse desculpas.

Pensei nisso enquanto seguimos em silêncio pela estrada litorânea, tentando decidir o que eu poderia dizer.

Quando Abe entrou na alameda da garagem, a luz dos faróis iluminou Wicker House e eu vi meu pai parado na porta, seus braços estavam cruzados e sua expressão era carrancuda.

— Anna Winterson — ele disse antes mesmo de eu sair do carro, muito menos começar a falar —, é bom que tenha uma ótima explicação para isso.

— Pai...

– Não foi à escola, aparentemente.

– Como sabe?

– Não esperava isso de você, Anna, francamente. Matar aula... Tudo bem. Honestamente, não estou impressionado, mas não tem muito mais que eu possa dizer. Mas me deixar até as... – Ele olhou para o relógio de pulso. – Até as onze da noite sem notícia nenhuma, sabendo... *sabendo* que eu ficaria preocupado...

– Escute – Abe interrompeu –, a culpa não é dela.

– Você! – meu pai protestou. – Cuide da sua vida.

– Está sendo injusto. Anna não tem culpa... ela...

– De *quem* é a culpa, então? – Meu pai praticamente rosnavava. – Devia se envergonhar, ela tem metade da sua idade. Devia deixá-la fazer os trabalhos da escola, em vez de arrastá-la para...

– Pai, para com isso! – implorei. – Abe não me arrastou para lugar algum. Se quer saber, ele foi a Londres para me buscar.

– Londres! Que diabo você foi fazer em Londres?

– Isso importa?

– Sim, importa! Pelo amor de Deus, Anna, o que está acontecendo com você?

– Escute – Abe falou em voz baixa –, ela teve um dia longo e passou por muita coisa. Não pode deixar Anna ir dormir e conversar com ela amanhã?

– Obrigado, mas ainda não preciso de orientação e aconselhamento de alguém que... – Meu pai parou e mordeu a língua.

– Alguém que...? – Abe repetiu, ameaçador. – Continue.

– Parem, vocês dois – gritei. – Pai, pare de descontar em Abe. Essa história não tem nada a ver com ele. E Abe, vá embora. Você não está ajudando.

– Tudo bem – ele respondeu. – Tudo bem. Estou indo.

Ele se virou, mas, como se pensasse em algo que havia esquecido, parou e tocou meu ombro.

– Anna?

– O que foi?

Ele se inclinou e beijou meu rosto, os lábios macios e mornos, o gesto insuportavelmente terno.

Depois entrou no carro, bateu a porta e ligou o motor, que fez aquele barulho rouco, meio engasgado.

Rígido de fúria, meu pai ficou parado vendo o carro sair da nossa propriedade e desaparecer; depois deixou escapar um grande sopro de ar e foi como se uma enorme tensão saísse de cima de seus ombros.

– Anna, eu sou seu pai – ele disse quando entramos em casa. – Não quero policiar sua vida, mas não pensou que eu ficaria preocupado? Não podia ter telefonado?

– É claro que pensei – concordei, cansada. Toquei minha cabeça dolorida tentando lembrar quando havia comido ou bebido alguma coisa pela última vez, devia ter sido... no café da manhã? – Tentei ligar, pai, de verdade, mas... aconteceram algumas coisas.

– Que tipo de coisas? – meu pai perguntou.

A imagem do corpo ensanguentado de Caradoc surgiu diante dos meus olhos como um pesadelo, e eu levei as mãos ao rosto tentando conter os soluços que ameaçavam explodir de repente.

– Eu vi... – Tentei pensar em alguma coisa que fosse verdade, mas que meu pai pudesse suportar. – Vi um acidente em Londres. Foi horrível. Uma pessoa morreu.

– Ah, meu amor. – A raiva de meu pai cedeu. Ele nunca conseguia ficar bravo comigo por muito tempo. Meu pai me abraçou, e eu apoiei a testa em seu ombro, querendo que houvesse algum jeito de explicar o que havia acontecido hoje. No entanto, ele não fez mais perguntas e, finalmente, limpei as lágrimas com a manga da minha blusa.

– Você se importa se eu subir, pai? Tenho aula amanhã... – falei rindo, tentando fazer uma piada, mas minha voz tremeu e a risada mais pareceu um soluço.

Meu pai assentiu sério e me seguiu com os olhos quando subi a escada para o quarto.

Lá em cima, tirei a roupa. Embora Marcus as houvesse deixado limpas, não conseguia me livrar da sensação do lodo do rio grudado em meus cabelos e na pele, e passei um bom tempo embaixo do chuveiro tentando não pensar em nada, nem em Caradoc, nem em Thaddeus Corax e, acima de tudo, nem no rosto pálido e rígido de Marcus quando ele voltou para o cenário de horror e lama.

Nós dois perdemos a mãe cedo demais para nos lembrarmos delas e tínhamos em comum essa grande e doída sensação de perda, mas agora Marcus foi além. Perdeu pai e mãe. Era órfão, não era mais filho de

ninguém. Eu não conseguia nem imaginar sua solidão esta noite.



Antes de ir para a cama, fui checar meus e-mails. O que encontrei fez meu coração dar um pulo e ir parar na garganta.

*De: Caradoc Truelove. Enviado: Hoje, 10h33*

*Assunto: Mais sobre meu telefonema*

Por um momento minhas mãos tremeram tanto que não consegui usar o mouse, e tive que parar, respirar fundo e esperar o tremor diminuir. Depois cliquei na tela e a mensagem abriu.

*Querida Anna,*

*Imagino que, quando ler esta mensagem, provavelmente terá recebido o recado que deixei por telefone e saberá que consegui localizar, não o original, mas a tradução sobre a qual falei nesse recado.*

*Em vista dos “acidentes” com as versões anteriores desse texto, achei que seria sensato mandar uma cópia eletrônica, e ela segue no arquivo anexo. O querido Jonathan saiu por um instante, então, esta é minha primeira experiência com o scanner. Espero que tenha dado certo!*

*Resumindo, trata-se de uma reimpressão vitoriana de uma tradução do original do século dezesseis. Como vai poder ver, ela foi transmutada de forma bem deselegante para uma forma de soneto que, certamente, não é uma reflexão precisa do poema original. Sem acesso ao texto anglo-saxão é muito difícil saber o que é pura invenção e o que é material original, mas lamento dizer que boa parte parece ser, na melhor das hipóteses, uma interpretação criativa. Uma parte é quase certamente uma invenção para se adequar aos requisitos do formato de soneto. Outras partes não são nem do século dezesseis, mas, em minha opinião, inserções vitorianas.*

*Tenho certeza de que vai reconhecer o significado de alguns elementos, mas escrevo com pressa – o querido Jonathan foi buscar leite, e um cliente acaba de entrar na loja lá em cima –, então, preciso parar por aqui, mas talvez você possa me procurar quando tiver tempo, e poderemos discutir tudo com mais detalhes.*

*Seu amigo afetuoso,  
Caradoc Truelove*

Pensei que não tivesse mais lágrimas depois de tudo que chorei hoje, mas elas ameaçavam transbordar novamente quando cliquei no anexo. Passei um bom tempo sem ver nada, nada além de padrões ondulantes em preto, branco e azul, embora esfregasse os olhos e respirasse fundo várias vezes num esforço para me acalmar.

Finalmente, a tela recuperou a nitidez. O segredo que havia custado a vida de Caradoc. E não havia nada. O arquivo era uma cópia de uma página vazia de papel amarelado, com alguns pontos aleatórios e, muito apagadas através do papel grosso, as letras pretas do poema do outro lado da página, completamente ilegíveis.

Ele havia escaneado o lado errado da página.

Caradoc esteve tão perto de mandar a informação... e colocou a página no scanner do lado errado. Na pressa, nem verificou o resultado de seu esforço.

Apoiei a cabeça entre as mãos, e a água dos meus cabelos molhados escorreu pelos pulsos como lágrimas.



Acordei com um sobressalto e o coração disparado e descobri que estava debruçada desconfortavelmente sobre a escrivaninha, a madeira úmida e morna embaixo do meu rosto. O telefone tocava lá embaixo, e o relógio do computador marcava 5h43.

Fechei o laptop e desci correndo, tentando não tropeçar na toalha. O telefone ainda tocava quando cheguei ao piso térreo. Parei no corredor por um momento e tentei me recompor, preparar-me para o pior.

Peguei o fone.

– Alô?

– Sou eu. – A voz de Marcus era baixa, cansada.

– Tudo bem? – Pergunta idiota. Assim que as palavras saíram de minha boca, quis bater a cabeça na viga de carvalho na minha frente. O pai dele morreu. Por que estaria tudo bem?

– Comigo sim – ele respondeu, embora sua voz soasse péssima. – Contudo, sua avó me pediu para ligar e dizer que ela não esqueceu a

promessa, mas não conseguiu sair de lá. Ela mandou um beijo, disse que lamenta não poder falar com você no momento, mas está muito... todos estão muito ocupados. Tentando resolver as coisas.

– O que... o que *aconteceu*?

Houve uma pausa, como se Marcus considerasse o que podia dizer, e depois ele suspirou.

– Você pode saber o pior. Não faz sentido esconder agora. O Neckinger se libertou.

– O quê?

– Ah, eu sempre esqueço, você não sabe. – Marcus respirou fundo, e eu senti sua intensa fadiga mesmo a mais de cem quilômetros de distância. – O quartel-general Ealdwitan extrai seu poder dos rios subterrâneos perdidos. Sabia disso?

Assenti, esquecendo que ele não podia me ver, mas Marcus continuou:

– Cada rio tem um espírito, um demônio que chamamos quando eles estão acorrentados. São espíritos muito velhos, mais velhos que as bruxas ou os homens, e muito poderosos. Isso faz parte do papel dos Presidentes; cada um controla um demônio, mantém esse demônio dominado, atrela seu poder e sua vontade às fundações do quartel-general. A morte de meu pai deu ao Neckinger a chance de se libertar.

– E?

– Ele sempre foi um rio negro, um dos mais difíceis de acorrentar. Agora está livre, e houve desmoronamentos por toda a parte sul de Londres. A água das torneiras está ficando vermelha, como o Tâmis, e com gosto de sangue. Jorra água das fundações dos edifícios, o asfalto das ruas está se rompendo. Depósitos e estacionamentos subterrâneos foram alagados...

Fechei os olhos ao imaginar as ruas encharcadas de sangue.

– Os outros Presidentes tentam conter o rio. É nossa culpa, afinal... Mil anos de servidão geram um ressentimento poderoso.

– Mas o que vai acontecer? Ele pode ser recapturado?

– Teoricamente, sim, mas com tão poucos Presidentes... Por isso sua avó não teve tempo de telefonar.

– E você... – Estava sem coragem para perguntar, mas precisava saber. – Vai se tornar Presidente, Marcus? Vai ocupar o lugar que foi de seu pai?

– Não sei. – Ouvi um ruído áspero do outro lado e o imaginei passando a mão pelo rosto com a barba por fazer. – Depende da vontade de meu pai. E

não descobrimos qual era ela. Até lá, tudo é nebuloso.

– Você parece exausto.

– Eu... – Ele parou. Senti seu desespero como se estivesse ao meu lado. – Estou muito cansado. Muito, muito cansado. Não sei o que fazer.

– Vá dormir – falei.

Queria acrescentar: “tudo vai parecer melhor amanhã”. No entanto, não era verdade. Nada estaria melhor. Seu pai ainda estaria morto. Ainda estaríamos sofrendo o ataque de um inimigo estranho, sem rosto.

– Vá para a cama – repeti sem esperança.

O silêncio se prolongou do outro lado da linha, até que ouvi um suspiro trêmulo.

– Boa noite, Anna.

– Boa noite, Marcus.

Desligamos o telefone.

## CAPÍTULO NOVE

A cozinha de Maya era uma mistura morna de chá, bolo recém-saído do forno e cera quente de abelha. Maya estava em pé na frente do fogão, enfiando pavios de vela em um pote com cera derretida. Abe estava sentado em uma ponta da mesa, olhando com o cenho franzido para o laptop de Emmaline. Simon, Emmaline e eu estávamos do outro lado, olhando para o pedaço de papel ensanguentado que eu havia tirado da mão sem vida de Caradoc.

Eu não queria trazer o poema para a casa de Maya – até mesmo esse pedaço de papel tão pequenino parecia contaminado pelas mortes que causara. Contudo, como disse Emmaline, havia segurança nos números. Se só uma ou duas pessoas lessem o poema, elas estariam vulneráveis ao mesmo destino que teve Caradoc. No entanto, quem estava por trás disso não poderia destruir toda a família Peller, mais os agregados. Era o que Em dizia, pelo menos. Eu esperava que ela estivesse certa.

Ficamos sentados em silêncio, olhando para as linhas escritas, ouvindo o ruído da cera pingando no pote e os movimentos determinados e lentos de Maya, que continuava espetando pavios, construindo camadas e mais camadas.

– Agora entendo por que a mãe de Anna ficou nervosa – Simon falou finalmente.

– Filho da gralha, essa eu entendi – falei com voz neutra. – Gralha em inglês é rook. Rokewood vem de rook.

– É, acho que sim. Você nasceu no dia de Reis?

– Não sei. Isso é um festival?

– É uma data comemorativa, sim, também conhecida como Epifania. Daí o título do documento original, eu acho. É celebrada no dia seis de janeiro pelas igrejas ocidentais.

Alguma coisa fria correu por meu pescoço. Por isso minha mãe mudou



minha data de nascimento. Não só para esconder minha identidade, mas para ocultar a ligação com o enigma.

– Sim – confirmei em voz baixa. – Sim, nasci nesse dia.

Simon olhou novamente para o documento escaneado no laptop de Emmaline. Abe havia passado uma hora trabalhando no Photoshop, acentuando a nitidez da imagem e aumentando o contraste para tentar destacar as letras, torná-las visíveis, mas nada havia funcionado.

– É o mesmo pedaço, não é? – Simon perguntou a Abe.

Abe assentiu.

– Sim, as primeiras linhas são perceptíveis... dá para ver claramente a palavra “Reis” e alguma coisa sobre aves na linha seguinte. Mas o restante continua muito apagado, não dá para ver.

– Anna, posso mandar esse documento para o meu e-mail de trabalho? – perguntou Simon. – Queria mostrá-lo para algumas pessoas na universidade. Talvez consigam deduzir mais do que nós.

– É claro – respondi.

Ao mesmo tempo, Abe perguntou:

– Isso é realmente necessário?

– Qual é o problema? – Simon estranhou, olhando para mim e depois para Abe, e então para mim de novo.

– Bem, eu acho que é óbvio – Abe falou, impaciente. – A mãe de Anna fez um grande esforço para manter isso escondido. Ela deve ter tido um motivo, não acha?

– Acho que a situação ultrapassou esse limite, Abe – Maya opinou. – É evidente que *alguém* sabe sobre isso, e é evidente que já fizeram a conexão com Anna. O estrago está feito. O segredo não serve mais para proteger Anna, agora ele a coloca em perigo. E também nos põe em risco, pensando bem.

– Concordo – falei. – E o e-mail é meu, então, acho que eu decido.

– Sei o que está fazendo – Abe me disse, furioso. – Acha que está protegendo todos nós pondo em risco sua segurança. Se mantemos isso em segredo, estamos mais expostos ao responsável pelos ataques. Se contamos a várias pessoas, você corre um perigo maior, mas nós estamos seguros. Bem, sinto muito, mas não vou salvar minha pele e expor a sua.

– Quem pode afirmar que minha mãe estava certa, Abe? Talvez ela tenha entendido tudo errado. Talvez tivesse propósitos que só ela conhecia!

– Até parece! – O rosto de Abe era francamente incrédulo.

– Ela fugiu. Não acha isso preocupante? E se...

– Ela fez tudo isso para proteger você! – Abe gritou. – Não entende?

– Não sabemos ao certo. Não temos certeza de nada. Chega. – De repente eu estava certa de que era isso. – Estou cansada de segredo, de me esconder. É melhor que todos saibam. Qualquer coisa é melhor que isso, esse olhar por cima do ombro o tempo todo. – Eu me debrucei sobre a mesa, cliquei em “encaminhar e-mail” e digitei o endereço de Simon na universidade. Depois cliquei em enviar.

Simon levantou-se e pegou seu casaco.

– Obrigado, Anna. Acho que está tomando a decisão correta. Sua mãe queria proteger você enquanto ainda era muito nova para lutar, mas acho que o plano B sempre foi armar você para poder se defender.

– Como assim?

– Bem, a proteção que ela criou tinha um limite, não? Sua mãe devia saber que um dia você se mudaria de Notting Hill. E, deliberadamente, limitou a contenção da língua de seu pai para deixá-lo contar sua versão dos fatos quando você fizesse dezoito anos. Acho que ela previu o que está acontecendo ou pelo menos reconheceu que era uma possibilidade. Duvido que tenha tido a intenção de manter isso escondido para sempre, ela sabia que não seria possível. O que ela queria era garantir o tempo necessário para você desenvolver seus poderes. Para poder lutar.

Ele vestiu o casaco, depois continuou:

– Lamento ter que sair correndo. Preciso estar no hospital com Sienna em meia hora.

– Hospital? – perguntei, surpresa. – Aconteceu alguma coisa? Algum problema?

– Problema? Não, pelo contrário. – O rosto de Simon corou sobre a barba negra, um rubor rosado que cobriu suas faces. – Nós vamos... ela vai ter um bebê.

– Ah, Simon! – Minha boca se distendeu num sorriso largo e espontâneo. – Que alegria!

Impetuosamente, eu o abracei e ele riu enquanto afagava minhas costas.

– Obrigado. Também estamos muito contentes, é claro. Enfim, tenho que me apressar ou chegarei atrasado para o ultrassom. Quer uma carona? É meu caminho.

– Não se preocupe – Abe interrompeu. – Eu deixo Anna em casa.

– Não seja bobo, é mais perto para mim do que para você.

– Já disse que eu a levo para casa. Sienna vai fazer uma vasectomia em você com uma colher se chegar atrasado para o ultrassom, e imagino que queira ter mais filhos. Eu levo Anna para casa.

– Tudo bem! – Simon levantou as mãos. – Bom Deus, longe de mim tentar ajudar alguém por aqui. Tchau para todo mundo. – Ele distribuiu beijos em todos do grupo e foi embora enquanto Abe pegava as chaves do carro.

– Vamos?

– Sabem de uma coisa? – Em anunciou. – Vou acompanhar Anna até a casa dela. *A pé*. Afinal, a amiga é *minha*. Tchau, Abe.

Ela segurou meu braço e me puxou para fora do apartamento e pela escada.

Na rua, o vento embaraçava nossos cabelos e sacudia nossas roupas. Emmaline andava depressa, e eu me esforçava para acompanhar seu ritmo. Quando viramos na esquina perto do porto, ela olhou para mim de um jeito quase hostil.

– O que foi? – perguntei. E repeti quando o silêncio se prolongou. – *O que foi?*

Emmaline só balançou a cabeça, e nós continuamos em silêncio passando pelas docas. Quando começamos a subir a estrada litorânea, ela explodiu de repente:

– O que está acontecendo entre você e Abe?

– Abe e eu? – Estava assustada. – Nada!

– Bem, o que aconteceu na sexta-feira, então?

– Sexta? – Tentei pensar em alguma sexta-feira diferente. – Que sexta?

– Há duas semanas. Ele apareceu em nossa casa de mau humor, disse que você tinha quebrado o nariz dele. Depois, quando Sienna perguntou como, ele falou que estava cansado de ouvir seu nome. Em seguida, bebeu muito, e Simon teve que levá-lo para casa.

– Ah. – Lembrei-me da briga no celeiro. Tinha a impressão de que fazia um século. Depois me lembrei do beijo, e meu rosto ficou vermelho. – Nada. Não aconteceu nada.

Em me encarou.

– Nada, de verdade? Por isso está imitando um tomate? Francamente,

Anna, não tenho dez anos. Nem Abe.

– Não entendi.

– Você pode agir como se ele fosse o irmão que nunca teve e toda essa bobagem, mas ele... Ele...

Emmaline ficou calada.

– Ele o quê?

– Ele não é seu irmão. É... Ah, você sabe do que estou falando. Pare de agir como uma freira. Escute, você e ele querem coisas muito diferentes, e acho que você tem sido...

– O quê? – Agora eu estava zangada, embora não soubesse se era com Em ou comigo. – Por que é sempre culpa da mulher? Ele sabe o que eu quero. Tenho sido completamente honesta com Abe.

– E você sabe o que ele quer. Então, tente ser honesta consigo mesma.

– Ele não... – Apertei as mãos contra os olhos. – Não é *assim*, mas... – Meu rosto ficou vermelho de novo, e de repente eu não soube bem como falar sobre isso, essa coisa insuportavelmente, dolorosamente íntima que Abe havia feito. – Desde que ele me deu sua magia... sabe... tem sido... bem, tem havido alguma coisa. Não consigo explicar.

– Havia alguma coisa muito antes disso. E, se você *for* realmente honesta consigo mesma, vai admitir.

– Não havia. – Balancei a cabeça com veemência. – Não para mim, pelo menos. Sempre foi Seth.

Contudo, Seth não estava mais aqui. O anzol cravado em meu coração se contorceu.

Emmaline não respondeu. Continuamos andando lado a lado, ouvindo o som da brisa do mar.

## CAPÍTULO DEZ

— **P**osso falar com você um minuto, Anna?

Assustada, levantei a cabeça dos livros que guardava na mochila.

— Eu, Sra. Wright?

— Você é a única Anna na sala — a Sra. Wright disse com tom seco.

Emmaline me olhou alarmada e dei de ombros. A Sra. Wright se sentou na beirada da mesa enquanto os alunos saíam, seu salto batia no tapete de linóleo. Emmaline foi a última a sair, e, quando ela passou devagar e relutante pela porta, a Sra. Wright a fechou com o cotovelo e se aproximou da minha cadeira.

— Anna, está tudo bem?

— Esteve conversando com a Sra. Finch?

— Sim, na verdade. E com o Sr. Henderson. Os dois estão preocupados.

Eu não disse nada, não conseguia pensar em nada para dizer. A Sra. Wright puxou uma cadeira.

— Escute, sei que teve um semestre difícil com a partida de Seth e...

— Você não entende. — De repente minha garganta ficou tão apertada e dolorida que era difícil falar.

— Sei que é difícil para alguém da sua idade acreditar nisso, mas entendo. Eu realmente entendo. Posso ter mais de trinta anos, mas me lembro do meu primeiro rompimento como se fosse ontem, e como foi terrível a agonia. Entendo o que está passando, mas *não pode* jogar fora todo seu trabalho duro.

Jogar fora? Olhei para ela com a expressão endurecida, e ela mordeu o lábio.

— Tudo bem, jogar fora pode ser um pouco injusto, mas você estava decidida a lutar pelas notas máximas há alguns meses. Agora, se conseguir notas medianas será só pelo rendimento nos módulos anteriores. Sua última redação foi horrível, e na aula você nem parece estar presente. Desse jeito,

vai acabar se prejudicando. É isso que você quer, ser rejeitada pelas universidades e passar um ano embalando peixe e fazendo provas de recuperação?

Sentei em silêncio. Não havia nada que eu pudesse dizer. Nada em que ela fosse acreditar, pelo menos. Seus olhos eram cheios de exasperação silenciosa.

– Algum problema em casa? Ou alguma outra coisa? Seja o que for, por favor, fale com alguém. Comigo, se quiser... Ou com seu pai. Ou com seu médico. Seja o que for, sempre há uma solução. Eu garanto. Não precisa lidar com isso sozinha.

Segurei a beirada da mesa, minhas unhas arranhavam o compensado, e tentei não me importar com sua tentativa de entender, sua impossível e ignorante bondade. Desde que Seth foi embora, eu tinha minha magia sob controle – de maneira geral –, mas agora me sentia perto de explodir.

– Anna – ela disse finalmente, sua voz misturava piedade e irritação –, está me ouvindo? Percebe quanto isso é sério, o que pode acontecer com suas notas se não voltar a se dedicar? Eu só... odeio ver alguém com tanto potencial jogando tudo fora por causa de um garoto imprestável.

*Imprestável.* Levei as mãos aos olhos e os fechei, deixando de ver o rosto preocupado e a incompreensão nos olhos azuis da Sra. Wright. Apertei as pálpebras com os dedos, tentei apagar a injustiça disso tudo, a raiva que rugia dentro de mim, a solidão gritante.

No silêncio, senti sua presença e como ela esperava eu dizer alguma coisa. Depois, com um rangido da cadeira, ela se levantou e ouvi seus saltos baterem no piso. A porta da sala foi aberta e fechada. E finalmente fiquei sozinha.

A magia fervia, rugia e se erguia dentro de mim, sufocava-me. Engoli, tentei respirar, tentei não perder o controle.

Finalmente, quando senti que podia falar, peguei o celular.



– De novo – gritei, e um feitiço colossal me atingiu como um soco, jogou-me deitada sobre as pinhas. Mas não tinha importância, eu estava consciente e não perdia sangue por nenhuma parte importante do corpo. Estar deitada de cara no chão não era importante. Essa havia sido, de longe,

a sessão de maior sucesso; eu me defendia e devolvia cada golpe de Abe desde que começamos o treinamento e disparei uma rajada de ilusões ofuscantes.

Agora fazíamos um trabalho básico de feitiço e defesa – deixar o oponente acertar você com toda a força possível de um feitiço e tentar repelir o ataque.

Levantei com dificuldade, suando e tremendo.

– De novo!

– Não. – Abe balançou a cabeça, seu peito arfava. – Por hoje foi o suficiente.

– Para mim, ou para *você*?

– Se isso faz você se sentir melhor, tudo bem, é o suficiente para mim.

– Lute comigo. – Acertei Abe com uma explosão ardida de magia e ele cambaleou, mas balançou a cabeça novamente.

– Pare com isso.

– Lute! – Ataquei outra vez e o joguei de lado contra o tronco de um pinheiro. Ele arfou e caiu de joelhos, e quando se levantou havia sangue em seu rosto.

– Pare! Não vou lutar com você nesse estado. Está tremendo de cansaço.

– Como posso melhorar se nunca exige nada de mim? Pare de ser cavalheiro. Lute comigo de verdade. Preciso saber como me defender. Jogue sujo!

– Você já teve o *suficiente*.

– Não me diga o que é suficiente para mim! – gritei. Fagulhas elétricas estalaram sobre minha pele e apontei meu dedo para Abe. – Ou está com medo?

– Experimente – ele provocou.

Um raio de eletricidade explodiu azul e branco na clareira, queimando as pinhas embaixo dos pés de Abe, e de repente ele desapareceu. No lugar dele eu vi meu pai, encolhido e apavorado como uma criança, os braços cruzados sobre a cabeça. Suas roupas estavam chamuscadas e queimadas, e saía fumaça dos cabelos.

– Anna! – ele gritou, e sua voz tremeu de terror e dor. – Pelo amor de Deus, o que está fazendo?

– Pai!

Atravessei a clareira correndo e caí de joelhos sobre as folhas no chão da

floresta, ainda quentes e chamuscadas depois da explosão que provoquei. Meu pai tremeu quando tirei seus braços de cima de sua cabeça, segurando-o para verificar seu rosto e ver se havia algum ferimento.

– Ah, pai! Você está machucado?

Seu rosto era pálido e tenso, dominado por um medo confuso, e eu o abracei, escondendo meu rosto em seu pescoço.

– Desculpe – falei. – Eu sinto muito, muito mesmo.

– Ainda bem – respondeu uma voz. Fiquei tensa. Havia alguma coisa errada. Em vez dos cheiros conhecidos de fumaça de madeira, sabonete e cozinha, meu pai cheirava a... Abe.

Levantei o rosto.

*Era* Abe. Era o corpo dele que eu abraçava. Com o rosto muito próximo do meu, ele sorriu.

Levantei com um pulo, o corpo todo inundado pela explosão de sangue bombeado pelo coração.

– Ei. – Ele estendeu a mão, lendo a fúria em meus olhos. – Você pediu para jogar sujo. Quer estar preparada? *Não pode* estar preparada. Eu não sou capaz de criar o que eles vão fazer, porque não vou fazer isso com você. *Não posso!*

– Seu idiota.

– Isso não é nada. *Nada!* Não se engane.

– É isso que pensa? Que estou me enganando ao pensar que vou conseguir encontrar minha mãe?

– Não. – A expressão sombria de Abe desapareceu, e de repente ele parecia muito cansado. As faces coradas enfatizaram a palidez do resto de seu rosto. – Acho que, provavelmente, pode fazer tudo que decidir fazer. Só acredito que tem que estar preparada para o que vai encontrar.

Nós nos sentamos embaixo de uma árvore, e Abe pegou uma garrafa de água da qual bebeu um grande gole. Ele passou a garrafa para mim, e bebi com vontade antes de devolvê-la. Depois ficamos sentados em silêncio por um tempo, ouvindo os sons da floresta retornando à tranquilidade depois da nossa luta. Um pombo arrulhou em algum lugar no meio das árvores, uma estranha trilha sonora para os meus pensamentos agitados, atropelados.

– Estou começando a pensar que talvez nunca a encontre – falei, e as palavras soaram ríspidas no silêncio banhado de sol. Abe olhou para mim com aqueles olhos negros insondáveis, indecifráveis.



– Vai desistir agora? Depois de tudo isso?

Eu sabia a que ele se referia. Depois de todas as mortes, toda destruição, horror e mais horror... Se eu desistisse agora, tudo teria sido em vão. Seth viveria o resto de sua vida com dor, acorrentado ao mar e a uma muleta. E eu viveria para sempre no escuro, sempre especulando.

– Não sei aonde ir, o que fazer agora. Pensei que o enigma me diria alguma coisa, mostraria o próximo passo, mas não consigo encontrar nem isso.

– Onde termina o rastro?

– Depois que ela voltou ao quartel-general dos Ealdwitan para roubar o enigma. Eu tinha seis semanas de vida. Depois disso, as pistas desaparecem. Não imagino para onde ela foi, minha mãe simplesmente desapareceu. Talvez tenha cometido suicídio.

– Quanto mais ouço sobre sua mãe, mais me convenço de que a última coisa que ela faria seria se matar. De qualquer maneira, tenho a impressão de que você sabe para onde ela foi depois disso. Esqueceu uma coisa.

– O quê?

– O feitiço na porta da sua casa.

– Era em russo – contei devagar. – Mas isso não significa que ela foi para a Rússia, não é? Talvez tenha conhecido um bruxo russo em Londres.

– Impossível – Abe decretou.

– Por quê?

– Caramba, você precisa fazer um curso de história da bruxaria, temos que parar com essas lições. – Ele suspirou antes de continuar: – Os russos já estiveram entre os clãs bruxos mais poderosos do mundo, e também entre os mais implacáveis. Fizeram coisas horríveis, práticas que banimos completamente por aqui... – Abe fez uma careta de desgosto antes de prosseguir: – Na época da virada do século, o líder deles controlava praticamente tudo, tinha o czar e a czarina na palma da mão e, por intermédio deles, toda a Rússia. No entanto, eles foram longe demais. Provocaram...

– A revolução – deduzi, entendendo tudo de repente.

Abe assentiu.

– Os bruxos foram mandados para as minas de sal com toda a elite dominante. Ouvimos boatos. Há rumores de que ainda estão lá, de que vivem e se reproduzem e se alimentam uns dos outros. Contudo, atrás da

Cortina de Ferro, ninguém sabia.

– E quando a Cortina de Ferro caiu?

Abe deu de ombros.

– Se estivessem lá, eles estariam ganhando tempo. Nunca conheci um bruxo russo, nunca soube de alguém que tenha conhecido. As lendas sobrevivem, é claro. As coisas que eles costumavam fazer, as amputações, as transfusões, os exércitos de marionetes... mas eles mesmos permanecem em silêncio.

– Tudo bem – falei devagar. – Então, minha mãe foi à Rússia. Talvez tenha ido antes de eu nascer. Isso também é possível, certo?

– Acho que não. Ela não demonstrava nenhuma paranoia, nenhuma preocupação antes de engravidar... certo? Se encontrou a profecia quando estava grávida, ou se sabia sobre ela e só compreendeu o significado mais tarde, não sei. No entanto, parece que foi bem repentino. De acordo com o relato de seu pai, ela passou nove meses tomada por um desespero cada vez maior, mas essa é uma janela muito pequena para ela ter ido à Rússia. Seu pai teria notado se ela tivesse saído do país. Não. Acho que foi bem mais tarde que ela decidiu que não era capaz de proteger você e recorreu aos Outros.

– Os outros?

– É como os Ealdwitan sempre os chamaram, o Outro lado. Como se eles fossem o único outro clã de bruxos no mundo que tinha importância. E por muito tempo eles foram. Os Ealdwitan e os Outros. Os dois clãs de bruxos mais poderosos do mundo.

– Os Outros... – sussurrei. Alguma coisa tilintou no fundo dos meus pensamentos, como um acorde com uma nota estranha, repetida. – O outro... lado...

Minha mochila da escola estava pendurada em um galho de árvore e eu fiquei em pé para procurar minha carteira dentro dela, repentinamente tomada por uma urgência febril. O velho pedaço de papel estava dobrado em quatro, guardado no espaço reservado para cartões e dinheiro, e eu o peguei, tentando não o rasgar.

– Aqui está o bilhete que ela deixou. – E o entreguei a Abe. – O único que deixou para mim. Leia.

– Anna, tem certeza...

– Não seja idiota! – exclamei, irritada. – Isso é importante, leia!

Vi seus olhos percorrerem a página, lerem o poema.

– Leia em voz alta – insisti.

– A morte não é nada – Abe começou. – Só passei para a próxima sala. Estou só esperando você durante um intervalo. Em algum lugar muito próximo. Logo depois da esquina. Do outro lado. Tudo está bem.

Ele franziu o cenho e depois olhou para mim.

– Espera aí, eu li esse poema em algum lugar recentemente, não li?

– Sim, no verso do panfleto da cerimônia religiosa no funeral de Bran, em uma versão mais longa. Contudo, falta uma linha na versão de Bran: “Do outro lado”. A versão original do poema não contém essas palavras. Achei que ela podia ter errado ao copiar, mas agora...

– Agora tudo está claro. – Abe olhou para a página, e uma ruga surgiu em sua testa. Alguma coisa em sua expressão me fez arrepiar.

– O que é? Por que essa cara?

– Bem, em primeiro lugar, parece que os bruxos russos voltaram. E para um grupo que já foi o clã bruxo mais poderoso do mundo, duvido que tenham a intenção de ficar em casa fazendo chá e bolos. Segundo, eles deram coisas importantes a sua mãe. Um feitiço muito forte, para começar. Abrigo. Asilo de quem a perseguia. Anonimato. A questão é: o que ela deu em troca?

Nós nos encaramos, e vi meus pensamentos refletidos em seus olhos negros. Vi novamente a espada cravada nas costas de Thaddeus Corax. Ouvi o rugido da água quando o Neckinger escapou das correntes e rompeu os feitiços de séculos. Senti o medo que dominava os Ealdwitan.

Alguém os traiu.

Minha mãe os traiu.

## CAPÍTULO ONZE

**N**ão dormi naquela noite, nem sequer tentei. Fiquei sentada com um cobertor sobre os ombros, olhando para a floresta escura e ouvindo o barulho distante das ondas que quebravam nos penhascos.

Agora tinha respostas, pelo menos para algumas questões. No entanto, uma dúvida ainda me corroía por dentro.

Em quem eu podia confiar?

Minha mãe abriu mão de tudo, de qualquer esperança de uma vida feliz com seu marido e filha, para me manter segura. Ela se tornou uma traidora; traiu sua família e o país para garantir minha segurança. E eu não sabia mais do que devia fugir.

Pensei nas palavras de Simon, em sua ideia de que ela sempre teve a intenção de me armar para eu poder me defender. Minha mãe havia limitado seus feitiços para um dia eu poder partir, poder lutar. Mas lutar contra quem?

Palavras se atropelavam em minha cabeça, contorciam-se e retorciam-se em contradições impossíveis. As palavras da carta de minha mãe, as palavras do enigma, as palavras dos feitiços. Tudo se deformava em fumaça, espelhos e dissimulação. Nunca conheci um bruxo capaz de dar uma resposta direta para uma pergunta direta, exceto Abe, talvez.

Um cinza frio tingia o céu sobre o leste da floresta e eu soube que o amanhecer não tardaria, e com ele viriam meu pai, a escola e todas as coisas corriqueiras, adoráveis e confortantes.

Contudo, nada disso era para mim. Não havia como voltar atrás. *Nunca* houve. Não há como desaprender o que você aprendeu, deixar de ser o que você é.

Pensei em Seth navegando para o outro lado do mundo, tentando fugir de seus próprios demônios, e soube com uma dor intensa como ele se sentia. No entanto, quando eu partisse, levaria os demônios comigo, porque eles

estavam em mim, sempre estariam, até eu descobrir a verdade. E a verdade estava na Rússia, eu agora tinha certeza disso. E minha mãe estava na Rússia. Viva ou morta, ela estava lá.

Não havia como voltar atrás. Eu só podia seguir em frente. Para as sombras.

Pensar nisso devia ter me apavorado, mas, ao contrário, dava-me uma estranha paz. Não ia mais fugir. Não ia mais me esconder e fingir. Seja lá o que estivesse esperando por mim, eu enfrentaria. Eu lutaria contra isso.

Não podia escapar do meu destino, mas podia correr de encontro a ele. Em vez de ficar acuada em um canto, podia escolher o fim de tudo isso, mesmo que ainda fosse um fim.

Foi com o coração estranhamente leve que eu deitei e puxei o cobertor sobre mim. A luz acinzentada desenhava uma poça embaixo da janela, fria e calma, quando fechei os olhos e finalmente adormeci.



Contei para Emmaline primeiro.

– Você ficou maluca. – Ela deixou os talheres sobre a mesa da cantina, seu rosto estava pálido e subitamente rosa no alto das faces.

– É o único jeito.

– Mas *agora*? E as provas? Vai jogar tudo fora?

Eu ri. O comentário era comicamente parecido com a conversa que tive com a Sra. Wright.

– Eu já joguei tudo fora, Em. Na situação em que estou, não vou passar. Não com tudo isso em cima de mim. As provas estão marcadas para daqui a... quanto tempo? Quatro semanas?

– Três – Em corrigiu automaticamente.

– Você consegue me imaginar envolvida em uma discussão sobre vasos gregos enquanto...?

Fui interrompida por uma súbita comoção horrorizada do outro lado do refeitório da escola.

– Ai, meu Deus – ouvi. – Minha tia trabalha lá.

Emmaline e eu nos olhamos e levantamos para correr até lá.

Havia um grupo reunido em torno de um laptop, as pessoas com a mão no rosto, os olhos chocados. Tentei enxergar alguma coisa por cima de tantas

cabeças e então vi na tela as notícias transmitidas ao vivo do centro de Londres. Aparentemente, uma bomba havia explodido. Dava para ouvir sirenes e helicópteros ao fundo, atrás da voz urgente do repórter.

– Aumenta o volume – alguém pediu, e de repente o barulho no refeitório deu lugar à voz retumbante do repórter.

– ... desabamento da Tower Bridge e da Ponte Vauxhall em um terrível ataque contra a sede do Serviço de Segurança na margem sul do Tâmesa. Todas as linhas do metrô de Londres foram evacuadas após relatos de uma “onda de sangue” que transbordava pelas linhas mais profundas, e o serviço agora está fechado enquanto investigadores tentam determinar a fonte do transbordamento. Para quem ligou a TV agora, falamos sobre a completa paralisação do centro de Londres em decorrência de uma série de avassaladores desabamentos de pontes após eventos semelhantes e ainda não explicados ocorridos no começo desta semana no sul da cidade. Uma fonte em Whitehall contou à BBC que oficiais tratam os eventos como possíveis ataques terroristas, mas defensores do meio ambiente apontaram para evidências de que os desmoronamentos da última semana no sul de Londres parecem ter sido espontâneos. Todas as avenidas ligadas à Tower Bridge e à Ponte Vauxhall foram interditadas, e as outras pontes do centro de Londres foram fechadas por medida de precaução. A polícia pede à população que *não vá* para a região central da cidade, a menos que essa jornada seja urgente. Mais uma vez, falamos sobre...

Emmaline olhou para mim, e seu rosto estava pálido.

– O que está acontecendo?

– Não sei. – Olhei para Em e tentei imaginar se minha expressão era tão chocada e temerosa quanto a dela. – Só sei que preciso ir a Londres. Antes de...

– Antes de ir embora – Emmaline concluiu. Não havia na voz dela a acidez habitual, só medo.

O sinal do início das aulas soou, e Emmaline começou a recolher suas coisas evitando me encarar. Quando finalmente levantou a cabeça, eu me surpreendi ao ver seus olhos molhados.

– Em, não chora! – Eu a abracei, e ela me apertou entre os braços como se não tivesse mais intenção de me soltar.

– Não vá! – ela pediu com desespero. – Por favor, não vá!

Não havia nada que eu pudesse dizer. Apenas a abracei e senti todos os

seus ossos contra os meus, pensei em tudo que devia a ela, na enorme dívida de auxílio e amor.

Finalmente o sinal soou pela terceira vez, e ela me soltou e enxugou os olhos.

– Desculpe, eu não quis dizer aquilo. – E pendurou a mochila pesada sobre um ombro. – Sei que tem que fazer o que é necessário. Quando pretende ir?

– Logo. – Olhei pela janela para o céu limpo e imaginei o Tâmis cheio de sangue sob aquele mesmo azul imaculado. – Assim que deixar Londres.



Matei minha última aula e fui direto para a estação, deixando um recado para meu pai na secretária eletrônica sobre uma sessão de estudos com Emmaline.

No trem para Londres, tentei telefonar para vários números: para o escritório da minha avó, para sua casa, para seu celular, para o celular de Marcus, para a casa de minha avó outra vez... Entre uma tentativa e outra, pensei muitas vezes no que havia acontecido, imaginando cenários cada vez piores. Se a Ponte Vauxhall havia caído, isso significava que o Effra também se libertou? Outro Presidente...? Não, eu me negava a concluir o pensamento, mas a questão permanecia sombria e silenciosa.

Quando o trem chegou a Londres, eu me levantei e fiquei parada ao lado da porta, tensa, preparada, sem saber o que ia encontrar. Mantinha minha mão sobre o botão para abrir a porta, a mochila pendurada no ombro. Não sei o que esperava. Enquanto morava em Londres vi crises e ataques terroristas, mas isso era diferente.

Independentemente do que eu esperava, não foi o que encontrei: Marcus olhava para mim quando o trem parou, seu casaco preto e longo tremulava ao vento, seu rosto emoldurado pela janela suja.

– Sua avó está viva – ele anunciou quando as portas se abriram.

– Graças a Deus. – Pulei para a plataforma. Não sabia o que fazer, o que dizer. Queria beijá-lo por estar vivo e por ter vindo me dar notícias da minha avó. Contudo, em vez disso, respirei fundo tentando controlar uma repentina taquicardia. – Ob... obrigada. Como...?

– Recebi seu recado. Tentei ligar de volta, mas você devia estar em algum

túnel.

– O que aconteceu?

– Edward Throgmorton morreu; causas naturais ou não, ninguém sabe. No entanto, o Fleet e o Effra se libertaram. Os Presidentes lutaram... lutaram muito. Foi... – Ele parou e, pela primeira vez, parecia abalado, sem saber que palavras usar. – Anna, sua avó...

– Você disse que ela está bem. – Segurei seu braço com mais força do que pretendia, e Marcus se encolheu.

– Eu disse que ela está viva, não que está bem.

– Fala *logo*.

– Ela está ferida. É grave.

– Posso vê-la?

– Sim, é claro. Pedi para o táxi nos esperar.

Ajeitei a mochila sobre o ombro e o segui.



O táxi seguia lentamente, e Marcus roía a unha do polegar olhando pela janela. Vi seus músculos se movendo em sua mandíbula cada vez que ele rangia os dentes. Queria perguntar o que havia acontecido, mas não me atrevia, não com o motorista do táxi do outro lado da divisória de acrílico.

– Desculpe, companheiro – o motorista falou por cima do ombro quando paramos em mais um congestionamento. – O trânsito está parado. Todas essas bombas, ou sei lá o que foi... As avenidas em torno do Hyde Park foram interditadas, o metrô foi fechado... Ah, pronto, lá vamos nós.

Marcus não disse nada, apenas assentiu, mas, quando o carro parou novamente em um farol fechado, vi uma veia grossa surgir em sua têmpora. Ele olhou para mim e mordeu o lábio, depois olhou para o motorista, que olhava furioso pelo para-brisa. Com grande cautela, Marcus levantou o dedo para a janela, apontou para o farol mais próximo e cochichou alguma coisa.

A luz ficou verde.

Marcus olhou para mim e levantou os ombros levemente com ar culpado, mas eu não me importava. Àquela altura, teria montado em uma vassoura se ela pudesse me levar ao destino mais depressa.

Finalmente, depois do que parecia ter sido um interminável rastejar por



Kensington, o táxi parou na frente da casa onde minha avó morava. Desci do carro e fui bater na porta de madeira preta e brilhante. A senhorita Vane apareceu do outro lado.

– Ela está aqui? – perguntei. A secretária assentiu. – Posso vê-la?

– É claro. – Ela se afastou e Marcus e eu entramos. – Sua avó está no quarto.

Meu coração começou a bater acelerado novamente quando subimos a escada carpetada. Não era só a expressão da senhorita Vane, seu olhar preocupado. Era o quanto tudo aquilo era errado. Minha avó, minha invencível avó, na cama em plena luz do dia. Eu nunca a vi doente, nunca a vi sucumbir ao cansaço ou à dor. E agora...

Parei no corredor, olhei para a porta alta e pintada de branco e respirei fundo. Depois bati.

– Caaaah... – Era um gemido rouco.

– Entre – disse a senhorita Vane.

Minha avó estava deitada sobre a cama alta e branca, sua cabeça estava apoiada sobre os travesseiros. Parecia estar morrendo. Esse foi meu primeiro e terrível pensamento. O cabelo negro estava solto, livre do coque austero, e se espalhava pelo travesseiro. E havia algo errado com seu rosto: sua expressão era estranha, contorcida. Seus olhos negros me fitavam com uma intensidade quieta, seguiram-me pelo quarto quando fui me ajoelhar a seu lado, mas a cabeça não se movia.

– Vó?

– Aaahhh...

– O que... o que aconteceu? – Tentei falar normalmente, mas descobri que respirava profundamente puxando o ar por entre os dentes, tentando evitar o pânico.

– Ela teve um derrame, acho. – A voz de Marcus era baixa, inexpressiva.

– É isso, senhora?

– Sssiii... – Era um chiado, não mais que isso. Acompanhado por uma tentativa fraca de mover a cabeça em sentido afirmativo.

– Meu Deus. – Cobri a boca com as mãos. Tive que inspirar algumas vezes pelo nariz antes de me sentir capaz de falar. – A senhora devia estar no hospital. Por favor...

– Não. – A palavra soou clara, e seus olhos brilharam como fogo quando ela a pronunciou.

– Lamento, Anna – a senhorita Vane falou em voz baixa atrás de mim. – Eu a levei para o hospital, mas ela se recusou a ficar.

– Mas os médicos – exclamei. – Como a deixaram sair? Não podiam declarar que ela estava incapacitada, doente... *qualquer coisa?*

– Ela os convenceu. – A senhorita Vane abriu os braços num gesto de impotência. – Sua avó pode ser muito... persuasiva.

– Volte para lá – falei, decidida, ignorando a presença de Marcus e da secretária. Ajoelhada ao lado da cama, segurei a mão fina e cheia de anéis de minha avó. – Volte para o hospital. Você tem que ficar bem, entendeu? *Tem* que melhorar. Não vou... Não posso... outra pessoa não pode morrer. Você não!

*Mande-os embora.* A voz soou dentro da minha cabeça, um murmúrio, um sussurro, tão baixa que tive que parar tudo, até meu coração, para ouvi-la. *Senhorita Vane. Marcus. Tenho algo para dizer.*

Levantei o olhar.

– Podem nos dar licença por um momento?

Os dois assentiram e saíram, seus passos eram silenciosos sobre o carpete. Ouvei o ruído da fechadura da porta, e então o sussurro encheu minha cabeça.

*Todos nós morremos. Espero que minha hora ainda não tenha chegado, mas, se chegou...*

– Não! – gritei. Tampei os ouvidos com as mãos sabendo o que estava por vir. Contudo, nada era maior que a insistência de minha avó.

*Se chegou, você vai ter que assumir a Presidência. Por favor, Anna, por favor.*

– Não! Você *não* vai morrer! Não vou permitir. – Lágrimas quentes e furiosas corriam por meu rosto. Encostei em minha face a mão inerte e sem resistência de minha avó e a segurei ali, sentindo as pedras de seus anéis cortarem minha pele. – Não pode. Vou fazer isso parar.

*Vai fazer o que parar?*

– O traidor... a pessoa responsável por isso. – Devolvi sua mão à cama com todo cuidado e me levantei enquanto enxugava as lágrimas na manga da blusa. – Quem fez isso com você. Vó... você disse que o traidor agia em favor de outro país.

*Sim...* Ela fechou os olhos. A voz em minha cabeça era tão fraca que estava quase desaparecendo.

– Que país? Qual?

Nenhuma resposta.

– Você pensou... – Limpei meu rosto com força e alisei meus cabelos para trás. – Pensou que pode ser... a Rússia? Os Outros?

Nenhuma resposta. Esperei, observei o arfar de seu peito sob a camisola e o movimento inquieto de seus olhos sob as pálpebras levemente arroxeadas.

– Vó?

Nenhuma resposta.

Ajoelhei-me novamente, descansei o rosto sobre as cobertas e senti a maciez dos lençóis em minha testa quente.

– *Vó*... – Projetei toda a minha magia, tentei alcançá-la além do vazio ao qual ela se recolhia. – Por favor... não vá. Você alguma vez pensou que o espião poderia ser... Isabella? Foi isso que pensou?

Foi como um suspiro frio em minha cabeça, um alívio, uma rendição, como se libertar do peso de uma enorme carga de suspeitas.

*Sim*, ela confirmou dentro da minha cabeça. E depois virou lentamente seu rosto para a parede. O único som era o de sua respiração contra o travesseiro, depois o de meus passos sobre o carpete quando me virei para ir embora.



Fora do quarto, fiquei parada com as costas apoiadas à parede, tentando me controlar. Uma enorme onda negra tomou conta de minha cabeça, afogou-me, e eu me virei e encostei o rosto na parede, enterrei as unhas no papel do revestimento como se o gesto pudesse me ancorar à realidade.

Se um dia antes disso alguém houvesse me perguntado se eu amava minha avó, eu provavelmente teria dito que sim, mas só porque isso era o que eu devia dizer. Como não amar a própria avó? Na verdade, eu nem teria sabido. Minha forte, invencível avó de alma de aço. Como amar alguém que era feita de ferro?

Marcus subiu a escada e, com expressão preocupada, tocou meu ombro.

– Não – disse-lhe.

Ele me soltou e continuou olhando para mim por um momento. Depois caminhou em silêncio para a escada, desceu e voltou à cozinha, e eu fiquei sozinha.



Abri a porta da cozinha ao pé da escada, e Marcus, sentado à mesa, levantou a cabeça.

– Desculpe – falei. – Por antes. Não queria...

– Ei, tudo bem, de verdade. – Ele empurrou um bule de café em minha direção. – Aqui. Você parece precisar de alguma coisa. Ou acha melhor algo mais forte...? – E inclinou a cabeça para a porta da adega de vinhos.

Eu balancei a cabeça.

– Não, só café. Café está ótimo. – Empurrei para trás os cabelos emaranhados e de repente percebi quanto estava cansada. – É cedo demais para vinho. Aliás, que horas são?

– Só quatro e meia. Dá para chegar em Winter para o jantar se partir agora.

Ir embora? Como eu poderia ir e deixar minha avó daquele jeito? Mas como poderia ficar sabendo o que sabia...?

– Marcus – comecei. E parei.

– Sim? – Ele olhava para mim por cima da borda da xícara de café, seus olhos eram suaves como chocolate derretido, a luz arrancava reflexos de seus cabelos castanhos.

Isso era uma idiotice? Era loucura ir para a Rússia, mergulhar no desconhecido? O que eu poderia fazer – uma garota inexperiente contra uma incerteza mutante, maligna?

– Eu... – comecei novamente, mas perdi a coragem e suspirei. – Nada. Acha... que ela vai ficar bem? Elizabeth?

– Não sei. Não vou dar falsas esperanças, você conhece a realidade tão bem quanto eu. Mas ela é forte e ainda está contendo o Falconbrook, o que é fenomenal, considerando todas as circunstâncias.

– E os outros rios?

– O Tyburn parecia estar escapando em um dado momento, mas agora acalmou um pouco. Margot e Knyvet estão fazendo o que podem com o Fleet. O Neckinger e o Effra ainda estão soltos. Estamos nos segurando. – *Por enquanto*, concluí silenciosamente. Até a próxima explosão, até o próximo desastre. Até o espião atacar outra vez.

– O que acha que eles estão tentando fazer? – perguntei.

Marcus suspirou.

– Não sei. Não fizeram exigências, então, só posso pensar que... querem nos destruir. Destruir os Ealdwitan. Assumir o controle. Se isso acontecer... bom, não vai ser bonito.

No silêncio, eu olhei para o fundo da minha xícara. Virei o último gole de café, e as partículas de pó que estavam no fundo subiram à superfície como uma nuvem de pequeninas estrelas em um céu escuro.

– Tem uma coisa que eu preciso te contar – anunciei finalmente.

– O quê?

– Não vou estar aqui para ajudar. Estou indo... para a Rússia.

Por um minuto ele não disse nada. A cozinha ficou completamente paralisada pelo espanto. O único som era o inexorável tique-taque do relógio, que anunciava o tempo que eu ainda tinha antes de partir. Finalmente, quando o silêncio se prolongou, eu disse:

– Marcus?

– *Rússia?* – A voz dele explodiu alta no cômodo quieto. – Com tudo isso acontecendo aqui? Por quê?

– Porque estou começando a pensar... – Fiz uma pausa, mas me forcei a continuar. – Talvez eu saiba quem é o espião.

Marcus se inclinou sobre a mesa, seus dedos apertavam a xícara. Eu podia quase sentir o choque reverberando na superfície de madeira. Quando ele falou, sua voz era ríspida, seu tom, urgente.

– Quem? Pelo amor de Deus, fale quem é! *Quem?*

Engoli em seco. Eu era mesmo capaz disso? Podia realmente contar a Marcus essa horrível, desleal e venenosa desconfiança?

– *Quem?* – ele gritou de repente, tão alto que pulei de susto e quase derrubei a xícara. – Meu pai foi *morto* por esse maldito espião. Isso não me dá o direito de saber de quem você desconfia?

Ele estava certo. Sem dúvida estava certo. Segurei a xícara com força, meus dedos úmidos e pegajosos escorregavam na porcelana.

– Minha... minha mãe.

– *O quê?*

Não sei o que ele esperava, mas a declaração o pegou de surpresa. Era impossível fingir a perplexidade que eu via estampada em seu rosto. Em seguida, sua expressão era de indignação.

– Não! Isabella não! Ela amava... ela nunca...

Marcus parou de falar, seu rosto pálido expressava um choque intenso

demais para ser processado imediatamente. Eu quase podia ver seus pensamentos girarem furiosamente, tentando encaixar as partes do passado que ainda faltavam.

– Lamento, Marcus – disse. – Sei que a amava, mas ela não se matou, você sabe. Foi tudo muito planejado, muito calculado. Ela fez tudo que podia para me proteger, e acho que foi longe demais. Acho que ela se entregou... aos Outros. Se eu conseguir encontrá-la...

– E daí?

– Não sei, mas tenho que tentar. É melhor que ficar aqui sentada esperando o machado cair, esperando outra morte.

Marcus não falou nada, apenas ficou ali sentado, olhando para as próprias mãos, o rosto como uma máscara. Em que ele estava pensando? Era difícil interpretá-lo. Ele tinha aquela mesma característica indecifrável de todos os Ealdwitan: uma superfície suave e brilhante; sob ela, movimentos rápidos.

– Eu vou – falei. – De um jeito ou de outro, eu vou. Estou cansada de esperar e olhar por cima do ombro. *Estou* assumindo o controle. Entendeu? É melhor ir encontrar esse... seja lá o que for, qualquer coisa é melhor do que ser caçada como um animal.

– Está realmente decidida? – Havia algo estranho em sua voz; resignação, talvez. Derrota. – Não tem nada que eu possa dizer?

– Nada. Eu vou.

– Boa sorte – Marcus falou finalmente. E levantou seus olhos castanhos e perturbados da mesa. – Você vai precisar.



O trem parou na estação de Winter ao anoitecer, e eu me sentei no banco na calçada da avenida para esperar o ônibus na chuva. Era difícil acreditar que o verão estava chegando, com todas aquelas nuvens despejando uma chuva fina. Eu via os pingos caindo do toldo da estação, e a imagem do rosto pálido e contorcido de minha avó surgiu na minha frente como um fantasma. Fechei os olhos, mas ele continuava lá, ainda me assombrava. E a voz dela em minha cabeça dizia: *Você vai ter que assumir a Presidência, Anna. Por favor.*

– Anna – uma voz me chamou. – Anna.

Levei um momento para perceber que a voz era real, não um eco em

minha cabeça, e então abri os olhos de repente e vi Caroline Flint na minha frente.

– Ca... Caroline! – Estava tão surpresa que minha voz tremeu, e senti vontade de me chutar. Não precisava ter medo dela. Não mais.

– Posso sentar? – ela perguntou.

Assenti, e ela se sentou, levando à boca uma mecha de cabelo dourado. Surpresa, percebi que ela estava tão nervosa quanto eu, talvez mais. Caroline pegou um maço de cigarros e acendeu um, tragando a fumaça e exalando com um sopro trêmulo, nervoso.

– Desculpe, você não fuma. Você... se incomoda? – ela perguntou, a boca torta em torno do cigarro.

– Tudo bem – respondi, mas o que queria saber era por que ela estava ali.

Caroline olhava para a chuva de um jeito que dava a impressão de que ela se indagava a mesma coisa. Deu mais uma longa tragada no cigarro e então falou:

– Eu ouvi o que você disse... para Emmaline no refeitório. Não estava ouvindo de propósito, juro. Quero dizer, não estava tentando escutar a conversa, mas...

– Tudo bem. – Minha voz era controlada, mas o coração batia acelerado. Eu já devia ter aprendido essa lição. O que estávamos conversando? Alguma coisa comprometedora? Revi a conversa mentalmente, mas só me lembrava de ter falado sobre a Rússia.

– Você vai embora.

– Sim.

– Anna... – Ela parou, depois continuou apressada: – Não é por minha causa, é? Porque, se soubesse como me sinto mal pelo que fiz com você... entregá-la àqueles homens, os Malleus... Eu sinto muito, muito mesmo. Se soubesse como eles a tratariam, nunca teria feito aquilo. Estava zangada com você e Seth...

Ah. Eu balancei a cabeça.

– Não é por sua causa. É por uma série de coisas: a escola, minha casa... outras coisas... – Parei, e a última razão pairou no ar entre nós, mas Caroline sabia qual era.

– Agora nós duas o perdemos – ela falou com tristeza.

– É – concordei. E engoli a saliva. – Eu... sinto muito por ter separado vocês. Espero que saiba disso.

– Acho que eu amava Seth – ela comentou sem pressa. – Acho que o amava de verdade... mas nunca foi como o que havia entre vocês dois. Ele... ele seria capaz de *morrer* por você, até eu percebia.

Lutei contra o impulso de responder que não *queria* que ele morresse por mim. De que isso adiantaria?

– Ele ainda ama você – disse Caroline. – Vi vocês dois no funeral de Bran. Ele estava... mal, não estava?

Ele estava arreventado, pensei, mas fiquei em silêncio.

– Tem alguma coisa que você possa fazer? – ela perguntou.

– Não. Não há nada que nós dois possamos fazer. Somos... – A voz rude de Bran soou em minha cabeça, tão clara quanto se ele falasse atrás de mim. – Somos óleo e água. Nunca daríamos certo.

– Mas você o ama!

– Não é suficiente.

– Tem que ser! – Caroline insistiu, desesperada. – Se é por causa do que eu fiz...

– Não foi você – interrompi. – Garanto. Foram outras coisas... problemas entre nós.

– Você vai embora... Vai atrás dele?

– Não. Vou para outro lugar, para a Rússia.

– Uau! Por que lá?

– Porque acho que tenho família lá.

– Você acha?

– Sei que parece maluco, mas...

– Anna – disse uma voz atrás de nós. Eu me assustei e virei-me. Era Abe. Ele estava em pé do outro lado da pequena cobertura da estação, a chuva corria por seu rosto e pescoço, encharcando ainda mais a camiseta já molhada. Seu corpo parecia frio e ensopado, mas o rosto sugeria que ele estava pronto para socar alguém.

Alguma coisa desconfortável se moveu dentro de mim, mas eu disse apenas:

– Oi, Abe. Esta é Caroline. Caroline... Abe.

Ele a ignorou completamente.

– Carona?

Hesitei, mas o que Emmaline havia dito na semana passada ecoou em minha cabeça. *Tente ser honesta consigo mesma*. Balancei a cabeça.



– Não, obrigada, Abe. Eu vou de ônibus.

– Vai esperar muito – disse Caroline. Depois olhou para Abe com os olhos meio fechados e soprou a fumaça do cigarro na direção dele. – Hoje é dia de meio expediente. O último ônibus saiu às quatro.

– Não! Tem certeza?

Ela assentiu.

– Desculpe, eu teria falado antes, mas achei que estava esperando uma carona.

– Ai, droga. – Olhei para o relógio de pulso. – Tenho que ligar para o meu pai.

– Não seja idiota – Abe falou, irritado. – Estou indo para lá.

Eu sabia quando não tinha saída.

– Tudo bem. Caroline, precisa de carona?

– Não, não se preocupe. – Ela ficou em pé e abriu o guarda-chuva. – Estou a cinco minutos de casa. Vejo você amanhã.

E subiu a rua até virar na primeira esquina. Abe a seguiu com os olhos. Quando ela desapareceu no anoitecer molhado, ele olhou para mim.

– Que diabo está fazendo?

– *Como é que é?* Quem disse que pode falar comigo nesse tom?

– Rússia! – Abe esbravejou. Seus punhos estavam fechados, e sua expressão teria me feito tremer de medo há alguns meses. Agora só me fazia suspirar.

– Abe...

– Você vai para a *Rússia*? Ou estou com algum problema de audição?

– Não, você ouviu bem. Desculpe, não era assim que eu queria que soubesse...

– Ah, então *pretendia* me contar? Ou ia esperar até eu receber sua chapa de identificação pelo correio?

– Por que eu usaria uma chapa de identificação?

– Não mude de assunto. Você entendeu o que eu quis dizer. Há quanto tempo está tramando tudo isso?

– Não estava tramando nada! Não seja dramático!

– É drama me preocupar com a possibilidade de você morrer perseguindo fantasmas na...

– Não é da sua conta! – gritei. – Por que se importa, afinal?

– Pelo amor de Deus, Anna! Eu me importo porque... – Abe passou as

mãos na cabeça, e a água da chuva escorreu pelos braços e para a camiseta. O tecido fino colado ao corpo, exibindo cada linha do pescoço até a cintura. Seu peito arfava.

Ficamos parados nos encarando, e ele deixou as mãos caírem ao longo do corpo. A chuva escorria por seu rosto e por cima do nariz. Se eu não o conhecesse bem, poderia pensar que estava chorando.

– Eu me importo porque sou seu amigo – Abe falou finalmente e limpou a chuva do rosto com o antebraço. Depois pegou minha mochila da escola, e nós andamos em silêncio para o carro.

Quando subimos as encostas a caminho de casa, tentei pensar em alguma coisa para dizer, como explicar, mas era mais fácil ficar sentada em silêncio, ouvindo o tamborilar da chuva e o ruído do limpador de para-brisa se movendo freneticamente de um lado para o outro. Abe dirigia sério, seu rosto era pálido e sombrio à luz fraca do painel.

Quando paramos na frente da Casa Wicker, eu me surpreendi por ver que a casa estava escura. Meu pai devia ter saído. A luz automática da varanda acendeu quando Abe parou o carro, mas o resto da casa permaneceu escuro.

Abe ficou em silêncio, e eu permaneci ali sentada esperando ele dizer alguma coisa. Depois de um momento, percebi que aguardava em vão e levei a mão à maçaneta.

– Obrigada – disse, porque não queria sair em silêncio. – Pela carona.

– Espera. – Abe segurou a minha mão. Eu engoli a saliva.

– O que é?

– Anna... – Seus olhos eram negros como petróleo, o rosto era pálido e determinado. – Uma vez você disse que era grata, lembra?

– É claro que sim. E sou. Por tudo.

– E me perguntou se havia alguma coisa que pudesse fazer por mim.

Engoli a saliva novamente e tentei mover minha mão, mas Abe a segurava com força; não de maneira dolorosa, mas firme.

– Abe...

– Por favor, não. Espere um segundo, deixe-me falar. Nunca pedi nada a você e já fiz muito; todo mundo fez muito. Maya, Simon, Emmaline, Sienna... todos nós ajudamos você.

Ajudaram? Ele arriscou a vida e sua magia por mim. Eu devia tudo a ele.

– Eu sei. – Tentei manter a voz firme. – Acredite, eu sei, mas...

– Nunca pedi nada em troca, mas agora vou pedir.

– Abe...

– Eu quero ir. Para a Rússia.

O choque foi tão grande que por um segundo não consegui falar. Em seguida a surpresa foi varrida pela onda de medo por ele.

– Não. É muito perigoso.

– Será bem menos perigoso se formos os dois. Escute, você é poderosa, mas não tem experiência. Não sei o que quer fazer lá, mas as chances de sucesso serão maiores com a minha ajuda. E eu nunca pedi nada, você mesma admitiu. E me deve essa.

– Não.

– Não vou ficar olhando enquanto você se afasta para o desconhecido, enquanto se mata.

– Isso é problema meu. Não vou arrastar você para essa história, não pode me pedir isso.

– Não está me arrastando. E não estou pedindo.

– Não. Está fazendo chantagem...

– Isso não é justo!

Puxei minha mão da dele.

– Você está tentando ser o cavaleiro errante de uma donzela indefesa, mas não sou indefesa nem sou *sua* para que me proteja.

– Eu sei! – ele gritou. O carro foi invadido pelo silêncio, e ouvi nossa respiração pesada enquanto tentava pensar no que dizer, como fazê-lo enxergar a estupidez que me pedia. Então, em voz muito baixa, como se as palavras o ferissem, ele disse: – Eu sei. Acha que não sei disso?

O que eu podia dizer?

Ainda estava procurando uma resposta quando Abe falou novamente com a voz muito baixa:

– Desculpe, mas... não suportarei perder mais alguém.

E de repente eu não estava mais zangada. Só sofria com a sua dor, sofria por não poder dar o que ele queria.

Ficamos sentados em silêncio, ouvindo a chuva sobre o teto do carro. Quando a respiração de Abe soou mais tranquila, eu decidi ser corajosa.

– Abe, aquela garota. A que estava com os Ealdwitan. O que aconteceu?

Ele não perguntou que garota. Sabia a quem eu me referia. Apenas se reclinou no assento e, quando se moveu, a luz automática da varanda se apagou, deixando o carro e seu rosto na escuridão.

– Emmaline contou – Abe falou finalmente.

Eu não sabia qual era a emoção em sua voz, sabia apenas que ele a continha, tentava não perder o controle.

– Sim.

– O que ela disse?

– Não muito. Só o que consegui arrancar dela... que havia uma garota. E que a história acabou mal. Ela morreu. Os Ealdwitan castigaram você.

– Sim.

– Você... a amava?

– Sim. – Ele respirou fundo; ouvi a inspiração brusca e o sopro lento quando ele deixou o ar sair.

– O que aconteceu?

– Acabou. Ela se foi.

– Mas isso não ajuda, não é? Não falar sobre a pessoa que perdeu.

– Não. – Ele ficou em silêncio por um longo momento, e eu pensei: “É isso, não vou pressionar. Ele não vai dizer mais nada”. No entanto, Abe começou a falar. – O nome dela era Rachel. Ela era... uma apartada.

– Uma apartada? – Não consegui evitar o choque em minha voz. – Você? Nunca pensei...

– O quê?

– Você... – gaguejei, tentando não magoá-lo. – É que... você sempre deu a impressão de que pensa que isso é impossível. Amar alguém sem magia.

– Não acho que seja impossível. Eu sei que é. Aprendi do jeito mais difícil.

– Como assim?

– Ela tinha câncer. Estava morrendo. – Abe parou e engoliu a saliva, eu vi o movimento de sua garganta. Depois ele se forçou a continuar. – Eu fui idiota. Tentei impedir. Devia saber que não podia. Direcionei toda a minha magia para curá-la, e foi inútil. Ela morreu mesmo assim, e os Ealdwitan me castigaram.

– Como? – sussurrei. – Por quê?

– Por quê? Por interferir na vida de uma apartada, é claro. Por não ser cuidadoso. Não me incomodei em tentar esconder o que estava fazendo, os médicos sabiam que havia alguma coisa. Só não sabiam o que era. Eu havia ultrapassado um limite, sabia disso. Quanto a como... bem, os Ealdwitan sabiam que não podiam fazer muita coisa contra *mim*. Eu havia perdido

Rachel. Não me importava com mais nada. Então, eles puniram minha família.

– E sua família o baniu?

– Completamente. Foi como se eu tivesse morrido. Eles choraram minha morte. Não falo com eles desde o dia em que me expulsaram. Agora não tenho mais família, exceto Simon.

– Quando... quantos anos você tinha? – murmurei.

– Foi há muito tempo. Eu tinha dezesseis quando conheci Rachel. Dezesete quando ela morreu.

– Ah, Abe. – Fechei os olhos na escuridão, tentei ignorar a imagem de um menino de dezessete anos sozinho, sem nada além da dor e das roupas que vestia, como ele me contou que havia sido.

– Faz tempo – Abe repetiu. E levou a mão ao rosto para limpar alguma coisa.

Eu me debrucei desajeitada sobre o console do carro e o abracei. No começo foi como abraçar uma estátua de pedra, mas depois ele levantou os braços, quase contra a vontade, e suas mãos tocaram meu rosto de maneira hesitante, como se ele tateasse no escuro. Toquei seu peito, senti a pele quente embaixo da camiseta úmida, a curva das costelas, o coração pulsante; então projetei minha magia para o fundo da pele, para os ossos e para o coração, tentando curar o que não tinha cura.

Finalmente ele falou com voz trêmula:

– É melhor você ir. Está ficando tarde. Quer que eu entre com você? Quer que eu dê uma olhada na casa para ver se está tudo bem?

Desde aquela noite em que homens mascarados me arrancaram da cama, eu me sentia desconfortável quando ficava sozinha na Casa Wicker. Era difícil dormir no escuro e no silêncio, esperando ouvir passos pisando no cascalho e na varanda, mas não ficaria mais fácil se eu recorresse a Abe para me proteger.

– Não... mas obrigada. – Ele abaixou os braços e eu voltei ao banco do passageiro, afastando os cabelos do rosto. Ele me olhava com expressão vazia, triste. Um nó se formou em minha garganta. Beije seu rosto, e ele suspirou.

– Tudo bem. Você sabe o que faz. Deus me proteja de uma mulher independente.

– Lamento... por tudo.

Lamentava por Rachel. Por mim. Por toda essa droga de confusão. Não conseguia traduzir o sentimento com palavras, mas não precisava. Abe sabia. Seus olhos eram tristes quando ele se virou para retribuir o beijo.

– Boa noite, Anna, mas, apesar de todo o resto, eu vou.

– Para a Rússia?

– Não pode ir sozinha. Seria devorada viva. Quer descobrir a verdade sobre sua mãe? Muito bem, não precisa se matar por isso. Se quer mesmo descobrir alguma coisa, tem mais chances comigo a seu lado.

– Eu sei – admiti. Era difícil reconhecer, mas o que ele dizia era verdade, e nós dois sabíamos disso.

Abe assentiu uma única vez. Depois eu abri a porta do carro e saí, e ele foi embora.

## CAPÍTULO DOZE

— **E**mmaline! Que surpresa boa. — Meu pai levantou os olhos do jornal que lia à mesa da cozinha quando Emmaline deixou a mochila da escola sobre a bancada e se sentou em um dos bancos. Pendurei meu casaco no cabide ao lado da porta dos fundos e liguei a cafeteira.

— Café, pai? Em? — Deixei as correspondências sobre a mesa. — Estavam em cima do tapete da entrada.

— Sim, café, por favor — respondeu meu pai. E começou a ler os envelopes. — Não aparece faz tempo, Emmaline. Muito ocupada?

— Bem, sim, as provas estão chegando, nesses dias quase não saio de casa — respondeu Emmaline.

Meu pai dobrou o jornal e olhou para mim.

— É mesmo? Anna parece nem parar em casa. Ela tem ido a Londres quase todos os dias. Fico surpreso por ela conseguir se lembrar dos estudos.

— Pai, minha avó teve um derrame. O que quer que eu faça? — disparei. — Lamento que ela tenha programado tão mal o momento de ter um colapso. Vou dizer a ela para ter um pouco mais de consideração quando agendar o próximo derrame.

— Ei, ei! — Meu pai levantou a mão. — Sei que tem enfrentado muitos problemas. E é claro que precisa ir ver Elizabeth, mas... você sabe. Eu me preocupo. Faltam só duas semanas para as provas finais, só quero que tenha um resultado justo. Isso é crime?

A culpa comprimiu meu estômago. As provas *seriam* em quinze dias... mas eu ainda não havia contado ao meu pai que não estaria aqui para fazê-las. Também não estava estudando. Em vez disso, passava o tempo no quarto e na internet procurando voos baratos e pedindo vistos. Abe sabia a verdade, é claro. Emmaline sabia, Marcus sabia, minha avó sabia... era como se todo mundo soubesse, menos meu pai. E isso estava me matando, mas eu queria ter tudo ajustado e pronto antes de falar com ele. Não

confiava na minha determinação diante da sua reação. Falar com meu pai exigiria toda coragem e resolução de que eu era capaz. Não queria deixar nenhuma brecha, nenhuma possibilidade de recuar.

Os voos estavam reservados, eu decolaria em dez dias. O visto sairia a qualquer momento. Depois disso, não faltaria nada além de contar a meu pai. E foi por isso, em parte, que convidei Emmaline para vir esta noite. Uma espécie de jantar de despedida. Antes de tudo vir à tona.

Contudo, por enquanto, meu pai ainda estava abrindo sua correspondência.

– Outra conta – ele suspirou. – Maldito comitê da água. É um direito básico do ser humano. Não deveria ser de graça?

– Deveria – concordou Emmaline. – Vou dizer àqueles malditos etíopes para mandarem de volta o poço artesiano pelo qual a escola pagou; é evidente que você precisa mais do poço que eles.

– Sarcasmo é a forma mais baixa de astúcia – meu pai respondeu com altivez. – Conta do cartão de crédito... ah, bom, não está tão dolorosa este mês. Ah, obrigado, benzinho. – Ele pegou a xícara de café e bebeu um gole. – Hum, o que é isto? – Meu pai virou um envelope para olhar o remetente. – Embaixada russa? Finalmente alguma coisa mais excitante!

Meu coração pulou na garganta, e as palavras ficaram represadas ali, tentando se libertar, mas presas. Meu pai aproximou o polegar da aba do envelope e o abriu, e eu só tive tempo para gritar um “pai” esganiçado antes de ele começar a ler a carta. *Minha* carta.

– A embaixada atendeu ao meu pedido de visto para ir visitar a Rússia? – O rosto do meu pai era pura perplexidade. – Que bizarro! – Só então ele olhou com mais atenção para o destinatário. – Espera... aqui diz *Senhorita* Winterson. A embaixada aprovou sua solicitação, Anna? O que significa isso? Não pode ir à Rússia... você tem as provas!

– Pai... – comecei, mas não tinha mais palavras. Ele olhou para mim e se levantou, contornou a mesa e parou na minha frente, suas mãos estavam sobre meus ombros.

– Anna? – E me encarou alarmado. – O que é isso? Por favor, diga que tudo é só algum tipo de engano.

– Não é – consegui responder. – Sinto muito, pai, eu ia contar...

– O quê? Quando? Está dizendo que planejava não fazer as provas para as quais está se preparando há *dois anos* e ir viajar? Sozinha?



– Não vou sozinha – eu disse e percebi imediatamente meu erro.

– Vai com quem?

– Com Abe.

– O quê? – A voz de Emmaline era um eco assustado do choque de meu pai.

– Sim, eu vou com Abe... mas não desse jeito, pai – expliquei ao ver a cara dele. – Como amigos.

– Mas você não pode – meu pai protestou, balançando a cabeça como se quisesse se livrar de alguma ideia maluca, libertar-se. – Você tem as provas! Por que agora? Por que não em dois meses, pelo amor de tudo que é razoável?

Porque podemos não estar aqui em dois meses! Porque, no ritmo em que as coisas vão, Elizabeth provavelmente estará morta. Porque, se continuar solto, o espião irá derrotar os Ealdwitan e vai destruir Londres nesse processo.

No entanto, eu não podia dizer nada disso, não para meu pai. Só consegui balançar a cabeça tentando não olhar para seu rosto chocado, zangado, magoado.

– Eu proíbo – meu pai falou, e de repente sua voz era dura. – Sou seu pai e *não* vou permitir nada disso.

– Sou adulta – respondi. – Tenho dezoito anos, lembra? Posso fazer o que eu quiser. O que vai fazer... me prender?

– Você é uma criança! E aquele homem... aquele maldito Goldsmith... ele devia ter mais juízo. Você *não* vai para a Rússia sozinha, e certamente não vai com Abe Goldsmith. Se ele insistir, eu... eu... vou processá-lo!

– Por que, pai? – perguntei, cansada. – Por ser meu amigo?

– Anna, seja razoável! – meu pai pediu com desespero. – O que quer que eu diga? “Sim, tudo bem, desista das provas, vá para a Rússia com um homem que mal conheço e em quem não confio, você tem minha bênção”?

– Primeiro, não vou desistir das provas – expliquei, tentando manter a voz firme, na medida do possível. – Pai, você não sabe o que tenho vivido... eu saí dos trilhos há muito tempo. Seth, minha avó... tudo. Tudo tem sido demais. É melhor assim. Eu vou voltar... – Pelo menos esperava voltar. – No ano que vem estarei melhor, com os pensamentos mais organizados, e então farei novamente as provas para a universidade. Não vai adiantar nada tentar agora, eu sei que não vou passar. Além disso...

– Além disso – Emmaline interferiu –, ela não vai só com Abe. Eu também vou.

– Em! – exclamei.

– Cala a boca – ela disse, irritada. – Obrigada por não ter me encrencado com seu pai, mas não adianta mais guardar segredo. Vou falar com minha mãe hoje mesmo. Anna não contou antes porque não queria que eu tivesse problemas com minha mãe – ela explicou ao meu pai. – Sabíamos que nenhum de vocês ficaria satisfeito, mas pode ficar tranquilo, porque Abe não vai atacar ninguém. Anna e eu vamos dividir um quarto.

– Emmaline, pare com isso – pedi, aflita. Eu não podia permitir que ela jogasse tudo fora, mas como defender meu ponto de vista enquanto meu pai continuava em pé do outro lado da mesa, de boca aberta? Droga, Em sabia que eu não a deixaria fazer essa loucura, e estava me impedindo deliberadamente de defender meu ponto de vista. – Por favor, Em...

– Anna. – Ela tocou meu braço e senti sua magia formigar em minha pele. Em me dizia que tudo ia ficar bem, cercou-me de amor, apoio e segurança como um abraço invisível. – Agradeço por tentar me proteger, de verdade, mas é melhor que seu pai saiba a verdade. Ele não vai deixar você viajar sozinha com Abe, vai? – Seus olhos escuros me induziam a ficar quieta. – Então, dizer tudo isso a ele... é o único jeito.

*Dizer a ele? Falei dentro da minha cabeça. Está só dizendo isso a ele... para fazê-lo ficar quieto, certo? Por favor, diga que está só improvisando para me tirar dessa encrenca e que não vai comigo. Em, você não vai. É minha palavra final.*

– Eu vou – ela disse com firmeza e em voz alta. – Volto a fazer as provas para a universidade no outono. Está decidido.

Meu pai olhou para mim, para Emmaline, e seu rosto se contorceu numa determinação obstinada. Em seguida ele foi buscar uma frigideira. Quando acendeu a chama do fogão, suas costas radiavam teimosia e negação. *Ainda não terminamos essa conversa*, sua postura anunciava silenciosa.

Bem, eu era sua filha. Também era capaz de obstinação silenciosa.



Depois do jantar, acompanhei Emmaline até a estrada litorânea e voltei. Meu relógio marcava quase meia-noite, e eu senti uma culpa automática

quando lembrei que teria aula no dia seguinte. Depois ri alto pela primeira vez em dias, e meu coração ficou leve. Isso não tinha mais importância.

A casa estava escura quando voltei e, por um momento, pensei que meu pai havia ido dormir. Contudo, quando pisei no primeiro degrau da escada, a porta da cozinha se abriu e ele apareceu recortado contra a luz.

– Pai... – comecei.

Ele balançou a cabeça.

– Não. Eu quero falar. *Não* estou feliz com isso. E vou conversar com Maya amanhã sobre esse assunto, porque não acredito que ela vá deixar Emmaline viajar desse jeito. Estive pensando no que você disse, sobre eu não poder detê-la, porque é legalmente uma adulta. É verdade, reconheço, mas precisa me dizer *por quê*, Anna. Por que isso agora?

Parei com a mão apoiada ao fim do corrimão, procurando desesperadamente alguma explicação que chegasse perto da verdade, mas que o protegesse ao mesmo tempo. Não conseguia pensar em nada.

– É Seth? – ele perguntou finalmente. – Sei que ficou muito abalada com o rompimento... mas, querida, fugir não é a solução. E jogar fora todas as suas possibilidades por causa de um cara que foi estúpido demais para apreciar a garota que tinha... – Uma pausa, e ele recomeçou: – Escute, sei que a mudança para Winter não era o que você queria. E lamento se não dei atenção aos seus sentimentos, você sempre foi muito firme, capaz de lidar com tudo... Devia ter ouvido mais o que dizia, tratado seus problemas com mais seriedade, mas nunca pensei...

Eu queria dizer alguma coisa; explicar que não era Seth, que não era Winter e, acima de tudo, que não era *ele*. Queria dizer que daria qualquer coisa para ficar, ser a filha que ele queria, mas o sofrimento e a surpresa em seu rosto rasgavam meu coração, e eu não conseguia responder. Pensei em como ele se sentiria se eu não voltasse e se nossa última conversa fosse ressentida. E, por um momento, meu corpo todo quis lançar um feitiço, alguma coisa que deixasse lembranças felizes, em vez de amargas.

No entanto, seriam lembranças falsas. Nada muito melhor que a felicidade provocada por álcool e drogas. Nem mesmo minha mãe havia feito isso, e ela fez quase tudo. Podia ter dado a ele um final feliz, uma história para me contar, uma lembrança dela que não fosse de sofrimento e traição. Contudo, ela não fez nada disso, e talvez o sofrimento das lembranças verdadeiras tenha sido melhor que uma névoa de felicidade

criada por recordações falsas.

Então, o que eu *poderia* dizer? Não podia prometer que voltaria para prestar os exames. Não podia prometer nem que ele me veria novamente.

– Pai – falei –, você tem que me deixar ir. Por favor. Você *precisa* me deixar ir para a Rússia.

Eu nunca poderia explicar por quê. Jamais poderia impor a ele essa escuridão. Vi o que saber de tudo fez com Seth – o perigo em que o colocaria, o risco que representariam os Ealdwitan e os Malleus, a dor que eu causaria com a compreensão do meu poder e tudo de que ele era capaz. Seth conhecia o abismo que havia entre nós. E eu não suportaria saber que meu pai olhava para mim e via tudo, menos sua filha.

No entanto, quando olhei para ele, quando implorei com o olhar para que me compreendesse, alguma coisa em sua expressão mudou. Uma lembrança de minha mãe, talvez. Uma compreensão, mesmo que ele escolhesse não reconhecê-la, nomeá-la.

Meu pai respirou fundo, abriu a boca para falar... e desistiu, como se uma chama se apagasse dentro dele.

– Tudo bem. – Sua feição era triste e ele tocou meu rosto. – Se isso é tão importante para você... Não consigo fingir que estou feliz, mas não há muito que eu possa fazer. Não vou prendê-la em casa, sei quando sou derrotado. Então... tudo bem.

Ele piscou, e uma lágrima correu por seu rosto.

– Você entende? – perguntei. Não sabia ao certo que resposta queria ouvir.

– Não – meu pai falou com tom triste.

Eu o abracei com força, completamente incapaz de acreditar que me preparava para abrir mão dele, de toda essa vida boa e confortável. Meu pai me abraçou de volta, seu rosto em meus cabelos, sua respiração entrecortada.

– Boa noite, querida.

– Boa noite, pai.

Ele me beijou na testa com muita suavidade, suas mãos seguravam meu rosto. Era um beijo de boa-noite, mas eu o senti como um beijo de adeus.

## CAPÍTULO TREZE

**P**edimos a Maya e meu pai para não irem ao aeroporto. Emmaline e eu nos despedimos deles na estação e acenamos de dentro do trem até eles desaparecerem na garoa cinzenta de verão que caía sobre a plataforma.

Nenhuma de nós falou durante a primeira meia hora de viagem. Ficamos sentadas olhando pela janela do trem. Eu não sabia ao certo em que Em estava pensando; minha cabeça era uma confusão de agitação, terror, culpa e detalhes práticos de última hora. Peguei meu passaporte? Se acontecesse alguma coisa com Emmaline, Maya me perdoaria? Quando eu poderia contar sobre...

– Animação, amor. – A voz do coletor de passagens interrompeu meus pensamentos. – Talvez nunca aconteça.

*Idiota*, pensei, mas me limitei a sorrir e entreguei minha passagem.

– Não é tarde demais – falei para Em assim que ele se afastou. – Você pode voltar do aeroporto. Pegar o primeiro trem de volta.

– Cala a boca – Em respondeu e depois enfiou o nariz no guia.



No aeroporto, fizemos o check-in e fomos esperar embaixo do principal painel luminoso, onde havíamos combinado de nos encontrar.

– Ele está atrasado – Em comentou e olhou para o relógio de pulso pela quinta vez, depois para cima, para o painel luminoso. *Dirija-se ao portão de embarque*, anunciava a atualização ao lado do voo para São Petersburgo.

– Em – comecei, nervosa –, tem uma coisa que não tive oportunidade de mencionar.

Eu ainda não havia contado a ela. Nem a Abe.

Minha desculpa era que, na correria dos últimos dias, não tive tempo, e Marcus não havia confirmado completamente, de qualquer forma, mas...

– Ah, aí vem ele – Em falou com tom aliviado.

– Desculpem o atraso. – Abe jogou a mala de lona no chão de mármore com um baque retumbante. A bagagem devia pesar tanto quanto eu. – Só preciso de dois minutos para despachar a mala, depois podemos passar pela segurança.

– Ainda... não – falei em voz baixa.

– Por que não? – Em estranhou. – Ah, não, você não esqueceu o passaporte, não é? Eu perguntei!

– Não é o passaporte. Não... É que... Precisamos esperar... Marcus.

– *Marcus?* – Emmaline repetiu, ao mesmo tempo em que Abe falou uma palavra muito, muito rude.

– Sim.

– Por quê?

– Porque... ele também vai.

– *O quê?* – Emmaline reagiu.

– Por favor. – De repente o rosto de Abe ficou sombrio. – Por favor, diga que está brincando.

– Não. – Então, quando vi a incredulidade no rosto de cada um deles, divertida no caso de Emmaline, descaradamente furiosa no de Abe, comecei a gaguejar explicações. – O que eu podia fazer? Não podia simplesmente mandar o cara sumir.

– Sim, podia! – Abe explodiu. – Isso não tem nada a ver com ele!

– Abe, o pai dele foi *morto* pelo espião. Como pode dizer que não tem nada a ver com ele?

– Você não sabe nada sobre ele!

– Sei que fala russo, o que não pode ser tão ruim. E sei que quer caçar o espião ainda mais do que eu.

– E se o espião for sua mãe? – Abe falou com tanta brutalidade que me encolhi e desviei o olhar. – E daí?

– Ele conheceu minha mãe – respondi em voz baixa. – Amava minha mãe. Marcus tem tanto direito sobre ela quanto eu. Abe, mesmo que você não goste disso, Marcus tem o direito de ir.

– Então, ele fez chantagem emocional para convencer você a aceitá-lo nessa viagem? Que bom.

– Não foi chantagem, ele me pediu um favor. De qualquer maneira, quem é *você* para falar em chantagem?

O rosto de Abe se fechou e endureceu e, por um momento, pensei que ele

diria alguma coisa muito feia. Contudo, ele apenas olhou por cima do meu ombro, e sua expressão passou da fúria ao desgosto.

– Anna! – Marcus chamou. Ele caminhava apressado entre as pessoas e me beijou nos dois lados do rosto quando se aproximou de nós. Depois, antes que ela pudesse protestar, Marcus repetiu o cumprimento com Emmaline, que se assustou com o gesto. Pela primeira vez desde que o conheci, ele não usava um terno. Em vez disso, vestia uma jaqueta Barbour e calça cargo. – Oi, Abe – Marcus falou.

Era minha imaginação ou havia um toque de humor em sua voz quando ele olhou para o rosto de Abe?

– Bem – ele disse depois de uma breve e inútil espera –, não temos mais nada para fazer aqui. Podemos ir?

– Sim – Abe respondeu por entre os dentes. – Tem razão. Não temos mais o que esperar.

Suspirei. Seria um longo voo.



O voo aterrissou de madrugada. Nós saímos do terminal e esperamos bocejando enquanto Marcus pagava os carregadores e negociava em russo com o motorista de táxi.

Continuamos em silêncio no táxi. Marcus não falava porque estava dormindo, sua cabeça balançava apoiada à janela do passageiro. Em estava em silêncio porque lia um livro sobre o folclore russo, fazendo anotações na margem com um lápis. Abe estava quieto porque... bem, eu não sabia por que Abe estava quieto. Só sabia que estava. Ele viajava sentado entre Emmaline e eu, seus braços estavam cruzados, seu rosto era sério e determinado. Quando minhas tentativas de puxar conversa não deram resultado, Emmaline olhou para mim como se dissesse “*não perca seu tempo*”.

Eu estava em silêncio porque São Petersburgo era linda.

Não sei o que esperava da Rússia. Prédios de concreto. Neve. Arquitetura comunista.

Nada disso.

Nada daquela pedra branca, das varandas em ferro forjado, das longas paisagens que se estendiam como em Champs-Élysées. Não esperava

cúpulas douradas brilhando ao sol do amanhecer. Nem todo aquele céu e toda aquela água passando por nós, brilhantes mesmo àquela hora no início do dia.

As ruas estavam desertas.

– É tudo tão quieto – comentei em voz baixa com Emmaline.

– Noites Brancas – o motorista, que havia entendido meu comentário, falou por cima do ombro num inglês com sotaque carregado. – O povo dança, come e bebe até de manhã. O sol não se põe. A noite toda é de... como é a palavra? – Ele falou alguma coisa em russo, algo que soava como “sonyaky”, e franziu o cenho. Depois explicou: – Crepúsculo. A noite toda é de crepúsculo. Por isso chamamos de Noites Brancas, quando nunca escurece de verdade. Bebemos à noite e dormimos durante o dia. Hoje é sábado, então, dormimos.

Viramos em uma esquina e eu não contive uma exclamação. Uma catedral se erguia diante de nós, suas cúpulas em espiral apontavam para o céu, cada uma delas em forma de cebola e cravejada de pedras, douradas e azuis sob o céu matinal. O motorista entrou em uma travessa, e o templo desapareceu.

– Que lugar era aquele?

– A Igreja do Salvador do Sangue Derramado – Emmaline falou sem levantar a cabeça. – Construída no local do assassinato de Alexandre II.

– Legal – resmunguei.

– São Petersburgo é uma cidade construída sobre sangue – disse o motorista. – Sobre ossos, sobre corpos. É bonita, sim, mas é uma beleza construída sobre a morte.

– O que quer dizer? – perguntei.

– Ela foi construída sobre os ossos de escravos... É isso que está dizendo, não? – Emmaline questionou.

O motorista assentiu.

– Muitos milhares de camponeses morreram para erguer São Petersburgo da lama. Dez, vinte mil. Trinta mil. A história não consegue contar. Estão perdidos. Os ossos estão sob as ruas, nos canais. – Ele apontou o rio cintilante que corria ao longo da avenida, e eu não consegui evitar um arrepio. Depois viramos à direita, entramos em outra rua secundária e atravessamos mais uma ponte. O carro reduziu a velocidade de repente, e o motorista se debruçou na janela, olhando os números nas portas. Finalmente



paramos, e ele consultou um pedaço de papel que Marcus havia entregado ao entrar no táxi.

– É aqui. Hotel.

– Qu...? – Sonolento, Marcus levantou a cabeça e esfregou os olhos. – Ah, obrigado. – E tirou mais notas do maço em sua carteira. Eu gemi. Nesse ritmo, eu acabaria devendo a Marcus o equivalente à dívida nacional de um país pequeno.



O quarto era pequeno, escuro e deprimente, com uma cama de casal, dois abajures (um não funcionava), uma pia pequena e um tapete gasto. As paredes pareciam ser revestidas com algum tipo de algodão marrom e, quando Emmaline jogou a mala em cima da cama, ela não se moveu. Em deitou ao lado da mala, tirou os óculos e pressionou os dedos contra os olhos.

– Que foi? – perguntei.

Ela balançou a cabeça e não respondeu.

– Não sei. Tudo parece... errado. Tenso. Forçado. Entende o que eu quero dizer?

– Não.

Ela suspirou e tentou de novo.

– Tenho tentado *olhar*, sabe? – Notei em sua expressão aquele ar de autodefesa que eu sempre via quando ela falava sobre sua capacidade de ver eventos que ainda não haviam acontecido. – Tentando ver o que deveríamos estar fazendo... o que deveríamos estar procurando, mas é tudo esquisito. Como... não consigo explicar, mas é como se fôssemos empurrados. Impelidos. Como se contrariássemos o fluxo natural. Faz sentido?

– Mais ou menos... – Sentei ao seu lado na cama. – Impelidos como? Por alguém?

– Não sei. É isso que não consigo definir. Não consigo dizer se estamos indo contra o que alguém quer que a gente faça, como se seguissemos uma pista e alguém quisesse nos desviar dela, ou se é o contrário. Se nós é que estamos indo em direção errada, insistindo no caminho errado, e *temos* que voltar. Mas, seja o que for, a pressão está me deixando doente. Estou com dor de cabeça desde que saímos de Londres.

– Sinto muito. – Não sabia o que mais podia dizer.

Emmaline suspirou de novo.

– Tudo bem. Vou tomar um analgésico. O que acontece hoje, aliás?

– Não sei... Só consigo pensar em seguir a trilha da profecia.

– E isso significa...?

– Caradoc disse que a última referência que encontrou mencionava uma cópia na biblioteca de Pedro, o Grande. E que essa biblioteca ainda existe, fica na Ilha Valisievsky. E eu sei que minha mãe tentou chegar lá pelo menos uma vez. Então, acho que devemos ir à biblioteca. Vamos ver o que conseguimos encontrar.

– É um bom plano. Quer apelar para a vidência antes de sairmos? Ver o que está acontecendo em Londres, talvez?

– Hum...

A resposta era não, mas eu sabia que era uma reação boba, covarde. Era melhor saber. Assenti relutante, e Emmaline abriu a mala para pegar uma pequena tigela de prata.

– Prefere água, não é? – ela perguntou.

Dei de ombros.

– Acho que sim. Nunca fiz de outro jeito. E não uso runas e outras coisas.

– Tudo isso é uma questão de gosto. – Emmaline encheu a vasilha com água. – Como azeitonas. Tudo bem, vamos lá.

– Não olha.

– Caramba, você é esquisita. – Emmaline levantou-se. – Mas todos nós somos, não? Tudo bem, então. Vou até o quarto de Abe e Marcus, talvez tenha que separar a briga.

Esprei até Em sair e fechar a porta, depois fui trancá-la com a corrente e só então coloquei a tigelinha em cima do criado-mudo e baixe o rosto para a água.

*Vó, disse para mim mesma com firmeza. Vó. Pensei em Elizabeth na cama branca e alta, na senhorita Vane se movimentando em torno dela. Não pense em Seth. Pense em Londres. Londres.*

No entanto, a primeira coisa que vi não foi Elizabeth. Foi meu pai. Ele estava sentado à mesa de uma cozinha e, por um minuto, não reconheci o lugar. Depois me localizei, aquele era o apartamento de Elaine em cima do Âncora. Elaine estava sentada ao lado dele, seu braço estava em torno dos ombros de meu pai, e meu pai estava de cabeça baixa, com o rosto

enterrado entre as mãos. Quando ele levantou a cabeça, vi que tinha chorado.

Meus olhos se encheram de lágrimas. Por um longo momento, observei os dois e lutei contra a dor que oprimia minha garganta, até que uma lágrima escorreu por meu nariz e caiu na tigela. E depois outra. A água tremeu e ondas se formaram, e a imagem se desfez. Quando a superfície ficou lisa de novo, Elaine e meu pai haviam desaparecido.

Em vez disso, agora eu via minha avó. Ela estava deitada na cama, na mesma posição em que a deixei. Seus cabelos negros cobriam o travesseiro, e seus olhos estavam fechados. Embaixo das pálpebras finas, seus olhos se moviam inquietos, iam de um lado para o outro como se procurassem alguma coisa. Embora dormisse, ela não parecia descansar. Era como se lutasse para controlar alguma coisa, para conter uma maré. No entanto, ainda estava viva... pelo menos.

De repente não consegui continuar. Espiar do outro lado do oceano sem poder fazer nada era muito difícil. Fechei os olhos, apaguei a imagem da silhueta embaixo dos lençóis brancos. Então levantei a cabeça da tigela e enxuguei as lágrimas dos olhos e do nariz.

Quando abri os olhos, o sol havia desaparecido, nuvens pesadas e escuras encobriam o céu e a chuva lavava a janela. Pulei ao ouvir batidas na porta. Abri de repente puxando a corrente, e o rosto de Emmaline espiou pela fresta.

– Posso entrar? Por que passou a corrente na porta?

– Desculpe, desculpe. – Pulei para trás e soltei a corrente para deixá-la passar. – É claro que pode entrar. Não queria ter sido esquisita antes. É só que...

– Tudo bem. Eu entendo. Tudo bem em casa?

– Não. Mais ou menos. Não piorou, acho. E os meninos?

– Abe dormiu, Marcus saiu. O que vamos fazer?

E de repente eu tive uma certeza. Não tinha mais que esperar. Não podia mais lamentar o que acontecia em Londres. Tinha que fazer algo concreto. Corajoso.

– Vamos à biblioteca buscar aquele livro.

– Tem certeza? – Em mastigou uma mecha de cabelo com nervosismo. – Não devíamos esperar os outros?

– Por quê? Para que esperar?

– Bom... não sei. Para começar, não falamos russo.

– Vamos tentar – decidi com firmeza. – Se não funcionar, voltamos depois com Marcus.

– Não sei, de verdade. – Em mordeu o lábio, tirou os óculos e limpou as lentes. – Isso parece meio... bom, tem gente morrendo, pelo amor de Deus!

– Está com medo? – perguntei com tom carinhoso. – Podemos esperar os garotos se preferir.

Em rangeu os dentes e eu soube que havia apertado o botão certo.

– Nunca. Pegue seu casaco, Anna Winterson.



O vento soprava forte ao longo do rio, transformando meu cabelo em rabos de rato e fazendo meus olhos lacrimejarem. Eu levaria horas para desembaraçar as mechas. Emmaline havia amarrado um lenço na cabeça e parecia uma boneca de Babushka russa. Não parecia começo de verão. De jeito nenhum.

Finalmente chegamos a uma entrada de colunas altas, e Emmaline olhou para baixo, para o mapa, e para o arco.

– Acho que é aqui.

Subimos a escada, as portas muito altas sobre nós, com três, até seis metros de altura, como se não fosse para pessoas, mas para gigantes.

Eu respirava depressa, e o ruído era levado pelo vento. Toquei a maçaneta de bronze e a girei.

Não aconteceu nada. Tentei girar para o outro lado.

– Está trancada? – Em perguntou.

– Não sei. – Espiei pela janela ao lado da porta, mas era difícil enxergar pela vidraça suja. – Acho que está fechada.

Uma voz soou atrás de nós em russo, e nós duas pulamos. Um homem uniformizado subia a escada.

– Eu... sinto muito – gaguejei. – Eu não... Você fala inglês?

O homem disse mais alguma coisa, mais devagar, mas igualmente incompreensível. Emmaline resmungou pelo canto da boca:

– Não me culpe. Eu disse que devíamos esperar os outros.

– Cala a boca – rosnei. – *Spasiba* – falei para o homem, depois arrastei Emmaline para além de uma esquina, fora do campo de visão de quem

estava na entrada.

– Invisibilidade. Agora.

– Caramba... – Em gemeu. – Não dá para resolver isso do jeito normal?

– Não. – Não sabia por que me sentia tão nervosa com a situação, mas me afligia estar tão perto do fim da trilha e não ter a página nas mãos. – Não vou esperar. E foi você quem insistiu para eu aceitar minha bruxaria.

– Tudo bem, tudo bem. – Emmaline olhou para os dois lados da rua deserta. Houve um momento de pausa, e ela desapareceu com um leve tremor. Cochichei um feitiço e olhei para os meus pés.

– Estou bem?

– Não consigo ver você – a voz sem corpo de Em foi quase encoberta pelo som do vento –, se é isso que quer saber. Vamos. Estou exausta. Não quero ter que manter isto por muito tempo.

Uma alameda ligava a rua ao pátio atrás do prédio principal. Fomos até lá e eu olhei em volta, procurando uma porta, uma grade de respiração, qualquer coisa. O pátio era silencioso, vazio. Ali havia mais abrigo contra o vento, e folhas e papéis dançavam nos rodamosinhos.

Vi uma porta de madeira escondida em um canto do pátio. Arrastei Emmaline até lá, segurei a maçaneta e a senti estalar e ranger sob meus dedos.

A porta se abriu, Emmaline e eu olhamos em volta e entramos, saindo do vento.

Lá dentro era quente, muito quente, e percebi que estávamos no porão de um edifício. Canos se estendiam por um corredor mal iluminado, estalando e gemendo quando passávamos por eles. Entramos aleatoriamente em outro corredor. Depois de alguns minutos a mão de Emmaline suave, e acho que a minha era igualmente quente e pegajosa na dela.

Uma porta de madeira apareceu de repente à nossa esquerda e nós paramos. Olhei para a porta, depois para a presença invisível de Emmaline no ar.

– Vamos? – perguntei, e meu coração disparou com a antecipação.

– Vamos – respondeu Em.

Virei a maçaneta e, de repente, sem mais nem menos, estávamos na Biblioteca de Pedro, o Grande.

Entramos em um grande salão ocupado por muitas prateleiras, todas com o dobro da estatura de um homem, e sobre elas havia uma galeria com mais

livros. O ar era pesado, impregnado pelo cheiro de livros antigos e capas de couro em decomposição. Olhei fascinada para as centenas de milhares de livros que recobriam as paredes da vasta biblioteca. Um deles podia conter “O Enigma da Epifania”, mas qual?

Não havia ali nenhum leitor, ninguém nas longas fileiras de mesas sob as janelas altas. Partículas de poeira flutuaram em um raio de luz e desapareceram quando outra nuvem encobriu o sol. Ouvei Emmaline suspirar ao meu lado e soube que, como eu, ela olhava para as vertiginosas pilhas de livros e se perguntava por onde começar.

Senti a mão de Emmaline puxar a minha e juntas começamos a andar lentamente pelas salas de leitura, procurando alguma coisa, alguma pista. As salas se desdobravam – quilômetros e mais quilômetros de livros. Percorremos salas de livros enormes, fileiras de livros estreitos, prateleiras de panfletos e mapas. Ali havia livros antigos, modernos, ilustrados e alguns com capas douradas e dorsos muito largos. Livros com títulos escritos em cirílico, e alguns em...

Parei.

– Em, esta sala... Todas as edições são estrangeiras. Não há livros russos. Acha que pode estar aqui?

– Bem, vamos começar a procurar. – O ar tremeu como uma gigantesca onda de calor, e ela ficou visível.

– Acha que é uma boa ideia? – Mordi o lábio.

– Estou muito cansada. O feitiço vai se esgotar logo, de um jeito ou de outro. Além do mais, não tem ninguém aqui.

– Tudo bem.

Voltei a ficar visível, embora não pudesse deixar de olhar por cima de um ombro num gesto nervoso. De qualquer maneira, se alguém entrasse, seria menos terrível nos verem, em vez de se depararem com pilhas de livros saindo das prateleiras e páginas virando sozinhas.

Joguei a bolsa sobre uma mesa perto da porta, depois olhei em volta e estudei as prateleiras cheias, os milhares de volumes que ocupavam aquela sala.

– Por onde começamos? – Emmaline perguntou.

A dimensão da tarefa era assustadora. Achei ridículo que, de todos os feitiços que aprendi, nenhum fosse tão útil e sensato a ponto de servir para encontrar um livro perdido. Malditos bruxos! Ocupados demais se metendo

com o clima e com os sentimentos alheios para pensar em algo tão útil quanto um encantamento para...

Parei ao lembrar que minha avó havia me mostrado uma coisa quase por acaso uma vez, quando ela perdeu suas chaves.

Estávamos na cozinha e ela usou hashis, eu lembrei. Tentei encontrar ali algum objeto equivalente. Havia dois lápis em cima de uma das mesas perto da janela, e eu corri para ir pegá-los.

– O que está fazendo? – Emmaline perguntou, impaciente. – Isso não é hora de fazer anotações.

– Só um minuto, quero tentar fazer uma coisa.

Segurei os lápis com os dedos sem apertar, tentando esvaziar a cabeça, afastar a ideia apavorada de que alguém ia entrar, perguntar o que estávamos fazendo ali, expulsar nós duas...

Devagar, fui virando, fazendo um círculo, olhando, olhando... Continuei virando e tentando não perder a concentração quando ouvi um carro da polícia passar pela rua, com a sirene ligada. Contudo, não parei e continuei virando... virando... ignorando o olhar cético de Emmaline, tentando me concentrar no título do poema, as letras pretas no fragmento que vi.

Nada aconteceu. Fiz um esforço maior de concentração, direcionando cada nervo para visualizar o pedaço de papel que tirei da mão de Caradoc. De repente, os lápis vibraram. Dei um passo para a frente; eles vibraram novamente, agora com mais intensidade.

– Está funcionando! – falei para Em. Os lápis balançaram furiosamente e eu corri de volta pelo caminho que havíamos feito, voltei à sala principal de leitura.

– Anna, você é um gênio! – Em elogiou. – Como pensou nisso?

Não respondi. Estava ocupada demais me concentrando nos lápis. Havia quase retornado ao local onde tiramos nossos casacos, quando os lápis pularam da minha mão e se arremessaram furiosamente no chão, bem embaixo da mesa onde estava minha mochila.

Por um minuto nós duas ficamos paradas, confusas. Depois eu gemi.

– O pedaço de papel. Está lá dentro. Foi isso que os lápis encontraram, o fragmento que Caradoc segurava.

Emmaline não disse nada; apenas deixou escapar um longo suspiro frustrado. Em seguida começamos a procurar nas prateleiras.

Era um trabalho cansativo, tedioso. Percorríamos a sala olhando volume

por volume. Não sei por quanto tempo ficamos ali, horas, eu tinha a impressão, mas finalmente endireitei os ombros e massageei a nuca enrijecida.

– Em, isso é inútil. Vamos voltar amanhã e trazer Marcus.

– Ai! – Emmaline se levantou e se espreguiçou, e ouvi os estalos pavorosos de suas costas e do quadril. – Estou destruída. Isso é ridículo. Está aqui. Tem que estar. Não vou deixar um sistema de arquivo medíocre me derrotar. Eu *vou* encontrar o poema, nem que seja a última coisa que eu faça.

– Posso ajudar? – perguntou uma voz feminina e com leve sotaque atrás de nós.

Emmaline e eu ficamos paralisadas, a expressão horrorizada no rosto de Em refletia com tanta exatidão meus sentimentos que senti meu rosto com o mesmo semblante de choque.

Uma mulher magra e de cabelos escuros se aproximava de nós, seus saltos estalavam no piso de tacos. Ela estendeu a mão.

– Sou Elena Bolshakov, bibliotecária da coleção estrangeira. Posso ajudá-las em sua pesquisa?

Por um momento fiquei ali parada e boquiaberta. Emmaline se recuperou primeiro e apertou a mão da mulher enquanto engolia em seco.

– Ob... obrigada – ela disse ao cumprimentá-la. – Seria ótimo.

– Vocês são estudantes? – A mulher apertou minha mão e senti um rubor subindo pelo meu pescoço e para o rosto. Deus, eu era uma péssima mentirosa.

– Sim – confirmei. – Mais ou menos. É um trabalho para a escola. Um projeto escolar.

*Não elabore muito*, a voz de Emmaline explodiu furiosamente em minha cabeça. *Está resmungando. Para de resmungar.*

– E... é isso... – parei. Felizmente, a mulher não notou nada de estranho. Apenas assentiu.

– Entendo. E está procurando por um livro? Algum em especial?

– Um p... poema, na verdade – consegui responder. – Fui informada de que havia uma tradução nessa biblioteca. O título é “O Enigma da Epifania”.

– Ah. E você não sabe qual é o título da coleção?

Balancei a cabeça, e ela franziu o cenho.



– Entendo. Não vai ser fácil. Vamos ver o que consigo encontrar nos computadores. Esperem um momento, por favor. Já volto.

Ela desapareceu, e Emmaline sentou-se em um banco e suspirou aliviada.

– Meu Deus! Pensei que era o fim!

– Achei que a biblioteca estava fechada – sussurrei. – Por que ela não questionou nossa presença?

– Talvez acredite que temos uma permissão especial? Quem sabe? Melhor não perguntar.

– Não vou.

Sentei-me ao lado de Em e esperamos, esperamos. Minhas mãos estavam suadas, e de repente uma delas escorregou pelo couro do revestimento do banco, meu braço dobrou e eu perdi o equilíbrio, caindo em cima de Emmaline.

– Pelo amor de Deus... – ela se irritou, mas ficou quieta. Ouvimos os passos animados no corredor, aproximando-se de nós.

Eu fiquei em pé. Não pude evitar. Cruzei os dedos imitando o nó apertado que comprimia meu estômago.

*Então? Queria gritar. Encontrou?*

Ela segurava alguma coisa em uma das mãos, mas não era um livro. Parecia ser um impresso.

– Aparentemente, o volume em questão, uma coleção de poemas e enigmas traduzidos em inglês arcaico, foi destruído no incêndio de 1988.

– O quê? – Emmaline perguntou.

– A biblioteca foi destruída por um incêndio terrível há alguns anos, milhares de livros foram perdidos. Parece que esses poemas estavam entre eles. O volume desapareceu.

Não. *Não.*

De repente meus joelhos fraquejaram, eu estendi a mão para o banco e senti, ouvindo o sangue rugir em meus ouvidos.

Ao fundo, ainda escutava a voz animada da mulher. Ela dizia alguma coisa a Emmaline, mas nada tinha importância comparado àquele fato único, imutável: o poema havia desaparecido.

– ... nenhum substituto para os livros, é claro, mas em termos de conservação eles são ótimos – ela falava.

Emmaline pegou a folha de papel e, pálida, incrédula, olhou para mim.

– Obrigada – ela murmurou. Havia algo estranho em como segurava o

papel, como se ele pudesse explodir em chamas ou desintegrar-se em sua mão. – Obrigada, isso é incrível. Anna... Anna, você ouviu?

– Ouvi o quê? – perguntei, desinteressada.

– O livro foi destruído, mas eles fizeram uma cópia em microficha. A senhorita Bolshakov imprimiu uma cópia para nós. Anna... conseguimos. Temos o poema. Agora vamos sair daqui.

## CAPÍTULO CATORZE

— Não acredito nisso.

Olhei de novo por cima do ombro. A rua estava vazia.

— Vá em frente, leia! — Em insistiu.

Balancei a cabeça.

— Agora não. Não posso. Não aqui.

— Ah, tudo bem, dá esse papel para mim, então. — Franzi o cenho, e ela estalou os dedos num gesto impaciente. — Vai! Essa é a última cópia do poema e, possivelmente, a resposta para todas as nossas questões. Não tem um *pequeno* medo de perder esse impresso?

— Sim, é claro, mas tem certeza...?

— Pff. — Ela bufou, um som que mesclava irritação e desdém, e tirou o papel da minha mão. O impresso tremulava ao vento, e ela começou a tirar uma bota.

— O que está fazendo? — Assustei-me, mas dei risada quando Em dobrou a folha de papel e a enfiou na bota. — Você tem visto muitos filmes de espionagem?

— Cala a boca, Winterson. — Em calçou o sapato e fez uma careta. — Ah, que coisa desconfortável. Se eu ficar com bolhas, você vai ter que fazer massagem no meu pé.

Começamos a andar novamente, seguindo em direção ao rio cinzento. Apesar das promessas de quase vinte e quatro horas de sol, vimos pouca luz solar desde aquela manhã. Nuvens negras vinham do mar, empurradas para o continente pelo vento ininterrupto. Agora estavam acumuladas no horizonte formando montanhas assombrosas, como um grosso cobertor cor de chumbo escondendo o céu. Mais algumas gotas de chuva caíram quando chegamos à avenida principal paralela ao rio Neva. Em estremeceu e apertou o casaco contra o peito.

— Bem, isso é horrível — ela comentou com uma mistura de amargura e

falsa animação. – Vamos direto tomar café na praça.

– Não quero ficar andando por aí – respondi. – Prefiro levar o você-sabe-o-que de volta ao hotel.

– Sutil, Anna, muito sutil – Emmaline resmungou. – Talvez possamos pensar em um código. A Calcinha, talvez. Tenho que levar a Calcinha de volta ao hotel.

– O Ovo Escocês – sugeri com uma risada nervosa meio histérica.

– Não é suficientemente constrangedor. O que acha de O Estranho Gostoso? Não vou ficar satisfeita enquanto não levar O Estranho Gostoso para o meu quarto.

– Não, espere – interrompi rindo –, tenho uma melhor...

Contudo, antes que eu pudesse terminar, um vento cortante trouxe uma nuvem de poeira e detritos, galhos quebrados, folhas, pequenos objetos. O vento formou um rodadoiro em torno de nossas cabeças e nós paramos, inclinando as costas e cobrindo o rosto com as mãos, tentando proteger os olhos.

– Droga. – Emmaline tirou os óculos e esfregou o rosto. – Não enxergo nada.

No entanto, eu enxergava... pouco. Quando minha visão clareou, vi que o rodadoiro de detritos não se dispersava, mas ganhava corpo e se aproximava, ficava mais definido. Era quase como uma forma. A forma de uma pessoa, de uma mulher... abaixada como se estivesse preparada para saltar.

– Em! – gritei. – Corre!

Contudo, era tarde demais.

A mulher estava na nossa frente – bloqueando o caminho, seus braços estavam abertos. Ela era bonita, mas vestia farrapos e trapos costurados que formavam uma túnica gasta. Ela não parecia sentir frio. Seus olhos eram azuis e os cabelos voavam, uma crina de Medusa formada por serpentes brancas batidas pelo vento.

Ela gritou alguma coisa em russo, depois uma palavra que soou como “pare!”.

Emmaline e eu viramos e começamos a correr em direção oposta. Eu olhei para trás.

– Parem! – a bruxa gritou correndo atrás de nós. Ela berrou um feitiço em russo e meus pés ficaram pesados, arrastaram-se no pavimento, e eu

tropecei... Meu andar ficou lento, terrivelmente pesado, como se meus pés fossem feitos de chumbo. Ao meu lado, Em tropeçou e caiu, e eu agarrei a mão dela e a pus em pé novamente.

– *WiPræ!* – exclamei. O peso diminuiu e seguimos em frente cambaleando, tentando fugir, mas progredindo lentamente como em um pesadelo. Pior, seguíamos para um beco sem saída, nada além da correnteza lenta do rio na nossa frente. Olhei para a água, depois para Em, e vi o mesmo pensamento aterrorizado nos olhos dela. Pular ou lutar? Então vi uma passagem entre dois prédios.

– Por aqui – arfei, e nós duas fizemos uma curva e corremos para a viela.

A bruxa gritou mais alguma coisa em russo, a voz áspera e estridente. Não compreendemos o que ela disse, e, quando olhei para trás, eu a vi apontando imperiosamente para um carro, um Mercedes reluzente. O carro rangiu e começou a deslizar pela rua, seus pneus faziam um barulho característico de borracha em atrito com o asfalto. Houve um horrível estrondo de metal contra pedra e o automóvel parou na entrada do beco, bloqueando a passagem.

Rostos assustados surgiram nas janelas dos apartamentos lá em cima, mas a bruxa abriu a boca e rugiu como um leão. A explosão de magia sacudiu as paredes dos edifícios em volta, e os rostos desapareceram; os ocupantes sumiram. Eu sentia a respiração da mulher como um vento escaldante no rosto, sua magia queimava como uma nevasca, cortando a pele, penetrando no sangue e nos ossos.

– Sua vadia! – Emmaline gritou. Ela levou o punho fechado para trás e disparou um violento raio de magia contra a bruxa, um golpe forte o bastante para matar um apartado, se um deles entrasse no caminho nesse momento. No entanto, a feiticeira riu e desviou o ataque como se anulasse os golpes de uma criança.

Depois ela soprou.

De repente, o ar era frio como um vento da Sibéria. Quando tentei mover os pés, eles resistiram. Olhei para baixo e percebi que a chuva havia formado uma camada de gelo, e meus sapatos estavam congelados e colados ao pavimento de concreto. Em pânico, fiz força tentando soltá-los e consegui tirar os pés dos sapatos. Contudo, meus dedos já estavam adormecidos. O rio Neva congelava. Uma camada de gelo cobria os automóveis e as lâmpadas da rua.

No entanto, o mais aterrorizante, o que realmente me fez tremer, foi que a bruxa parecia não se importar com quem a via, não se incomodava com o que os apartados podiam pensar. Nenhuma regra a restringia. O que ela havia feito com os rostos nas janelas?

Olhei para seu rosto bonito e furioso, para seus grandes olhos azuis, seus pés descalços sobre o solo gelado. Seu cabelo de Medusa estava recoberto de gelo.

– Quem... é... você? – perguntei batendo os dentes. Quase não conseguia falar. Ao meu lado, Emmaline tremia violentamente, tremia tanto que quase nem era um tremor, era mais uma convulsão.

– Eu... vim... amiga... – a bruxa respondeu com voz rouca. Ela sorriu, e vi seus dentes pretos e quebrados.

– Em... temos que correr – falei.

– V... vai – Em respondeu, rangendo os dentes para parar de batê-los.

Arrancamos os pés do pavimento, passamos por cima do capô do carro amassado e corremos.

Nossa respiração formava nuvens brancas no ar gelado. Nossos pés escorregavam nas pedras congeladas do calçamento, nossos dedos quase grudavam nas grades de metal onde tentávamos nos amparar. E, atrás de nós, eu ouvia o ruído constante e tranquilo da bruxa nos perseguindo. Viramos em ruas secundárias aleatoriamente, sentindo seu hálito gelado em nossas costas. Fazia frio. Muito frio. Minhas costas estavam suadas, mas isso só me fazia tremer ainda mais quando o vento gelado me atingia.

Eu ouvia o eco da minha respiração e o arfar desesperado de Emmaline.

Então viramos uma esquina e o Neva estava na nossa frente, passando por baixo de uma ponte. E eu reconheci nosso hotel do outro lado da ponte.

– Vamos! – solucei, e obrigamos nossas pernas cansadas a fazerem um último esforço, uma explosão de velocidade.

Por um minuto o ar ficou mais quente, estávamos aumentando a distância entre nós e a bruxa. Então ouvi um grito de frustração e uma poderosa rajada de ar gelado atingiu nossas costas. A bruxa estava em cima de nós. Senti sua mão agarrar meu cabelo, meus pés saírem do chão.

Caí de cabeça no calçamento de pedras, um tombo tão violento que o impacto expulsou todo o ar do meu corpo. Arranhei as pedras geladas tentando me levantar, mas a bruxa me mantinha presa, suas mãos geladas estavam sobre meu corpo, seu cabelo envolvia meu rosto como uma onda

que me cegava. Ela me esmagava, expulsava todo ar e calor do meu corpo.

– Não! – Emmaline gritou. Ao mesmo tempo, levou a mão para trás e lançou uma bola de fogo.

A bruxa voou no ar e caiu na rua. Por um minuto ficou deitada arfando, e Emmaline correu para mim gritando:

– Anna! Levante, corra!

No entanto, antes que ela pudesse me alcançar, a bruxa atacou novamente. E dessa vez Emmaline era o alvo.

A magia girava em torno de nossas cabeças, neve e fogo se misturavam numa dança fascinante, envolvente. O ar se encheu de ruídos, chiados e borbulhas, e senti cheiro de queimado e medo. Vi o rosto de Emmaline dominado pela cor das chamas e pela agonia. Ela e a bruxa estavam presas em um abraço mortal, as duas gritavam feitiços, suas vozes eram ásperas e incompreensíveis.

Fumaça, magia e vapor compunham o cenário que nos cercava.

– Pare! – gritei, apoiando-me sobre as mãos e os joelhos e tentando recuperar o fôlego, o suficiente para lançar um feitiço. – Pare!

Levei a mão para trás preparando um raio de magia, mas era quase impossível diferenciar quem era quem no meio da escuridão. Emmaline gritou alguma coisa, e a bruxa foi jogada para trás como se levasse um soco e caiu diretamente em meus braços. A força da colisão nos fez deslizar pela superfície gelada da ponte, e eu bati a cabeça em um poste de iluminação, uma pancada tão forte que, por um minuto, não consegui enxergar nada, só escuridão e sangue. Ouvei os soluços aterrorizados de Emmaline, senti a umidade escorregadia e quente em meu rosto. Havia sangue entrando em meus olhos, meu próprio sangue me cegava.

Em seguida ouvi passos fortes, pesados, e uma voz gritando um feitiço.

Tirei da frente dos olhos os cabelos encharcados de sangue. Marcus... Era ele correndo pela ponte, o rosto cheio de medo e fúria.

– *Ábréoðe!* – ele gritou.

A bruxa voou longe, chocou-se contra o outro parapeito da ponte com força suficiente para fazer a estrutura tremer. Marcus disparou outro raio, e o parapeito gemeu. Uma grade se rompeu com um barulho que lembrava um tiro.

– *Smert!* – berrou a bruxa. Ela levantou a mão e Marcus imitou o gesto, ambos preparados para desferir um golpe devastador. Contudo, Marcus foi

mais rápido. Um raio de luz branca brotou da palma da mão dele, e a bruxa gritou. Lascas de gelo flutuavam no ar que ela expelia como adagas, depois as grades tremeram e rangeram com um ruído metálico, e de repente ela desapareceu, os pedaços retorcidos da cerca indicavam o lugar de onde ela havia caído.

Ouvimos o barulho quando seu corpo se chocou contra a superfície gelada do Neva.

Por um minuto eu não fiz nada. Fiquei ali sentada ofegante, mas o silêncio se prolongou e eu me arrastei até o parapeito para olhar para baixo.

Não tinha nada lá, só um buraco escuro no gelo e alguma coisa se debatendo na correnteza, embaixo da superfície gelada. Pouco depois eu não conseguia ver nem isso.

Do outro lado da ponte, Emmaline se levantou com dificuldade.

Ficamos paradas por um momento, depois caminhamos cambaleantes uma em direção à outra e nos abraçamos.

– Meu Deus, Em!

– Sua cabeça! – ela me alertou. – Anna, sua cabeça!

– Tudo bem. – Toquei a parte de trás da cabeça com cuidado, depois me encolhi. Não estava nada bem. A textura esponjosa sob meus dedos era horrível, assustadora. No entanto, eu estava viva, e isso era o principal.

Nós nos afastamos e olhamos uma para a outra. Eu procurava ferimentos no rosto de Em, mas, incrivelmente, ela parecia estar bem.

– Você parece ter acabado de sair de uma briga de bar – Em comentou.

Levei a mão ao rosto e senti o sangue seco, depois cuspi na manga da blusa e a esfreguei pelo rosto. Só Deus sabia que aparência eu tinha e, se eu pudesse evitar, gostaria de não ser presa por lesão corporal. Meu cabelo era escuro, pelo menos... se conseguisse limpar um pouco o rosto, provavelmente voltaria ao hotel sem chamar a atenção.

Eu ia perguntar a Emmaline se ela tinha um lenço quando ouvi uma mistura de rosnado e gemido atrás de nós e nos viramos horrorizadas.

– Marcus!

Ele estava caído sobre o parapeito da ponte, seu rosto estava pálido. Seus olhos estavam abertos, mas havia sangue na camisa. Muito sangue.

Corri e me ajoelhei ao lado dele sobre as pedras. Ainda eram frias, mas não estavam mais congeladas.

– O que... aconteceu? – gaguejei.



– Droga... de lasca de gelo... aquela maldita bruxa...

Olhei para a camisa dele, mas o gelo havia derretido. A água do descongelamento se misturava ao sangue.

– Temos que estancar o sangramento – falei, abalada. Em seguida comecei a afastar a camisa para ver o que havia embaixo dela.

– Sai! – ele grunhiu, a voz distorcida pela dor. Marcus me empurrou com um braço e protegeu o corpo com o outro, mantendo uma distância física entre nós. – Não toque em mim... por favor.

Havia suor em seu rosto, e sua pele era cor de argila.

– Cristo! – Emmaline olhou para mim horrorizada. – O que vamos fazer? Ele está morrendo?

– Não estou... morrendo... – disse Marcus, rangendo os dentes para suportar a dor. – Mas precisamos sair daqui. Agora.

– Você não está em condições de se mexer – eu disse. – Quero ver o ferimento, por favor. Eu posso ajudar a curar...

– Se tocar em mim, eu *mato* você.

Quase acreditei na ameaça, mas os olhos dele se fecharam, e compreendi que o que parecia ser fúria era, na verdade, uma dor insuportável, uma dor forte demais para alguém poder lidar com ela.

Emmaline tentava usar o celular para falar com Abe, acho, mas depois de um tempo ela balançou a cabeça e, mordendo o lábio, olhou para os dois lados da ponte.

– Marcus tem razão, não podemos ficar aqui. Aquela vadia não se importou com quem estava vendo tudo. Metade da KGB deve estar a caminho, sem mencionar as autoridades que políam a magia neste fim de mundo.

– Como vamos levá-lo para casa?

– Eu posso andar – Marcus gemeu.

Olhei para ele. Era difícil acreditar que pudesse andar. Marcus parecia estar perdendo todo o sangue do corpo. Contudo, ele se levantou com um ruído que parecia um soluço e, apoiando-se em meu ombro, realmente conseguiu dar um passo. Emmaline correu para o outro lado para ampará-lo; Marcus deu mais um passo. E outro.

E conseguiu. Cambaleando, ele se arrastava dolorosamente apoiado em mim e em Emmaline. Passando o braço em torno de seu corpo, amparávamos todo peso que podíamos. Depois de alguns passos, meus

músculos protestavam com veemência. O peso de Marcus parecia me esmagar, e minha cabeça começou a latejar como se houvesse um tambor batendo dentro dela, mas rangi os dentes e segui em frente com passos lentos. Por maior que fosse meu sofrimento, o de Marcus era pior.

Estávamos na metade do caminho para o hotel quando viramos em uma esquina e quase tropeçamos em Abe. Ele parou, seu peito arfava.

– Anna, Em... o que aconteceu? Vim o mais depressa que pude.

– Fomos atacadas – Em resumiu. – Anna e eu quase morremos. Marcus salvou a gente. E ele é pesado.

– Desculpe, desculpe – Abe falou, apressado. Ele empurrou Emmaline para trás, tentando ocupar o lugar dela ao lado de Marcus, mas ela balançou a cabeça.

– Vai do outro lado. Anna teve uma concussão fraca, ou alguma coisa assim.

Pela primeira vez, Abe registrou o sangue seco em meu rosto e empalideceu.

– Não foi exagero quando disse que quase morreram?

– Não – Em respondeu.

– Consegue andar? – Abe me perguntou.

– Sim. – Não muito bem, era verdade, mas melhor que Marcus.

Abe me empurrou para o lado e amparou o peso de Marcus, deixando Emmaline ajudá-lo do outro lado. Fui andando perto deles, ouvindo a respiração forçada de Emmaline e os sons de agonia e dor que brotavam do peito de Marcus. Depois de cem metros eu vi que ela estava quase caindo, seus pés se arrastavam e ela tropeçava. Troquei de lugar com Emmaline e nós seguimos em frente devagar. Era mais fácil com Abe do outro lado; ele era forte o bastante para sustentar praticamente todo o peso. Mesmo assim, foi um grande alívio chegar ao hotel.

– Espero que não tenha ninguém na recepção – Abe resmungou. E espiou pela porta para se certificar de que não havia ninguém. – Tudo bem, caminho livre. Vamos depressa.

Atravessamos o saguão sem problemas, mas tivemos que nos unir para levar o corpo suado e fraco de Marcus pela escada e até o quarto dele. Abe o deitou de costas na cama e ele ficou quieto, os olhos fechados, a pele brilhando coberta por uma fina camada de suor.

– Posso examinar o ferimento? – Abe perguntou. Suas sobrancelhas

escuras se aproximaram numa expressão preocupada.

Marcus balançou a cabeça, ainda de olhos fechados.

– Não. Por favor, deixe-me em paz.

– Posso ajudar a curar a ferida – Abe insistiu. – Escute, sei que não somos amigos, admito que tenho sido um cretino, mas você salvou a vida de Anna e de Em. Sou grato por isso. Aceite minha ajuda.

– Não – Marcus repetiu. Ele abriu os olhos, e a determinação neles me intimidou. – Não.

– Marcus... – Abe começou.

– *Sai*. – Marcus ordenou com tanto rancor que, no lugar de Abe, eu teria corrido. No entanto, Abe continuou ali, os braços cruzados, a expressão preocupada. Depois balançou a cabeça.

– Tudo bem. Não posso obrigá-lo. Se precisar de alguma coisa, estarei no quarto das meninas no fim do corredor.

– Posso ficar, Marcus? – perguntei.

Ele balançou a cabeça.

– Não. Por favor, deixem-me em paz, todos vocês.

– Tudo bem – falei, relutante.

Ele fechou os olhos, e nós saímos do quarto.



No nosso quarto, eu falei:

– Tire a bota, Em.

– Depois que dermos uma olhada na sua cabeça – ela respondeu.

– Por favor, só quero...

– Anna, você é idiota? De que vai adiantar ter um pedaço de papel se morrer de hemorragia cerebral?

– Papel? – Abe olhou para mim.

– Nem queira saber – Em falou com tom amargo. – O motivo de toda essa confusão está dentro da minha bota.

– É a profecia! – contei, desesperada. – Você não entende? Nós a encontramos... era isso que ela queria!

– Tudo bem, eu entendo, mas acho que Em está certa – Abe opinou. – O enigma durou até aqui... acho que pode esperar mais alguns minutos. Quero ver sua cabeça.

Ele me fez abaixar a cabeça, tateando com delicadeza a parte de cima, mas não disse nada nem quando soltei um palavrão e me afastei ao sentir seus dedos em uma região dolorida.

– O que você acha? – Em perguntou. Abe deu de ombros, mas seus olhos eram preocupados.

– É difícil dizer. Tem muito sangue, não consigo ver direito.

– Vou lavar – avisei e então me aproximei da pia.

– Não! – Abe protestou, ao mesmo tempo em que Em gritou para eu não fazer isso.

– Por que não?

– Porque, se tiver acontecido alguma coisa mais séria, não quero que pedaços do seu cérebro desçam pelo ralo – explicou Abe.

– Escute, estou consciente, andando, falando. Acho que vou ficar bem. Só quero tirar o sangue do cabelo para você poder ver o ferimento.

Abe olhou para Emmaline, e percebi que eles trocavam uma mensagem silenciosa, como se dissessem: *O que fazer com alguém como ela?*

– Tudo bem – Abe concordou finalmente. – Mas é melhor me deixar ajudar. Não quero que jogue no ralo nada vital.

Ficamos em pé ao lado da pia, e Abe jogou xícaras e mais xícaras de água morna no meu cabelo, enquanto a cuba se tingia de vermelho como o ralo de um açougue. Enquanto ele lavava meu cabelo, Emmaline falava, informando-o sobre a descoberta do poema, o confronto com a bruxa, nossa tentativa frustrada de fuga e como Marcus apareceu para nos ajudar. Abe continuava quieto.

De vez em quando eu sentia os dedos de Abe explorando com cuidado a região no alto da minha cabeça, certificando-se de que ele não estava piorando as coisas. Um odor horrível invadia o quarto; era como o cheiro de um abatedouro, sangue e água quente misturados formando um vapor de cheiro forte. Finalmente o vermelho na pia foi ficando rosa, e senti que o coágulo em minha cabeça havia dissolvido quase completamente.

Em me deu uma toalha para cobrir os ombros, e eu me sentei em uma cadeira ao lado da janela, embaixo da luz, enquanto ela e Abe examinavam minha cabeça.

– Não é tão grave quanto parece – Abe falou finalmente. – Acho que só perdeu um pouco de pele e cabelo, mas estou realmente preocupado com a concussão. Em falou que a pancada foi forte.

– E daí? Acha que devo ir a um pronto-socorro russo e esperar a bruxa aparecer?

Abe franziu o cenho e enfiou as mãos nos bolsos do jeans.

– O que sugere, então? – Emmaline perguntou.

– Já bati a cabeça antes – contei. – Lembro o que disseram na última vez. Acho que sei a que tenho que estar atenta.

– Ah, você é impossível – Em irritou-se. Depois suspirou. – Tudo bem, acho que não há mais nada a fazer.

Ela se sentou na cama, tirou a bota, e um pedaço de papel caiu no chão.

Por um momento eu não fiz nada, não conseguia. Meu coração batia forte demais, minhas mãos estavam frias e dormentes e, por um segundo, perguntei-me se Emmaline e Abe não estavam certos, se eu não estava à beira de uma espécie de aneurisma.

Então peguei o papel e o desdobrei.

# CAPÍTULO QUINZE

*Uma Charada*

*Uma criança nascerá na Festa de Reis  
Um filho do Corvo, mas ave não será  
E embora ela possa Voar, Asas ela não terá  
Nascerá em um Dia Sombrio, mas trará Alegria.*

*Filha do Inverno, ainda assim será Única  
Sua Língua diz inverdades, mas ela não mente  
Seus Anos Mais Brilhantes serão vividos na sombra  
E embora seja Afogada, ela não morrerá.*

*«Ela andará sozinha desde o Berço  
Sozinha neste mundo do primeiro ao último Suspiro  
Porque, neste mundo onde todos os Mortais devem morrer,  
Ela reina sozinha: a Senhora da Morte.*

Ficamos olhando para a página em silêncio.

– A Senhora da Morte... – Abe disse finalmente. – Isso significa...?

Ele parou, e o pressentimento que revirava meu estômago havia meses ameaçou me sufocar. Morte. Tudo parecia levar a essa palavra. Todas as mortes dos últimos meses passavam por mim, afogavam-me em suas sombras, e eu senti um medo muito antigo me invadir. A Senhora da Morte. Seria eu algum tipo horrendo de Perséfone das Bruxas? Era isso que Corax queria de mim?

Eu *tinha* o papel. E, mesmo assim, não sabia.

– Malditos bruxos! – esbravejei, furiosa. – Por que não podem dizer o que pensam? Tudo é fumaça, espelhos e ilusões. Estou cheia disso!

Cerrei o punho, amassando a folha na mão fechada, e fiquei ali parada com os punhos apertando a testa, a respiração rápida. Tinha vontade de jogar o papel pela janela, o papel que havia custado tão caro em vidas, sangue e sofrimento.

O silêncio reinava no quarto. Eu ouvia minha respiração alterada e escutei o ruído baixo da folha caindo no chão.

Em se abaixou e a pegou.

– Se não se importam, vou descer para usar a internet no café lá embaixo e mandar isso por e-mail para Simon. Talvez ele possa ajudar. Estou muito infeliz por ter sido uma das únicas três pessoas que viu isto. Acho que quanto antes mandarmos o material para a Inglaterra, mais seguros estaremos. Tudo bem, Anna?

Não me sentia capaz de falar. Apenas assenti.

– Quer que eu vá também? – perguntou Abe.

Fechei os olhos com força. Não conseguia falar. O nó na minha garganta me engasgava. Se tentasse, não sei o que teria saído, talvez um grande uivo visceral de frustração e dor.

Em vez de falar, dei de ombros.

– Tudo bem. Eu fico, então – Abe falou com um tom de *faça como quiser*.

– Volto em dez minutos – Em avisou. Depois, com uma risada forçada demais para soar relaxada: – Se eu não voltar em quinze minutos, mandem os grupos de busca.

Assim que ela saiu, caí na cama com o rosto no travesseiro e tentei me controlar. *Deixe de ser patética*, pensei.

– Vai dar tudo certo – Abe disse em voz baixa. Senti o colchão se mover quando ele se sentou ao meu lado.

Balancei a cabeça no travesseiro, e ele insistiu com tom urgente:

– Aquele verso sobre a Senhora da Morte, sei o que está pensando, mas pode ser alguma coisa completamente diferente. Você não é má, Anna, *não* é.

Continuei em silêncio. Eu estava rangendo os dentes em desespero, mas, quando senti a mão de Abe em minha nuca, não pude mais me conter. Um soluço brotou do meu peito.

Ele se deitou ao meu lado na cama de casal e eu me virei, passei os braços em torno de seu corpo e solucei em seu ombro enquanto ele afagava minhas costas com movimentos lentos e confortantes.

Chorei até ficar rouca, e depois ficamos deitados com as testas se tocando. Senti sua respiração em meu rosto. Seus braços em torno da minha cintura. Estávamos muito próximos, tanto quanto era possível sem nos fundirmos em um só corpo.

Seus olhos estavam fechados, mas Abe deve ter sentido meu olhar, porque os abriu e me encarou. Seus olhos escuros eram firmes, mas cheios de uma fome que eu não suportava ver.

Ele tocou meu lábio com um dedo.

– Posso?

Seria fácil. Eu não precisava ter cuidado com ele. Não teria que me controlar.

Abe se aproximava devagar, dava-me tempo de sobra para recuar ou dizer alguma coisa que o faria parar, mas eu não fiz nada. Prendi o fôlego, e seus lábios tocaram os meus, um toque tão suave que nem tive certeza da sensação.

E de repente ele me beijava. Com firmeza. Sem hesitação. Sem reservas. Suas mãos agarraram minha blusa na altura da cintura, sua respiração era quente e rápida. Suas sobancelhas escuras e pesadas estavam próximas, mas eu não sabia se sua expressão tensa era resultado de dor ou prazer. Talvez fosse uma emoção complexa demais para definir com um nome.

Seus lábios passaram por meu queixo e desceram pelo pescoço, e sua barba áspera de três dias arranhou minha pele sensível embaixo de uma orelha. Abe apoiou-se sobre um cotovelo e, sem parar de me beijar, tirou a camisa com a mão livre, os botões arrancados rolavam pelo chão com um ruído característico. Deitada de costas, eu tremia de vontade, ouvia minha respiração alta e arfante no silêncio do quarto. Nenhum de nós falava. O quarto era silencioso, exceto pelos ruídos da nossa respiração arfante e do meu coração disparado.

Estava errado. Não era Seth. E eu queria Seth. Queria os braços dele me abraçando, seus lábios em minha pele, seu peso sobre mim. Contudo, ele não estava aqui. E Abe estava.

*Seth*, gritou uma voz em meu coração.

*Foi embora*, minha cabeça respondeu com brutalidade. *Você não deve nada a ele. Por que insiste em ser fiel?*

Ele não era fiel a mim, certamente.

Pensei na mulher de sarongue, e alguma coisa quente e sombria se



acendeu dentro de mim.

Os lábios de Abe estavam em meu pescoço. Meus dedos trêmulos o ajudavam com os botões da camisa.

*Não demorou muito, não é? Da minha cama para a dele.*

Balancei a cabeça, afastei as palavras, afastei as lembranças. Não devia nada a ele. Seth me deixou. Ele não estava aqui. Abe estava. Abe.

As batidas do meu coração ecoavam em meus ouvidos.

Segurei os cabelos de Abe.

– Abe.

Ele não levantou a cabeça, mas seus lábios deslizaram por minha pele.

– Anna...

– Abe. – Era um gemido. Ele me segurou com mais força. – Abe... Abe, *pare.*

Por um minuto, não tive certeza de que ele pararia.

Em seguida ele se deitou de costas, a respiração arfante, entrecortada e furiosa.

Fiquei onde estava, meu coração batia forte. Depois de um instante, apoiei-me sobre um cotovelo.

– Abe...

– Escolhe – ele falou. Sua voz era rouca, a palavra soava como uma acusação.

– Abe... – tentei, mas ele me interrompeu.

– Escolhe! – gritou. – Cansei de ser a segunda opção para um fantasma do seu passado. Ele foi embora... deixou você...

Eu me encolhi como se houvesse levado uma bofetada, mas ele prosseguiu com crueldade. Suas palavras rasgavam nós dois da mesma maneira.

– Não pode passar a vida toda olhando para trás! Estou aqui, Anna! Eu quero você. Eu... – Ele parou e rangeu os dentes, e havia tanta tensão no gesto que vi os tendões de seu pescoço salientes. – Eu *amo* você.

– Abe... – Queria muito responder *também amo você*. E respondi. E essa foi a pior coisa. E eu sabia o que isso devia estar provocando nele, o que essas palavras custavam para ele, mas...

Não ia chorar. Eu não *ia* chorar! Puxei os joelhos contra o peito e escondi o rosto entre as mãos.

O silêncio se prolongou, durou tanto tempo que, finalmente, enxuguei os

lados do rosto na manga da blusa e levantei a cabeça.

Abe olhava para minha perna, onde o jeans havia subido e revelava um pouco de pele. Quando olhou para mim, vi em seu rosto uma emoção que podia ser choque, ou medo.

– Abe – falei com a voz rouca. – O que foi? Está me assustando.

– Sua cicatriz.

– Cicatriz? – repeti, confusa.

– Do ferimento, quando caiu na neve no inverno passado. Ela... desapareceu.

Levantei a calça e olhei para minha perna. Ele tinha razão. A cicatriz havia sumido. E não tinha a menor importância.

– Cicatrizes se apagam.

– Isso não é apagar, Anna. A marca *desapareceu*. Em quanto tempo? Seis meses? Não é possível. Eu *vi* a cicatriz. Marcas como aquela não desaparecem simplesmente. Aquele corte estava tão fechado quanto poderia estar. Nenhum poder na terra teria feito desaparecer a cicatriz, nada, nem uma força natural, nem magia.

– O que... está dizendo? – perguntei, incomodada.

– Não sei. – Ele levou a mão à cabeça. De repente parecia apavorado, e eu abracei meu corpo trêmulo. – Preferia que Emmaline não tivesse levado o poema. Preciso ler...

– O que está *falando*?

– Não é possível – ele sussurrou. – Existe um limite para a magia, um limite que não se pode ultrapassar. Não é possível curar o incurável. Não é *possível*...

– O que está dizendo, Abe?

No entanto, eu compreendi. Soube antes de Emmaline entrar no quarto como um furacão, os olhos arregalados, a respiração ofegante.

– Simon respondeu ao e-mail – ela falou. – Ele diz... – E olhou para mim, para Abe e para mim de novo. – Vocês decifraram.

– Não – respondi instintivamente. Precisava ouvir Em falar. Precisava ouvir Emmaline repetir a análise pericial fria que Simon havia feito dos versos. Levantei para encará-la.

– O que foi? – Em perguntou.

– Fala! – gritei.

– Ele diz que há duas possibilidades – Em começou devagar, seus olhos

passavam de mim para Abe, depois de novo para mim. – Mas as duas levam à mesma coisa. Existe uma razão para você não ter morrido naquele acidente de carro com Seth. Há um motivo para ter escapado de tantos acidentes que deveriam ter sido fatais. Você...

Ela parou.

– Não posso ser morta? – arrisquei com a voz sufocada.

– *Pode* – Emmaline corrigiu. – Mas, enquanto houver em você uma centelha de magia, pode voltar à vida. E Simon acredita...

Ela parou, como se de repente não soubesse se devia continuar.

– O quê? – Abe perguntou. Sua voz era dura e seca. – Fala.

– Simon acredita que há uma forte possibilidade de não ser só Anna. Ele acha... que ela pode fazer o mesmo por outras pessoas.

– Simon acha que ela pode levantar os *mortos*? – Abe perguntou. Seu peito nu arfava, e de repente Em notou minhas roupas amassadas e a camisa descartada de Abe.

– Que diabo está acontecendo aqui? – ela perguntou sem pensar, mas se encolheu ao entender o cenário. – Não. Não quero saber.

– Isso importa? – Abe gritou. – Alguma dessas coisas ainda tem importância? Anna é o santo graal, pelo amor de Deus... uma bruxa capaz de levantar os *mortos*. Percebe o que isso significa?

– Significa que tenho um alvo enorme nas costas – falei, sentindo um frio repentino. – Era isso que minha mãe sabia, não era?

Comecei a arrumar as roupas. Não sabia o que ia fazer, só sabia que, o que quer que estivesse por vir, não queria encarar sem me preparar. Um trovão explodiu lá fora e a chuva voltou a cair. O som sugeria granizo nas rajadas de vento que sacudiam a vidraça.

Abe também estava vestindo a camisa.

– Temos que voltar – decidi. A imagem da minha avó magra, espectral, morrendo, surgiu diante dos meus olhos. Talvez não fosse tarde demais... para uma bruxa capaz de curar o incurável?

– Sim, temos que voltar – Abe concordou com ar sombrio. – Se isso é verdade...

– Meu Deus, aquela bruxa... – Emmaline falou com o rosto repentinamente pálido. – Ela não queria o enigma, Anna. Estava atrás de *você*.

– Vou telefonar para a companhia aérea – Abe avisou. – Em, comece a

arrumar as malas. Anna...

– Vou buscar Marcus – falei.

– Anna – Abe chamou novamente, e eu soube que ele ia recomeçar com aquela idiotice sobre envolver um desconhecido em nossos planos.

– Abe, cala a boca – eu explodi. – Por favor. Ele salvou minha vida. Entendeu? E a de Emmaline. Ele sofreu um ferimento no peito para proteger a gente. *Não* vou deixar Marcus sangrando em um hotel russo barato enquanto fugimos da cidade. Simplesmente não vou.

– Tudo bem! – Abe levantou as mãos. Seu rosto era furioso, mas ele sabia que era inútil discutir. – Tanto faz. Conte o que quiser ao cara, mas, se ele não estiver pronto para sair da cidade hoje à tarde, não precisa nem me avisar. Aqui. – Ele jogou um chaveiro eletrônico para mim como se fosse um míssil. – Leva com você. Vai.

Eu fui.



O corte na minha cabeça já cicatrizava quando bati na porta. Levantei a mão para tocar o ferimento e descobri que meu cabelo ainda estava úmido, e a pele embaixo dele continuava sensível e dolorida, mas não havia mais ferimento aberto. Estremeci e bati na porta outra vez.

Nenhuma resposta.

– Marcus! – disse em voz baixa.

Nada.

A porta estava trancada, mas a chave que Abe me deu resolveu o problema.

Marcus estava deitado de costas na cama, a luz pálida da tarde chuvosa em São Petersburgo invadia o quarto. Seus olhos estavam fechados, e seu rosto estava contorcido pela dor, mesmo enquanto ele dormia. Um lado da camisa aberta havia caído, e o que vi embaixo dela me chocou: uma perfuração que rasgava a pele abaixo das costelas do lado direito, um ferimento feio e inchado coberto de sangue coagulado.

Fui me aproximando devagar, atenta aos movimentos do peito de Marcus, o subir e descer da ferida ensanguentada embaixo do tecido.

Fiquei enjoada, mas talvez... talvez...

Estendi a mão na direção dele e senti a magia se acumular e formigar em

meus dedos, como se de repente houvesse água com gás em minhas veias. Nunca antes a sensação foi tão forte, nenhuma vez desde que me mudei para Winter levando dezessete anos de magia acumulada dentro de mim, clamando por uma saída.

Com todo cuidado, sentei na cama ao lado dele tentando não atrapalhar seu sono e aumentar a dor. Então toquei a ferida quente e inchada em seu corpo, direcionando toda minha magia para a cura da perfuração. O ferimento era grave. Parecia incurável.

No entanto, o corte horrível, talvez mortal, começou a fechar. Sob o sangue eu via a pele se unindo embaixo dos meus dedos e, com a mão livre, afastei o outro lado da camisa tentando expor completamente a ferida, determinar com que estava lidando.

Embaixo do outro lado da camisa havia algo estranho. Um curativo mágico como tantos outros que vi Maya preparar. Um tecido branco que envolvia um punhado de gravetos e ervas, e um encantamento rabiscado sobre o pano. Ele havia se machucado antes?

O sangue havia molhado a bandagem, borrando o encantamento e transformando as ervas em uma pasta pegajosa; por isso, removi o curativo.

Bem no meio do peito de Marcus havia um grande buraco negro. Em torno dele, a pele brilhante e derretida se estendia em um vergão avermelhado que cobria metade do peito. Parecia... uma *queimadura*, mas o tipo de queimadura que só uma arma química pode produzir. O tipo de queimadura a que ninguém pode... ninguém deveria sobreviver.

Parei com a mão ainda suspensa sobre a perfuração meio cicatrizada.

– Mas o qu...? – disse em voz baixa. – Marcus?

Ele abriu os olhos e piscou algumas vezes. Depois recuperou o foco e agarrou os lençóis com desespero tentando se cobrir. Seus movimentos eram animais, dominados por um desespero bestial, mas, da mesma maneira abrupta, ele desistiu. Caiu sobre o travesseiro e, respirando depressa, comprimiu os lábios numa careta involuntária.

– Marcus – repeti –, o que... aconteceu?

Ele me encarou em silêncio, uma criatura à deriva.

E então eu soube.

Uma imagem invadiu minha cabeça: um enorme corvo negro atacando com crueldade, as garras procurando meus olhos, e Seth com uma arma de fogo na mão. Ele levantou a arma e apontou para o corvo.

E atirou.

Um fogo azulado que explodiu bem no meio do peito da ave.

O cheiro de penas queimadas e carne chamuscada.

E o corvo voltando desesperado ao céu, desaparecendo na tempestade.

Sempre soube que o pássaro não era um pássaro. Era um bruxo. Um dos Ealdwitan. Contudo, nunca parei para questionar *qual* deles. Nunca me perguntei se aquele bruxo havia sobrevivido, se ainda tinha a cicatriz do ataque de Seth.

Idiota.

Anna, sua idiota.

Eu sentia muito frio.

Marcus viu toda a história passar por meu rosto, e sua expressão se transformou em um semblante de divertimento... e ódio.

– Bem... – ele resmungou. – Isso é *bem* inconveniente.

– Marcus, por favor... diz que isso é um engano.

– Isso é um engano – ele falou, mas não havia convicção na voz. Só uma resignação debochada e irônica por ter sido pego justamente quando quase arrebatava o prêmio.

Nada fazia sentido.

– Por quê? – sussurrei.

– Você não sabe? – Ele riu.

Balancei a cabeça com raiva.

– Não foi isso que eu quis dizer. Sei o que sou. Encontrei o enigma “A Senhora da Morte”. Contudo, por que me caçou e me traiu, só para me salvar?

– Porque o objetivo não era você – Marcus explicou com voz calma. – Você era só uma ficha. Uma moeda de troca. Um meio para um fim.

– E qual era o fim? – perguntei com a voz trêmula.

Ele sorriu e deu de ombros como se repetisse: *você não sabe?*.

E eu entendi.

Os Ealdwitan.

*Ele* era o espião.

Era ele quem traía os segredos. Em troca de... quê? Poder? Ser empossado como Chefe dos Presidentes, posto pelo qual seu pai lutou e nunca conseguiu conquistar?

– Eu fui burro em Winter, mas você me deixou zangado com sua

arrogância e por ignorar a pérola que tinha na mão. Quando descobri que você não sabia nada sobre quem era, compreendi que essa era sua maior força... e sua maior fraqueza. Algo que eu podia usar contra você. Desde que não tivesse conhecimento de quem era, eu poderia moldá-la à minha vontade. Desde que confiasse em mim.

– Por isso me ajudou – deduzi. Minha voz tremia. – Não foi por causa da minha mãe. Foi para conquistar minha confiança.

– Sim.

– E seu pai... ele sabia?

Tinha uma ideia, mas não conhecia Isabella como eu a conhecia. Fui a única pessoa com quem ela manteve contato depois de ir embora. Quando ela me abandonou, segui suas pegadas de um jeito obsessivo. Foi fácil após ler a dissertação de Isabella entender o que ela havia encontrado. Perceber o que eu poderia ter, se jogasse bem. No entanto, eu não conseguia encontrar você, os feitiços que ela criou eram muito eficientes. Mesmo com tudo que eu sabia, não conseguia localizar você. E então, um dia, recebi um telefonema de Winter. Vivian Brereton nem imaginava o que havia encontrado, não tinha a menor ideia. Mas uma nova bruxa? Uma nova bruxa da idade certa, com um pai apartado? Fui verificar pessoalmente, revi todas as pistas falsas dos últimos anos. E era você.

– E o resto... Thaddeus sabia sobre seu plano de trair os Ealdwitan e entregá-los aos Outros?

– Ele? – Marcus moveu a mão num gesto de desprezo. – É claro que não. Ele não tinha visão. Não fazia parte do meu plano. Eu sempre soube que ele teria que sumir quando chegasse a hora, mas você me obrigou a agir quando exigiu aquele encontro. Eu não podia permitir que fosse falar com ele. Tudo teria sido descoberto... o que realmente aconteceu em Winter. *Ele* teria reconhecido sua descrição do corvo ferido. Teria somado dois e dois e no fim acabaria seguindo as pistas e deduzindo quem estava por trás de todas as conspirações e traições: seu próprio filho. Ele já estava desconfiado, acho, mas sua avó tinha razão. Ele não suportava a ideia de pensar o pior sobre alguém de seu próprio grupo. Era partidário. Essa *era* a fraqueza dele.

Meu Deus. Thaddeus. Escondi o rosto entre as mãos pensando em seus momentos finais, no filho entrando em seu quarto, alguma coisa em sua mão e...

Meu estômago revirou.

– Seu desgraçado – explodi. Lágrimas corriam por meu rosto. – Traidor. Você o matou. Matou seu próprio pai.

O ódio me enfraquecia. Estava tão dominada por ele que mal conseguia escolher as palavras.

– Pelo menos não tenho mais que atuar – ele respondeu, tranquilo. – Estava ficando cansado de fingir preocupação e *interesse*.

O desespero crescia dentro de mim.

Minha mãe. Minha avó. As duas haviam confiado nele.

Eu. *Eu* confiei nele.

Era difícil respirar, as lágrimas bloqueavam minha garganta.

E de repente ficou muito difícil. Não era só a emoção que me sufocava, mas alguma coisa *real*, como mãos apertando meu pescoço. Não conseguia respirar.

– M... – tentei falar, mas só consegui gemer.

Meu peito arfava. Eu ouvia os guinchos patéticos que escapavam dos meus pulmões.

Tudo se dissolvia em escuridão. Tentei pensar em um feitiço, lembrar os encantamentos de minha avó, mas não tinha fôlego para pronunciar as palavras. Caí de joelhos e senti o tapete áspero sob o rosto.

Não enxergava. Não escutava. Havia um rugido em meus ouvidos e fagulhas vermelhas e pretas na frente dos meus olhos.

Meus dedos agarravam as cerdas curtas do tapete, procurando inutilmente algum apoio, uma arma.

Então, um som muito, muito fraco chamou minha atenção por trás do rugido em meus ouvidos. A risada de Marcus.

A fúria explodiu dentro de mim como uma onda, quebrando com brutalidade a rede do feitiço dele.

Fiquei em pé com uma explosão violenta que o jogou para trás, para o outro lado do quarto, contra a janela. A força do impacto foi suficiente para fazer tremer a vidraça. Ele uivou, um som pavoroso de medo e dor, e levou a mão ao buraco escuro em seu peito. Eu devia ter repetido o ataque para jogá-lo na rua, mas, ao ver o rosto dele agonizado, hesitei por um segundo.

Um segundo foi o bastante.

Ele criou uma parede de luz que me cegou e eu caí de joelhos, tentando me agarrar a alguma coisa, balbuciando feitiços para clarear a visão. Outro golpe me acertou do lado esquerdo e me jogou contra o guarda-roupa. A



porta veneziana rangeu e caiu, as ripas se partiram como palitos de fósforo.

– *Forescieldnes!* – exclamei, cruzando os braços sobre a cabeça tentando me proteger da chuva de golpes. Como ele podia ser tão forte? Eu nunca havia encontrado magia semelhante antes. Era como ser atacada por vinte pessoas, não uma. Lembrei-me dos boatos que ouvi sobre os Outros; os procedimentos ilegais, o jeito como esgotavam as pessoas...

Outro golpe sacudiu o armário, derrubando cabides e pedaços de madeira. Eu não enxergava, não conseguia saber a que distância ele estava, onde se posicionava. Não podia antecipar o golpe seguinte. Só conseguia ouvir o barulho além da minha respiração ofegante, em pânico.

– *Forescieldnes!* – choraminguei outra vez, implorando mais do que invocando proteção. Um escudo frágil me envolveu e, no breve intervalo, recorri à minha visão, assustada demais para lembrar algum feitiço, agindo apenas por instinto.

De algum jeito funcionou, em parte, e quando pisquei consegui ver Marcus meio apagado do outro lado do quarto, como se houvesse uma névoa entre nós. Meus olhos lacrimejavam como se eu respirasse gás mostarda, e então eu os limpei com a manga da blusa.

No entanto, ele levantou a mão e eu me encolhi, preparei-me para outro golpe e lancei um feitiço por baixo do escudo antes que ele tivesse tempo para se proteger.

O quarto explodiu em uma chuva de gelo e neve que o paralisou, grudou-o ao chão. Enquanto ele praguejava e gritava feitiços para tentar soltar seus braços e pernas, rastejei para longe do guarda-roupa e corri para a porta.

Estava quase lá quando senti a magia de Marcus me cercando como um laço, tirando meus pés do chão e me derrubando. Ele apertava mais e mais, arrastava-me pelo chão, e o carpete queimava meu rosto. Eu me debatia, agarrava-me ao carpete e soluçava feitiços por cima do ombro, mas era impossível pensar com a dor que sentia no rosto e na cabeça. O quarto era invadido por uma escuridão nebulosa: a escuridão de muitos feitiços errados, de magia queimada por magia. Com grande esforço, consegui me virar e ficar de costas, em vez de continuar com o rosto colado ao chão, e o enxerguei através da fumaça.

– Não resista, Anna! – ele falou por entre os dentes. – Pare de lutar, menina estúpida!

Marcus estava em pé com as costas voltadas para a parede mais distante,

seus músculos estavam salientes com o esforço de me conter.

– De que adianta resistir? – ele disse, ofegante. – Se escapar, só vai condenar Abe e Emmaline também. É isso que quer?

Um metro e meio... um metro... eu me debatia, disparava feitiços que não tinham efeito. Não estava funcionando. Lutar não dava resultado.

No entanto, eu tinha que me libertar.

Era necessário.

– Não tenho nenhum problema com relação a entregar os três – ele continuou. Rindo, ele arfou novamente, as veias em seu pescoço eram salientes como cordões. – E eles virão buscá-los. Todos vocês.

Meio metro. Eu não tinha mais forças. Só sentia desespero.

– Não pode se salvar, mas pode salvá-los.

Ele me pôs em pé, seus músculos estavam tensos com o esforço, embora eu não resistisse mais.

Fiquei parada diante dele, os braços presos, as pernas presas, sem nenhuma força para lutar, toda minha magia estava esgotada.

E ele se inclinou para mim, aproximou-se do meu rosto, seus lábios estavam a centímetros dos meus.

– O que você quer? – perguntei por entre os dentes.

– Talvez...

Senti seu hálito suave em meu rosto. Ele se aproximou ainda mais e quase colou o rosto ao meu, e senti sua boca se movendo perto da minha orelha. Minhas coxas estavam coladas às dele, nossos corpos tão próximos que eu podia sentir os movimentos de seu peito contra o meu. Meu estômago revirou com o cheiro do perfume que ele usava.

– Talvez... – Marcus repetiu baixinho – deva perguntar o que *você* quer.

E ele recuou.

De repente era Seth olhando para mim.

Seth. Seus olhos cinzentos e escuros como o céu no inverno. Os lábios tão próximos dos meus que eu poderia beijá-los.

Não havia raiva em seu rosto. Só o amor de que eu me lembrava tão bem.

Ouvi o gemido que escapou de meus lábios.

– Seth?

– Anna... – Ele estendeu a mão para me tocar. Seus dedos afagaram meu rosto e, por um momento, fechei os olhos, derreti-me sob seu toque, senti a dor familiar do desejo explodir dentro de mim como uma chama que me

consumia.

– Ah, Seth...

Sua mão acariciava meu rosto com ternura, tocava meu queixo, meu pescoço... Eu não conseguia me mover. Não podia nem respirar.

Sua mão era macia. Macia.

Mão de quem nunca havia trabalhado na vida, nunca havia puxado uma corda ou lidado com uma âncora.

Abri os olhos.

Os olhos cinzentos de Seth olhavam dentro dos meus.

E eu acertei uma joelhada violenta entre suas pernas.

Ouvi um som que lembrava o grito de um gato ferido, e ele se dobrou ao meio gemendo de dor. Eu sorri.

– Você mereceu, imbecil.

Marcus levantou a cabeça e eu vi o ódio por trás da dor que retorcia seus traços.

E então corri de verdade. Sem esperar para ver se ele ia ficar bem. Sem olhar para trás. Só corri.

## CAPÍTULO DEZESSEIS

**E**ntrei como um furacão no quarto que dividia com Emmaline e bati a porta atrás de mim, ofegante. Emmaline não estava lá, mas Abe estava sentado na cama com a cabeça apoiada nas mãos, olhando para uma foto.

Assim que me viu entrar, ele guardou a foto na carteira.

Depois percebeu minha expressão apavorada, minha respiração arfante, e foi tomado pelo alarme.

– O que está acontecendo? Marcus está bem?

Balancei a cabeça incapaz de falar, depois consegui dizer:

– Era ele.

– Era ele o quê?

– Ele era o espião. O corvo... que me atacou no ano passado. Ele matou... Corax. – Respirei fundo tentando me controlar. – Ele quer o controle dos Ealdwitan. Tem roubado segredos que entrega para os bruxos russos e, em troca, eles o ajudam a derrubar os Ealdwitan e se tornar o novo chefe.

– Não! – Abe empalideceu com o choque. – E você contou...? Ele sabe...?

– Sobre mim? Ah, sim. Ele sabe. Sempre soube. Eu seria o último produto a ser vendido. Ele me chamou de “moeda de troca”. – A náusea foi inevitável quando pensei no rosto de Marcus perto do meu, nas suas mãos acariciando minha pele.

Abe fez um barulho que lembrava um rosnado, um grunhido de ódio e fúria. Depois se controlou.

– Ele machucou você? – perguntou. – O que aconteceu com seu rosto?

Olhei para o espelho e notei uma queimadura em um lado do meu rosto, onde ele havia sido arrastado no tapete.

– Nós lutamos.

– Mas ele está ferido... como poderia lutar?

– Eu fui idiota – contei com amargura. – Curei o ferimento dele.

Abe balançou a cabeça, mas percebeu que eu não precisava de sua

condenação além de tudo que já havia acontecido.

– Pena – disse. E depois: – Ele ainda está lá?

– Não sei. – O medo subiu e desceu por minhas costas e eu olhei para a porta. Abe olhou para mim.

– Como escapou?

– Acertei uma joelhada nele. – Senti uma satisfação sombria com a lembrança.

– Muito bom. Acha que aguenta voltar?

– O quê? Agora? – Tentei banir o tremor da voz. – Não acha melhor a gente esperar Em?

Abe balançou a cabeça.

– Se ele ainda está machucado, temos que voltar lá antes que ele tenha chance de se recuperar. Regra básica do combate: se acertou um golpe que machucou, acerte outro antes que o oponente se recupere. Quanto mais cedo a gente voltar, melhor. Pronta?

– Tudo bem – concordei, e sentindo-me enjoada.

Abe abriu a porta e olhamos cautelosos para o corredor, nosso escudo compartilhado brilhava sob a luz fraca de uma lâmpada.

Quando chegamos à porta do quarto, Abe olhou para mim e sua voz soou em minha cabeça.

*Vou arrombar a porta. Pronta? Cinco, quatro, três, dois...*

No “um” ele bateu com o ombro na porta e disparou um raio de magia. A porta cedeu, e nós dois entramos cambaleando e tropeçando.

O quarto estava vazio, a janela estava aberta e as cortinas tremulavam na brisa fria.

– Ele sumiu – disse Abe. Havia uma mistura de alívio e decepção em sua voz quando ele fechou e travou as janelas. Eu não sentia nenhum dos dois, só um pressentimento gelado quando lembrei as palavras de Marcus: “Eles virão buscá-los. Todos vocês”.

– Ele vai voltar – falei. – Provavelmente com reforços. Quanto tempo acha que levamos para chegar em casa?

– Bem, esse é um problema sério. – Abe franziu o cenho e passou a mão na cabeça, massageando o rosto distraído e fazendo um barulho áspero ao coçar a barba por fazer.

– Por quê?

Ele não falou nada, só apontou a janela e entendi o que significava o

gesto. Lá fora, a tarde era escura. Muito escura. Chuva e granizo caíam em rajadas fortes na rua, e dava para ouvir o assobio do vento além da janela. Percebi de repente que estava com frio. Um arrepio percorreu minhas costas.

– Mas... em *maio*? – comentei, atordoada. – Isso não é normal.

Abe apenas deu de ombros. O que podia ser normal em uma situação que envolvia bruxos?

– Esse clima é real? – perguntei. – Ou alguém está interferindo?

– Não sei – Abe respondeu. – Não acredito que seja real... mas também não posso alterá-lo. Eu já tentei. É muito grande. Isso não é só uma chuva localizada, é uma tempestade de gelo que está varrendo metade do leste europeu. Vem da direita, pela Finlândia e, provavelmente, de Svalbard, pelo que sei. Tem um peso por trás dessa tempestade que é impossível de deter. Todos os aeroportos estão fechados. Em está telefonando para as companhias aéreas, mas não tem nenhum voo daqui para Moscou. Nem as balsas estão circulando. Ela está lá embaixo, no café, usando a internet para pesquisar os trens intercontinentais, mas não sei se são suficientemente rápidos.

– Estão tentando impedir nossa partida – deduzi. O vento uivou do outro lado da janela. – Estão nos prendendo aqui.

– Talvez. – Alguma coisa passou pelos olhos negros e indecifráveis de Abe. A sombra de uma emoção que ele tentava não revelar. Pensei que podia ser medo.

– Abe – chamei e não consegui evitar o tremor na voz.

Ele me abraçou e falou entre meu cabelo:

– Vai dar tudo certo, prometo.

As palavras não me deixaram mais tranquila – ele não tinha como saber disso. Contudo, havia alguma coisa em seu abraço apertado, na forma de seus braços e ombros me envolverem, que era reconfortante. Algo que estava além da lógica. Se eles viessem nos buscar, os braços de Abe não poderiam me proteger, mas talvez eu não morresse sozinha.

A ideia provocou um frio em meu coração.

Eu *não* morreria sozinha.

Porque Abe e Emmaline morreriam comigo. Exatamente como Marcus disse que seria.

Com cuidado para Abe não desconfiar do meu pânico repentino, eu me

soltei de seu abraço.

*Pense, Anna, pense.*

Andei até a janela fingindo que ia examinar o tempo, mas meu coração estava disparado. Os bruxos voltariam. Abe e Emmaline lutariam por mim, como sempre fizeram. E morreriam. Todos nós morreríamos.

Exceto... se a teoria de Simon estivesse certa...

Meu coração deu um pulo tão grande no peito que me senti enjoada. Quais eram minhas opções? Ir embora e encarar... o quê? Marcus e um exército de bruxos enlouquecidos? Sozinha? Eu seria capturada. Capturada e aprisionada, e provavelmente escravizada. No entanto, se Simon estivesse certo, talvez eu não morresse.

Contudo, talvez... ignorei o pensamento, tentando impedi-lo de contaminar minha decisão, mas ele abriu caminho de volta à força, uma vozinha amedrontada que insistia: *talvez haja coisas piores que morrer. Talvez chegue um tempo em que você vai querer poder morrer.*

Apertei os punhos fechados contra os olhos, satisfeita com a dor provocada pelas unhas em contato com a pele queimada.

Eu tinha que pensar.

Abe e Emmaline nunca me deixariam enfrentar isso sozinha. E não podíamos fugir. *Eu*, pelo menos, não podia fugir.

O que significava... que tinha que ir sem contar a eles. Tinha que ser a isca... despistar o caçador do cheiro deles, atrair os perseguidores para outro lugar qualquer e, assim, garantir que Abe e Em sobreviveriam.

– Anna? – A voz de Abe soou atrás de mim, repentinamente desconfiada.

– O que foi? O que aconteceu agora?

– Nada. – Minha voz soava áspera, dura e mentirosa até para os meus ouvidos. – Estou cansada, só isso.

Ele se aproximou e me virou para encará-lo, estudou meu rosto ferido e ensanguentado na luz fraca e cinzenta. Agora havia neve lá fora, flocos que passavam pela janela numa velocidade estonteante e se acumulavam no parapeito. Tentei me concentrar na neve, não olhar para Abe, para seu rosto preocupado e para seus olhos negros como petróleo, mas sentia seu olhar em mim.

– Está mentindo – ele falou devagar. – Por que está mentindo?

– Não estou.

– Está. – Ele tocou meu peito, sentiu meus batimentos acelerados, depois

levou minha mão ao peito dele, onde seu coração batia cadenciado. – Posso sentir aqui. Eu sei. Sei que tem alguma coisa errada.

– É claro que tem alguma coisa errada! – exclamei. – Tudo está terrivelmente errado! Estamos presos como ratos, e não tem nada que a gente possa fazer. E a culpa é minha.

Ele me envolveu com os braços, tentou me abraçar, confortar-me, mas eu só pensava em uma coisa: precisava me afastar, ou ele acabaria percebendo o que eu estava tentando fazer. Tinha que trair Abe e Emmaline para salvá-los.

Meu coração deu um pulo e fechei os olhos, incapaz de encará-lo.

– Por favor, solte-me – falei.

– O quê? – Ele abaixou os braços e deu um passo para trás.

– Desculpe. – Tentei manter a voz dura, segura. – É que... quero trocar de roupa. Preciso tirar isto aqui. – Minhas roupas estavam sujas do sangue da minha cabeça e cobertas de detritos da luta com Marcus.

Abe olhou para mim, sua testa estava marcada por uma ruga de preocupação, mas só assentiu.

– Eu também vou. Fico do lado de fora enquanto você troca de roupa.

– Não. – Balancei a cabeça me sentindo atordoada e com frio. – Quero ficar sozinha, preciso de um tempo para mim. Além do mais, vocês... *nós* temos que arrumar as malas. Acho melhor mudarmos de hotel.

– Tudo bem... – ele concordou, relutante. Seus olhos me seguiram quando saí do quarto. Havia algo errado. Ele só não sabia o que era.



No quarto que dividia com Emmaline, fechei e tranquei a porta e olhei em volta, tentando decidir o que fazer primeiro. Não tinha muito tempo. Emmaline poderia voltar a qualquer momento.

Primeiro peguei a menor das duas malas de lona, enfiei nela todas as roupas quentes que havia pensado em trazer, minha carteira e meu celular. Depois pendurei a mala nas costas e peguei a caneta de Em que estava em cima do criado-mudo.

Não tinha papel para escrever, só o impresso de nossas passagens aéreas em cima da cama. Virei a folha para o lado em branco... e fiquei paralisada.

*Vai!* Eu dizia a mim mesma para escrever. *Escreva!* Em voltaria a



qualquer segundo, ou Abe viria ver se estava tudo bem. Eu tinha que escrever alguma coisa.

Contudo, as palavras não vinham. Ferviam no meu coração, mas a caneta continuava suspensa no ar.

Como passar para o papel todo o enorme peso que oprimia meu peito?

Eu não conseguia. Não havia palavras para traduzir essa mistura fabulosa de amor e tristeza.

*Adeus, escrevi. É melhor fazer isso sozinha. Amo vocês. Desculpa. Anna.*

Em seguida cochichei um feitiço de invisibilidade e parti, antes de perder a coragem.

## CAPÍTULO DEZESSETE

O recepcionista nem levantou a cabeça quando passei na ponta dos pés. Esperei o telefone tocar, então abri a porta e saí enquanto ele estava concentrado em atender a ligação. Vento e neve me atingiram como uma bofetada.

A rua estava branca, coberta pelos flocos que caíam. O céu era cinza como pedra, igualmente escuro, e os flocos giravam e brilhavam à luz das lâmpadas da rua.

Apertei contra o corpo meu casaco fino de verão para tentar me proteger do vento. Que horas eram? Olhei para o pulso antes de me lembrar do feitiço de invisibilidade, mas, no mesmo instante, um relógio em algum lugar anunciou que eram seis da tarde, as badaladas ecoavam.

Seis horas. Logo seria noite. Onde eu dormiria?

Pensar nisso me fez estremecer. Pelo menos eu tinha dinheiro – não muito, mas Marcus pagou o táxi em que viemos, e isso ajudou.

Encarei o vento e comecei a andar pela rua. A janela iluminada do cibercafé chamou minha atenção, e eu vi Emmaline debruçada sobre um computador, seus dedos digitavam furiosamente. Ela estava de costas para a janela e eu consegui ver a tela. Era um site de ferrovia transcontinental, e em verificava as listas de trens e destinos, tentava encontrar um jeito de sair da Rússia rapidamente.

Lágrimas queimaram o fundo dos meus olhos e uma onda de nostalgia me invadiu. Senti vontade de correr para ela, abraçá-la e me despedir. Era quase insuportável partir assim, deixar os dois sem dizer nada. Eu não voltaria. Não teria uma chance de explicar.

Em levantou os olhos do teclado, massageou a nuca e, devagar, bem devagar, impelida por algum instinto de bruxa, começou a se virar.

Tive a sensação de que alguma coisa quebrava dentro de mim.

No entanto, abaixei a cabeça sob o capuz invisível e segui em frente.

Andei, andei e andei. Principalmente para me manter aquecida, porque, se eu parasse, congelaria. Os russos à minha volta vestiam peles e calçavam botas – roupas de inverno tiradas às pressas do armário, imagino. Um ou outro turista passava apressado agarrando as roupas patéticas de verão, cardigãs finos que mostravam braços azulados – crianças tremiam enroladas em agasalhos dentro dos casacos dos pais.

– O g... guia d... disse que a t... temperatura média era... quinze! – uma inglesa comentou com o namorado. Os dois tremiam encolhidos na porta de um museu. O homem balançou a cabeça e tirou o casaco para colocar sobre os ombros dela. – N... não! Você t... tem tanto f... frio quanto eu!

Contudo, o rapaz não disse nada, só ajeitou o casaco em torno do corpo da namorada e a abraçou.

O gesto me rasgou por dentro. Pensei em Abe colocando seu paletó sobre meus ombros na igreja, em todas as vezes em que aqueci Seth em meus braços e ele me aqueceu.

Percebi que olhava para o casal. Estava invisível, mas me senti como se os espionasse e segui adiante.

O vento agora me atingia pelas costas e, enquanto percorria as ruas escorregando na neve acumulada na calçada, sentia que era soprada como os flocos leves. As estradas se tornaram borrões sem significado, e eu comecei a perder a noção de direção na cidade que não conhecia. As ruas eram todas iguais, tudo era cinza. Os canais se fundiam uns nos outros. Se eu já havia passado por essas ruas antes, agora não as reconhecia.

Eu não tinha um plano. Teria que encontrar um lugar para passar a noite, mas, por ora, só conseguia pensar em me afastar o máximo possível de Emmaline e Abe. Eles tentariam me encontrar? Usariam a vidência? Sienna me contou que era mais fácil encontrar um objeto estacionário que outro em movimento; por isso, não parei. Continuei andando, meu corpo invisível deixava marcas leves na neve por onde eu passava, meus passos ficavam desenhados na calçada como passos de um fantasma.

Meus pés estavam adormecidos dentro dos sapatos. Minhas mãos entorpeceram nos bolsos. Eu me sentia vazia por dentro. Quando havia comido pela última vez? Não lembrava. Não tinha mais importância.

Tudo que importava era continuar andando. Se eu parasse, eles me encontrariam. Se eu parasse, morreria congelada.

Na verdade, não. Quase senti vontade de rir. Seria doloroso descongelar

os membros? Havia um limite para as coisas a que eu podia sobreviver?

Estava passando por cima de uma ponte, e alguma coisa me fez parar. Segurei a grade coberta por uma grossa camada de gelo e olhei para a água escura que corria lá embaixo. A neve acumulada na superfície dava a impressão de que a água era densa e estranha. Senti uma vontade esquisita de pular. Imaginei que caía, afundava no rio e ficava deitada no fundo, no silêncio, enquanto a correnteza congelava e eu dormia em um caixão de gelo.

Eu sobreviveria a isso?

Minhas mãos grudavam no gelo que cobria a grade. Foi doloroso tirá-las dali, e levei os dedos à boca tentando amenizar a dor.

Então vi uma coisa que me fez esquecer até isso. Alguma coisa que eu senti como um soco no estômago.

Seth.

Ele estava em pé no fim da ponte, olhando para alguma coisa em sua mão, e por um momento meu coração deu aquele estúpido pulo involuntário, sacudido por uma esperança inquietante.

A perfeição da ilusão era incrível. Tudo, cada detalhe. O cabelo encharcado de chuva e colado à testa. Suas faces definidas. As sombras azuis em torno de seus olhos. As cicatrizes nas mãos, os hematomas no rosto, o jeito como seus ombros se curvavam dentro do velho suéter. A curva dos lábios, lábios que haviam beijado os meus.

Era tudo exatamente como eu lembrava.

E a dor no meu coração, a sensação do anzol rasgando e dilacerando, fazendo meu coração sangrar na neve – isso também.

– Seu idiota – tentei dizer, mas as palavras se perderam em um soluço.

Ele levantou a cabeça. Seu rosto era inexpressivo, e eu percebi que ainda estava invisível.

Tinha um momento de vantagem. Precisava usá-lo depressa, antes que Marcus enxergasse através do meu feitiço.

Abaixei a cabeça e deixei a agonia, a raiva e a tristeza me inundarem, encharcaram cada célula do meu corpo, extraírem de mim toda a magia que eu tinha.

Não havia encantamentos para isso.

Não havia palavras para expressar como eu o odiava naquele momento.

Cerrei os punhos, joguei a cabeça para trás e deixei tudo transbordar.

E a explosão chegou ao outro lado da ponte: uma enorme, implacável parede de fogo, e o tempo pareceu passar mais devagar, como um rio que congelava enquanto corria.

Vi quando ele levantou o braço, como se tentasse se proteger.

Vi um anel prateado brilhar sob a luz da iluminação da rua.

Vi o inferno tragá-lo e o anel queimar, brilhar ainda mais.

Ouvi seu grito.

E senti o anel em meu dedo, o anel de vidro do mar, atingir de repente uma temperatura insuportável. Ele fervia em minha mão, espalhava um calor que vibrava por todo meu corpo, chamas que queimavam minha pele, minhas roupas, meu coração.

Era um incêndio florestal. Uma bomba atômica. Ouro derretido.

Caí no chão me contorcendo na neve que, derretendo, chiava alto.

E depois... nada.



Eu me sentia aquecida. Já era alguma coisa. Tinha a sensação de ter passado uma eternidade com frio.

Estava deitada.

E estava, percebi subitamente, em um barco.

Abri os olhos.

Por um minuto foi difícil enxergar, mas depois pisquei e as sombras e luzes giraram em uma imagem confusa iluminando um teto revestido de madeira escura com uma luz elétrica não muito brilhante. Então levantei a cabeça e vi que estava deitada em um banco. Vi uma chaleira sobre um armário e, à minha direita, uma mesa com uma xícara de chá pela metade e um sanduíche.

E eu vi...

Seth.

Era *ele*.

Estava sentado no banco do outro lado, com a cabeça apoiada nas mãos. Havia alguma coisa na exaustão e no desespero que me fez perceber que *era* ele, havia sido ele o tempo todo. Seth voltou para mim. E eu tentei matá-lo.

Um som escapou de minha boca, um gemido. Ele levantou a cabeça.

– Está acordada. – Seus lábios se contorceram quando ele falou e, de alguma maneira, as palavras soaram como um insulto.

Fiz um grande esforço para levantar, mas minha cabeça girou e eu quase caí. Por um momento tudo ficou escuro, senti náusea, e no instante seguinte percebi que estava abaixada, com a mão de Seth em minha nuca empurrando minha cabeça para baixo, entre os joelhos.

– O que esteve fazendo? – ele perguntou quase zangado. – Quando comeu pela última vez?

– Estou bem. – Rangi os dentes como se força de vontade pudesse tornar a declaração verdadeira, depois levantei o braço para empurrar a mão de Seth. Dessa vez, quando sentei, consegui me equilibrar. Minhas mãos tremiam e tive que me apoiar à mesa, mas não caí. – Onde estamos? Como vim parar aqui?

Seth sentou-se no banco do outro lado, com a mesa entre nós, e passou a mão sobre a cabeça. Parecia emocional e fisicamente esgotado. Quase tão cansado quanto eu.

– Estamos no meu barco. No porto de São Petersburgo. Quando foi a última vez que comeu? – ele insistiu.

Não conseguia lembrar. Fiquei olhando para Seth com cara de idiota, até ele empurrar o sanduíche por cima da mesa em minha direção, e também a xícara de chá.

– Coma.

– Mas é seu.

– Eu faço outro.

Levei a xícara de chá aos lábios e a senti escaldante nas mãos. A ponta dos meus dedos esquentava com aquela dor do descongelamento que vem depois de um frio extremo.

Seth se levantou de repente, como se não suportasse mais olhar para mim, e caminhou até a porta do alçapão. Quando a abriu, uma rajada de ar gelado invadiu a cabine, e eu vi que lá fora só havia o branco ofuscante. Dei uma mordida no sanduíche e fiquei olhando para suas costas, seus braços estavam apoiados nos dois lados da abertura, seus olhos estudavam a noite. Seus músculos eram tensos e firmes sob a camisa fina, desbotada. Vi que ele poupava a perna machucada, apoiando o peso do corpo do outro lado. Havia um bastão – uma muleta – encostada à porta. Ver aquilo fez meu estômago se comprimir, e o sanduíche entalou em minha garganta.

– Esse tempo... são os bruxos, não são? – ele perguntou com amargura por cima dos ombros.

– Não sei.

Por um minuto ficamos em silêncio; nenhum de nós falou, apenas ouvimos o grito do vento e os sons dos barcos no porto: cordas gemendo contra os mastros, as ondas geladas envolvendo os cascos.

– Por que fez isso? – Seth finalmente perguntou em voz baixa, quase inaudível com o vento forte. Ele continuava de costas para mim, de cabeça baixa, mas vi que suas mãos agarravam as beiradas da porta. Pareciam poder esmagar a madeira a qualquer momento.

– Fiz o quê? – perguntei. Não sabia mais a que ele se referia: a explosão de fogo, o tempo, tudo.

– Se me queria tanto, por que tentou me matar na ponte? Por que me fez vir até aqui? Para me castigar? Para me mostrar que ainda me mantém acorrentado?

– Eu... Seth... – Não sabia por qual acusação eu começava.

– Por que não me deixou em paz? – ele gritou de repente.

Seu grito me fez dar um pulo de susto.

– Não sei do que está falando!

– Disto! – Ele pegou alguma coisa em uma prateleira e colocou sobre a mesa com um tranco, um impacto tão forte que a xícara de chá pulou e algumas gotas respingaram na madeira. – É disto que estou falando!

Por um minuto continuei confusa. Depois reconheci. Era a bússola de bronze que eu havia dado a ele de presente de Natal, há apenas seis meses, embora parecesse uma vida inteira. A agulha da bússola apontava para mim.

– Não entendo.

A mandíbula de Seth estava tensa. Havia em sua expressão alguma coisa que beirava a fúria, mas ele se controlava. Eu não sabia por quanto tempo ainda poderia conter seu temperamento.

– Olha – ele falou, furioso. Pegou a bússola, mudou de lugar, moveu para a direita, para a esquerda. A agulha se movia, apontava sempre para onde eu estava sentada. Franzi o cenho. Não sabia muito sobre navegação, mas sabia que uma bússola devia apontar sempre para o norte.

– Está quebrada?

– Sim, está *quebrada*. – Seth rangeu os dentes. – Vou soletrar para você. Essa bússola não aponta mais para o norte magnético. Ela aponta para  *você*.

O que é bem inconveniente para quem está preso no meio do mar Báltico. Então, comprei outra bússola. E ela também aponta para você. Cada barco, cada equipamento náutico de que me aproximo, tudo aponta para  *você*. Não consigo mais trabalhar por sua causa. Nenhum navio me aceita a bordo. Sou um perigo para mim mesmo. Não consigo traçar um curso. Não consigo entrar em um porto. Quase morri tentando voltar a Helsinki. Acha que isso é  *brincadeira*?

– Não faço ideia... – Meu sangue estava ficando gelado. Lembrei que, quando dei a bússola a Seth, falei que era para ele sempre achar o caminho de volta para mim. E pensei em como havia desejado que ele voltasse para mim. Eu havia reprogramado suas bússolas só com a força da minha saudade? – Seth, eu nunca tive a intenção...

– Não – ele me interrompeu com tom violento. – Nunca teve. Nunca quis machucar ninguém, mas, de algum jeito, eu sempre acabo sangrando quando você está por perto. Então, arrastou-me até aqui para... o quê? O que aconteceu na ponte? Achou que seria divertido me queimar vivo?

– Não! É claro que eu...

– Você me trouxe até aqui, e depois? Perdeu a coragem? – Seu tom agora era cruel. – Teve sangue frio para planejar um assassinato, mas não para executá-lo... é isso?

– Não planejei matar você! – gritei. – E se me odeia tanto, por que me trouxe para cá? Por que não me deixou congelar na ponte?

– Não sei! – ele berrou. Depois agarrou os cabelos e fechou os olhos, como se não suportasse olhar para mim. – Porque... porque... talvez eu esteja  *amarrado* a você. – Suas mãos caíram, e quando ele olhou para mim só havia amargura e derrota em sua expressão. – Como disse meu avô, não posso continuar sem você. Deus sabe que eu tentei... mas não posso. Eu amo você. E isso está me matando. – Seth caiu de joelhos no piso de madeira do barco, e eu senti a embarcação balançar com o movimento. Ele repousou a cabeça em meu colo, suas mãos agarraram minha blusa, seu rosto encontrou meu jeans. Seus ombros tremiam, como se soluços o rasgassem por dentro.

Desajeitada, escorreguei do banco para me juntar a ele no chão e, ajoelhada, o abracei, aproximei meu rosto de seu cabelo e respirei fundo lembrando seu cheiro, seu corpo, o jeito como sempre nos encaixamos, ainda nos encaixávamos.



Ficamos ali por muito tempo, colados como duas peças de um quebra-cabeça, esculpidos um no outro numa simetria distorcida. As lágrimas de Seth molhavam meu ombro. Eu sentia seu peito arfando como se respirar o destruísse, sabia que meus soluços também sacudiam seu corpo e provocavam os tremores que eu sentia refletidos em mim.

– Como fez aquilo? – Seth perguntou finalmente. Sua voz era fraca. – Na ponte. Meu Deus, Anna, eu odiei você, mas eu nunca... jamais conseguiria...

– Eu não fiz aquilo. – Fechei os olhos com força por um momento. – Seth, precisa acreditar em mim. Pensei que fosse Marcus.

– Marcus? Quem é Marcus?

– Outro bruxo. Ele... sabia sobre você. Sobre nós. E fingiu ser você uma vez. Usou magia para ficar com a sua aparência. Então, quando vi você em São Petersburgo...

– Mas você sabia que eu estaria aqui, você me fez vir para cá – ele respondeu, perplexo. – Não entendo. Não foi você que alterou a bússola?

– Acho... – Passei a mão pelo rosto tentando entender tudo aquilo. – Acho que sim, talvez... mas nunca teria feito isso deliberadamente. Nunca tive a intenção.

– Quer dizer que estava tentando matar esse tal Marcus? Por quê? E por que eu sobrevivi? Vi aquela parede de fogo. Aquilo *deveria* ter me matado.

Não falei nada. Apenas segurei sua mão e a coloquei na minha. O anel de prata havia desaparecido. No lugar dele havia uma marca branca no dedo anular, um sinal parecido com uma cicatriz deixada por uma queimadura muito antiga.

Em meu dedo, onde antes havia o anel de vidro do mar, vi a mesma cicatriz.

– Enfeitei aquele anel – eu disse. – Por isso o dei de presente para você.

– Que feitiço? – A voz de Seth era muito baixa.

– Um encantamento para proteger você. Eu disse... – Engoli a saliva antes de continuar: – Disse que daria qualquer coisa para proteger você do mal, até minha vida, mas nunca pensei... – Outra pausa; era difícil demais pronunciar as palavras. Contudo, eu me forcei a prosseguir: – Nunca pensei que eu causaria esse mal.

– Então o fogo... voltou para você?

– Acho que sim. E também deveria ter me matado.

– Mas não matou.

Não matou. O pensamento era duro e frio.

Ficamos sentados muito tempo nos braços um do outro, sentindo o barco balançar. Eu sabia que não podia ficar... mas sabia que não havia paz para mim onde Seth não estivesse. Não importava o que nos havia reunido, as razões certas ou erradas, estava feito. Sofreríamos e lutaríamos juntos. Nós nos machucariamos, mas nos curariamos e nos salvaríamos. E, de algum jeito, no meio disso tudo, passaríamos a ser parte um do outro, unidos pela superação, juntos como duas árvores que se contorcem crescendo muito próximas uma da outra na floresta, torcidas pelo vento de forma que separar as duas exija cortar uma parte viva de cada uma. De cada um de nós.

Eu sabia que devia ir embora. E sabia que não podia. Não esta noite, pelo menos. Talvez amanhã, quando estivesse mais forte, mas hoje não conseguia fazer isso comigo, com Seth...

Finalmente ele levantou a cabeça e olhou para mim, e sua expressão fez minhas entranhas tremerem de saudade.

Ele segurou minha mão e me fez ficar em pé. Depois apagou a luz e, juntos, andamos devagar e no escuro, para a porta do outro lado do barco, embaixo da proa.

Seth abriu a porta e vi que lá dentro havia uma cama, nada de assoalho, só um mar revolto de lençóis de parede a parede.

Deitamos juntos, lado a lado. Nenhum de nós falava. Seth fechou os olhos e eu deslizei um dedo pela linha em sua testa, por cima do nariz, pela curva do lábio, senti a suavidade dos ossos sob a pele castigada pelo vento.

A única luminosidade era o luar que penetrava pela escotilha congelada. Na escuridão cortada pelo raio prateado, ele não era mais um estranho furioso. Era Seth. Meu Seth. As linhas amarguradas e duras suavizaram-se no rosto que eu conhecia e amava, que ainda tocava meu coração.

– Seth... – sussurrei.

– Sim. – Ele não abriu os olhos.

– Eu amo você. Sempre amei. Nunca deixei de amar.

A resposta foi tão baixa que quase não consegui ouvir as palavras, mas seus lábios se moveram e senti sua respiração em minha pele.

Fechei os olhos e ele me puxou contra seu corpo, minha cabeça em seu peito, os braços me envolvendo, e ficamos ali deitados ao luar, dormimos nos braços um do outro.



Quando acordei ainda estava escuro, mas o vento era mais fraco e menos gelado, talvez um ou dois graus mais quente.

Abri os olhos para olhar pela escotilha, mas não havia nada para ver. Ou estava muito escuro, ou a neve na vidraça era densa demais. Então, fechei os olhos de novo sentindo o calor do peito de Seth sob meu rosto, as batidas lentas e cadenciadas de seu coração. Eu não devia estar feliz. Não havia espaço para felicidade no meio de tanto horror e incerteza. E não haveria final feliz para mim e Seth. Amanhã eu teria que enfrentar o que esperava por mim. E Seth... Seth finalmente estaria livre.

No entanto, ainda era noite. Faltavam algumas horas para o amanhecer. E até lá, eu podia fingir.

Pensei que Seth estava dormindo, mas senti quando ele tocou o próprio rosto e inspirou mais profundamente.

Abri os olhos e olhei para ele. Seu rosto estava molhado.

– Seth – sussurrei. – O que foi?

– Nada – ele respondeu com voz rouca. – Estou... estou feliz.

– Eu também. – Engoli o nó em minha garganta e o abracei com mais força.

Depois, sem ter planejado nada, mas sem poder evitar, eu o beijei, beijei seu peito através do tecido fino e gasto da camisa. Ouvi sua inspiração alterada e esperei que me mandasse parar, mas ele não mandou. Não disse nada, só ficou ali deitado, completamente quieto, como se fosse incapaz de se mover.

Meus lábios estavam próximos, muito próximos. Beijei outra vez o espaço entre suas costelas. E de novo onde a camiseta havia subido, e sua pele aparecia firme sobre o osso da bacia, exposta ao ar frio da noite.

Minhas mãos puxaram a camiseta para cima, tiraram-na por sua cabeça, e de repente Seth estava me beijando, suas mãos trêmulas puxavam minha blusa, seus lábios quentes estavam em minha pele, sua respiração era trêmula em meu ombro.

Às cegas, sem nenhuma elegância, livre-me da calça jeans e notei que meus dedos tremiam tanto que mal conseguiam manejar o botão. O cinto fez barulho ao cair, e Seth deixou escapar um gemido.

Procurei seu corpo na escuridão, deslizei minhas mãos pelos músculos

firmes de seus ombros, do peito, pelas saliências e depressões das costas, e ele me abraçou com força, virou o corpo no meio dos lençóis embaralhados e me levou com ele, de maneira que em um momento eu estava sobre seu corpo, depois embaixo dele, sempre abraçada a ele.

– Anna... – Sua voz tremia. – Ah, Anna. – Ele me beijou, depois sufocou um ruído apertando a boca contra meu ombro, alguma coisa que soou como “meu Deus”.

Em seguida Seth sentou-se, soltou-se do meu abraço.

– Espere... Não consigo pensar com você... Para, por favor. Para.

Ouvi sua respiração ofegante, trêmula, acelerada na escuridão.

– Seth... – Minha respiração soava como soluços. – Eu estava errada. Naquela noite, no dia dos namorados, quando você perguntou... – Parei. Não conseguia continuar, mas ele sabia. Sabia a que eu me referia. Naquela noite, uma noite como essa, Seth perguntou se eu acreditava que ele me amava, e eu não consegui responder. E ele me empurrou para longe, saiu da minha casa e da minha vida. – Se soubesse como eu queria poder voltar no tempo, dar uma resposta diferente... Por favor, eu quero você. Eu quero *isto*...

– Mas talvez... – Uma pausa, como se a respiração ficasse presa na garganta. – Talvez você estivesse certa.

– O quê?

Foi como uma bofetada. Sentei e puxei os lençóis contra o corpo.

– Não sei mais. – Ele passou a mão na cabeça, o rosto agoniado. – Pensei que fosse amor. Mas amor não é assim, é? Não tem que dar a sensação de que está rasgando você ao meio. Ou de que alguém está arrancando seu coração do peito. Não devia *doer* tanto.

Fiquei quieta. Ele estava certo? Meu amor por Seth era o centro da minha vida por tanto tempo que eu tinha dificuldades para lembrar como era antes, como eu vivia sem ele. No entanto... pensei no anzol dentro de mim, rasgando e puxando meu coração. Pensei na dor de Seth e na minha. Talvez não fosse amor. Talvez o amor não *devesse* doer desse jeito.

E se não fosse, o que era? Obsessão? Vício? Magia?

Seth falou muito baixo:

– Sabe o que é mais complicado em tudo isso?

– O quê? – Minha voz tremeu.

– Eu não me importo. Não me importo mais. Só quero você, *preciso* de

você. Não me interessa saber o porquê, não me importa saber o que é certo e o que é errado. Não posso viver sem você. Não *quero* viver sem você.

– Também preciso de você. – Foi a única coisa que consegui pensar para dizer.

Ele deixou escapar um gemido sufocado, depois seus braços encontraram os meus, sua boca encontrou a minha e nós nos abraçamos, apertamo-nos tanto que eu gemi. Deitei na cama e o puxei comigo.

E então, por um tempo, não houve palavras.

## CAPÍTULO DEZOITO

**D**ormi bem e tão profundamente que, quando acordei, tive a sensação de ter dormido durante uma semana, talvez um mês. Meus membros estavam duros e doloridos, e o dedo anular doía.

Levantei a mão e analisei a cicatriz branca. Virei a mão de um lado para o outro, olhando para a depressão rasa sob o sol pálido. O sinal desapareceria como todos os outros?

A luz do sol me fez lembrar: por mais que eu tivesse dormido, já era de manhã. E o amanhecer significava...

Um sentimento ruim caiu sobre mim como um peso repentino.

O amanhecer significava encarar a realidade.

Significava vestir minhas roupas molhadas, manchadas de neve, e carregar minha mochila. Significava ir embora. Significava deixar Seth.

Virei para olhar para ele. Seth estava deitado de bruços, as pernas estendidas na cama, um braço protetor repousava sobre minha cintura. Seu rosto, virado para um lado, era perfeitamente pacífico, mas eu conseguia ver nele os efeitos das últimas semanas e dos últimos meses. Ele não era mais o menino bonito por quem me apaixonei quando o vi pela primeira vez em Winter. Agora seu rosto era magro e marcado pela dor, seus ossos desenhados nitidamente sob a pele. Havia sombras roxas sob seus olhos, como se ele não dormisse bem por muito, muito tempo. E, ao lado da porta do barco, havia aquela muleta, como um lembrete do que o esperava quando ele abrisse os olhos. Meu coração parou por uma fração de segundo.

Devo ter me movido, porque ele mexeu um pouco o braço, bocejou e, depois, abriu os olhos.

Por um momento pensei que ele não se lembrava do que havia acontecido na noite passada, ou que estava zangado, ou tomado pela autocensura.

Contudo, seu rosto se distendeu no mais largo e incrível sorriso – o sorriso que sempre fazia meu coração se alegrar, dançar e bater um pouco

mais depressa. E mesmo com o rosto envelhecido e as mãos cheias de marcas, ele ainda era Seth, meu Seth, e saber disso ainda me enchia de alegria.

– Amo você – falei com tom suave.

Ele tocou meu rosto como se mal pudesse acreditar que eu estava ali, que era real.

– Pensei que tinha sonhado com tudo isso. A noite passada. – Ele afastou os cabelos do meu rosto. – Sonhei com você muitas vezes, mas sempre acordava sozinho. Achei que acordaria e você não estaria aqui.

O comentário se aproximava demais da realidade, e eu me encolhi. Uma sombra passou por meu rosto.

– Que foi? Não pode ficar?

Abri a boca, e ele balançou a cabeça e virou-se para o outro lado.

– Não me fale. Não quero saber. Prefiro fingir mais um pouco.

– Tudo bem – concordei com a voz rouca. Afaguei seu peito, senti a ondulação das costelas evidentes, depois deslizei meus dedos pela lateral de seu corpo até parar sobre o osso da bacia, onde a dor se acumulava e esperava para pegá-lo de surpresa quando se levantasse. – Eu posso curar isto aqui – falei com uma certeza que nunca senti antes. Uma confiança em mim, em minha magia.

No entanto, Seth balançou a cabeça.

– Não.

– Por que não?

– Porque não.

– Porque não confia em mim? – Doía, mas eu não podia culpá-lo por isso.

– Confio em você – ele declarou sem pressa, como se tentasse explicar alguma coisa que nem ele mesmo entendia completamente. – Mas não... não confio em bruxaria. Não mais. E essa dor é parte de mim. Entende?

– Não – falei. Lágrimas queimavam em meus olhos. – Não entendo. Quero que você fique bem de novo. Inteiro.

– Eu *fico* inteiro quando estou com você.

Seth me beijou de leve nos lábios, depois com mais força, e senti o desejo despertar dentro de mim. Envolvi seu corpo com os braços, depois deitei de costas e o quartinho pareceu tremer e balançar com a força desse meu desejo, como uma reação química que fazia o mundo rachar em linhas falsas e finas demais para serem vistas na existência comum. *Senti* o

movimento, o tremor físico que fez uma xícara balançar e cair de uma prateleira.

Seth também sentiu. Ele parou com o corpo suspenso sobre o meu, meio ouvindo, meio sentindo o movimento.

Depois, de repente, ele pôs as pernas para fora do colchão, para a cozinha, e pegou a calça descartada na noite anterior.

– Que foi? – perguntei.

– Não sei – Seth respondeu. – Tem alguma coisa errada. Vou dar uma olhada nas cordas.

Depois de vestir o jeans, ele se levantou. Quando a perna ferida tocou o chão, Seth prendeu o fôlego de um jeito que fez meu coração ficar apertado. Vi quando ele percorreu mancando a pequena área do lado de fora do quarto.

Seth estava na metade do caminho para a porta quando uma onda repentina o desequilibrou e ele bateu a mão em um armário. Quando o vi segurá-la e falar um palavrão, pulei da cama.

– Sua mão! Tudo bem?

– Dane-se a mão! – Agora sua expressão era realmente preocupada. – Isso foi violento demais para uma onda no porto.

Seth abriu a porta do alçapão e olhou para fora. E falou outro palavrão. E de novo. E vários, por muito tempo.

– O que foi? – perguntei. – O que é?

Ele não respondeu. Continuava ali parado, olhando com incredulidade para alguma coisa que eu não via. Agarrei um lençol da cama e, envolvendo meu corpo nele, encaixei-me à força no espaço apertado a seu lado na porta.

Não tinha nada lá.

Nada.

Nada além do céu e do mar cinzentos. Nenhum porto. Nem cidade. Nem barcos.

De algum jeito, de maneira impossível, as cordas se soltaram à noite e fomos levados pelo mar. Diante dos nossos olhos, outra onda muito grande veio do horizonte e passou por baixo do nosso casco, e o barco subiu e desceu com violência, balançando a chaleira em cima do fogão.

– Não é possível – falei, tentando suprimir a nota histérica em minha voz.

– Isso *não* é possível!

– Não me diga! Eu não entendo. Eu mesmo amarrei as cordas, *sei* que os



nós não podiam ter se soltado. Alguém cortou as amarras do barco? Foi uma brincadeira?

– Mas por quê? Quem faria isso?

– Anna... – Seth parou, e eu vi a dúvida em seu rosto. – Não... não foi  *você* , foi? Por engano?

– Não! – A raiva ferveu dentro de mim, mas não podia culpá-lo completamente pela suspeita. – Honestamente, Seth, não é mais desse jeito. Agora eu tenho controle.  *Meses*  se passaram desde que fiz minha última magia por engano.

– Mas a bússola...

– Aquilo é diferente, dei a bússola para você há muitos meses. Devo ter feito alguma coisa com ela naquele tempo e sem querer, mas garanto, não fui eu que soltei o barco. Eu saberia se tivesse sido.

– Tudo bem... – Seth não soava completamente convencido, mas eu não tinha mais argumentos. Além do mais, nossa situação agora era mais importante.

– O que podemos fazer? – perguntei. – Vamos bater? – Não lembrava qual era o termo náutico apropriado. – Vamos achar o caminho de volta?

– Vamos ficar bem, eu acho – ele respondeu, mas parecia preocupado. – Estamos no golfo da Finlândia, não é tão grande, levando em conta os padrões marítimos. Não é como ficar à deriva no Atlântico. Não tem como navegar por muito tempo sem avistar terra, e daí dá para ter uma ideia da nossa localização. Desde que a gente não se aproxime muito da costa no meio de um nevoeiro, vai ficar tudo bem.

Ele olhou para o céu. Era claro e frio, mas me lembrei do tempo em São Petersburgo e como a neve havia começado a cair rapidamente, do nada. Nada garantia que hoje à noite não haveria neve, neblina, ou até mesmo um furacão.

– Mas eu não entendo – Seth repetiu. Quando passou as mãos pelo rosto, a barba por fazer provocou um ruído áspero. – Não entendo como fomos trazidos para o mar desse jeito, como passamos por todos aqueles barcos, pelo braço do porto... e tudo sem sentir nada! Juro que ainda estávamos ancorados quando acordamos à noite. Como percorremos uma distância tão grande em poucas horas?

– Bom... – Um rubor tingiu meu rosto e me senti ridícula. Era idiota ficar com vergonha disso com Seth. – Não estávamos prestando muita atenção ao

que acontecia do lado de fora, estávamos? – A verdade é que um tornado podia ter levado o barco como a casa de Dorothy em *O Mágico de Oz*, e eu nem teria percebido.

– N... não – Seth concordou. E sorriu relutante. – Podia ser pior. À deriva em um barco com você, sem roupa... Posso pensar em algumas situações piores.

– Ah, é? – Tentei fingir um ultraje debochado para esconder meus temores. – Consegue pensar em *algumas* situações piores? Que grande elogio.

Seth sorriu de verdade e me abraçou, beijando o topo da minha cabeça. Eu me apoiei nele e pensei em como tudo isso era maluco. Em como nos encontramos, em como a noite mais negra da minha vida também havia sido a melhor, em como o medo que havia em mim agora se misturava a uma alegria impossível, incontrolável.

Havia um ponto positivo, pelo menos: Emmaline e Abe teriam uma tremenda dificuldade para me encontrar aqui.

Pensar nisso me deu uma ideia.

– Seth, você tem um mapa?

Ele me olhou como se eu fosse maluca, mas assentiu.

– Sim, tenho. Costuma ser um acessório bem útil para quem navega, sabe? No entanto, não tem muita utilidade sem um GPS, ou mesmo uma bússola. Sem esses instrumentos, não tenho como me localizar.

– Posso ver? O mapa, quero dizer. Quero tentar uma coisa.

Seth me levou de volta à cabine e eu me sentei à mesa, sobre a qual ele espalhou vários mapas. Eu não os entendia direito – algumas costas pareciam vagamente familiares, mas os mapas eram cobertos de linhas e formas que eu não reconhecia. Imaginei que deviam ser correntes, ou leituras de profundidade, ou rotas de navegação.

Depois olhei em volta.

– Preciso de alguma coisa como uma corrente, ou um cadarço de sapato, com um objeto pesado na ponta.

– Pesado quanto? – Seth quis saber.

– Não muito. Um anel, por exemplo. – Olhei novamente para o meu dedo e suspirei. Eu adorava o anel de vidro do mar. Mas não podia lamentar sua perda, porque ele salvou a vida de Seth.

– Ah... – Seth andou pela cabine e de repente voltou à mesa com um

pedaço de barbante. Em uma das pontas ele amarrou uma argola de chaveiro. – Isto serve?

– É um pouco grande, mas vai ter que servir.

– O que você está *fazendo*?

– É uma forma de adivinhação. O nome é cartomancia. Nunca tentei antes, mas já vi Maya fazer. Agora quieto, preciso me concentrar para fazer dar certo.

Fiquei em pé diante dos mapas abertos, segurando o barbante com as chaves na ponta. Fechei os olhos e comecei a balançar o pêndulo improvisado em círculos lentos sobre o mapa, esperando a atração.

– *Séce* – sussurrei, enquanto o pêndulo girava em círculos cada vez maiores. – *Séce... Séce... Séce...*

O impulso aconteceu inesperadamente no quarto e mais largo círculo, à extrema direita. Deixei o pêndulo completar outro giro e senti novamente, no mesmo lugar, mais forte que antes. Um último círculo lento e, dessa vez, o impulso foi um puxão. As chaves foram arrancadas da minha mão e caíram sobre o mapa, e eu abri os olhos.

– Funcionou?

Seth olhou para o mapa e começou a rir.

– Não, posso garantir que não.

– Por quê? Eu senti que deu certo. Tem certeza?

– A chave parece pensar que estamos no Mar de Kara.

– Onde fica...?

– Em algum lugar ao norte da Sibéria.

– E daí?

Seth riu de novo, dessa vez com incredulidade.

– Anna, você fugiu das aulas de geografia? Tem ideia de *onde* fica a Sibéria?

– Sim! – respondi, meio aborrecida. – Fica na Rússia. Onde nós estamos. Qual é o problema com isso?

– A Rússia é do tamanho de um continente. E São Petersburgo fica no extremo oeste, espremida em uma longa fenda a leste da Finlândia e da Suécia. A Sibéria fica no extremo leste. Olha.

Ele me mostrou com os dedos traçando no mapa a rota que o barco teria que ter feito: ao longo do golfo da Finlândia, passando pela Finlândia, Polônia, Alemanha, contornando o norte da Noruega e por cima do topo da

Suécia, e depois por toda a imensa costa da Rússia, quilômetros, quilômetros e quilômetros desaparecendo sob o dedo que traçava a rota. Até *eu* via que era impossível. Era equivalente a boiar sem rumo do Reino Unido à América e de volta ao Reino Unido. Duas vezes. Em uma única noite.

– Não existe a menor possibilidade de termos percorrido mais que cinquenta ou sessenta quilômetros – Seth disse. – E até isso é improvável, considerando o vento.

– Ah. – Isso era bom, certo? – O que vamos fazer, então?

– Bom, considerando que essa sua magia com o mapa não funcionou muito bem... – Ele tentava não rir. – Acho que vamos esperar. Vou levantar as velas, e você pode fazer uma xícara de chá para nós.

– Posso me vestir primeiro? – perguntei, obediente.

– Como capitão deste barco, se eu disser que não, você vai obedecer?

– Não. E talvez eu tenha que mostrar dois dedos também.

Outro sorriso distendeu os lábios de Seth.

– Bem, como sei que você provavelmente chicotearia meu traseiro se eu tentasse aplicar uma punição pelo motim, é melhor eu dizer que sim.

Minhas roupas ainda estavam molhadas da noite anterior, por isso peguei algumas de Seth. As camisetas ficavam boas – grandes, mas davam para usar –, mas ele riu alto quando voltei ao convés usando seu jeans. A cintura passava direto pelo quadril, por isso passei um pedaço de corda pelos passantes e improvisei um cinto, e as pernas eram tão compridas que tive que enrolá-las em torno dos tornozelos até parecerem salsichas.

– Bom! Muito bom.

– Ah, cala a boca – falei entregando a ele uma xícara de chá.

Seth beijou meu rosto, depois meus lábios.

– Estou falando sério. Você está... – Ele bebeu um pouco de chá, seus olhos escuros me olhavam por cima da borda da xícara. – Não sei. Tem alguma coisa a ver com uma garota vestindo suas roupas. É muito... sexy.

– Não se acostume – disparei, mal-humorada, apesar de derreter por dentro com o que ele disse e o jeito como me olhava. – Vou vestir minha calça assim que ela secar.

– Tem sempre uma alternativa – ele provocou. Levantei uma sobrancelha, e Seth olhou para a cama e deu de ombros. – Eu não me incomodo, se você não se incomodar...

– Beba seu chá! – respondi com tom de censura. E ele bebeu, contendo um sorriso e virando para observar o horizonte.



Velejamos lentamente por algumas horas. Eu observava Seth no comando do barco, via como ele puxava uma corda de vez em quando, ou ia verificar o barômetro, se ele me pedisse. A bússola continuava apontando para mim, seguindo-me determinada enquanto eu andava descalça pelo barco.

No fim da manhã o vento era frio e havia gelo no ar. Seth usava sua jaqueta impermeável de aba larga, e eu estava na parte de baixo do barco fazendo o almoço, espiando pela porta de vez em quando para perguntar como acendia o fogão ou onde tinha uma faca.

Finalmente o almoço ficou pronto, e Seth desceu para comer. Ele devorou a comida, o tempo todo de olho na janela.

– Qual é o problema? – perguntei finalmente.

– Não sei. – Ele limpou a boca e inclinou a cabeça para olhar pela escotilha novamente. – Tudo isso só... parece errado. Já devíamos ter visto alguma coisa.

– Terra, você quer dizer?

– Não necessariamente terra, mas *alguma coisa*. Estamos em uma rota de navegação, devia haver barcos, balsas, *alguma coisa*.

– As balsas não estão circulando desde ontem à noite. O serviço foi interrompido por causa do tempo.

Seth balançou a cabeça.

– Não faz diferença. Deve haver gente presa no lugar errado, pessoas que precisam ir para casa. E essas pessoas já deviam estar no mar. – Ele olhou para a bússola e, de repente, a frustração se estampou em seu rosto. – Acha que... Será que pode fazer a bússola voltar a funcionar?

– Não sei – respondi. – Posso tentar, mas...

– Melhor ainda, pode dar um jeito no sistema de GPS?

– Não sei. Não sei como essas coisas funcionam. Não sou muito boa com elas... – Parei de falar ao lembrar como não consegui consertar meu celular quando ele ficou cheio de água.

– Pode tentar? – Seth empurrou o prato e olhou pela janela para o mar cinzento, depois para o termômetro ao lado da escotilha. A marcação caía

constantemente, como a do barômetro.

– Vou tentar.

Ele voltou ao convés, e eu peguei a bússola na prateleira e olhei para ela. Não tinha ideia de como funcionava; sabia que a agulha era imantada e apontava para o norte magnético, mas a física por trás desse magnetismo era um mistério. Tinha alguma coisa a ver com elétrons, acho. Ou eram prótons? De qualquer maneira, eu tinha certeza de que teria ainda menos sucesso com o GPS. O sistema parecia sofisticado com aquele display azul e luminoso no console com o rádio. A tela exibia números, sim, mas, de acordo com Seth, eram completamente insignificantes. Eu não sabia nem por onde começar, mas a bússola...

Segurei o instrumento e comecei a estudá-lo com minha magia. Sim, definitivamente havia feitiço no mecanismo, eu sentia, mas não conseguia ver como ou por quê. Fechei os olhos e abri a mente com cuidado. No reino mágico e sombrio a sala era mais escura, mas a bússola brilhava com uma luz branca, alguma coisa parecida com uma luz de bruxa. Estava encantada, agora eu via e sentia com clareza, mas era uma magia tão pura, tão elementar, que eu nem sabia como começar a neutralizá-la. Não era um encantamento ou feitiço, ou alguma coisa que pudesse ser explicada, anotada ou resolvida. Ela pulsava com *necessidade*. Minha necessidade, mas também a de Seth. Nossa necessidade de estarmos juntos. A necessidade de encontrarmos um ao outro.

De algum jeito, por meu intermédio, através do meu poder, a bússola se tornou aquele desejo simples, ardente. Não *tinha* conserto, não mais do que se podia “consertar” uma bússola comum para saber as horas. Ela era o que era. Mudá-la seria destruí-la. E destruí-la não nos ajudaria a descobrir onde estávamos.

Com um suspiro, deixei a bússola de lado e subi para ir falar com Seth. Ele estava em pé na frente do timão, olhando para o mar. Fazia frio, muito frio, e eu me arrepiei e fechei a porta ao passar por ela.

– Seth...

Ele se virou.

– Conseguiu?

– Não. Não posso consertar a bússola. Não acho que tenha conserto.

– Merda. – Ele se sentou no banco e apoiou a cabeça nas mãos. – Não quer tentar de novo aquela coisa com o mapa? – Agora não havia deboche

em seu rosto. Em silêncio, descemos à cabine e, ainda em silêncio, ele abriu os mapas sobre a mesa mais uma vez. Peguei as chaves e comecei a balançá-las como antes.

Dessa vez a atração foi quase insuportável; tentei dar uma segunda volta, mas as chaves não se afastavam do local que escolheram e, quando abri os olhos, vi que estavam inclinadas em um ângulo que não era natural, desafiando a gravidade.

Soltei a corda, e as chaves caíram sobre o mapa com um barulho metálico, como metal encontrando ímã.

Seth começou a balançar a cabeça quase imediatamente.

– Não. Não, não, não.

– O que é?

– Impossível.

– O quê?

Ele estava pálido.

– Agora as chaves dizem que estamos no Mar de Laptev. O que significa que viajamos... o quê? Ele olhou os mapas e fez um cálculo rápido. – Alguma coisa em torno de seiscentos quilômetros em duas horas.

– Seth, eu posso ter errado. Não sei muito sobre cartomancia. Posso estar completamente errada.

No entanto, nenhum de nós dois acreditava nisso. Não mais. Vi a cara de Seth quando ele olhou para os mapas e para fora, para o mar vasto e vazio, sem nada entre nós e o horizonte além das grandes ondas cinzentas. Pensei em todas as vezes que o havia espiado na água, o pequeno barco balançando no imenso e solitário oceano.

E agora eu estava ali.

– Eu devia voltar ao convés – Seth falou. Ele levantou, seu rosto era inexpressivo quando pegou sua jaqueta impermeável. O gelo respingou na escotilha, e de repente eu fiquei calma.

– Seth, fique aqui.

Ele balançou a cabeça, tentou falar, mas estendi a mão para detê-lo.

– Escute, acho que estamos sendo puxados. Acho que *eu* estou sendo puxada, conduzida, levada para algum lugar. Não sei para onde, mas não acho que faça diferença você comandar o barco ou não. Vamos parar no mesmo lugar.

– Não vou deixar que puxem você para uma armadilha! Vamos lutar! Se

eu navegar em sentido oposto, com certeza...

– Mas qual é o sentido oposto?

Seth seguiu meu olhar para a janela, e nós dois olhamos para o cinza infinito. Não havia nenhuma pista de onde estava o perigo. Tive a impressão de que os ombros dele se curvavam.

– Se eu não conduzir o barco, podemos morrer.

– Eu acho... – Não pude terminar, mas ele sabia. Seth abaixou a cabeça.

Depois estendeu a mão.

Talvez devêssemos subir ao convés, tentar virar o barco, lutar até o fim.

Contudo, não fomos. Eu o levei em direção oposta, para o quarto totalmente ocupado pela cama. Era como se só restassem algumas horas para nós. Nesse caso, não queria desperdiçar o tempo brigando.



## CAPÍTULO DEZENOVE

**E**ra tarde quando Seth se mexeu em meus braços.

– Que foi? – perguntei baixinho.

– Não está sentindo? O mar mudou. Estamos perto de terra.

Empurramos as cobertas, tremendo com o impacto do ar frio, e começamos a nos vestir. Meu jeans agora estava seco, e eu vesti a calça, a camiseta e um suéter de Seth embaixo do casaco. Seth vestiu uma blusa grossa de tricô embaixo de seu casaco impermeável. Ele parecia muito grande, como um gigante embrulhado em oleado amarelo. Senti um arrepio quando ele caminhou mancando para a porta; sua silhueta tinha uma semelhança sinistra com Bran.

No convés, ficamos parados olhando para o mar. Era muito tarde, mas ainda não havia escurecido, apesar das nuvens pesadas que encobriam o céu. Pequenos flocos de neve caíam do manto cinzento, desapareciam no mar. Alguns aterrissavam nos cachos escuros de Seth, derretendo lentamente em diamantes líquidos.

– Veja. – Seth apontou para o horizonte. Em princípio não consegui ver nada, mas, depois que apertei os olhos na penumbra, tive a impressão de enxergar uma nova escuridão entre mar e céu. – Terra – ele acrescentou. E olhou para mim com expressão incerta. – O que vamos fazer?

– Como assim?

– Bem, quem trouxe você aqui, quem a “puxou”, acha que é amigo ou não?

– Eu... não sei – confessei. Havia várias possibilidades em minha cabeça, esperança e medo brigando em minha imaginação: Marcus; a bruxa russa maluca na ponte; minha mãe...

– O que estou dizendo é que posso tentar fazer um retorno com o barco. Quer que eu tente?

– Eles virão atrás de nós. – Fúria e frustração ferviam dentro de mim e,

acima de tudo, medo por Seth. – Eu sinto muito, muito mesmo. Você não devia estar metido nisso. Escute... – Agarrei a frente de seu suéter com mãos febris, entorpecidas. – Tenho que levar isso até o fim, mas talvez você possa voltar.

– Como assim? – Ele franziu o cenho.

– Enquanto eu estiver neste barco, eles vão continuar nos perseguindo. Contudo, se eu conseguir desembarcar, talvez você possa fugir.

– O quê? – Sua feição agora era de total incredulidade. – E deixar você sozinha para enfrentar... o quê?

– Você *tem* que ir, *por favor*. Se estiver envolvido, a situação vai ficar ainda mais difícil. Se eu puder me agarrar a uma coisa só... a ideia de que você está bem...

– Anna, você é maluca. Ou é maluca, ou acha que eu sou um merda completa.

– Não! – gritei. – Não! Você não devia ter se metido nisso. Eu o envolvi com aquele feitiço idiota; por favor, liberte-se. *Por favor*. Por mim.

– Não vou fazer isso.

– Podemos estar indo ao encontro da morte! Você entende?

– Sim! – ele gritou. Suas mãos agarraram meus ombros. – Sim, eu entendo, é claro que entendo, mas  *você* precisa entender: como eu poderia continuar vivendo se fosse embora agora, sem saber o que aconteceu com você? Tentei ir uma vez, e isso quase me matou.

– Mas *não* matou. Ninguém nunca morreu de coração partido. Você se libertou uma vez, Seth. *Pode* se libertar de novo.

– Não me peça para repetir aquilo – ele respondeu com tom firme. – Entendeu? E não se atreva a me dizer como foi deixar você. Não sabe como foi. Não tem ideia.

– Você me deixou! – esbravejei. – Acha que não doeu em mim?

Ficamos parados por um momento nos olhando no vento cortante. Então, seu rosto se contorceu e eu o abracei com força num abraço apertado o bastante para esmagá-lo, cravando minhas unhas na borracha dura de seu casaco impermeável.

– Desculpe – ele pediu com a voz rouca. Depois recuou, e seus dedos afastaram de meu rosto os cabelos molhados, carregados de sal. Seus olhos estavam cheios de lágrimas. – Por que estamos brigando?

– Não quero que você morra por mim. Por favor, volte. Você ainda pode

ter uma chance.

– Não existe chance nenhuma. – Seth abriu um braço, mostrando a vasta extensão de mar cinzento. – Não posso voltar navegando. Levaria semanas, meses, mesmo com uma bússola perfeita. Além do mais, como chegaria à praia sem mim? Não tenho bote.

– Posso ir nadando.

– Ficou maluca? – Ele me olhou incrédulo. – Você morreria!

– Não morreria. É isso que estou dizendo! – Fechei os olhos, subitamente cansada da inutilidade de tudo isso. De fugir, de esperar, de me esconder. Se minha mãe não conseguiu guardar meu segredo, como eu conseguiria? – Enquanto eu tiver a bruxaria, não posso morrer. Era isso que minha mãe sabia. Era isso que ela tentava esconder. Era isso que os Ealdwitan sabiam... ou alguns deles sabiam, pelo menos.

– Você não *pode* morrer? – O rosto de Seth empalideceu com o choque. – O que isso significa?

– Não faço ideia – confessei, cansada. – Posso envelhecer... é claro. E posso ficar gravemente ferida, ferimentos de morte. Então, talvez eu simplesmente siga em frente, terrivelmente velha, terrivelmente aleijada, até seja lá o que for que alimenta minha feitiçaria se extinguir.

– E as pessoas que a trouxeram até aqui... É isso que elas querem?

– Acho que sim, mas não sei. Não tenho certeza de nada.

Seth apenas me encarou com o rosto pálido. Então ouvimos um rangido, um barulho alto, e o barco deslizou suavemente para uma praia de cascalho.

Seth e eu nos viramos, ainda abraçados, e olhamos para a praia. Meu coração batia como um tambor e senti a mão de Seth sobre ele, lendo meu pânico.

– Tudo bem – ele sussurrou, mas sabíamos que era mentira.

Diante de nós havia uma praia de cascalho preto entrecortada por rochas enormes que lembravam dentes, e além dela eu vi altos penhascos negros tocando as nuvens. Era lindo... e também era o lugar mais desolado que jamais vi.

Seth saltou da proa do barco para a praia negra e estendeu os braços para mim. A distância do convés para a praia parecia enorme, e eu fiquei parada por um instante, hesitando.

– Tudo isso... e está com medo de pular alguns metros? – ele disse.

Rangi os dentes.

– Não estou com medo.

E pulei. Ele me amparou na praia, e nós olhamos em volta.

– E agora? – Seth perguntou, mas, antes que eu pudesse responder, um grito estranho e rouco soou mais adiante na praia, e nos viramos prontos para enfrentar o que se aproximava.

Não tinha ninguém lá. A praia se estendia até desaparecer na neblina, vazia de tudo exceto pedras e ondas quebrando.

O ruído se repetiu – um rosnado baixo, retumbante.

– O que é isso? – sussurrei. – De onde vem?

Seth viu antes de mim, e sua risada soou incoerente ao ecoar nos penhascos.

– É uma morsa!

Ele apontou e eu também vi o animal se movendo da pedra para o mar com aquele grito rouco, quase um latido.

– Uma morsa! – suspirei.

Vimos uma, depois outra e mais outra se jogarem no mar.

– São bonitas, não são? – uma voz perguntou atrás de nós, rouca e áspera como se não fosse usada há muito tempo. Seth e eu nos viramos, o cascalho chiava sob nossos pés, e vimos a mulher emoldurada contra os penhascos.

Seu cabelo era negro e longo, trançado e retorcido em torno de toda a cabeça formando desenhos complexos, e sua pele era muito branca, um branco quase sobrenatural. Branco como se ela não visse a luz do sol há muitos anos.

Contudo, ela estava ali parada sob a luz amenizada pelas nuvens e sorria. Seus lábios eram quase tão pálidos quanto o rosto, mas as gengivas por trás deles eram bem vermelhas, e os olhos também tinham contornos vermelhos.

Ela falou de novo, disse alguma coisa em russo, e o sorriso se tornou mais largo, exibindo a boca vermelha.

– Bem-vinda – a mulher falou com forte sotaque russo. – Ah-na. – Ela pronunciou meu nome devagar, transformando-o em duas palavras, deixando a língua lidar carinhosamente com cada uma.

– Quem é você? – perguntei, e minha voz soou como um sussurro sobre o ruído das ondas na praia. Engoli e tentei novamente, dessa vez mais alto: – Quem é você?

– Meu nome é Tatiana. – A mulher virou-se e se curvou para Seth num gesto de cortesia. – E você deve ser Seth. Também é bem-vindo, apesar de

ser o primeiro... como é mesmo? Čužestranec – ela falou devagar. – Que não é dos nossos.

– Apartado – falei com desconforto.

– Sim. Você é o primeiro apartado a entrar em nosso reino. Venham. Vão partilhar conosco o pão e o sal?

Olhei para Seth, e ele deu de ombros. Tínhamos escolha?

A mulher virou-se sem esperar por uma resposta e começou a subir por um penhasco, movendo-se com velocidade sobre-humana entre as saliências pontiagudas das pedras.

Segurei a mão de Seth e fomos atrás dela.



Andamos atrás da bruxa pelas rochas e depois pela floresta. Ela estava descalça, mas não parecia sentir as pedras, ou as pinhas, ou o frio.

Nos primeiros quilômetros nós a acompanhamos, mas, quando a distância nos cansou, começamos a ficar para trás. Seth mancava muito, e seu rosto estava tenso com a dor. Ele havia esquecido a muleta e, finalmente, quando passamos por um galho caído na floresta, ele parou.

– Não consigo continuar andando sem apoio – Seth falou sem rodeios, suas palavras eram entrecortadas pela dor e pelo esforço de pronunciá-las. – Não devia ter deixado minha muleta no barco. Ei, espere! – ele gritou para a bruxa que desaparecia na floresta.

Ela parou. Não se virou, mas vi sua silhueta escura e distante entre as árvores, olhando para nós. Seth tirou um canivete do bolso e começou a remover as folhas e saliências do galho. Na ponta, ele dividiu o galho em uma bifurcação e o torceu para criar uma curva. O desenho encaixou perfeitamente em sua axila. Ele fez uma careta.

– Não é muito confortável, mas é melhor que nada.

– Venham – a bruxa chamou com urgência. – Está escurecendo.

Olhei para cima, por entre os pinheiros altos e esguios que pareciam tentar tocar o céu. Era difícil dizer se estava escurecendo sob a sombra, com só uma luz cinzenta e fraca filtrada entre as pinhas, o céu quase completamente escuro por um padrão complexo de galhos que desapareciam nas nuvens. Contudo, havia escurecido desde que entramos na floresta e, quando a bruxa voltou a andar, ouvi o uivo distante de um

lobo e senti Seth estremecer ao meu lado. Afaguei sua mão livre.

– Tudo bem? – sussurrei. Seth não disse nada, só assentiu com firmeza. No entanto, eu sabia por sua expressão e pela respiração arfante que ele estava com dor.

Continuamos andando. O terreno parecia estar subindo, e logo entramos em uma nuvem densa onde quase não conseguíamos ver a silhueta da bruxa na nossa frente. Ela se tornou só uma mancha escura passando de árvore em árvore. Ao meu lado Seth tropeçou e segurou meu braço para não cair. Ele deixou escapar um gemido involuntário de dor quando recuperou o equilíbrio, e meu coração ficou apertado.

– Por favor – pedi com urgência –, deixe-me tentar curar esse ferimento.

Ele balançou a cabeça, um movimento único e sem palavras.

– Então, posso ao menos ajudar com a dor? Eu consigo...

Contudo, ele me interrompeu:

– Não.

– Vamos! – a bruxa gritou, impaciente. Ao ouvir sua voz os lobos uivaram outra vez, e o som ecoou como um lamento entre as árvores envoltas por nuvens. Havia mais deles agora, notas diferentes que formavam uma sinfonia desagradável.

– Vamos. – Seth rangeu os dentes e voltou a andar. – Não quero virar comida de lobo.



As horas passaram, e a floresta ficou mais e mais escura, até finalmente escurecer por completo. Também ficou mais frio. As nuvens não se dissipavam, mas agora eram mais como uma névoa gelada, e nossa respiração criava fantasmas brancos diante de nós, depois se dispersava na neblina gelada. Havia gelo no chão, e meus pés escorregavam nos galhos. No entanto, a bruxa na nossa frente não parava nunca, embora se virasse de vez em quando e nos incentivasse a continuar, gritando “venham” por cima de um ombro com uma voz carregada de urgência.

Eu me peguei pensando com amargura por que eles conseguiram nos puxar até aqui no barco de Seth, e ainda por que esses últimos quilômetros tinham que ser tão difíceis. Eu ouvia a respiração de Seth ao meu lado, ouvia cada gemido rouco e involuntário quando ele pisava no chão e a dor o

castigava.

Finalmente, não pude mais suportar.

– Pare! – gritei para a bruxa. – Por favor, pare! Você o está matando!

Para minha surpresa, ela parou e se virou, seu rosto brilhava muito branco na escuridão.

– Sim, paramos – ela disse. – Chegamos.

Olhei em volta. Não havia nada ali, só os troncos ásperos dos pinheiros e a nuvem fria que cobria tudo.

– Onde? – perguntei. Ouvi o pânico em minha voz. Por que ela nos trouxe tão longe, até o escuro e vazio coração da floresta? Os lobos uivaram, e foi como se ecoassem minha pergunta. – Onde?

– Nós iremos descer – disse a bruxa. E apontou para baixo.

Olhei na direção que seu dedo apontou, mas não consegui ver nada. Então a névoa se dissipou um pouco e, diante de nós, vi uma fenda e uma trilha estreita e lamacenta desaparecendo na terra. Suas paredes de barro eram fortificadas com troncos de árvores caídas que impediam um desabamento. No centro havia uma abertura escura, uma boca preta na lama fria e molhada. Um hálito frio soprava da abertura e trazia o cheiro de sangue.

Senti a bile na garganta e, se não fosse por Seth, teria corrido, por mais idiota que fosse, por mais que a floresta fosse negra e solitária e os lobos uivassem à nossa volta. Teria corrido cem quilômetros no escuro e na neve, com os lobos me perseguindo, e teria sido melhor do que entrar naquele lugar.

Contudo, Seth não podia correr. Não conseguia nem sequer andar um quilômetro. Sua respiração passava por entre os dentes com um chiado, e a mão que segurava a minha era fria e suada por causa da dor.

Eu o trouxe até aqui. Não podia deixá-lo.

– Vai – disse a bruxa. Sua voz agora era cortante. Não havia mais a nota convidativa. – Desce.

Continuamos parados, e ela tocou com a mão fria a parte de baixo das minhas costas. Desci tropeçando e cambaleando a trilha lamacenta para a escuridão.

## CAPÍTULO VINTE

Caminhamos na escuridão, Seth e eu na frente, a bruxa atrás de nós. Quando o túnel começou a descer, ouvi um ruído atrás de nós e me virei. A boca do túnel havia se fechado, suas partes se uniam silenciosamente. De repente estávamos na completa e aveludada escuridão da terra.

– Onde estamos? – Seth cochichou. O eco se prolongou como se houvesse quilômetros de túneis na nossa frente e abaixo de nós, cada um deles refletindo sua voz.

– Nas minas. – A voz da bruxa veio de trás de nós. – Um *gulag* chamado Kalya. Ouviram falar em *gulag* no seu país?

Assenti, esquecendo que estávamos no escuro.

– Fomos exilados, sentenciados a trabalhar até a morte como o resto dos inimigos do Estado, mas eles subestimaram nosso poder. Mandaram todos nós para cá juntos, e juntos, mesmo fracos como estávamos, nós nos levantamos contra os que nos mantinham cativos. Apagamos as luzes, e sem a visão eles ficaram indefesos, e nós caímos sobre eles na escuridão.

– O que fizeram com eles? – sussurrei. – E os outros prisioneiros, os apartados, o que aconteceu com eles?

– Nada foi perdido – disse a bruxa. – E depois disso não restou nada para nós lá em cima além de morte e perseguição. Então nos fechamos na terra para esperar por tempos melhores. Agora, talvez, esses tempos tenham chegado. É hora de voltarmos à superfície, nos apoderarmos de novo da Rússia.

– Como viveram aqui embaixo todos esses anos?

– Foi cruel – disse a bruxa; sua voz soava como se ela sorrisse na escuridão. – Com muito sofrimento. Contudo, sofrimento fortalece, pequena Ah-na. É como fogo; se sobreviver a ele, você sai da experiência temperada, dura como argila que secou no forno, ou aço tirado da fornalha. Fomos temperados pelo fogo do nosso sofrimento.



*Sufrimento, sofrimento, sofrimento...* O som ecoava pelos túneis, chiando e assobiando.

– Vai – a bruxa falou. – Anda.

Senti sua mão novamente, dura e fria entre minhas omoplatas, e tropecei.

– Mas eu não enxergo. Como consegue ver nessa escuridão?

– Não precisamos *ver* – ela falou com desdém. – Mas, no começo, usávamos a magia para iluminar os caminhos. Então... se precisar...

Estendi a mão e um brilho esbranquiçado iluminou as paredes. Ao meu lado, vi o rosto de Seth, seus olhos enormes e negros. Atrás de nós, vi o rosto bonito e muito branco da bruxa. Túneis levavam para baixo e para fora, quatro, cinco ramificações, talvez mais. A bruxa apontou para uma delas e disse:

– Vai. Pão e sal os esperam.

Olhei para Seth e, juntos, começamos a andar.

À medida que descíamos, o solo ia mudando de barro para rocha. As paredes também eram de pedra, marcadas com as fendas e lascas de mil golpes de picareta. Em alguns lugares havia veios de cristais estranhos, em outros a rocha brilhava com uma luz fosforescente, capturando a luminosidade da minha luz de bruxa e refletindo o brilho.

Finalmente chegamos a uma ampla câmara, um lugar alto e largo como uma catedral. Deixei a luz ficar mais forte, elevei a mão sobre a cabeça para usá-la como uma tocha, mas ela mal conseguia dar ideia da imensidão do espaço. Vi pontas de estalactites, um brilho molhado, mas o teto formava um arco que desaparecia nas sombras.

No centro da câmara havia mais ou menos uma dúzia de pedras grandes, cada uma delas com a altura dos meus joelhos, aproximadamente, arrançadas em um círculo em volta de uma pilha de ossos queimados. Em torno dos ossos eu vi um anel de pedras menores em padrões geométricos complexos; algumas eram pedregulhos; outras, grandes aglomerados de cristal; ou geodes cortados ao meio, os centros incrustados brilhando à luz de bruxa. Parecia o cenário da fogueira de um acampamento macabro.

– Sentem-se – disse a bruxa. Ela apontava para as pedras grandes. – Traremos comida.

Olhei para Seth e dei de ombros, e nós dois fizemos o que ela mandou. A bruxa desapareceu com um farfalhar de tecido, e ficamos ali sozinhos. Olhei para Seth, encolhido ao meu lado em um assento improvisado na

rocha. Seu rosto estava pálido e coberto de suor, apesar do frio, e ele fechou os olhos com força, suas pálpebras machucadas e azuis na pálida luz de bruxa.

Abri a boca para dizer alguma coisa, mas, antes que eu pudesse falar, um som brotou de todos os cantos distantes da câmara. Era um sussurro quase imperceptível; o arrastar de pés descalços, luz sobre a pedra. Deixei a luz de bruxa brilhar mais forte, mais clara, e no círculo de luz vi surgir rosto após rosto.

Eram todos brancos como ossos, cintilantes como fantasmas na luminosidade pálida. E todos eram magros e emaciados, com maçãs largas e visíveis sob a pele das faces. Eles andavam para o círculo de luz, todos com a expressão carregada de um anseio aterrorizado. À frente da fila vinha a bruxa de cabelos negros, Tatiana, segurando um prato rústico de madeira com dois pedaços de pão preto e um montinho de sal. Na outra mão ela trazia uma vasilha com água.

Antes de nos entregar o prato, ela pegou uma pitada de sal e o espalhou com reverência sobre a pilha de ossos. Em seguida, entregou-nos a comida.

– Comam – disse a bruxa. – Vocês são nossos hóspedes. São bem-vindos em Kalya, nosso *sobor*. – E abriu os braços para mostrar o espaço amplo.

Seth e eu comemos o pão como animais famintos. Nenhum de nós havia comido ou bebido desde aquele almoço no barco. Eu não sabia que horas eram, mas tinha a sensação de que passava muito da meia-noite e de que havíamos atravessado a maior parte da tarde e da noite andando.

Bebi um grande gole de água – era fresca, doce e muito boa – e voltei a comer o pão.

Os rostos no círculo nos observavam num silêncio fascinado, seus olhos seguiam cada mordida, cada gole. Finalmente parei e limpei a boca. O pão deixava um gosto estranho na boca, não inteiramente agradável e levemente metálico. No entanto, àquela altura, eu não me importava. Era comida, e estava enchendo meu estômago e o de Seth.

– E agora? – perguntei.

– Agora vocês dormem – disse Tatiana. – Porque amanhã é um dia importante. Há trabalho a ser feito.

Minhas pernas estavam duras de tanto andar, e ficar em pé doía. Pela cara de Seth quando o ajudei a levantar, pude perceber que ele sentia mais dor que eu. Esperei enquanto ele rangia os dentes e coloquei a muleta de galho

embaixo de seu braço. Tatiana se afastava. Na beirada do círculo de luz, ela parou. Sua mão branca e esquelética nos chamou.

– Venham.

Nós a seguimos por vários corredores, alguns tão baixos que tive que me curvar, e Seth quase se dobrou ao meio. Passamos por salas em que havia mulheres enroladas em mantos, deitadas em esteiras na escuridão, mulheres que levantaram a cabeça e piscaram quando nos viram. Passamos por uma sala onde um fogo ardia baixo e de onde saía o cheiro de carne queimada que chegava ao corredor. Havia também um cheiro sufocante de fumaça e salas onde estalactites pingavam sem parar, algumas com desenhos entalhados tão lindos que eu teria parado para admirá-los, em outras circunstâncias.

Finalmente paramos em uma sala vazia. Só havia ali uma pilha de trapos.

– Por favor. – Ela apontou para a sala, uma caverna, na verdade, o teto baixo demais para Seth ficar em pé e ereto. – Durmam. Descansem. Amanhã trabalhamos.

– Espere – pedi com desespero. – Antes de ir... posso fazer uma pergunta? Contudo, ela saiu, foi tragada pela escuridão.

Com um gemido, Seth se acomodou no chão da caverna, a perna boa dobrada embaixo do corpo, a machucada estendida sobre um dos cobertores esfarrapados. Eu ainda olhava em volta estudando a salinha, mas depois de um tempo Seth olhou para mim do chão e abriu os braços.

– Vem – ele chamou. Deitei ao seu lado e nos encolhemos juntos embaixo das cobertas, abraçados, e eu apaguei a luz de bruxa. Não podia mantê-la acesa indefinidamente. Minha força poderia ser necessária no dia seguinte.

Minha cabeça fervia cheia de temores, possibilidades, mas a voz de Seth interrompeu meus pensamentos.

– Onde estão todos os homens?

– Homens? – perguntei, confusa.

– Os bruxos homens. Percebeu que não tem nenhum?

– N... não... – Era um pensamento estranhamente desconfortável.

– O que acha que aconteceu com eles?

– Não sei. – Mordi o lábio. – Talvez estejam em outro acampamento? – Mas como elas sobreviveram por tantos anos sem homens? Procriavam com apartados sem sorte que capturavam? Pensei nas palavras de minha avó sobre Thaddeus Corax, sobre como ele prolongava a vida com métodos nos

quais ela não suportava pensar, e estremeci.

– Que pergunta queria fazer? – A voz de Seth interrompeu meus pensamentos. – Antes daquela mulher... antes de ela ir embora.

– Ah. – Puxei os joelhos contra o peito, tentando me aquecer. – Eu... ia perguntar sobre minha mãe.

– Sua *mãe*?

– Ela procurou os bruxos russos para garantir proteção para mim. Acho que pode ter vindo para cá, para Kalya.

– Mas... – Seth passou a mão em meu rosto. – Anna, perseguir uma sombra... Isso não vai trazê-la de volta, vai?

Não respondi.

Achei que não conseguiria dormir. Seth acabou caindo num sono exausto em meus braços, movendo-se enquanto dormia para tentar encontrar uma posição confortável para a perna no chão de rocha fria e dura. No entanto, eu continuava acordada, olhando para a escuridão, tentando enxergar a verdade além dela. Não sei quanto tempo passei ali, mas, em um momento, quando estava naquele estado entre a vigília e o sono, pensei ter ouvido um grito, o berro lancinante e pulsante de alguém que sofre uma dor extrema. Acordei assustada e sentei na escuridão, suando e tremendo, esperando ouvir novamente o mesmo som, mas ele não se repetiu, e Seth continuava dormindo sem se perturbar.

Finalmente comecei a pensar que devia ter sonhado e deitei outra vez. Abracei Seth, aproximando meus lábios de sua testa, e acabei dormindo.



Acordei assustada.

Havia alguém na sala, uma presença abaixada ao meu lado.

Deixei minha luz de bruxa brilhar por um segundo como uma fagulha elétrica, e a bruxa recuou protegendo os olhos com a mão. Era Tatiana.

– O que está fazendo? – cochichei, furiosa com o medo.

– Amanheceu – ela disse.

Meu coração bateu um pouco mais devagar, e eu me sentei e olhei em volta. Estava escuro, como sempre; podia ser madrugada. E eu não sentia que havia dormido muito. Meus olhos ardiam e minhas pernas estavam cansadas, como se eu houvesse acabado de deitar. Ao meu lado, Seth se

mexeu agitado.

– Seth – chamei em voz baixa.

Ele se mexeu de novo, mas não acordou.

– Deixe-o dormir – disse a bruxa. – As feridas o consomem.

*Consumem...* Um arrepio me sacudiu. A imagem era horrível: Seth sendo devorado pela dor. No entanto, ela estava certa; as feridas o estavam consumindo. O ferimento consumia sua força, sua felicidade e sua capacidade de viver. Em dez, vinte anos, ele seria outro Bran: amargo com a dor constante.

Deslizei de baixo do braço de Seth e levantei devagar.

– Enquanto ele dorme, vamos levar você para conhecer nosso reino – a bruxa anunciou.

*Reino.* Era uma palavra estranha para usar em relação a um lugar habitado apenas por mulheres. Onde estava o rei?

– Vem, vamos começar – ela chamou. – Está pronta?

– Sim. – Ajeitei minhas roupas amarrotadas. – Só preciso deixar uma mensagem para quando Seth acordar.

– Vou chamar Svetlana. – A bruxa não falou mais nada, mas, um momento depois, um rosto branco e fantasmagórico apareceu na porta, e Tatiana falou em russo. A garota assentiu e olhou para mim. – Svetlana fala inglês – Tatiana explicou. – Pode dar seu recado, ela o transmitirá ao seu Seth quando ele acordar.

Não era isso que eu tinha em mente, estava pensando em papel e caneta, mas agora não tinha escolha.

– Tudo bem – concordei. – Hum... diga a ele que fui com Tatiana... dar uma olhada por aí... e volto assim que puder. Diga... – Diga que o amo, era o que eu queria dizer, mas não podia deixar esse recado com essa menina-fantasma desconhecida parada na porta. – Diga a ele que volto o mais rápido possível.

Svetlana assentiu e colocou as costas à parede da caverna. Tatiana olhou para mim, eu assenti e a segui para fora da sala.

Meu coração começou a bater mais depressa quando segui Tatiana novamente pelo labirinto de corredores. Mais e mais depressa e dolorosamente forte. Passávamos por cavernas e eu olhava para cada uma delas. O que eu estava procurando?

Sabia a resposta, é claro. Procurava minha mãe. Talvez *sempre* houvesse

procurado por ela, desde a primeira vez em que percebi o significado da palavra. E talvez continuasse procurando para sempre, até saber o que havia acontecido com ela.

No entanto, olhando para os rostos que me espiavam da escuridão, parei para pensar. Queria mesmo encontrar minha mãe aqui, escondida no escuro por dezoito anos, sabendo que, em algum lugar, sua filha crescia sozinha? O que eu diria? O que *poderia* dizer?

– O banheiro... – Tatiana apontou quando passamos por uma caverna com um tambor metálico de água que brilhava iluminado pela luz de bruxa. – Aqui cozinhamos... aqui tecemos...

Minha luz de bruxa iluminava câmaras escuras pelas quais passávamos, mostrando mulheres de rostos brancos debruçadas sobre suas tarefas, assustadas quando viam minha luz passando pela porta.

– E agora, nossa catedral – disse Tatiana, afastando-se para me deixar passar e entrar na sala onde nos sentamos na noite passada e comemos pão.

Entramos na enorme caverna, meus passos ecoavam pelas paredes, e, quando cheguei ao círculo de pedras, Tatiana levantou a mão. Uma grande luz branca se acendeu, ofuscando minha luz de bruxa como o sol encobrindo uma estrela em eclipse. As paredes de pedra brilhavam brancas e luminosas. Vi o teto cerca de oitenta, cem, cento e vinte metros acima de nós, arqueado como o teto de uma catedral e recoberto de cristais brancos que brilhavam como quartzo, ou diamantes, quase me cegando com seu reflexo.

– É lindo! – exclamei. – O que... o que é isso?

– Sal – revelou Tatiana. – Ele é bonito e confere uma espécie de... imortalidade a tudo que toca.

Ela deixou a luz se apagar, e a caverna mergulhou novamente na escuridão.

– Como? – perguntei, subitamente incapaz de me conter. – Como você pode ser tão forte? Não entendo. Aquela luz... nunca vi ninguém criar uma luz de bruxa como aquela. Nunca vi poder como o seu.

Alguma coisa ecoou em minha cabeça, e lembrei as palavras de Simon quando encontramos o feitiço embaixo da entrada de minha casa: *Este é um poder como nunca vi.*

– Temos nossos segredos, pequena Ah-na. – Ela sorriu de um jeito estranho, um sorriso terrível que mostrava as gengivas tão vermelhas

quanto as da bruxa na ponte. Eu me arrepiei e ela se sentou, batendo na pedra a seu lado no círculo. Meu coração ainda batia forte no peito, e nunca me senti propensa a agir com coragem, mas sentei e respirei fundo.

– Posso fazer uma pergunta?

Tatiana inclinou a cabeça.

– Talvez eu não responda, mas você pode perguntar.

– Por acaso conheceu uma mulher... O nome dela era Isabella, mas às vezes ela se apresentava como Isla também. Parecia... – Parei e engoli. – Dizem que ela era muito parecida comigo.

Tatiana não disse nada; apenas olhou para mim com seus olhos escuros de pupilas dilatadas. Ela havia deixado sua luz de bruxa apagar completamente, e agora só minha luminosidade fraca iluminava a sala, um brilho âmbar na palma da minha mão entre nós.

Então ela falou:

– Vou contar uma história, pequena Ah-na. – E olhou para a pilha de ossos no centro da caverna como se reunisse força, como se juntasse seus pensamentos. – Era uma vez um povo. Havia gente boa e má, fraca e forte, tola e sábia, como em todos os povos. Contudo, eles também estavam em guerra. O problema era que não sabiam disso. Durante muitos anos, séculos até, a guerra foi travada e o povo perdeu território, um pouco mais a cada ano. Pouco a pouco, eles foram levados ao limite. Foram queimados e aprisionados. Foram perseguidos e mortos. Foram dizimados e, finalmente, forçados a se esconder, a fingir que eram o que não eram para poder sobreviver. E eles ainda não sabiam que havia uma guerra. Eles ainda não lutavam, não reagiam. Então, um dia, um homem chegou. Ele teve uma visão: viu paz e segurança para aquele povo. No entanto, ele sabia com uma terrível certeza que paz significava violência, que, para garantir a paz de seu povo, haveria derramamento de sangue. Seus inimigos, e os inimigos de seu povo, teriam que ser esmagados: os de fora e os de dentro.

“E ele começou a lutar. Lutou constantemente e com sutileza. Usou sua magia para abrir caminho até uma posição de grande poder, uma posição de onde poderia proteger seu povo e derrotar seus inimigos. Ele contou ao povo sobre a guerra. Mostrou o que tinham que fazer para conquistar a liberdade. Algumas pessoas não suportaram ouvir a verdade, mas *era* a verdade.

“Finalmente, a luta se tornou violenta demais para ser escondida e o

inimigo percebeu quem era aquele homem e qual era sua intenção. Ele foi traído. Foi atacado. E mesmo assim, ele não morreu. Três vezes o mataram: com veneno, com armas e por afogamento. Finalmente, eles queimaram a carne sobre seus olhos e aprisionaram seus seguidores.”

Ela parou, seus olhos queimavam com um amor fanático.

– Mas os seguidores dele não o esqueceram. Não esqueceram o homem que havia mostrado a eles a verdade e um jeito melhor de viver. Não esqueceram seu sonho de um mundo puro e limpo, onde seu povo poderia viver em paz sem medo de perseguição. Eles reuniram seus ossos e levaram para o fundo da terra para esperar tempos melhores. Para esperar a chegada daquele que poderia devolvê-lo a seu trono.

Tatiana segurou minha mão, seus dedos eram afiados como garras, e meu coração deu um pulo e parou na garganta, sufocou-me.

– Pequena Ah-na, sabe por que foi mandada para nós?

– Não. – Não consegui falar mais que isso.

– Foi enviada para encerrar a guerra. Foi mandada para levantá-lo, para levantar nosso Mestre.

Ela virou o rosto branco e nós duas olhamos para a pilha de ossos secos no centro da sala.

– Houve um tempo em que nosso povo não precisava se esconder, Ah-na. Esse tempo vai voltar.

– Não entendo... – Minha voz era um sussurro.

– Liderados por nosso Mestre, vamos limpar o mundo.

– Limpar? Limpar... de quê?

– De traidores, aqueles entre nós que traíram sua raça. E dos *Čužestranec*.

Por um minuto eu não entendi. Depois lembrei o que ela disse na praia: *Čužestranec*... quem não é da nossa raça.

Meu rosto paralisou. Meu coração congelou. Alguma coisa parecia ter quebrado dentro de mim.

– Limpar de apartados, você quer dizer? – consegui perguntar.

Tatiana assentiu.

– Então chegará o tempo de um novo tipo de império: o império dos bruxos, com nosso sagrado Mestre no comando.

– Você é maluca. – Minha voz era tão fraca que quase não ecoava na grande sala. Tatiana balançou a cabeça, seu rosto era piedoso e implacável ao mesmo tempo.



– Não, pequena Ah-na. “Maluco” é a palavra que os *Čužestranec* usam para falar sobre aqueles que enxergam a verdade além do véu. Somos uma raça diferente para eles. Durante séculos tentamos viver em harmonia com os *Čužestranec* enquanto eles queimavam e perseguiram e aprisionavam os nossos. Não mais. Chega. Só há espaço para um tipo de ser neste mundo; é uma escolha, nós ou eles.

– Não!

– Foram eles que nos forçaram a isso, Ah-na. Nunca escolhemos a guerra.

– E você quer que eu levante aquele... aquele... – Não conseguia falar. Apenas aponte a pilha de ossos no centro da sala, cercada por oferendas de décadas.

Tatiana assentiu.

– Era isso que sua mãe sabia, pequena Ah-na. Foi para isso que você nasceu. Você escolhe se também morre por isso.

– Não! – gritei. O eco voltou de todos os cantos da câmara. *Não, não, não, não, não...* Uma catarata moribunda de negações.

Tatiana levantou-se, soltou minha mão. Ela estava parada, mas tive a impressão de que uma imensa fúria emanava dela como uma onda.

Então ela se virou.

– Muito bem – disse por cima do ombro. – Se não consigo convencê-la, tem alguém que talvez consiga.

E ela desapareceu.

Fiquei ali sentada por muito tempo, dominada por medo e raiva enquanto a luz de bruxa tremulava em minha mão. Onde estava Seth? Como poderia voltar e encontrá-lo naquele labirinto de túneis?

Pensei em correr – tentar encontrá-lo, fugir com ele desse buraco no inferno e não olhar para trás. Atravessei a sala até a passagem por onde Tatiana havia saído e fiquei parada na soleira. Não sabia para onde ir. Não sabia nem se aquela era a saída certa dentre tantas na sala. Eram cinco ou seis, todas idênticas para mim. Além disso, andamos por cerca de dez minutos na noite passada, fizemos dez ou vinte conversões até chegarmos à caverna onde dormimos. Nunca vou me lembrar do caminho todo.

Havia sido idiotice permitir que nos separassem. Como eu poderia consertar esse erro?

– Seth! – chamei em voz baixa, com a patética e impossível esperança de que ele, de algum jeito, pudesse me ouvir e me responder. Nenhuma

resposta. – Seth! – repeti um pouco mais alto. Fiquei ouvindo, tentando silenciar as batidas do meu coração para identificar algum som.

Passos. Suaves, interrompidos, passos que sugeriam que quem se aproximava parava para recuperar as forças. Vinham de uma saída diferente, do outro lado da sala. Não podia ser Seth... podia?

Virei-me na direção do barulho, meu coração batia tão forte que eu tinha medo de passar mal. Uma figura sombria surgiu na porta, e por um minuto meu coração pulou. Contudo, não era Seth. Era alguém muito magra, muito pequena. Uma mulher um pouco mais alta que eu.

Forcei a luz de bruxa em minha mão a brilhar mais forte, enviando sua luminosidade pelo espaço sombrio para iluminar o rosto desconhecido.

Minha exclamação cortou o silêncio; os ecos chocados assobiavam e chiavam.

A pessoa na porta era... Era...

Atravessei cambaleando o espaço de piso rochoso, tropeçando em pedras e buracos, até finalmente parar a cerca de um metro da mulher.

No entanto, não era uma mulher qualquer.

Era minha mãe.

## CAPÍTULO VINTE E UM

**P**or um minuto não falei nada. Fiquei ali parada, congelada, observando seu rosto. Ela era mais velha que a mulher que vi nas fotografias, mas, de uma maneira sinistra, inconfundivelmente igual. Contudo, mesmo sem as fotos, eu não ia precisar de ninguém para me dizer. Seu rosto... era o *meu* rosto. Meu rosto daqui a vinte anos, emoldurado por sedosos cabelos negros tão finos que os fios flutuavam no ar parado.

Arfei, engoli em seco, lutei contra as lágrimas. E depois corri. Percorri os poucos metros que nos separavam, atirei-me em seus braços e senti seu corpo firme nos meus, não uma miragem, mas carne sólida, real. Seus ossos eram salientes demais, e tive a impressão de que suas costelas poderiam se partir com a força do meu abraço; mas ela ria e chorava, abraçava-me de volta, suas lágrimas corriam livremente por seu rosto e se misturavam às minhas quando minha face pressionou a sua.

– Anna – ela disse, repetindo meu nome como se não pudesse acreditar no que acontecia. – Anna, oh Anna, minha pequena Anna, minha querida Anna.

– M... – Eu tropeçava na palavra. Nunca a havia dito, não dessa maneira. Nunca havia chamado por ela à noite, depois de um pesadelo. Era meu pai que eu chamava. Sempre soube que ela estava fora do meu alcance, fora das minhas possibilidades. Até agora.

– Anna – ela disse mais uma vez.

Então, por muito tempo, nenhuma de nós disse nada, apenas ficamos ali abraçadas, olhando para o rosto uma da outra.

– O que está fazendo aqui? – perguntei finalmente.

Ela me levou até as pedras e nós nos sentamos lado a lado, minha mão envolta pela dela.

– Ah, Anna, como posso explicar? – E levou a mão livre ao rosto como quem se recompõe, puxando os fios de sua história da esgarçada e embaraçada trama de nossas vidas. – Sabe por que parti?

– Sim. – Tinha um buraco no meu estômago. – Por causa da profecia. Porque pensou... Eu poderia...

– Pensei que fosse você a bruxa capaz de derrubar a única lei que nos aprisiona: a morte. E estava certa, não estava? – Ela estudou meu rosto.

– Sim. – Era inútil negar agora. Inútil me negar a ver a verdade entre todas as mentiras. – Sim, acho que estava certa. Eu devia ter morrido pelo menos duas vezes, mas ressuscitei nas duas. E aquilo não foi o fim, foi?

– Não. Porque sua vida é só uma parte disso. Se eu estiver certa... – Ela afagou minha mão. – Anna, se a profecia estiver certa... você pode levantar outros.

Outros.

Eu sabia, mas, de alguma forma, ouvir minha mãe falar desse jeito tornava tudo real.

Caradoc. Bran. Bill. Até Thaddeus.

Pensei em todas as pessoas inocentes que haviam morrido. Em todos que haviam dado a vida para proteger meu segredo. Todas as pessoas cujas vidas foram ceifadas na luta por meu poder.

E em todos os outros. Todas as pessoas boas e comuns que morreram ao longo dos anos, deixando o vazio da perda e a dor em outras vidas boas, comuns. O pai de Seth. Rachel de Abe.

Todos se foram, perdidos para sempre, para nunca mais voltar.

No entanto... *ela* havia voltado.

– Por que está aqui? – perguntei, desesperada. – Não entendo. Por que passou por tudo isso para me proteger e depois ficou parada enquanto eles me traziam para cá?

– Porque eu estava fraca, Anna. – Ela suspirou. – Porque estava cega. E porque estava errada.

– Errada como?

– Pensei que seu poder poderia ser escondido, ou que poderia não ser usado, mas não pode. Tentei lutar contra o destino e não consegui. O destino a trouxe aqui, da mesma forma que me trouxe, embora eu pensasse que o estava desafiando. Eu devia saber que isso não seria possível.

– O que quer dizer? – Tentei não deixar minha frustração se transformar em lágrimas, mas era difícil, impossível, enquanto ela continuava ali sentada falando em código, enquanto, em algum lugar, Seth estava sozinho no escuro, imaginando aonde eu poderia ter ido, tentando aliviar a dor na

perna. Dor que ela causou.

Ela abaixou a cabeça como se tentasse pensar, decidir por onde começar. Depois respirou fundo.

– Os Ealdwitan... Anna, eles são velhos, maus. Você viu a corrupção, como lutam entre eles pelo poder. Eles não trabalham mais pelo próprio povo, trabalham para si mesmos. Vim procurar os Outros por razões céticas, para oferecer segredos em troca de ajuda. Não contei o motivo. Eu os usei, exatamente como os Ealdwitan me usaram, usaram você. Vim esperando alguma coisa ainda pior que os Ealdwitan, foi por isso que os *escolhi*, porque esse era o único povo que eu conseguia imaginar que fosse ainda mais inescrupuloso, ganancioso e poderoso. E mais tarde, depois que negociasse meu conhecimento, eu planejava ir embora, fugir, matar-me, se fosse preciso.

– Mas não foi o que fez – comentei. A fúria perdia força, e eu sentia a rocha fria machucando minhas pernas através do jeans gasto.

– Não, não foi. – Ela ficou em silêncio por um momento, olhando para o chão. Depois passou a mão no cabelo escuro e fino, e vi os fios brancos entre os pretos. – Não tive coragem para encarar a morte. Em vez disso, eu fiquei. E descobri que, apesar de serem firmes, às vezes cruéis, eles têm... – Ela parou, pela primeira vez teve que procurar as palavras certas. – Têm uma pureza de propósitos que não existe nos Ealdwitan. Eles têm uma missão. E acho que é a isso que se destina seu dom.

– Como assim? – Soltei sua mão, e o frio se mudou para dentro do meu estômago, como um bloco de gelo se retorcendo em minhas entranhas.

– Ele foi o último grande líder da nossa gente.

– Você não – protestei, enfraquecida pelo horror. – Eles mandaram você aqui para me convencer, não foi? Como *tem* coragem? Depois de tudo que fez para me proteger!

– Anna, por favor, você não entende. Tem mais em jogo aqui que nossas vidas. – A mão que segurava a minha era macia mas forte, e seu rosto tinha uma expressão de súplica e desespero. Como eu podia ter pensado que ela era parecida comigo?

– Não – falei. Minha voz tremeu. Meu coração parecia estar se transformando em pedra. Eu não ia chorar. *Não* ia chorar.

– Por favor, querida... por favor, por mim. Não tenho muito poder aqui. Farei o que puder para manter você segura, mas...

– Não – murmurei. Era tudo que eu conseguia fazer, continuar repetindo a resposta como um mantra, manter afastado o som choroso e suave de sua voz.

– Anna, você *precisa* fazer o que eles pedem! Não entende...

– Não!

– Escute, se não fizer o que eles querem voluntariamente, eles vão... – E parou, pela primeira vez incapaz de falar.

– O quê?

– Vão...

– *O quê?* – gritei.

Outra voz falou da porta.

– Se não der o que queremos, vamos tomar de você.

Virei-me depressa, tão rápida quanto meu coração disparado, e vi Tatiana na porta.

– Eles têm meios, Anna. – A mão de minha mãe aflagava meu rosto, suave como seda em minha pele. Fechei os olhos. – Têm métodos... extração, *excisão*... Por favor, querida... *Por favor!* Resistir só vai tornar tudo isso pior.

– Pior para quem? Para você?

Meu peito arfava e olhei para Tatiana, orgulhosa, cruel e altiva, para minha mãe, chorosa e suplicante, patética. Eu havia vindo até aqui. Havia arriscado muita coisa. Por ela. Por isto. Por nada.

– Traidora – consegui falar. Minha voz soava estranha até para mim, um grasnado rouco. – Traidora.

Foi então que alguma coisa tilintou dentro de mim. Uma lembrança tentando vir à tona.

Uma lembrança de Marcus, não de minha mãe... O que *era* aquilo?

Ela aflorou de repente: quente, cheia de ódio.

O hálito de um corvo queimando meu rosto, cheirando a podridão.

*Sua mãe morreu como uma idiota traidora... e você vai morrer assim também.*

Foi como um tapa na cara me acordando de um sonho. Abri os olhos.

– Ele disse que ela estava morta. – Olhei para Tatiana, depois para minha mãe. Tinha a sensação de estar em pé na beirada de um precipício; um passo em falso poderia me jogar no vazio. – Marcus. Ele disse que ela estava morta. Disse que minha mãe havia morrido como traidora. Por que

ele diria isso? Por que, se ela ainda está viva?

Os olhos de Tatiana buscaram a mulher ao meu lado – minha “mãe”. Havia alguma coisa ali, uma expressão que eu não conseguia decifrar.

– Eu... – minha mãe começou. Seus olhos buscaram Tatiana, e novamente aquele brilho. Consternação? Medo?

– Qual é o nome do meu pai? – perguntei.

Minha mãe passou a língua pelos lábios. Vi seu peito subir e descer.

– Não responda – Tatiana ordenou com desdém.

– Não, espere – disse minha mãe. – Espere. O nome dele... Eu sei, é... Tim.

– Não – falei. Levantei de repente com o coração batendo forte no peito, batendo como se fosse quebrar. – Você não é minha mãe.

– Anna – ela chamou, e havia uma nota diferente em sua voz. A mulher estendeu a mão para mim de um jeito suplicante, e, quando me tocou, uma corrente passou por mim, como um choque de eletricidade estática. Então ouvi no vazio entre nós as palavras que não foram ditas: *maldição, sua vadia estúpida, vai matar nós dois*.

– Marcus! – pronunciei seu nome por entre os dentes, e, ao ouvi-lo, ele recuou, soltou minha mão. Um espasmo de puro ódio passou por seu rosto, o rosto de minha mãe. Sua imagem tremulou no ar e Marcus apareceu em seu lugar, sua expressão estava tomada por ódio e desprezo.

– Vadia estúpida – ele grunhiu.

– *Mužčiny!* – Tatiana disparou, levando a mão para trás para esbofeteá-lo, um tapa barulhento no rosto que o jogou do outro lado da caverna. – Estúpida? Ela foi esperta demais para você!

Em seguida ela segurou meu braço e me levou para fora da sala.



– Aonde estamos indo? – perguntei, ofegante, enquanto a seguia aos tropeços. Minha luz de bruxa falhava, e medo e cansaço ameaçaram me dominar por um momento, mas Tatiana continuou andando depressa mesmo quando mergulhamos na escuridão. Ela me levou pelo labirinto escuro de túneis para uma nova câmara, um espaço vazio.

– Onde está Seth? Leve-me até Seth!

Tatiana não disse nada; apenas bateu a porta da sala com um estrondo

retumbante, e eu senti o peso de um feitiço reforçando a trava da fechadura.

Que droga!

Encolhida em um canto, deixei a luz de bruxa apagar. Mantê-la acesa quase o tempo todo era devastador, e eu começava a entender por que as bruxas aqui embaixo haviam aprendido a viver sem ela. Também percebi quanto havia sido idiota por ter deixado a minha acesa durante toda a conversa com Marcus e Tatiana, esgotando o *meu* poder, em vez do deles. Idiota. *Idiota!*

Meu autocontrole falhou, e comecei a soluçar.

Eu havia sido *muito* ingênua e boba. Eles me enganaram com a única isca que sabiam usar. Segui a sombra de minha mãe até cair na armadilha. Não fosse por Marcus, podia até ter funcionado. Contudo, ele havia exagerado na pressão, havia demonstrado muito claramente seu desespero, seu medo. O que haviam prometido se ele tivesse sucesso? Ou, talvez, que ameaças haviam feito em caso de fracasso?

Eu estremei. Agora entendia a súplica desesperada na voz dele. Marcus pedia por sua alma, por sua magia.

Sentada no escuro, comecei a pensar em Seth. Eles o deixariam com um fogo ou uma lâmparina? Pensei nele sentado horas e horas em uma cela vazia, esperando eu voltar.

O que aconteceria com ele se alguma coisa acontecesse comigo?

Pensei na voz cruel e lenta de Tatiana.

*Nada é desperdiçado.*

Pensei em suas gengivas vermelhas e no pão com o estranho gosto de sangue...

*Para... deixa de ser macabra.*

Levantei e caminhei até a porta, tentando ouvir alguma coisa. Não ouvi nada, mas aproximei a boca da fresta e gritei:

– Seth!

Silêncio: só os ecos de minha voz percorrendo os túneis.

– *Seth!* – gritei novamente, exigindo o máximo dos pulmões. – Seth!

Minha voz tremeu.

– Seth... por favor... Seth, se está me ouvindo, se consegue falar, faça algum ruído, qualquer um...

Fiquei ouvindo, tentando conter os soluços, tentando ficar em silêncio para conseguir ouvir. No entanto, não havia nenhum som. Nem mesmo o



grito longo e pulsante da noite anterior. Era como se eu estivesse completamente sozinha.

Sentei-me com as costas voltadas para a pedra fria da parede da caverna e me enrolei no casaco e no suéter de Seth. Depois projetei minha saudade para fora da caverna, pela fresta embaixo da porta, para os túneis, para a frente e para os lados. Esperava que em algum lugar, onde ele estivesse, Seth pudesse sentir o calor dessa emoção nesse gelado útero subterrâneo. Esperava que, em algum lugar, ele estivesse aquecido e não sentisse dor nem medo. Eu esperava.



As horas passavam devagar. Eu podia ter dormido ou cochilado. Não sabia que horas eram. Tinha a impressão de que muitas horas haviam se passado desde que Tatiana me acordou dizendo que era de manhã, mas já não tinha certeza se era de manhã mesmo, ou se ela me chamou pouco tempo depois de eu ter me deitado ao lado de Seth. Havia deixado meu relógio no barco, mas, como não sabia em que fuso horário estávamos, ele não teria ajudado. Nem imaginava onde estávamos, não fazia ideia se ali era a Sibéria, ou uma das ilhas, ou outro lugar completamente diferente.

Podia ter conjurado alguma luz ou calor, mas precisava deixar a magia se recuperar. Talvez precisasse lutar. Então, fiquei sentada no escuro tentando pensar o que fazer.

Devia usar a vidência: esse foi meu primeiro pensamento. Devia tentar ver Seth, e talvez Emmaline e Abe também. Pensei em Abe correndo para Londres quando vi o corpo de Caradoc, na explicação breve de Emmaline sobre ele ter *ouvido* meus gritos, sentido meu pânico.

Abe agora podia sentir meu medo? Olhei para a escuridão e fiquei pensando. Eu podia fazer contato com ele?

Por um minuto, a esperança brotou em meu peito e uma centelha de calor começou a se espalhar por mim como uma onda, mas logo percebi o que aconteceria em seguida.

Se entrasse em contato com eles, Abe e Emmaline tentariam me salvar. E isso seria uma sentença de morte. O que os dois poderiam fazer contra esse exército de bruxos? Os Ealdwitan não estavam em condições de oferecer ajuda, mesmo que minha avó ainda estivesse viva.

A esperança morreu. Levei a mão à testa e tentei conter as lágrimas.

Era isso. Estava condenada a morrer ali ou, pior, talvez *não* morrer ali, mas sobreviver na escuridão e com medo. Pensar nisso era bem ruim, mas pior ainda era lembrar que não estava condenando só a mim mesma. Estava condenando Seth. Se não conseguisse encontrar uma saída para mim, *tinha* que encontrar uma para ele, mesmo que isso significasse passar a eternidade acorrentada aqui.

Eu ainda percorria o caminho de milhares de possibilidades em minha cabeça quando ouvi passos no túnel do lado de fora e me levantei. A luz de bruxa brilhou em minha mão, meu coração disparou furioso batendo na garganta.

Era Tatiana.

– Onde está Seth? – perguntei assim que ela entrou na sala. A bruxa abaixou a cabeça para esconder alguma coisa, talvez um sorriso.

– Ele está sendo bem cuidado.

– Não acredito em você! Quero ir vê-lo.

– Mais tarde.

– Agora! – gritei.

Tatiana balançou a cabeça, seu cabelo negro brilhava iluminado pela luz de bruxa.

– Ah-na, Ah-na, não está em condições de fazer exigências, pequena.

Ela estava certa, é claro. Rangi os dentes.

– Desculpe-me – pedi humildemente. – Tem razão. Eu não estava exigindo... estava implorando. *Por favor*, leve-me para vê-lo.

– Talvez – Tatiana respondeu, imperturbável. – Se nos ajudar, talvez ajudemos você.

Sentei no chão de um jeito derrotado, e ela olhou para mim com um sorriso divertido no canto da boca.

– O que aconteceu...? – Um nó se formou em minha garganta. De repente era imperativo que eu soubesse, que tivesse um fato sólido a que me agarrar. – O que *realmente* aconteceu com minha mãe? Tudo aquilo que Marcus falou na caverna. Aquilo era bobagem, não era?

Tatiana olhou para mim por um longo momento, como se calculasse alguma coisa em sua cabeça. Depois cedeu.

– Eu vou contar. – Ela se agachou no chão apoiada sobre os calcanhares e bateu na pedra a seu lado, convidando-me a chegar mais perto. Sentei-me

ao lado dela meio desajeitada, desconfortável, e Tatiana disse: – Sua mãe chegou aqui propondo uma troca: queria nossa ajuda com um amuleto e oferecia por isso informações sobre nossos inimigos. Aceitamos a oferta; demos a ela o amuleto. E, como foi prometido, ela nos deu a informação, mas não deu tudo que queríamos.

– Ela contou algumas coisas?

– Sim. – Tatiana assentiu. – Senhas, nomes, detalhes que pedimos para ela descobrir. No entanto, quando fizemos mais perguntas, ela encerrou a negociação. Disse que já havia dado a informação prometida e se recusou a continuar, mas nós não racionamos nosso poder quando fizemos aquele amuleto; agimos com confiança, derramamo-nos inteiras nele, toda nossa força, pusemos nossas melhores intenções naquele trabalho. Ele era forte e verdadeiro, tão forte que nem nós conseguimos quebrar o feitiço. Ardilosa, ela usou nosso feitiço para garantir sua segurança e te protegeu até de nós. E não pagou na mesma moeda. O que nos deu foi de má vontade, e ela escondeu o que tinha de melhor, seus tesouros.

– E o que vocês fizeram? – perguntei quase sem querer saber.

– Tentamos convencê-la, mas ela foi corajosa. – Tatiana deu de ombros. – Nossas tentativas de persuasão, de um jeito ou de outro, não frutificaram. Nós a cortamos, mas ela só nos deu sangue, não palavras. Finalmente, ela não tinha mais sangue para dar. Nem palavras.

Senti um frio me envolver, percorrer meu corpo desde o alto da cabeça, descendo pelas costas e invadindo meu coração, pulmões e entranhas.

E depois uma enorme e explosiva represa de amor.

Tudo isso. Tudo isso ela havia feito por mim.

Tudo isso ela havia dado. Seu amor. Seu sangue. Sua vida.

Por mim.

Descobri que chorava e falei entre soluços e lágrimas, tentando me fazer entender.

– E o q... que aconteceu d... depois? O corpo d... dela, por favor, fale para mim. Foi enterrado? P... posso ver onde ela foi enterrada?

– Nada foi desperdiçado – Tatiana respondeu, séria. – Não enterramos nossos mortos para seu sangue alimentar a terra. Criança, sua mãe morreu sofrendo e inutilmente. Não salvou ninguém, nem você, nem ela mesma. Sacrificou a vida e a magia dela para salvar sua vida e sua magia. Agora, eu imploro, por ela, não desperdice esse sacrifício novamente. Venha para a

catedral. Levante nosso sagrado Mestre. Viva para ver a maravilha desse mundo novo, limpo.

– E se eu me negar? – sussurrei, limpando as lágrimas do meu rosto com a manga do suéter.

Tatiana suspirou.

– Venha, criança. Há algo que precisa ver antes de tomar sua decisão. Vou mostrar como lidamos com traidores e com os que se desviam do caminho.

Ela se levantou e eu também fiquei em pé, relutante, mas incapaz de resistir à força de seus olhos negros.

– Venha – ela repetiu e então começou a andar.

Se eu mantivesse olhos e ouvidos bem abertos, poderia descobrir alguma coisa relacionada a Seth, saber onde ele era mantido.

Olhava para o interior de todas as cavernas pelas quais passávamos, mas nenhuma era aquela com os cobertores, a sala onde dormimos abraçados. E Seth não estava em nenhuma delas.

Finalmente chegamos a um longo corredor com uma luz brilhando no fim dele, uma brilhante lâmpada cirúrgica diferente de tudo que eu já havia visto ali embaixo. Uma luz elétrica. Meus olhos se ressentiam depois do longo período de escuridão, e protegi o rosto com a mão quando nos aproximamos.

Tatiana abriu uma porta e nós entramos em uma sala quadrada iluminada por uma dúzia de lâmpadas. A luminosidade era ofuscante, e meus olhos demoraram um pouco para se adaptar. Então, olhei em volta piscando, tentando entender onde estava. Era um aposento grande e quadrado, uma sala de verdade, com paredes rebocadas com concreto. No meio havia uma grade, uma espécie de ralo, e no alto vi uma mistura de jaula, trono e cadeira de dentista. Nunca vi nada parecido antes. Dava a impressão de que uma criança havia criado o objeto com sucata encontrada pela mina e o enfeitado com objetos tirados de um museu de história da medicina. Havia ali parte de uma velha cadeira de escritório, como aquelas expostas em lojas vintage que vendem antiguidades do século vinte. Havia uma complexa teia de fios elétricos, isolados com tecido, chumbo e fusíveis de cerâmica. Vi também grilhões improvisados, feitos com pedaços de metal enferrujado. Em um lado, sobre um pedestal de metal, um enorme recipiente de vidro, como o protótipo do sistema intravenoso que vi em filmes antigos.

Havia mais um toque incoerente: cinco ou seis enormes anéis de ferro

presos às paredes em intervalos regulares pela sala, bem afundados no concreto. Pareciam aquelas coisas usadas para prender uma motocicleta em um estacionamento. Eu nem imaginava para que poderiam servir.

Então ouvi gritos mais adiante no corredor, do lado oposto ao de onde viemos.

Por um momento fiquei paralisada, sem saber quem passaria por aquela porta. Os gritos soavam completamente histéricos: selvagens e desesperados – e era impossível definir a identidade de quem gritava. De repente, uma segunda porta se abriu com violência e um grupo de pessoas entrou na sala carregando uma bruxa que se debatia.

Meu primeiro sentimento foi de alívio porque não era Seth. O segundo sentimento foi de choque porque, enquanto eles a arrastavam para a cadeira e acorrentavam seus membros, eu percebi: havia visto aquela mulher antes. Era a bruxa da biblioteca, aquela que nos perseguiu até a ponte. A bruxa enlouquecida, linda, de olhos transtornados. E uma das pessoas que a arrastava para a cadeira era Marcus.

– O que estão fazendo com ela? – gritei, minha voz tremia de pânico.

Ninguém respondeu, nem mesmo Marcus. Não sei ao certo se me ouviram em meio aos gritos da bruxa. Ela berrava: um som agudo, sobre-humano, enlouquecido pelo medo. Ninguém falava em resposta aos gritos; simplesmente lidavam com a prisioneira de um jeito profissional, contendo-a até que ficasse completamente presa, acorrentada à cadeira.

– Não! – a bruxa falou finalmente, seus olhos vagavam pela sala, olhos azuis cercados de vermelho. – Danya, Tatiana, Yana! *Pozhalujsta!*

– Irmã. – Tatiana falou com tom sereno para confortá-la. Ela se aproximou da bruxa e alisou seus cabelos negros, afastando-os de seu rosto com alguma coisa que parecia ser amor. – Irina, você nos traiu. Precisa pagar o preço.

A bruxa começou a gaguejar uma torrente de palavras em russo, sua voz era suplicante e aflita. Eu não sabia o que ela estava dizendo, mas era evidente que implorava por sua vida.

– É tarde demais, Irina – Tatiana falou com tristeza. Depois olhou para a mulher ao lado da cadeira, que havia acorrentado a bruxa ao aparato. – Danya, a agulha.

As palavras fizeram Irina lutar de novo, dessa vez como um demônio. Ela se debatia loucamente na cadeira, sem se importar com o metal que cortava

sua carne e o sangue que escorria por seus pés descalços das correntes enferrujadas, disparando feitiços inúteis à direita e à esquerda, encantamentos que queimavam as paredes e deixavam bolhas no concreto. Um deles acertou a testa de Marcus, deixando um vergão em sua pele macia e bronzeada, mas ele ignorou como se fosse uma picada de mosquito.

Os três tiveram que se juntar para segurá-la enquanto a bruxa chamada Danya se aproximava com um longo tubo de borracha. Ela se debruçou sobre a cadeira, puxou o braço de Irina, e de repente ouvi um grito longo e agoniado, um berro de total desespero. O grito se prolongava interminavelmente, um som pulsante de angústia impotente. Danya recuou, e eu vi que o tubo havia sido introduzido no peito de Irina, entre as costelas.

Tatiana apertou um interruptor na parede e o ar vibrou com o ronco de um motor, uma bomba. Irina sofreu uma convulsão, de repente ficou rígida em seus grilhões. O tubo se torcia e ondulava suavemente, como uma coisa viva se alimentando dela, e uma gota de líquido amarelo manchou o garrafão de vidro.

Ficamos todos parados, vendo a máquina bombear o líquido amarelo dourado para o recipiente de vidro. Eu estava paralisada pelo horror, incapaz de acreditar em meus olhos, incapaz de me mover. As bruxas adotavam atitudes resignadas, como se tudo fosse só uma tarefa desagradável, alguma coisa como sacrificar um bichinho de estimação da família, mas um mal necessário.

Finalmente recuperei a voz.

– Não! – sussurrei. – Marcus, por favor, pare com isso.

– Não posso – ele respondeu com tom seco. Seu rosto não era tão resignado quanto o dos outros. Havia repulsa em seus olhos, mas ele não os desviava da cena.

– Tatiana, por favor, por favor, o que está fazendo?

– Não pode ajudá-la, pequena – Tatiana falou com tom bondoso mas firme. – É tarde demais. Veja, o frasco se enche rapidamente. Irina traiu suas irmãs. Em uma sociedade onde há ordem, deve haver punição. Deve haver consequências.

– O que ela fez? – gritei. – O que pode ter feito para merecer isso?

Marcus respondeu com expressão piedosa.

– Quando foi atrás de você em São Petersburgo, ela não estava planejando um sequestro. Queria prevenir você, mas você não parou, não a

ouviu. Então, ela seguiu seus passos. Quando Emmaline a atacou, ela reagiu... não sei por quê. Talvez tenha pensado que Emmaline fosse parte da trama.

– Por isso você lutou contra ela – sussurrei. – Não estava nos salvando. Queria impedir que ela nos prevenisse.

– Sim – ele confirmou. Uma palavra. Só isso.

– Por favor! – gritei. E virei para Tatiana, não sei por que, mas sentia nela mais humanidade que em Marcus. – Pelo amor de Deus, não! Se parar agora...

– Se pararmos agora ela estará fraca demais para sobreviver – Tatiana falou. – Toda a magia já escoou, olhe para ela.

Eu olhei, e meus olhos estavam cheios de lágrimas. Irina estava cinza, toda sua beleza selvagem havia murchado como se, com o líquido, também houvessem drenado sua vida, seu amor e seu espírito. Ela ainda respirava, eu via o movimento do peito arfante, mas era só isso.

Ela me lembrava... de repente percebi com grande horror que ela me lembrava Abe depois de ter passado sua magia para mim.

Olhei para o recipiente, um quarto dele ocupado pelo líquido amarelo parecido com mel ralo e claro. Era duas, talvez três vezes mais do que Abe me deu. Foi isso que fizeram com ele? Maya e minha avó tiveram que segurá-lo enquanto ele gritava de dor?

De repente minhas pernas não puderam mais sustentar meu peso, e eu me apoiei à parede e escorreguei lentamente para o chão; minhas costas colavam no concreto frio, e arrepios sucessivos me percorriam enquanto eu assistia à cena.

O fluxo amarelo de magia agora era só um gotejar, e até os pingos eram mais e mais espaçados. Outra gota caiu. E outra. E depois um último pingo ficou pendurado, suspenso no alto do frasco, tremendo sob a luz elétrica.

Houve um clique e um silêncio súbito quando Tatiana desligou o motor da bomba.

Irina deu um último suspiro, depois seu peito magro parou de se mover. Seus belos olhos azuis e vazios estavam voltados para o teto, seus dedos se abriam lentamente com o relaxamento dos músculos. Senti um cheiro repentino de urina e a cabeça dela pendeu para um lado.

– Acabou – Tatiana anunciou com tom sóbrio. – Levem o corpo para a sala de sangue. Depois nos encontramos na catedral para o

*pereraspredelenie.*

Houve uma movimentação breve enquanto as bruxas tiravam o tubo do peito de Irina, arrancando com um puxão e um ruído grotesco de pressão. Elas soltaram as correntes e o recipiente de magia foi removido do pedestal, fechado com uma tampa de metal rosqueado no gargalo. Finalmente o corpo de Irina foi transferido para um lençol e arrastado dali.

Vomitei em silêncio no chão de concreto, e a bile amarga se juntou ao fluxo do sangue e urina do corpo de Irina, escorrendo lentamente pelo ralo no chão.

Tatiana nem pareceu notar; apenas pegou o frasco de vidro e se dirigiu à mesa onde havia uma seringa e outros instrumentos. Depois ela disse alguma coisa em russo a Marcus, que se aproximou dela.

Fiquei sentada olhando para eles, limpando a saliva e o vômito do rosto com a manga da blusa. Meu estômago estava vazio, mas o corpo ainda sofria espasmos, uma tentativa de pôr para fora a lembrança tóxica.

Agora eu sabia o que provavelmente havia acontecido com minha mãe. Sabia o que Abe havia enfrentado para me salvar. E sabia o que esperava por mim se eu não cooperasse.

Tatiana abria o recipiente que continha a magia de Irina. Era bonito, espantosamente bonito. Mesmo sob o brilho intenso da luz elétrica, ele brilhava como um pequeno sol dourado. O rosto branco de Irina refletia o brilho, radiante de desejo.

Eu continuava ali sem ninguém me notar, as costas coladas à parede, e um pensamento me ocorreu de repente: podia correr, fugir para os túneis, gritar o nome de Seth enquanto ninguém esperava por isso. Podia dar certo?

Dei um passo hesitante para o lado, em direção à porta.

Tatiana pegou a antiquada seringa de metal em cima da mesa, ao lado do frasco de vidro. Ela mergulhou a agulha no líquido amarelo e encheu a seringa. Depois estendeu o braço branco, nu e brilhante com o reflexo da essência de Irina.

Dei outro passo.

Ela espetou a agulha no braço e apertou o êmbolo.

De repente entendi. Compreendi de onde vinha seu imenso poder e entendi, também, a união e a loucura daquela gente.

Vi, congelada de pavor, quando Tatiana encheu novamente a seringa e a ofereceu a Marcus. Ele levantou a manga, enrolando-a de forma a prender a



circulação do sangue no braço, e fechou o punho algumas vezes até as veias ficarem salientes, visíveis e cheias. Depois enterrou a agulha na veia, injetando em si mesmo uma dose da força de Irina, absorvendo sua magia e seus poderes.

Descobri que respirava depressa, arfando. E então, repentinamente, horrivelmente, Tatiana virou-se com a seringa na mão branca.

– Ah-na – ela falou –, quer compartilhar conosco o presente de Irina? Será uma de nós; de um jeito ou de outro, será absorvida por nossa classe. Quer absorver sua força?

– Não – consegui dizer. Minha voz tremia tanto que eu não tinha certeza de que Tatiana me entenderia. Nem eu mesma conseguia me ouvir direito.

– Não recuse este presente como se não fosse importante – Tatiana aconselhou com o cenho franzido.

Dessa vez eu nem consegui falar; só balancei a cabeça, tentando desesperadamente não deixar transparecer meu horror da seringa, agora escura de sangue e brilhante com as gotas da magia de Irina. Se demonstrasse medo, poderia começar a gritar e nunca mais conseguiria parar.

Houve um longo silêncio.

– Muito bem – Tatiana disse finalmente. Depois falou alguma coisa em russo, e uma garota entrou na sala e levou o frasco e a seringa para o corredor. Vi o brilho dourado cintilar na escuridão. Deduzi que ela compartilharia o *presente* de Irina com as bruxas nas cavernas. *Nada é desperdiçado.*

Tatiana olhou para mim, e seus olhos agora eram frios.

– Recusou nosso presente, Ah-na. Devo deduzir que isso significa que não alia sua força à nossa?

Assenti.

– Fale – ela exigiu com a voz semelhante a um rosnado. – Vai nos ajudar?

– Não vou – anunciei com tom muito baixo. – Nunca ajudarei vocês.

Ela não disse nada, ficou olhando para mim e pensando no que fazer, sua respiração assobiava ao passar por entre os dentes.

– Vou lhe dar uma última chance – Tatiana falou finalmente. – A última chance, entendeu? Depois disso, não haverá mais misericórdia.

Ela se virou tão depressa que senti a brisa provocada pelo seu movimento soprando em meu cabelo e em seguida saiu da sala.

– Venha! – Tatiana ordenou a Marcus. Ele a seguiu e olhou para trás, para mim. Os dois saíram, bateram a porta, e eu fiquei sozinha.

Primeiro corri até a outra porta, aquela por onde Irina havia sido trazida. Estava trancada, não só fisicamente, mas por magia; vi a barra sobre a fresta e senti o peso do feitiço na porta. Depois corri para a outra porta, aquela por onde Tatiana e Marcus saíram. Também estava trancada. Não me surpreendia, mas, mesmo assim, eu sentia a ferroada da frustração.

Estava presa, condenada a esperar pelo método de persuasão que planejavam usar comigo.

No entanto, foi com uma onda sufocante de medo que compreendi o que ela havia ido buscar. *Quem* ela foi buscar.

Seth.

Seth seria o último método de persuasão.

Tentei um feitiço contra a porta primeiro, procurando remover a magia usada na fechadura, mas foi inútil. Eram encantamentos densos, e eu estava cansada, por isso meus feitiços nem faziam a porta tremer, muito menos explodir.

Então, desisti e comecei a examinar a sala procurando uma arma – qualquer arma. Abri gavetas e subi na mesa para olhar as prateleiras mais altas. Não havia nada além de seringas vazias e frascos de vidro. Por um minuto, pensei em quebrar um deles e me armar com um caco de vidro, mas não me sentia capaz de usá-lo da maneira apropriada. Provavelmente, faria um estrago maior em mim do que na pessoa atacada. Além do mais, Tatiana saberia assim que voltasse, veria os cacos de vidro no chão. Teria que ser uma seringa.

Peguei uma delas e a examinei. Parecia patética, uma agulha de alguns poucos centímetros de comprimento. A picada arderia, mas não seria suficiente para deter uma bruxa.

O desespero me invadiu numa onda sufocante, mas lutei contra ele. Perder o controle agora não ajudaria ninguém. Apoiei a cabeça nas mãos, tentei pensar em alguma coisa. Tinha que haver uma saída, *tinha* que ter. Mas não havia. Não uma que eu pudesse encontrar, pelo menos.

Passos se aproximavam pelo túnel lá fora, cada vez mais perto...

Não me restava nada senão lutar. Recuei até colar as costas na parede fria de concreto e reuni cada grama patético de magia que ainda restava em mim, formando uma bola. Só teria uma chance. Um tiro. Não podia estragar

tudo.

A porta começou a se abrir.

## CAPÍTULO VINTE E DOIS

**L**evantei o braço livre, pronta para atacar. Tremia de medo, tremia tanto que a seringa na outra mão bateu no concreto. Lembrei as lições de Abe, lembrei-me dele me forçando a reconhecer o medo, a raiva e o amor que pareciam ser a chave da minha magia.

– Por favor... – sussurrei. Não sei a quem implorava: a mim mesma, aos russos, ou a alguma coisa além de todos nós. – Por favor...

Então a porta abriu e três corpos foram projetados para dentro da sala. Eles caíram no chão, e a porta foi fechada com um estrondo que ecoou como um trovão pelos túneis.

Por um momento fiquei congelada, sem saber se desperdiçava minha magia dilacerando os corpos ou se a verdadeira ameaça estava atrás deles, além da porta. Contudo, antes que eu decidisse, ouvi o estalo da fechadura novamente – um peso de chumbo – e com um sobressalto horrorizado reconheci os longos cabelos negros do corpo mais perto de mim.

– Emmaline! – Caí de joelhos ao lado dela e virei seu rosto para cima com cuidado. O que vi me fez chorar. Ela estava consciente, mas era só isso. Seu rosto era uma massa ensanguentada, seu olho direito inchou tanto que eu não conseguia ver se estava aberto ou fechado. Seus lábios estavam cortados, e vi que um dente havia caído, derrubado por uma pancada particularmente forte.

Abe estava deitado ao lado dela, encolhido de lado. Seu rosto havia escapado quase ileso, exceto por alguns hematomas, mas suas costas e seus ombros pareciam ter sido cortados em tiras. Sua camisa estava queimada, encharcada de sangue e riscada de chicotadas de fogo que deixaram marcas pretas.

O terceiro corpo era de Seth, mas ele já se mexia, tentava se levantar.

– Seth! – Ajoelhei-me ao lado dele e tentei ajudá-lo, mas ele empurrou minha mão.

– Não se preocupe comigo. – Sua voz era rouca. Havia um corte em um lado do rosto, como se alguém houvesse batido nele com um objeto cortante, e seu lábio sangrava. – Estou bem, cuide deles.

Engatinhei para perto de Emmaline, as lágrimas lavavam meu rosto. Eu ainda tinha magia suficiente para curar ferimentos tão graves? Não sabia. Tinha que tentar.

Então, um pensamento terrível me tomou de assalto. E se não fosse Em? E se fosse mais um truque, outra ilusão?

– O que está esperando? – Seth insistiu, falando com dificuldade por causa do corte na boca. Sentado, ele agora tinha as costas apoiadas à parede de concreto e a respiração acelerada, difícil. – Não pode fazer alguma coisa por eles?

– Seth, eu... não sei. Não sei se são eles. – Olhei para os corpos no chão, lutei contra o terror e as lágrimas. Eram Em e Abe deitados ali, sangrando no chão? Ou eram estranhos? Era Seth? – Sei que vai parecer loucura – falei, desesperada –, mas preciso perguntar uma coisa. O que... – parei. O que eles sabiam? Se este não fosse Seth, por que haviam batido nele antes de trazê-lo para cá? Marcus não cometeria o mesmo erro duas vezes. Se fosse ele, devia saber que eu ficaria desconfiada. Tentei pensar na pergunta certa, alguma coisa que o verdadeiro Seth saberia, mas que fosse tão pouco importante e tão corriqueiro que ninguém mais jamais pensaria em descobrir. – Seth, quando a gente se conheceu... lembra que aula era?

– Quê? – Ele me olhou como se eu fosse maluca. – Anna, olhe para eles! Vão sangrar até morrer! Não me interessa que aula era, podia ser de mergulho!

– É importante! – gritei. – Por favor, confie em mim. Que aula era? Você lembra?

– Matemática. Diferenciação. – Seu rosto era confuso, furioso. – Eu disse que deveria ter escolhido Aplicada e Estatística. É *claro* que lembro. Está gravado na minha memória. Por que isso agora?

– Tudo bem. – Lágrimas voltavam a correr por meu rosto. – Acredito em você. Desculpa... mas eu precisava checar. Marcus... é muito bom em imitar as pessoas. Ele me fez acreditar... – Parei engasgada. Era muito difícil, nem para Seth eu conseguia admitir o que pensava, o que esperava. Agora soava muito idiota; a esperança patética de que minha mãe ainda pudesse estar viva. – Não importa, mas você acha mesmo que estes são Em e Abe?

– Eu... – Ele começou e parou, a expressão insegura. – Eu... não sei. Não consigo ter certeza. Ouvi quando foram espancados na caverna vizinha e conversamos pela parede, mas quando foram trazidos para cá... Não conversamos.

– Ah, Deus. – Ajoelhei-me ao lado deles sem saber quem estava pior. De maneira geral, decidi que o quadro de Abe era mais grave. O rosto de Emmaline assustava, mas as marcas pareciam ser principalmente inchaço e hematomas. Os ferimentos de Abe podiam ser fatais. Eu devia correr o risco de desperdiçar minha magia curando-os quando tudo podia ser uma ilusão?

Emmaline se mexeu.

– Anna... – ela murmurou por entre os lábios grossos, ensanguentados. O olho bom se abriu e ela me olhou demoradamente antes de fechá-lo outra vez. Tomei minha decisão. Curaria Abe – só um pouco – e tentaria fazê-lo falar.

Pus a mão sobre o corpo dele, senti um vazio dentro de mim, a sensação da magia quase completamente esgotada. No entanto, esforcei-me, e um pouco de poder escorreu por meus dedos para as costas rasgadas de Abe. Ele gemeu quando a magia penetrou em seu corpo, e meu coração se contorceu e doeu dentro de mim. Eu me sentia como ele. Podia sentir a ligação entre nós, forte como nunca – ou pensava poder, pelo menos. Não confiava em mais nada.

– Abe – sussurrei. – Abe, está me ouvindo?

Ele moveu a cabeça muito suavemente, quase nada.

– Abe – falei muito baixo, meus lábios próximos de sua orelha. – Desculpe, mas preciso fazer uma pergunta, ter certeza de que é você. Marcus está imitando as pessoas... preciso checar. – Ele não disse nada, mas seu rosto era resignado. Não sabia se ele conseguiria falar. Teria que fazer uma pergunta cuja resposta fosse muito curta.

– O que... – parei. O que poderia perguntar? O que os dois sabiam e ninguém mais no mundo sabia? Tive uma ideia. – O que Sienna carrega neste momento?

Houve um momento de pausa. Ele abriu os olhos, e vi neles um lampejo de reconhecimento.

Depois Abe olhou para Emmaline.

Alguma coisa aconteceu entre eles, e eu não sabia dizer o que era. Havia uma mensagem ali, alguma coisa que eu não entendia.

Depois ele fechou os olhos.

– Abe – chamei, desesperada. – Abe, por favor, só uma palavra. O que é? Você *sabe*, eu vejo que sabe.

Contudo, ele balançou a cabeça quase imperceptivelmente e se encolheu com o movimento.

– Emmaline! – chamei, olhando para ela. – Estou implorando. *Por favor*, responda. Posso curar vocês se me disserem. Não entende? Eu não... – Percebi que estava à beira das lágrimas, minha voz tremia. – Não posso correr o risco. Por favor, fale! O que ela carrega?

Os lábios de Emmaline se moveram; sua voz era grossa, pastosa.

– Uma bolsa. – O sangue jorrou da raiz dos dentes quando ela falou. Eu queria chorar. Eles *sabiam*. Por que estavam fazendo isso?

De repente percebi. Percebi o que significava aquele olhar. *Eram* Emmaline e Abe. No entanto, eles sabiam que papel desempenhavam ali: reféns. Reféns para me forçar a fazer o que as bruxas russas queriam.

E sabiam que, se eu não tivesse certeza de que eram realmente eles sangrando no chão, eu adiaria minha decisão. Talvez esperasse até o fim.

– Não – falei com firmeza repentina. – Sei o que estão fazendo. Parem com isso.

Nenhum dos dois disse nada, apenas ficaram ali deitados. Lágrimas furiosas corriam por meu rosto.

– Não entendo – Seth falou, olhando para os corpos no chão e depois para mim. – São eles? Por que não respondem?

– Porque estão fazendo um sacrifício idiota! – gritei. – Porque não querem ser usados contra mim. Acham que, se eu não tiver certeza, vou deixá-los morrer, mas não vou! Estão me ouvindo? – Olhei para Emmaline e Abe com as lágrimas correndo livres. – Eu sei que são vocês. Eu sei!

Eles ficaram em silêncio, mas vi os dedos de Em se movendo quase imperceptivelmente. Ela estendeu a mão para Abe no chão de concreto, e vi os dedos sujos de sangue se entrelaçarem.

Meu coração parecia quebrar.

– Não! – gritei. – Não vou abandonar vocês. Sei que são vocês. Não me importa... vou curá-los de qualquer jeito.

Estendi as mãos para eles, deixando o amor sufocante transbordar, derramar-se por meus dedos para a alma de cada um.

– Não! – Abe gemeu ao sentir que as costas começavam a cicatrizar. –

Não! Pare com isso, sua idiota! Não desperdice seu poder!

– Guarde suas forças para lutar! – Em falou com dificuldade. Ela se levantou com esforço e parou na minha frente, o rosto sujo de sangue e lágrimas, os cortes e as feridas ainda abertas, a meio caminho da cicatrização. Contudo, *meio* caminho era melhor que nada... não?

– É tarde demais – falei. E deixei as mãos caírem ao lado do corpo.

Abe gemeu e rolou sobre os joelhos. Ficou ali abaixado por um momento, reunindo forças, depois se sentou com esforço doloroso.

– Não tenho mais nada – ele falou com amargura. – Nem Em. Bateram muito na gente. Não sei como ainda estamos vivos. Toda minha magia se foi, esgotou-se. Caso contrário, teríamos nos curado.

– O que elas querem que você faça? – Emmaline perguntou. Por cima do ombro dela, vi o rosto preocupado de Seth e percebi que ele tinha a mesma dúvida.

Um suor frio escorria por minhas costas.

– Levaram vocês àquela sala enorme, a que chamam de catedral? – perguntei. Em assentiu. – Viram os ossos no centro?

– Aquela coisa que parece uma fogueira antiga?

– Sim. Os ossos são do último líder delas. Um russo morto. Elas querem que eu o traga de volta – cuspi as sentenças como se fossem cacos de vidro, sentindo que cortavam minha boca. – Depois ele vai liderar as bruxas em uma guerra contra os apartados.

– São malucas! – Em falou. – É sério? Quero dizer... Isso é conversa de louco, não é?

– Faz diferença? – perguntei, amargurada. – Quando estivermos todos mortos, não vamos querer saber se elas são meio excêntricas ou completamente doidas!

– E qual é seu papel nisso? – Abe perguntou.

– Além de ressuscitar o Santo Mestre? Bom, imagino que esperam que eu marche com elas, que as cure se ficarem meio caídas e que levante os mortos de vez em quando, se houver matança de novo. É meio como ter um botão de “salvar e retornar” para a vida.

Ficamos todos em silêncio pensando no cenário. Não era bonito.

– E se você disser não? – Em perguntou finalmente.

Eu não podia dizer isso.

Contudo, Abe sabia. Vi no rosto dele, no jeito como seus olhos buscaram



o recipiente de vidro, a cadeira, e voltaram para mim.

– Anna? – Em insistiu.

– Excisão, certo? – Abe arriscou.

Dei de ombros.

– Um minuto. – A expressão de Seth era confusa. – Alguém pode, por favor, explicar ao apartado idiota aqui?

– Excisão é um processo no qual... – Abe parou. Ele parecia passar mal. Por um momento não tive certeza de que continuaria, não soube se os ferimentos estavam piorando outra vez, mas ele se forçou a continuar: – Magia é uma substância física... como sangue ou medula óssea. E é possível extrair essa substância. É perigoso. Se a quantidade extraída for muito grande, o bruxo entra em choque. E se a extração ultrapassar certo ponto, o quadro é irrecuperável. A magia nunca se recupera. É uma deficiência irreversível. O indivíduo deixa de ser bruxo.

– Mas – Seth falava devagar –, Abe, foi isso que você fez, não foi? Deu a ela um pouco da sua magia, para ajudá-la a escapar dos Malleus. E não ficou incapacitado, ficou?

– Não – Abe concordou. – Não foi divertido, mas não sofri nenhum dano irrecuperável. No entanto, o que fizeram comigo não foi uma excisão. Com a excisão... – Abe engoliu a saliva e continuou: – Com a excisão eles extraem *toda* a magia. Quase sempre é fatal.

– Fatal? – disse Seth. Seu rosto empalideceu, e de repente ele parecia tão doente quanto Abe.

Os dois se encararam e, nesse momento, apesar de serem tão diferentes, eles exibiam a mesma expressão.

– Mas por quê? – Emmaline perguntou, furiosa. – O que ganhariam com isso? Elas querem Anna viva, não? Para poder ressuscitar o sagrado resto de fogueira?

– Sim, isso seria o ideal... Sim, elas a querem viva – disse Abe. – Mas, se não for possível, irão se contentar com seu poder. Se drenarem a magia de Anna e a injetarem em *uma* só bruxa, terão uma chance de despertar nela as habilidades de Anna. Por tempo limitado, apenas, porque não podem regenerar a magia de Anna; quando acabar, acabou. Contudo, uma chance é melhor que nada.

– O que está dizendo? – Em perguntou. – Anna resiste, elas conseguem controlar seu poder. Ou ela cede, e todos nós morremos. E ainda assim elas

terão uma chance? *Essa é a escolha?*

– Ainda é melhor, não é? – falei. Eu me dirigia a Abe, não a Emmaline. – Melhor que tenham só uma chance. Talvez não consigam.

– É, talvez não – Abe concordou em voz baixa. – Não sabemos como funciona, afinal. Ninguém jamais teve o poder que você tem. Não sabemos se o transplante é possível.

– Então é isso? – Emmaline olhou para mim, para Abe e para Seth, e de novo para mim. – Está desistindo? Você vai morrer?

– Não sei o que mais posso fazer! – gritei. – O que eu faço? Diz para mim!

Minha voz ecoou na sala, assustadoramente alta. Depois todos nós ficamos paralisados, com os ouvidos aguçados. Ouvimos passos no corredor.

– Escutem – Abe falou, apressado. Ele agarrou meu pulso. – Anna, tem uma coisa... eles não podem extrair sua magia, a menos que a usem.

– O que quer dizer? – Eu o encarei.

– Eu aprendi quando tiraram minha magia. Você *tem* que destrancá-la. Se não fizer um feitiço...

No entanto, a porta foi aberta e Tatiana entrou na sala acompanhada por Danya e Marcus.

– *Udalit!* – Tatiana gritou, e Emmaline, Abe e Seth foram jogados do outro lado da sala, contra a parede, com um barulho que me fez gritar. Eles ficaram lá pendurados, imobilizados pelo feitiço de Tatiana, e, quando as bruxas se moveram pela sala, percebi para que serviam os anéis: grilhões. Quando a sala não era usada para uma só operação, mas para múltiplas drenagens, as vítimas eram enfileiradas como gado.

– *Framdap!* – gritei quando as bruxas se aproximaram deles levando cordas e correntes. – *Framdap!* – eu suplicava, *ordenava* que parassem.

Contudo, não aconteceu nada. Não restava nada. Gritei e solucei feitiços enquanto elas cumpriam a tarefa com determinação profissional. Teria o mesmo efeito cantar canções de ninar. Elas não paravam, nem se abalavam. Apenas ignoravam meus feitiços como se fossem moscas voando em torno delas.

Eu tinha que tentar outra coisa.

Respirei fundo, segurei a seringa com mais força na mão fechada e pulei sobre Tatiana.

Nem cheguei a alcançá-la. E ela nem olhou em volta. Apenas gritou um feitiço em russo por cima do ombro. O golpe me acertou como um soco no estômago, jogou-me pela sala para a cadeira de drenagem. A seringa caiu da minha mão, rolou pelo chão de concreto e ficou esquecida em um canto.

Por um minuto fiquei ali sentada, sem ar e agoniada. Todo o ar havia deixado meu corpo, e eu não conseguia recuperá-lo.

Então vi as bruxas concluírem suas tarefas e voltarem, e percebi que eu era a próxima. Joguei-me da cadeira pronta para lutar, pronta para morder, arranhar e chutar.

Foi inútil. Soube disso enquanto me debatia e resistia numa horrível reprodução da última luta de Irina. Elas nem precisaram usar magia para me conter; sem feitiços eu era pateticamente fácil de dominar. Danya me segurou, e Tatiana fechou os grilhões nos meus pulsos, nos tornozelos e no pescoço.

Marcus assistia a tudo de longe, seus olhos castanhos eram mais suaves enquanto eu resistia e chorava.

Finalmente, todas as partes de meu corpo estavam presas, e a única coisa que eu podia fazer era gritar.

## CAPÍTULO VINTE E TRÊS

— **A**na... – Era um sussurro em meu ouvido. – Anna, acorda.

Virei a cabeça para me afastar do som. Não queria acordar. Não queria voltar a um mundo onde meus amigos estavam acorrentados e minha mãe estava morta.

– Anna, não pode ignorar isto. Olha para mim.

Abri os olhos. Vi uns olhos castanhos e ternos olhando para os meus. Uma mão afagava meu rosto, afastava dele meus cabelos embaraçados, suados.

Eu cuspi. E o rosto se contorceu. Marcus limpou a face com a manga de sua blusa com um gesto teatral, depois começou a rir.

– Não sabe mesmo reconhecer quando perdeu, não é?

– Não – respondi, com a voz rouca. Era difícil falar com a gargantilha de ferro apertando meu pescoço, sufocando-me.

– Tatiana? – Marcus chamou dando de ombros.

Ela se aproximou. Seu rosto não era severo. Não havia nenhum sentimento nele, mas havia firmeza. E vi na mão dela uma seringa com uma longa agulha de aço. Era da grossura do meu polegar, afinando até uma ponta arredondada. Na outra mão ela segurava um tubo de borracha.

Senti um enjoo de medo. Meu coração começou a bater tão depressa que eu conseguia escutá-lo dentro dos ouvidos, um pulsar acelerado de sangue e vida. Se pudesse pará-lo naquele momento...

Tatiana levantou o braço, segurou a agulha bem alta no ar.

– Não! – Seth gritou. A voz era entrecortada e a corrente rangeu enferrujada quando ele ficou em pé, puxando as amarras com força determinada. – Pelo amor de Deus, você é maluca? Não! Por favor, não!

– Não pode ajudá-la, Čužestranec – Tatiana falou, mas sem rispidez.

E abaixou a agulha com toda a força.

Ouvi um estalo alto quando a coisa penetrou entre minhas costelas.

Depois meu grito ecoou na saleta, e minha respiração ofegante soluçava sons desarticulados de agonia.

A tentação era atacar, proteger-me, interromper a dor... mas em algum lugar no meio daquele sofrimento eu ouvi a voz de Abe. Ele gritava:

– Lembre o que eu disse, Anna! Não use sua magia!

Tatiana disparou um raio mágico que o acertou no rosto, e Abe se calou e limpou o sangue com a manga da blusa, mas eu havia escutado.

Tive que usar todo o controle que tinha, mas consegui. Não usaria a magia. *Não usaria*. Só precisava me agarrar a isso. Fechei os olhos com força, senti as lágrimas quentes correrem por meu rosto, ouvi meus gemidos de dor, e tudo parecia encolher e se reduzir ao tamanho da sala, à cadeira, à dor no centro do meu peito.

– Escute... – Ouvi a voz de Marcus no meio da névoa vermelha e, quando abri os olhos, ele estava abaixado ao lado da cadeira. Quando passou a mão na cabeça, as ondas brilhantes de seu cabelo refletiram a luz da lâmpada elétrica no teto. – Não tem como sair dessa... entende? Não vai sair daqui viva e com sua magia intacta. Contudo, seus amigos *podem* ir embora. Se você cooperar. É egoísta o bastante para fazê-los passar por isso?

– Cala a boca! – Emmaline gritou do outro lado da sala. – Sempre odiei você, seu cretino arrogante. Anna, se fizer o que ele diz...

Marcus deu dois passos rápidos pela sala e a silenciou com um soco, um direto no rosto. Emmaline caiu. As correntes em seus pulsos a impediram de chegar ao chão. Depois ela riu. Sua gargalhada soou horrível no silêncio da sala.

– Vou fazer você implorar – disse Marcus. – Não por sua vida, porque vai estar destruída demais para isso, mas vou fazer você implorar para Anna me obedecer. Entendeu?

– Cala a boca – Emmaline respondeu com desprezo. – Você tem assistido a muitos filmes do James Bond, pelo amor de Deus.

Marcus deu mais um passo, mas não em direção a Em. Ele se aproximava de Abe.

Abe deixou escapar um ruído, uma mistura de gemido e grito.

Marcus olhou para ela e sorriu. Depois fechou a mão e acertou um soco no estômago de Abe.

Pensei que Abe seria jogado contra a parede com a força da pancada. Em vez disso, tive a impressão de que o punho de Marcus afundava de um jeito

pouco natural no estômago de Abe, primeiro os dedos fechados, depois até o pulso.

O gemido de Abe soou estranho, estrangulado.

Marcus começou a empurrar, e o rosto de Abe ficou branco, coberto de suor. Ele quase não fazia mais nenhum barulho quando Marcus removeu o punho devagar... devagar.

A mão de Marcus estava molhada de sangue até os punhos da camisa, e ele segurava alguma coisa escura, vermelha e púrpura, que brilhava à luz da lâmpada elétrica. Então, com um ruído que parecia um suspiro, Abe caiu inconsciente e ficou suspenso pelas correntes.

Levei um momento para perceber o que Marcus estava segurando: as entranhas de Abe. Ele havia enfiado a mão no corpo de Abe e arrancado um punhado de intestino.

O rosto de Emmaline era quase tão branco e enojado quanto o de Abe enquanto, horrorizada, ela via Marcus soltar as entranhas ensanguentadas e deixá-las penduradas na barriga de Abe, onde o tubo vivo pulsava e se movia no ritmo de sua respiração rasa.

Marcus limpou a mão na calça.

– Vamos tentar de novo? – ele perguntou a Emmaline. – Talvez com o coração dele?

Emmaline não falou nada; apenas arfou e quase vomitou.

Marcus aproximou seu rosto do dela.

– Eu sei. Sei o que tentou esconder dele e de Anna, sei que o ama. Pode esconder deles, mas não de mim.

– Não... – Em soluçou, mas seus olhos estavam cravados em Abe, em seu rosto inconsciente, e vi o que não havia percebido durante todos esses meses. Era verdade.

– Sei que quer o coração dele – Marcus continuou em voz baixa. – Sei como desejou que ele pudesse ser seu. Posso dar o coração dele a você. Molhado e pulsando.

Em vomitou, uma piscina de saliva e ácido formou-se aos pés de Marcus. Quando levantou a cabeça, seus olhos estavam cheios de ódio, mas ela continuou calada.

Marcus suspirou.

– Não pense que nossa conversa acabou – ele disse. – É só um intervalo. E ele então se virou e olhou para Seth.

– Não o mate – Tatiana avisou de um jeito casual. – Ainda não. Se o matar, a garota terá menos ainda a perder.

– Vou tentar – Marcus respondeu com desgosto. E inclinou a cabeça para um lado com ar pensativo. Vi o peito de Seth subindo e descendo embaixo da camisa, seu rosto desconfiado e cheio de fúria enquanto ele tentava antecipar o que Marcus pretendia.

Então, para minha surpresa, ele começou a falar:

– Houve momentos em que odiei você – disse Seth. Sua voz era estranha, relutante, quase grossa, como se ele forçasse as palavras para fora, ou como se elas saíssem à força, apesar de seu esforço para contê-las. Seth parou, balançou a cabeça com ar perplexo, depois falou: – Anna, eu sinto muito. Nunca tive a intenção... – E parou de novo antes de disparar: – Dormi com outras pessoas. Duas vezes. Uma no Marrocos, outra em Helsinki.

Dessa vez ele levou a mão algemada à boca e a cobriu. Seus olhos, voltados para mim, eram cheios de horror. Eu queria soltar as mãos das correntes e cobrir as orelhas, poupar-nos da tortura da verdade. Porque essa era a pior parte: eu sabia que *era* verdade.

Marcus começou a rir, e Seth olhou para ele furioso.

– É você quem está fazendo isso! Seu idiota, o que está fazendo? Como...? Não! – Ele comprimiu os lábios tentando conter fisicamente as palavras, mas seu rosto se contorceu e elas se derramaram como veneno. – Foi uma vingança. Pensei que podia esquecer você transando com outras garotas... mas não funcionou. Quanto mais eu tentava esquecer, mais ficava obcecado por você.

Fiz um esforço inútil contra as amarras, perguntando-me por que podíamos fechar os olhos, mas não as orelhas. Teria dado qualquer coisa para ficar surda.

– Comecei a perceber que era verdade – Seth continuou com a voz sufocada. – O que meu avô dizia. Isso não é amor. Nunca foi amor... *Não!* – ele berrou de repente, recuperando o controle que estava com Marcus, suas veias do pescoço e da testa estavam salientes com o esforço. – *Não é* verdade... não vou fazer isso com ela!

– Pare, Marcus! – Eu sabia que era inútil implorar, mas não conseguia evitar. As palavras transbordavam com as lágrimas. – Por favor, pare com isso.

– Odiei você – Seth falou com a voz entrecortada e o rosto contorcido.

Ele olhou para a parede, continuou falando para o concreto pintado, recusando-se a me encarar enquanto Marcus arrancava a verdade do fundo de seu coração. – É como se você tivesse tirado de mim a vontade própria. Como se houvesse me deixado pela metade, destruído sem você. Em algumas noites eu quis morrer. Em outras quis que  *você*  morresse, se fosse o suficiente para eu não me sentir mais daquele jeito. Queria me libertar. Não quero sentir aquela dor nunca mais. – Ele parou com um enorme esforço, seus punhos estavam cerrados contra o concreto. Quando falou novamente, foi por entre os dentes: – Anna, não escute o que eu digo, isso não é verdade,  *não*  é o que sinto... Tudo bem, é uma pequena parte da verdade, mas...

Seth parou novamente, sua testa estava colada à parede áspera. Seus ombros subiam e desciam. Sua respiração era rápida, como gemidos de dor. Percebi que ele lutava contra a vontade de Marcus, lutava para ficar em silêncio.

– O que mais tem aí? – Marcus perguntou, tranquilo. – Que outros segredos você escondeu dela?

– Não – solucei. As lágrimas quentes queimavam meu rosto. Fechei os olhos, tentei me afastar da imagem dos três machucados, ensanguentados e envergonhados.

– Eu pensei... – Seth cochichou. – Pensei... quando parti, pensei que a convenceria de que estava errada. Achei que faria você ver que eu podia ir embora... Mas não consegui. – Ele respirou fundo. – Só me convenci de que... nunca serei livre.

– Para! – gritei.

A respiração de Seth era áspera no silêncio da sala.

– Vai – Marcus cochichou. – Diga a ela a verdade. O que você quer? O que  *realmente*  quer?

Seth ficou calado por um longo momento. Depois as palavras saíram devagar, aos trancos, arrancadas de seu peito pela magia de Marcus.

– Anna... eu quero... que... você... faça... isso... parar...

E de repente não consegui mais me conter.

A magia pulsava em mim como fogo.

Eu queria que aquilo parasse. Queria explodir Marcus em pedaços sangrentos e destruir Tatiana, Danya e todas as outras. Queria fazer desmoronar aquela mina inteira sobre nossas cabeças, enterrar todo mundo



se fosse preciso.

Contudo, nada disso aconteceu.

Em vez disso, a dor em meu peito explodiu numa agonia que dilacerava, rasgava. Uma gota perolada tremulou na boca do recipiente de vidro por uma fração de segundo... e caiu dentro dele. E em algum lugar na sala, um motor foi ligado. A bomba.

– Não! – Seth gritou.

Emmaline lamentou:

– Anna, sua idiota!

Ela tentou correr para mim, puxou inutilmente as correntes quando a magia começou a fluir de meu corpo em grandes gotas que caíam dentro do vidro, criando reflexos perolados que dançavam e cintilavam pela sala. E tudo que eu conseguia pensar em meio à dor lancinante e aos gritos furiosos e impotentes de Emmaline era que aquilo era bonito. Era surpreendentemente bonito.

Senti o poder sendo drenado, como naquela vez que Maya tirou minha magia e a usou para curar a cidade de Winter. No entanto, isso era mais rápido, muito mais urgente... A magia era sugada de mim com uma força terrível, ávida, sem meu consentimento. Ouvei os gritos de Emmaline além do ruído da bomba, suplicando para eu fazer parar, para resistir. E eu tentei resistir, mas não podia. Senti que estremecia presa às correntes, mesmo sabendo que não ia adiantar.

A bomba continuava funcionando e, além do ruído do motor, eu continuava escutando os gritos e berros de Emmaline, seus soluços e súplicas para mim, para Marcus, seus pedidos por uma misericórdia que ele não queria, não podia conceder.

Então, a voz dela soava mais distante. Meus movimentos eram mais fracos. Meus braços e minhas pernas não me obedeciam mais.

Meus dedos estavam dormentes. Meus braços dormiram. Meus pés e minhas pernas também. Eu sentia frio, muito frio.

Fechei os olhos. Esperei o fim. Esperei que *tudo* acabasse.

Em vez disso, ouvi um estalo metálico e a bomba parou de funcionar.

Tatiana falou alguma coisa que soou como um palavrão em russo.

– Marcus, preciso consertar a bomba – ela avisou. E saiu da sala com Danya.

Marcus ficou ao lado da porta de braços cruzados, observando e batendo

um pé no chão.

– Pelo amor de Deus, Marcus, não é tarde demais... – A voz de Emmaline era suplicante, distante. – Sabe disso, não sabe? Por favor, por tudo que você ama, *por favor*, mude de ideia. Ela é sua prima... sua própria prima.

– Acha que vim até aqui para desistir agora? – Marcus falou com desdém.

– Seu desgraçado! – Em gritou. A voz dela mudou da súplica para a fúria.

– Percebe o que está fazendo? Com alguém de seu sangue? Vai, admite, uma parte de você *com certeza* sente vergonha disso. Não tem coragem nem de olhar para mim. Olhe nos meus olhos e diga que vai mesmo fazer isso.

Apesar da minha visão turva, confusa, vi Marcus se virar lentamente e olhar para ela com ar de deboche.

Em ergueu os ombros. Tinha alguma coisa na mão dela.

Ela levantou uma das mãos... e arremessou.

O objeto brilhou no ar, rápido e certo. Ouvi um barulho como de uma chave de fenda perfurando carne, e Marcus gritou com desespero. Ele caiu para trás, levou as mãos ao rosto, e eu vi a seringa enfiada em seu olho. O sangue corria por sua face.

– Sua vadia maluca! – ele gritou.

– Agora! – Em gritou para Seth, e ele bateu com as algemas no concreto da parede até o branco do revestimento ficar salpicado de sangue.

– Não consigo – ele arfou. – Elas não... Droga!... Pronto!

Ouvi o estalo. A corrente se partiu, e ele caiu no meio da sala. Seth tateava as prateleiras procurando alguma coisa, qualquer coisa que servisse de arma. Uma caixa de metal. O barulho foi horrível quando ela bateu nas correntes de Seth. Ele resmungou um palavrão, jogou a caixa para o lado e pegou um pedestal de metal.

– Vou tentar não machucar você – disse ofegante –, mas não tem muito espaço.

Ele enfiou uma perna do pedestal em um elo da corrente e torceu, gemendo com o esforço.

A corrente ficou mais apertada... mais apertada... Em gritou involuntariamente e Seth hesitou, mas ela soluçou:

– Não! Continue, estou bem.

Ouvi o barulho estridente quando os elos cederam, e ela correu para mim massageando os pulsos.

– Liberte Abe – Em disse a Seth por cima de um ombro, e ele assentiu e

usou novamente a alavanca improvisada. Senti as mãos dela em minha testa, frias e macias. – Consegue me ouvir, Anna?

Tentei assentir, mas minha cabeça não se movia. Contudo, ela deve ter visto alguma coisa, porque soluçou aliviada.

– Acha que aguenta enquanto ajudo Seth a libertar Abe e curo a barriga dele? Tenho medo de tocar essa coisa. – Ela mostrou o tubo enfiado em meu peito. – Abe saberá o que fazer... como tirar isso de você.

– Vai – consegui murmurar, e ela beijou meu rosto e correu para perto de Abe.

Marcus estava do outro lado da sala, cambaleando apoiado à parede, gemendo de dor, tentando alcançar a porta e tirar a seringa do olho. Penas brotavam de sua pele, e seu nariz mudava de forma, ficava pontudo e fino.

Do outro lado, Em estava debruçada sobre Abe, murmurando feitiços. Seu rosto era iluminado por uma chama intensa.

– Não morra – ouvi Emmaline repetir além dos gritos desesperados de Marcus. – Não morra, seu idiota. Não faça isso comigo, Abe. Volta para mim. Abe... por favor, volta para mim. Não me deixe, eu nunca vou perdoar você. Não morra.

E então... a mão de Abe tremeu. Ao mesmo tempo, Marcus lançou um feitiço na direção do som da voz dela.

– Eu vou matar você! – Marcus gritou. – Vou matar todos vocês!

Um lençol de fogo invadiu a sala, estendeu-se para onde Seth se movia pelo lado que Marcus não enxergava, tentando chegar à porta. Ele se assustou, bateu na camisa e nos cabelos apagando algumas fagulhas, e Marcus localizou o som, atacou com um feitiço que estalou como um chicote, espalhando bandejas e seringas pelo chão. Seth se esquivou no último segundo, depois correu para a porta. Por um minuto pensei que ele ia fugir, mas, em vez disso, ele trancou a porta com a mão livre.

O que estava fazendo? Seth ficou maluco? Por que nos trancava aqui com Marcus? Mesmo ferido e meio cego, Marcus era mais perigoso do que Seth podia imaginar.

No entanto, do outro lado da sala, alguma coisa acontecia. Ouvi o suspiro aliviado de Em e uma voz rouca:

– Empurra a porcaria do intestino para dentro, mulher burra.

Abe. Seu rosto era cinzento, sua camisa estava coberta de sangue, mas ele se levantava. Emmaline apertou as mãos contra a barriga dele, seu rosto

pálido e contorcido pela náusea. Ela empurrava realmente o intestino de Abe de volta ao lugar, e Abe começou a resmungar feitiços, rangendo os dentes de dor. Para minha surpresa, ele se pendurou no braço de Emmaline e ficou em pé. Seu rosto estava desfigurado, sua pele tinha cor de argila, mas ele estava andando.

Nesse momento ouvi um estalo, um ruído mecânico... e a bomba voltou a funcionar.

Senti antes de entender o que acontecia. O rangido metálico, a horrível sucção no peito.

Virei a cabeça devagar, com esforço, e olhei para o frasco.

A magia descia mais devagar. Havia uma grande quantidade ali, o dobro do que tiraram de Irina. Contudo, o fluxo era menor, diminuía como o dela havia diminuído antes da morte. Agora a magia caía em pingos dentro do frasco. Um gotejar lento.

Abe cambaleou até a cadeira apoiado ao ombro de Em.

– Pode tirar isso dela? – Emmaline perguntou, desesperada. – O maldito tubo... Sabe como tirá-lo?

– Merda. – Abe olhou para os canos e para o gargalo, seu rosto estava pálido de dor.

– Não é o mesmo conjunto que usaram em mim. Deus! Em, o que eu faço? Puxo? E se matar Anna?

– Jesus! – Em gritou, aflita. – Não me pergunte. Está no *coração* dela, Abe. Posso ver os ossos das costelas. O que vamos fazer?

– Não sei! – Ele passou a mão na cabeça tomado pela agonia da indecisão. – Se tivéssemos mais *tempo*... Mas ela está quase partindo. Anna! – Ele segurou meus ombros, seu rosto era assustado e decidido. – Anna, escuta, aguenta aí. Vamos tirar essa coisa. Depois, de algum jeito, vamos devolver a magia para dentro de você. Os Ealdwitan saberão como, prometo.

Ele olhou para o frasco sobre o pedestal, tão cheio de magia que quase transbordava. A bomba não tinha muito mais o que sugar. Uma gota pairava sobre o gargalo do recipiente de vidro.

No entanto, antes que ela caísse, Marcus atacou novamente. Potes e frascos caíram no chão, e Abe cambaleou quando um fio elétrico acertou seu ombro. O recipiente cheio de magia balançava no pedestal.

– Abe! – Em agarrou o braço dele, o pôs em pé e depois correu para o

recipiente, amparando-o antes que caísse. Atrás dela, vi Seth pegar um emaranhado de correntes do chão.

A gota de magia tremulou e caiu, e a bomba continuou sugando meu coração. A sala tremia.

– Tatiana! – Marcus gritou com toda a força dos pulmões. – Socorro!

Passos no corredor. Passos rápidos.

Foi quando Seth abaixou as correntes com toda a força.

Marcus caiu enrolado nas correntes, disparando maldições a torto e a direito. A sala começou a ser invadida pela fumaça preta da magia perdida, e ele fez um último esforço sobre-humano, seu rosto estava repentinamente coberto de penas pretas, seus ombros se encurvavam para formar asas. Marcus saiu do chão, suas grandes asas negras batiam inutilmente contra as correntes que o continham... e depois sua magia morreu. Ele caiu no chão, bateu a cabeça no concreto com um ruído que sugeria uma fratura de crânio. Seu sangue começou a formar uma poça escura e brilhante embaixo de sua cabeça.

A fumaça ainda girava em funis e se espalhava, mas Abe, Em e Seth ficaram completamente imóveis, esperando ele se levantar novamente. Nada.

Fechei os olhos, ouvi os sons que dominavam a sala.

O som da respiração ofegante de Seth, Abe e Emmaline.

A pavorosa sucção seca da bomba ligada em meu coração.

E o barulho de passos terrivelmente próximos. Os outros haviam escutado? Tentei avisar, mas ninguém me ouvia.

Então, a bomba fez um barulho estranho, um som rouco, e eles se viraram para mim.

– Não tem mais nada. – A voz de Em era cheia de horror. – Não tem mais magia saindo. Meu Deus, Abe. É tarde demais.

– O quê? – A voz de Seth indicava que ele estava espantado. – Ela não morreu! Vocês têm que tentar!

– Ninguém pode liberar toda aquela magia e viver – Abe respondeu com tom ríspido. – Não tiraram de mim nem um décimo daquilo e quase me mataram.

– Tire-a daquela coisa! – gritou Seth. – Ou eu mesmo tiro!

No entanto, antes que Abe pudesse responder, a sala tremeu com um estrondo ensurdecedor. Tatiana e Danya encontraram a porta trancada.

– Eu seguro a porta enquanto puder – Seth falou. Ouvi o barulho quando ele empurrou alguma coisa para trás da porta. – Abe... pelo amor de Deus, faça o que tem que fazer. Liberte-a.

– Abe? – Em perguntou. – Você é capaz disso?

– Não temos escolha – ele respondeu com tom sombrio. – Vou ter que puxar o tubo.

Em fez um ruído como se fosse vomitar, mas disse:

– Certo.

Outro estrondo, dessa vez seguido por um impacto de metal.

– Depressa! – Seth gritou.

– Em... segura o frasco. Pelo amor de Deus, não deixa cair nem uma gota. Essa é a única chance de Anna.

Depois disso, alguma coisa, alguém... segurou o tubo preso ao meu coração e o puxou.

## CAPÍTULO VINTE E QUATRO

**F**ui apertada contra o peito de alguém, minha cabeça caiu sobre um ombro. Tentei levantá-la, ver quem era, mas estava tão fraca que não consegui.

– Ela devia estar morta! – A voz de Abe era incrédula. – Ninguém poderia sobreviver a isso. Ninguém.

– Isso importa? – Em perguntou, agoniada e impaciente. – Vamos...

Contudo, ela não concluiu a frase. Com um rangido agudo de metal retorcido, a porta explodiu e caiu dentro da sala.

Com um esforço imenso, abri os olhos.

Tatiana estava parada na soleira. Chamas pareciam brotar dela, envolver sua pele branca. Seu cabelo preto havia escapado das tranças e flutuava atrás dela, carregado de eletricidade. Uma luz fria e intensa brotava dela.

– *Og...* – ela rugiu.

No entanto, antes que a bruxa terminasse o feitiço, Em gritou:

– *Pare!*

Ela segurou o frasco de vidro, e o conteúdo perolado brilhou ao ser atingido pela luz de Tatiana.

– Se der mais um passo em nossa direção, *um só passo*, eu jogo isto no chão.

– NÃO! – Tatiana gritou, e ouvi o gemido apavorado de Abe ao meu lado.

– Em, não! Ficou maluca? Essa é a única chance de Anna recuperar seu poder.

– É a única chance que ela tem de sair viva daqui – Em respondeu. – Para que serve a magia se ela e todos nós estivermos mortos?

Emmaline olhou para Tatiana.

– Quer esta magia? Bem, não se aproxime. E diga às suas amigas para também ficarem longe. Um feitiço, um movimento em falso, e eu quebro o frasco e acabo com suas chances de reviver aquela pilha de lenha para

fogueira lá no salão.

O rosto de Tatiana se contorceu de ódio, mas ela assentiu muito devagar.

– Vamos – Em cochichou para Seth. – Fique atrás de mim. Se elas puderem nos matar sem pôr a magia em risco, vão nos matar. Abe, consegue andar sem minha ajuda? Preciso das duas mãos para isso.

– Eu dou um jeito – ele respondeu. – Não se preocupe comigo. Concentre-se em achar o caminho.

Devagar, muito devagar, eles começaram a andar. Entraram na escuridão dos túneis.

Eu era um peso morto contra o peito de Seth, minha cabeça estava caída enquanto ele me carregava, enquanto tentava equilibrar meu peso. Queria ajudar, mas não podia. Não tinha força para levantar um dedo. A única coisa que conseguia mover eram os olhos, e eles insistiam em fechar cada vez que eu mergulhava na escuridão e voltava. Por um momento eu consegui abri-los e vi Em na frente da fila, entrando aleatoriamente, acho, em um túnel depois do outro. O frasco de magia brilhava na nossa frente, iluminava as cavernas por onde passávamos, salas cheias de estalactites e bruxas. Rostos brancos cintilavam na escuridão, sussurros de choque e angústia nos seguiam.

Uma bruxa estendeu a mão como se pretendesse nos deter, mas Em levantou o frasco sobre a cabeça e gritou:

– Tatiana, *vou* jogar no chão!

A voz de Tatiana soou muito longe berrando uma ordem em russo. A bruxa recuou e nos deixou passar.

Meus olhos fecharam novamente. Eu ouvia a respiração forçada de Abe atrás de nós e sabia que nos seguia, apesar dos ferimentos, e sentia Seth mancando enquanto progredia dolorosamente, com dificuldade. Comigo no colo, ele não podia recorrer à muleta, não tinha como poupar a perna doente, e eu sentia a dor em cada passo que ele dava, ouvia o gemido que deixava escapar cada vez que seu pé tocava o chão.

Finalmente os ruídos mudaram e eu abri os olhos. Estávamos no grande salão, na caverna que as bruxas chamavam de cathedral.

– Fiquem perto – Em murmurou. – Essa vai ser a parte mais difícil.

Eles começaram a atravessar o vasto espaço sombrio. Em segurava o frasco de magia, *minha* magia, bem alto para poder ver caso alguém tentasse lançar um feitiço.



– Abe, consegue mais luz? – ela sussurrou.

Abe balançou a cabeça.

– Sinto muito. – Sua voz era fraca, carregada de dor. – Mal consigo ficar em pé.

– Tudo bem, não se preocupe. Fique atento, caso alguém tente alguma coisa. Isso vale para você também, Seth.

Notei Seth assentir.

Agora estávamos quase no centro do salão, perto das pedras que elas usavam como bancos. Depois disso viria a longa subida para a saída, o lado externo da mina. E depois disso... Eu não conseguia pensar. Se visse a luz do dia novamente antes de morrer, seria o bastante para mim.

– Continuem – Em murmurou. Sua voz tremia. – Vamos, vocês conseguem, eu *sei* que vão conseguir. Há somente mais algumas centenas de metros depois disso.

Uma sombra saiu de trás das pedras e parou na nossa frente. Era uma bruxa jovem, magra como um esqueleto e pálida como a morte. Ela parou por um segundo na frente de Em, depois se jogou em nossa direção gritando um feitiço.

Ouvi o grito de pânico de Tatiana ao longe, em algum lugar da caverna.

Ouvi Em gritar:

– Escudo! Abe, ajude-me com o escudo!

Um enorme escudo se abriu e nos cercou. O de Em? De Abe? Tatiana? Não tinha importância.

Tudo parecia acontecer muito devagar.

O feitiço da bruxa ricocheteou no escudo e subiu para o espaço abobadado da caverna, onde explodiu com um raio de luz branca e um estrondo de trovão.

Por um momento nada aconteceu. Depois houve um rangido de rocha cedendo, e estalactites revestidas de sal começaram a cair à nossa volta como uma chuva de lanças assassinas. Uma explodiu no chão à nossa esquerda, outra explodiu na nossa frente, espalhando jatos de sal que respingaram em nosso rosto.

Contudo, não eram só estalactites. Também havia pedras, pedaços enormes de rocha desabando para a enorme câmara. Uma grande fenda se abria na rocha sobre nós, e a luz do dia penetrava pela rachadura. Pálida, fraca e cinza, mas luz.

As bruxas gritavam apavoradas, como se a luz as queimasse. Outro enorme pedaço do teto desabou, caiu tão perto que senti o deslocamento de ar quando ele explodiu no chão. Só Em continuava controlada.

– Corram! – ela gritou para Seth e Abe. – Corram para a saída! Se ficarmos aqui, vamos morrer!

Eles correram... embora não fosse exatamente correr, mas mancar com desespero. Em abraçava o frasco de vidro com um braço, e com o outro ela amparou os ombros de Abe. As mãos de Seth me apertavam dolorosamente. Sua respiração era quente em minha testa, seu coração batia sob o meu rosto.

Por cima do ombro dele, vi um pedaço de rocha do tamanho de um carro pequeno cair sobre a pilha de ossos no centro do salão. Uma fumaça densa e ácida começou a se desprender debaixo dela. Tinha cheiro de pneu queimado, de poluição industrial, de carne queimada e substâncias químicas, tudo misturado em um cheiro nojento, escuro, sufocante. Gritos das bruxas ecoavam pela caverna, e de repente elas também corriam. Não para nós, mas para os ossos, quase sem notar a chuva assassina de pedras. Bruxas caíam uma depois da outra, esmagadas pelas rochas, mas as que escapavam não paravam para ajudar as outras. Era como se nada mais existisse, nada mais importasse, só os ossos esmagados pela avalanche.

Depois, estávamos nos túneis além da catedral, subindo com dificuldade, e a única coisa que restou do terror no interior do salão foi o som dos gritos e o cheiro de ossos queimados.

– *Vamos* – disse Em com um soluço. – Estamos quase chegando!

Chegamos a um entroncamento de que eu me lembrava, a união de cinco túneis, e Em apontou para o que subia.

– É esse! – Havia na voz dela uma esperança aterrorizada. – É *esse!* O último túnel!

Alguma coisa nos faria parar... não? Haveria uma porta, um guarda... *alguma coisa.*

Contudo, a porta se abriu quando Em a tocou, e nós saímos da boca negra do túnel para a brancura fria da floresta coberta de neve.

Seth caiu de joelhos na neve – sua respiração era arfante em meu rosto – e depois me deitou no chão com cuidado.

– Preciso de um momento – ele falou com dificuldade, quase sem ar.

Ao lado dele, vi Abe se encostar a um tronco de árvore e apertar o

estômago com uma das mãos.

– Sei que estão cansados – disse Em. Havia um tremor em sua voz. – Mas temos que seguir adiante. Elas ainda podem vir atrás de nós.

– Eu sei – Abe respondeu, ofegante. Ele puxou os joelhos contra o peito, seu rosto nauseado pela dor. – Anna, consegue me ouvir?

Tentei falar. Não consegui pronunciar nenhuma palavra, e Abe me olhou de cara feia como se pudesse me intimidar para me obrigar a sobreviver.

– Você vai ficar bem, Anna. Entende o que eu digo? Vamos levar você para casa e devolver sua magia de algum jeito.

– Eles podem fazer isso? – Em perguntou. – E se não der certo? As regras não dizem que depois de certo ponto...?

– Todas as regras dizem que Anna já devia estar morta – Abe interrompeu, zangado. – De qualquer maneira, essa é a única chance que temos; é melhor que nada. Quando chegarmos em casa...

– Mas *como* vamos chegar em casa? – Emmaline se desesperou. Ela havia sido muito forte dentro das cavernas, mas agora sua determinação parecia ter evaporado.

– Eu posso tirar a gente daqui. – A voz de Seth era rouca. – Se conseguirmos descer até a praia... Meu barco ficou lá, podemos navegar de volta. Talvez não para casa, mas para algum lugar com um aeroporto. – Ele olhou para mim, afastou os cabelos úmidos e sujos do meu rosto. – Anna, consegue aguentar todo esse tempo?

Não pude responder. Não consegui nem assentir. Apenas olhei para Seth, para seus grandes olhos cinzentos, para seu rosto cortado, ferido e ensanguentado.

– Anna... – Sua voz estremeceu ao afagar meu rosto. Vi que havia lágrimas em seus olhos. – Tudo que eu disse naquela sala... não era verdade. *Não era.*

Mas era. Não toda a verdade, talvez, mas parte dela. Marcus havia trazido à tona uma parte da alma de Seth naquela sala. O intestino de Abe ficaria curado, com sorte, mas Seth... nada poderia empurrar aquelas verdades de volta ao lugar de onde saíram. Elas estariam sempre entre nós, escuras e sangrentas.

– Vamos – disse Emmaline. – Sinto muito, Seth, Abe. Sei que estão machucados, mas *temos* que continuar. Seth, onde está seu barco? Em que direção?

Seth me pegou nos braços e se levantou com um gemido de dor. Em pé, estudou a floresta.

– É difícil... era noite quando viemos. Tudo parecia diferente, mas acho...  
– Ele apontou com o queixo uma trilha entre as árvores. – Acho que é por ali. É naquela direção, pelo menos. E, se conseguirmos chegar à praia, provavelmente encontraremos o barco. Então, vamos descer e deixar para pensar na localização exata quando estivermos na praia.

– Tudo bem – Em concordou. – Abe, consegue andar?

– Sim. – Ele ficou em pé se apoiando em Em, e vi o rosto dela se contorcer quando Abe começou a andar pela neve em direção à trilha na floresta. Reconheci o brilho nos olhos de Em: amor, impotência diante do sofrimento. Como demorei tanto para notar?

Ela o seguiu com o frasco de vidro cheio com minha vida e minha magia nos braços, e começamos a andar...



– Parem. – A voz de Seth cortou o ar da noite, se sobrepôs ao barulho de seu coração, que batia sob meu rosto. Quando ele falou, alguma coisa brilhou entre as árvores à frente, e de início pensei que fosse a lua baixa no céu, mas logo percebi que era Em se virando com o vidro com a minha magia nos braços.

– O que é?

– Não consigo continuar. – Sua respiração criava nuvens brancas na escuridão. – Preciso de um minuto.

– Vamos, já devemos estar perto da praia – Em pediu. Ela voltou pela trilha. – Tenho certeza de que já escuto o mar... Não consegue andar mais alguns metros?

– Eu... não consigo. Preciso de um segundo. – Seth me deixou escorregar para o chão e desabou ao meu lado, gemendo de dor ao estender a perna.

De algum lugar atrás de nós, ouvi passos esmagando os galhos no chão e Abe apareceu na clareira. Ele se sentou no chão ao lado de Seth. Seu rosto estava completamente branco embaixo da sombra escura da barba; seus olhos estavam fechados e as maçãs de seu rosto eram salientes.

– Por favor! – Em implorou. Ela deixou o vidro com a magia no chão e se ajoelhou ao lado deles, afagando os cabelos de Abe e afastando-os do rosto.

Depois segurou a mão de Seth e a apertou por um instante. – Vamos lá, eu sei que vocês conseguem, vocês dois. Vamos descansar quando chegarmos ao barco...

Um uivo baixo ecoou pela floresta e a interrompeu.

– Jesus, o que foi isso?

– Lobos – Seth respondeu com a voz rouca. – Também uivavam quando subimos.

– Ótimo. Mais alguma coisa no nosso caminho. – Em ficou em pé e estudou a floresta, depois se abaixou de novo. – Abe, vou tentar curar você de novo.

– Não – ele protestou com a voz carregada de dor. – Eu não... Seth. Ele tem que navegar.

– Não quero ser curado! – Seth perdeu a paciência. Em seguida continuou mais calmo, mas com a mesma firmeza. – Sei que sua intenção é boa, mas chega de magia. Nunca mais.

– Prefere deixar a gente morrer? – Em perguntou, furiosa.

– Estou cansado. Estou com dor, mas posso navegar. Cure Abe. Ele precisa mais do que eu.

Em olhou para Abe, que deu de ombros como se dissesse: “O que você pode fazer?”. Em assentiu e levantou a blusa de Abe.

O que ela viu a fez prender o fôlego, e Seth fez um ruído como se engasgasse e virou o rosto para o outro lado. Havia um corte meio cicatrizado sobre a barriga de Abe, uma ferida preta e pegajosa com sangue congelado.

– Meu Deus – Em murmurou. – E você andou até aqui... assim?

Abe não disse nada, apenas fechou os olhos. Em pôs as mãos sobre a ferida aberta, purulenta, e vi seus lábios se movendo em feitiços silenciosos, suplicantes.

Descobri que estava com frio deitada no chão, com frio e molhada, e uma pedra machucava meu rosto. Era a primeira vez que eu sentia alguma coisa além de dormência desde que deixamos a caverna. A neve derretida escorria pelo meu rosto. A coceira era insuportável, e eu queria poder me mover para limpar onde coçava. Se pudesse fazer um feitiço para interromper a sensação, já teria feito, mas não havia mais nada ali. Nada. Só um terrível vazio. Meu corpo todo clamava pelo recipiente que Em havia deixado no chão. Parecia que meu coração havia sido arrancado de meu corpo e

aprisionado poucos metros distante de mim, onde eu não podia alcançá-lo.

Fiz um ruído, um miado desesperado, e Seth olhou para mim com uma expressão de esperança repentina.

– Anna?

– S... Se... – murmurei.

As mãos de Seth seguraram meus ombros e ele me tomou nos braços, puxou-me para o seu colo com um movimento pesado, arrastando-me.

– Anna! – Ele segurou meu rosto com a mão livre, seu outro braço me apertava contra seu peito com tanta força que eu mal conseguia respirar. – Você disse alguma coisa. Disse... meu nome?

Não consegui assentir, minha cabeça repousava pesada em seu peito, mas ele me abraçou com mais força.

– Ei, Em! – chamou com a voz rouca. – Abe!

– O que é? – Em olhou para nós de onde estava, ajoelhada ao lado de Abe. Seu rosto estava pálido e abatido. Vi que ela estava tão cansada quanto Seth, pronta para desabar.

– Ela falou alguma coisa.

– Quê? – Seus olhos escuros buscaram os meus cheios de esperança. – Anna, está me ouvindo?

Dessa vez consegui assentir, só um movimento muito sutil, o menor possível, mas ela o viu e seu rosto cansado se distendeu num sorriso.

– Abe – Em falou por cima do ombro –, ela ainda está aqui. Anna está viva.

– Nunca duvidei disso – Abe respondeu com voz áspera. Ele se levantou trêmulo, mas o rosto tinha uma cor melhor que antes. – Anna, vamos levar você para sua casa e devolver sua magia. Entendeu? – E olhou para Em. – Graças a você – acrescentou em voz baixa. Depois segurou a mão dela e a pôs em pé, aproximando os dedos de Em de seu rosto. Por um minuto pensei que ele os beijaria, mas Abe apenas encostou de leve os dedos em sua face.

Os dois ficaram ali parados por um instante, silenciosos, a mão de Em no rosto de Abe; depois outro uivo soou na floresta, um ruído que era como um longo soluço esgotado, e Emmaline se arrepiou e soltou a mão de Abe.

– Vamos – ela decidiu. – Estão ouvindo o mar? Eu estou.

– Eu estou vendo o mar – disse Seth. – Acho, pelo menos. Vê aquele brilho entre as árvores? – E apontou para uma abertura na floresta. Parecia

como qualquer outra abertura, para mim, mas Em esticou o pescoço e assentiu animada.

– Acho que tem razão. Estou vendo alguma coisa. Acha que consegue? Quero dizer, Anna... Consegue carregá-la por esses últimos metros?

– Consigo – Seth respondeu, firme. Ele se levantou e me segurou nos braços com uma breve inspiração mais profunda. Abe olhou para Emmaline e ela assentiu, depois pegou o pesado frasco de magia. Juntos, eles começaram a descer lentamente os últimos metros da trilha em direção ao penhasco.

Flocos de neve salpicavam as rochas negras no alto do penhasco, pontos muito brancos ao luar. Quando chegamos à beirada, Seth parou e nós olhamos para o mar.

O barco estava lá.

Somente quando ouvi o suspiro trêmulo de alívio de Seth percebi quanto o barco era frágil, como alguma coisa podia ter acontecido com a embarcação. Podia ter sido destruída por uma tempestade enquanto estávamos nas minas, ou afundada pelas bruxas. No entanto, o barco ainda estava lá, flutuando sobre as ondas escuras. Havia gelo brilhando nas cordas e ele se afastou um pouco da praia quando a maré subiu, mas a âncora o mantinha firme.

Seth me deixou no chão com todo cuidado, e dessa vez consegui ficar sentada com as costas apoiadas a uma rocha, segurando-me sobre os braços trêmulos.

– Tudo bem? – ele perguntou.

Consegui assentir.

– Estou... bem. – Minha voz era rouca e áspera, mas era um milagre conseguir falar.

O rosto exausto de Seth foi iluminado por um sorriso.

– Você consegue falar! – Ele se abaixou na minha frente e tocou meu rosto. – Tive tanto medo, Anna. Pensei... Pensei que ia morrer.

– Era verdade...? – Era difícil falar; as palavras pareciam pequenas pedras em minha boca, eu tinha que expulsar uma por uma com esforço. – O que... disse... na... caverna?

– Que eu... – Ele parou e desviou o olhar. – Que queria...

– Queria... – Respirei fundo. – Que eu morresse.

– Não. – A voz dele tremeu.

– Por favor... não... minta – falei com dificuldade. Ele passou a mão na cabeça, seu rosto estava pálido e contraído. Eu conhecia o sentimento: querer dizer a coisa certa, não querer mentir.

– Tudo bem – Seth falou finalmente. – Era verdade, mas não... não desse jeito. Pensei sobre isso... queria que a dor parasse. E pensei no que aconteceria se... se você morresse. Imaginei que... estaria livre... – Sua voz falhou e ele se ajoelhou na minha frente. – Mas não quero me libertar... se liberdade significa ficar sem você. Foi isso que percebi na caverna... Eu...

Estava cansada demais para falar. Apenas nos olhamos ao luar, cheios de dor e receio pela segurança um do outro.

Então, por cima do ombro de Seth, vi Abe sair das árvores com passos trôpegos. Seu rosto era cinza como argila e sua mão pressionava um lado do corpo. Ele tropeçou em uma pedra e caiu de joelhos, depois ficou ali caído, encolhido contra uma rocha.

– Como vamos descer para a praia? – Em perguntou preocupada.

– Nós subimos – Seth falou sem rodeios. – Vamos descer do mesmo jeito.

Em não disse nada. Olhou para Abe, depois para o frasco de magia em seus braços. Eu sabia o que ela estava pensando, mas não tinha outro jeito.

– Como vamos descer? – Em repetiu.

– Você leva a magia – Seth decidiu. – Eu ajudo Abe. Depois volto para pegar Anna.

– Não – Abe protestou ofegante, enquanto sua respiração formava nuvens brancas no ar da noite. – Preciso... preciso descansar. Só por um minuto.

Seth olhou para ele com uma mistura de solidariedade e preocupação. Depois assentiu.

– Tudo bem. Levo Anna primeiro. Depois volto para buscar você. Pronta, Anna?

Assenti, enrijecendo-me.



A descida foi um pesadelo. Um pesadelo sombrio e escorregadio de tropeções, palavrões e membros arranhados. Seth me carregava contra o peito e arfava de dor cada vez que nosso peso era sustentado por sua perna ferida. Ele chegou a escorregar em uma pedra solta e pensei que íamos cair para a morte nas rochas negras e afiadas lá embaixo, mas Seth conseguiu se



equilibrar, sustentou meu peso com um braço e se agarrou à pedra com a mão livre enquanto balançávamos na beira do abismo.

Em descia em silêncio. Seu rosto era sombrio, e ela agarrava com determinação o frasco de magia, sem deixar uma das mãos livre para segurar em algum lugar quando tropeçava.

Finalmente, depois do que pareciam ter sido horas de agonia e suor, chegamos à praia e ouvi passos sobre os pedregulhos. Seth me pôs no chão lentamente. Emmaline desceu o último trecho de pedra e deixou o vidro com minha magia na areia, limpando o rosto com a manga da blusa. Ela olhou para o barco, e o vento do mar carregou sua voz até nós.

– Então, aquele é seu barco. Como vamos chegar lá?

– Vou ter que nadar e remar até a praia.

– Nadar! – A voz de Em era temperada por um horror que chegava a ser cômico depois de tudo por que passamos. – Está nevando!

– Considerando que ainda não sei andar sobre a água, tem alguma outra ideia? – Seth perguntou.

Em olhou para a embarcação que flutuava sobre as ondas escuras e assentiu relutante.

– Tudo bem. Vá buscar o barco, eu volto para ajudar Abe.

– Ele é pesado demais para você.

– Vamos descer devagar – Em prometeu. Eu paro se não conseguir ampará-lo e espero você voltar.

Seth assentiu e começou a desamarrar as botas.

– Seth – Em falou, acanhada, entrelaçando os dedos. – Queria dizer... você tem sido... bom, eu não poderia... – Ela parou, engoliu e começou de novo: – Sei que nem sempre fomos muito agradáveis, Abe e eu, mas se sairmos daqui vivos, está decidido que...

– Vamos esperar até sairmos daqui para conversar sobre a viagem de volta em segurança – Seth a interrompeu.

Em assentiu. Em seguida virou-se e começou a subir o penhasco lentamente.

Seth tirou as botas e desabotoou a camisa. A luz da lua iluminava seu corpo, mostrava cada cicatriz e músculo proeminente, deixava ver até o arrepio que percorreu sua pele quando deixou a camisa na areia.

Ele me olhou por um momento e se abaixou para beijar minha testa. Depois começou a andar para o mar.

Ouvi sua exclamação quando a água gelada tocou seu corpo. Depois dessa reação inicial, ele seguiu em frente em silêncio penetrando no mar escuro e agitado. Alguns metros longe da praia, ele se abaixou e mergulhou sob as ondas. Eu observava a superfície e vi sua cabeça emergir lá longe, já a meio caminho do barco.

Então, um grito rouco rasgou a noite e eu olhei para cima.

Um corvo sobrevoava o topo do penhasco, enorme e negro contra a lua, suas asas estavam abertas numa envergadura impossível.

Nunca vi uma ave tão grande, nem mesmo uma águia, e ela voava de um jeito estranho, quase como se estivesse bêbada, mergulhando e planando, recuperando altitude antes de cair. O corvo descia em direção à praia, e descia tão depressa que tive certeza de que ia cair e se arrebentar nas pedras. Contudo, ele bateu asas vigorosamente no último momento, recuperando-se da queda em espiral. Senti o vento das asas em meus cabelos quando o corvo passou por cima de mim. Um instante depois ele pousou na praia... e se transformou em Marcus.

Ele cambaleava em minha direção, nu, coberto de sangue e penas. O olho bom ainda estava dominado pelo vazio desumano do corvo. O outro olho era um buraco sangrento.

– Anna. – Sua voz era meio humana, meio um grasnido rouco.

– Marcus. – Tentei manter minha voz livre do medo, mas ela ainda tremia. Havia algo de horrível nele, no corpo castigado e no rosto ensanguentado, cheio de ódio e loucura.

Ouvi o grito de medo de Em lá em cima.

– Marcus – ela berrou do precipício –, Marcus, vá embora. Somos três, não vai conseguir vencer.

– Não quero mais vencer. – Ele falava para mim, não para Emmaline, como se eu houvesse dito as palavras. E tossiu e cuspiu sangue. – Não tenho mais nada. Quero vingança. Vingança por terem me destruído, por terem destruído meus planos. Vingança por terem desperdiçado o maior dom que a comunidade dos bruxos já teve.

Ele atacou de repente, uma lança de fogo cortava a escuridão e vinha em minha direção, e não havia nada que eu pudesse fazer. Não tinha escudo, nem feitiços, nem defesa.

– Não! – Em gritou. Ela disparou um feitiço de sua posição precária na metade da subida do precipício e, de algum jeito, a lança ricocheteou em

seu escudo. O feitiço desviou e bateu nas rochas negras da beirada do abismo, provocando uma catarata de pedras sobre Em.

Emmaline gritou, agarrou-se a uma fenda e se segurou enquanto as pedras caíam sobre ela como chuva.

– Abe! – Sua voz era estrangulada pelo medo. Ela se agarrava à rocha com uma das mãos, tentando proteger a cabeça com a outra. Ouvi o barulho de mais pedras caindo, e uma a acertou no rosto. Ela gritou e se soltou, seu rosto caiu devagar batendo horrivelmente na parede rochosa, projetando-se quando encontrava saliências. Suas mãos tentavam se agarrar ao vazio, buscavam desesperadamente um apoio, tentavam salvá-la do fim, da queda fatal. Se ela caísse sobre as pedras na praia, não haveria salvação.

– Em! – Abe gritou, estendendo a mão para ela do alto do penhasco. Vi seus dedos se esticando com desespero no vazio enquanto ele projetava os últimos resquícios de magia para interromper a queda. E Em parou, seus dedos estavam agarrados a uma pedra, suas pernas balançavam no espaço. A magia de Abe a mantinha ali, e o ar parecia tremular com a intensidade de seu esforço. Por quanto tempo ele poderia segurá-la? O suficiente para Em voltar a subir a encosta, encontrar um apoio para os pés?

Marcus nem olhava para ela. Em vez disso, ele começou a andar em minha direção.

– Não tenho nada a perder – ele grunhiu. Apontou para o próprio rosto e para o coração, onde a enorme ferida aberta e queimada vertia um líquido. – Vê isto? Você me destruiu, Anna. Destruiu tudo.

– Sinto muito – falei, ofegante. Pressionei o corpo contra a rocha tentando gerar um escudo, mas não havia nada ali. Só o aterrorizante vazio. Nada. Nada. Nada.

– Eu poderia ter levado os Ealdwitan para a grandiosidade. Poderia ter realizado o sonho de meu pai: um homem, uma visão única...

– Você *matou* seu pai – murmurei.

– Não, *you* o matou. Com suas perguntas, sua curiosidade e sua estupidez. Tinha um dom que procuramos por séculos e o *desperdiçou*.

Ele agora estava muito perto, e seu único olho estava cravado em mim, cheio de ódio.

Havia algo em sua mão. Um brilho ao luar. Uma faca.

– Marcus, não...

– Você sobreviveu ao afogamento, Anna. Bateu com a cabeça em uma

pedra e também não morreu. Escapou da excisão. Contudo, nenhuma bruxa, nem mesmo você, sobrevive depois de ter o coração arrancado.

Ele levantou a faca, a lua e as pedras escuras refletiam a lâmina longa, faminta.

Reuni toda a força que tinha e consegui me mover, arrastando-me para trás, para longe dele, pela praia.

– Aonde vai? – Marcus perguntou com a voz mansa. Penas tremulavam sobre sua pele, e sua respiração entrecortada era uma nuvem branca contra a lua. – Não sobrou ninguém. Ninguém para salvar você. Não pode nem se salvar.

Ele levantou a faca acima da cabeça. A lâmina brilhou ao luar, fria e cintilante como a morte. Seus lábios se moveram, mas eu não ouvia mais o que Marcus dizia, não conseguia ouvir nada além do rugido em minha cabeça. O sangue latejava em meus ouvidos como se tivesse que recorrer a toda a potência da pulsação nesses últimos segundos antes da morte. Minhas mãos tremiam. Enterrei os dedos na areia esperando que, de algum lugar, conseguisse extrair a força necessária para me levantar e correr.

No entanto, não havia nada.

Nada além do grito silencioso em minha cabeça e da brancura ofuscante da lâmina buscando meu coração.

Então, alguma coisa molhada e fria se chocou contra mim, jogou-me para o lado, e eu bati com a cabeça em uma pedra. A noite explodiu em um raio de luz e dor.

Por um minuto, não consegui ver o que havia acontecido. Fiquei caída na areia sentindo a dor na cabeça, sem conseguir focar a visão. Tudo era um borrão, mas senti mãos me segurando, cabelos frios, molhados e salgados tocando meu rosto, o som de uma respiração ofegante perto do meu ouvido, seguido de um grito de dor.

Era Seth. Seth estava debruçado sobre mim, molhado e salgado do mar; sua respiração era branca na escuridão e seu corpo protegia o meu da faca de Marcus.

Ele se ajoelhou sobre as pedras e olhou para Marcus.

Os dois se encararam: Marcus nu, Seth despido da cintura para cima, mas ambos ensanguentados, machucados e exaustos. Havia um corte enorme nas costas de Seth, onde ele recebeu o golpe que Marcus pretendia acertar em mim. O sangue escorria escuro e lento para a areia.

– Vá embora – disse Seth. Sua voz tremia com a raiva e a exaustão.

Marcus riu. Jogou a cabeça para trás e riu, o pescoço exposto ao luar, a faca na mão entre os dedos frouxos. Depois ele olhou para mim.

– A situação é péssima, Anna, quando você é forçada a contar com a proteção de um apartado.

Ele levantou a mão armada, mas, antes que pudesse dar um passo em minha direção, Seth o agarrou e o jogou no chão com um baque que fez tremer as pedras à nossa volta.

A luta foi longa e horrível, pele contra pele, dedos rasgando, respiração ofegante e socos castigando músculos e ossos. A faca brilhava entre eles, refletia a luz da lua a cada movimento da luta.

De repente Seth deixou escapar um gemido e caiu de costas na areia. Então se levantou, suas pernas tremiam com o esforço, e ficou parado olhando para si mesmo, para o peito nu.

Para a faca cravada até o cabo embaixo de suas costelas.

Depois olhou para mim. Tentei dizer alguma coisa, mas não havia palavras. Minha voz morreu na garganta quando Marcus agarrou o ombro de Seth e puxou a faca, removendo centímetro após centímetro de lâmina até tirá-la completamente do corpo de Seth e cambalear alguns passos para trás. Seth gemeu novamente, um som estrangulado, gorgolejante. Sangue começou a jorrar da ferida.

Marcus o segurou pelo ombro e o atacou novamente, dessa vez no meio da barriga, enfiando a faca e puxando a lâmina para cima, depois para fora. O barulho era apavorante.

– A... – Seth conseguiu dizer. Seus olhos estavam cravados nos meus.

Ele cambaleou, só um passo, depois caiu, dezenas de quilos de músculos, ossos e vida desabavam na praia.

Seth ficou caído, arfando, o sangue empoçando sob seu corpo, e Marcus enfiou a faca pela última vez, puxando a lâmina pelo peito até o coração.

O corpo de Seth sofreu um último espasmo, depois ficou imóvel na areia escura aos pés de Marcus.

Fúria, agonia e dor explodiram dentro de mim. De algum lugar, tirei a força para me mover cambaleando e caí de joelhos ao lado do corpo de Seth. As lágrimas lavavam meu rosto, caindo em seus ombros, em seus cabelos. Beije suas faces, seus lábios, a testa, e os soluços me rasgavam por dentro.

Ele estendeu os dedos para mim.

Então, seus olhos deixaram os meus. Ele os ergueu, fitou alguma coisa sobre minha cabeça, olhou para alguma coisa que eu não podia ver. Seus lábios se abriram, mas nenhum som brotou deles.

Levantei a cabeça e segui a direção de seus olhos. Era Marcus em pé ao nosso lado, sobre nós. Seus lábios estavam distendidos num sorriso, havia sangue de Seth em suas mãos.

Estendi a mão para alcançar a faca.

Ela estava presa entre as costelas de Seth, e soluzei desesperada quando a puxei, sentindo o osso raspar na lâmina e o sangue jorrar embaixo de minha mão.

Sabia que o gesto podia matá-lo, se Marcus já não havia feito isso. Contudo, não tinha mais nada com que defendê-lo; nem magia, nem armas. A faca era só o que restava.

Levantei-me com esforço e dificuldade e encarei Marcus.

– Sai daqui.

– Menina idiota – ele falou em voz baixa. – Todo poder que já teve está naquele frasco. – Ele apontou o frágil recipiente de vidro que brilhava na areia, branco como uma segunda lua. – Acha que essa faca confere algum poder? Você não tem ideia do que perdeu.

O frio se espalhou por meus dedos, subiu pelos braços, espalhou-se por meu corpo. Era um frio horrível, incontrolável. O pior que já senti. Pior que a morte.

– *Isso é poder* – Marcus sussurrou. – O único poder que importa.

Minhas mãos estavam coladas ao cabo da faca, mas entorpecidas, tão entorpecidas que eu não sentia nada. Queria cravar a lâmina no coração de Marcus, vê-lo morrer, mas, em vez disso, muito lentamente, a ponta da faca se voltou contra mim como se Marcus controlasse minhas mãos.

Seth fez um ruído aos meus pés, um gorgolejo aflito.

A ponta afiada encontrou minha pele, e uma mancha vermelha começou a brotar em meu peito.

Eu tremia. Apesar do frio, havia suor sobre minha boca e na palma das mãos. Meus dedos escorregavam no cabo da faca, a ponta penetrava mais fundo... mais fundo... Deus, isso dói!

Um gemido escapou de minha boca.

Marcus sorriu.

Respirei fundo e senti meu abdome dolorosamente pressionado pela ponta da faca. Cada vez que respirava, eu cravava a lâmina mais fundo. A ponta penetrava em minha pele enquanto eu lutava contra a faca; meus dedos se recusavam a obedecer, e meus próprios músculos levavam a lâmina cada vez mais para dentro de mim... Fruto da magia e do ódio de Marcus.

– *Este é o único poder que importa.* – Marcus chegou bem perto, aproximou o rosto do meu e tocou minha mão para empurrar a faca contra meu corpo, caso minhas mãos lhe desobedecessem.

Era verdade? Eu havia perdido... o único poder que importava no mundo? De que serviam força, honra e resistência contra um poder como esse, um poder que podia me forçar a abrir minhas entranhas diante dos olhos de meus amigos, que, impotentes, também esperavam pela hora de morrer?

Enquanto Seth morria aos meus pés...

– Desista, Anna – Marcus cochichou em meu ouvido, seu hálito formava uma nuvem branca e fria como um halo. – Desista.

Minhas mãos escorregaram na faca.

Fechei os olhos.

Não era verdade. *Não* era verdade. *Havia* outros poderes importantes.

Arranquei a ponta da lâmina do meu ventre, sentindo um líquido morno escorrer por meus dedos, e usei a outra mão para cravá-la fundo no corpo de Marcus.

Seu rosto ficou pálido, dominado pelo espanto. Ele se encolheu e pulou sobre mim como um corvo saltando para alçar voo. Por um momento ouvi apenas o som de sua respiração em meu ouvido, o bico abrindo e fechando, as garras buscando, as mãos lutando pela faca, tentando virá-la para mim, sua força contra a minha, seu hálito quente em meu rosto.

Lutei como nunca havia lutado antes, lutei por minha vida, pela de Seth, Emmaline e Abe. Minhas mãos estavam escorregadias de sangue, meu rosto estava molhado de lágrimas e suor. A faca brilhou entre nós quando meus dedos e os dele escorregaram e tentaram tomar o controle, primeiro do cabo, depois da lâmina, depois agarrando o pulso um do outro, buscando, de alguma forma, apoderar-se da arma.

Encontrei o cabo e o agarrei com firmeza, mas as mãos de Marcus seguraram meus pulsos com dolorosa avidez. Ele começou a empurrar meus braços para trás, forçando a ponta da faca contra o meu coração. Resisti e a

empurrei contra ele com toda minha força, mas os dedos que me seguravam eram como ferro. Os músculos de seus braços se destacavam sob a luz da lua.

A ponta da faca rasgou minha pele e eu soube que era o fim... que estava perdida.

Então, de repente, as mãos sujas de sangue escorregaram em meus pulsos e ele perdeu o controle. A lâmina se voltou contra suas entranhas.

Eu a empurrei com toda a força que tinha.

Ouvi um ruído que era como um grito, mas pior. O pior grito que se pode imaginar, alto e agudo como o de um corvo, suplicante como o de um homem, carregado do horror da morte. Depois tudo parou.

Marcus cambaleou para trás ofegante. Olhou para mim, depois para o cabo da faca enterrado em sua ferida preta e queimada.

Ele caiu de joelhos, depois de lado, o corpo em agonia sacudido por convulsões. Sangue borbulhava em sua boca, e um líquido preto como piche jorrava do ferimento. Sua boca tentava formar palavras, mas só sangue saía dela. Sua cabeça caiu para um lado e a escuridão jorrou de seus olhos e da boca, cobrindo o rosto e o pescoço com uma pegajosa mortalha negra. Ela se espalhava incontrolável, estendia-se sobre o estômago e o peito, até todo seu corpo ser coberto, derreter, consumir-se e penetrar na areia escura.

Finalmente não restou nada, só um punhado de penas mergulhadas no piche.

Fiquei parada olhando para minhas mãos sujas de sangue, manchadas de preto até a altura dos pulsos, e tentei sentir alguma coisa por ele. Matei meu primo. Assassinei meu próprio primo, esfaqueei meu primo até a morte. Devia sentir alguma coisa: culpa, horror. *Queria* sentir alguma coisa, mesmo que fosse só o prazer forte e doentio da vitória.

No entanto, todos os sentimentos continuavam enterrados sob o peso sufocante da angústia.

Seth estava morto.



## CAPÍTULO VINTE E CINCO

Ele estava caído aos meus pés. Seu rosto estava completamente intocado, seus olhos estavam abertos e sua expressão era calma, inalterada pela morte. Ele olhava para mim, e seus lábios pareciam sorrir, como se dissessem “está tudo bem, tudo está bem”.

No entanto, não estava. Nada jamais estaria bem novamente. Seth estava morto, seu corpo castigado, seu sangue derramado na areia.

Não sei quanto tempo fiquei ali parada, olhando para o corpo imóvel, mas logo tomei consciência de que Emmaline e Abe estavam ali; haviam conseguido descer do penhasco e aguardavam atrás de mim.

– Anna... – Abe tocou meus ombros. – Pelo amor de Deus, não olhe. Não pode fazer nada por ele agora.

Ele tentou me tirar dali, tentou me fazer virar, desviar os olhos da carnificina, tentou me abraçar. Contudo, eu não conseguia me mover. Não conseguia desviar o olhar do rosto de Seth. De seus olhos.

*Vai ficar tudo bem.*

Como poderia? Eu havia feito isso com ele. Desde que o vi pela primeira vez. Naquele momento, entrei na vida dele e arranquei seu coração, rasguei-o em dois, assim como Marcus havia feito. Eu o trouxe até aqui, arrastei Seth até este lugar contra sua vontade.

Eu o trouxe para a morte.

E não havia nada que eu pudesse fazer. Não tinha mais feitiços para lançar. O vazio dentro de mim gritava.

Não restava nenhuma magia em mim.

Exceto...

O frasco na areia brilhava branco, cintilava como pérola líquida.

Eu me soltei das mãos de Abe e dei um passo hesitante.

– Anna... – disse Abe. Depois, quando me debrucei sobre o frasco: – O que... está fazendo?

Comecei a me debater com a tampa.

– O que está *fazendo*? – Abe perguntou, e ouvi em sua voz um medo súbito. Continuei tentando abrir o frasco. – Não! Não faça isso. Espere, por favor, espere. Se levarmos o corpo de Seth para casa, talvez...

– Foi você quem disse que eu tinha que escolher.

– Não desse jeito! Como pode abrir mão disso? Não vou permitir! Não vou deixar, não vai fazer isso com você mesma. Em, pelo amor de Deus, diga alguma coisa! Ela vai... – Abe engasgou, não conseguiu terminar a frase.

– Anna! – Em levantou a cabeça, seu rosto era pálido e manchado. – Não faça isso... não se destrua desse jeito! Não vai funcionar!

– Você não sabe. – A tampa escorregava dos meus dedos fracos. Não conseguia tirá-la. – Pode dar certo.

– Não pode abrir mão de todo seu futuro por uma possibilidade!

– Eu tenho que escolher.

– Não tem! – Abe gritou. Ele parou na minha frente, o vento batia em seus cabelos, seus olhos eram negros, cheios de agonia. – Não foi isso que eu quis dizer... não desse jeito. Eu disse uma vez, você pode ter as duas coisas. Amor *e* magia, pode ter os dois. Pelo amor de Deus... – Sua voz tremeu. – *Eu* posso dar as duas coisas a você. Por favor, não faça isso.

– Pode me ajudar a abrir o frasco? – Ofereci o recipiente, e ele balançou a cabeça com o rosto lavado pelas lágrimas.

– Não! – gritou com a voz trêmula. – Não vou fazer isso com você... Não vou ajudá-la a destruir sua vida desse jeito. Está jogando fora sua magia, pelo amor de Deus. Ele é um apartado! Seu corpo vai rejeitá-la... impedi-la de entrar. Isso não vai *funcionar*.

– Em? – Ofereci o frasco a ela. – Em, *por favor*.

– Não. – Ela parecia apavorada. – *Por favor*, não... Não me peça. Por favor, não faça isso.

– Anna... – Abe me abraçou, seu rosto era muito branco, seus olhos refletiam a luz do frasco. A agonia em sua voz rasgou meu coração. – Por favor, estou implorando. Só peço uma *chance*.

– Eu amo você. – Toquei seu rosto molhado e frio. – Sempre vou amar você, mas Seth... – Limpei minhas lágrimas com a mão livre e respirei fundo. – Seth nunca me pediu para escolher. Seth me amou sem condições... com ou sem magia.

– Tem certeza? – Abe estava perturbado, e de repente eu soube o que ele

ia dizer. – *Tem certeza* de que ele amava você? E se abrir mão da sua magia só para descobrir que acabou... que o amor dele acabou?

– Eu...

– Eu amo você *agora*. De verdade. Sem feitiços. Sem ilusões.

Minhas mãos tremeram, a magia dentro do frasco balançou, formando ondas que envolveram o vidro. Meu coração doía.

– Vou amar você para *sempre* – Abe declarou.

Olhei para ele. Seu rosto era sombrio e lembrei o toque de suas mãos, a maciez de seus lábios, sua combinação de força, suavidade e magia.

– É mesmo? – perguntei. Minha voz tremeu. – Você me amaria sem minha magia?

Abe abriu a boca... e não falou nada. Atrás de mim, ouvi o soluço sufocado de Em.

Inclinei-me e beijei Abe nos lábios com toda a suavidade.

– Preciso escolher – falei. – Mas você não. Você pode ter as duas coisas, mas não comigo.

Peguei uma pedra.

– Não – Abe reagiu.

Segurei o frasco sobre o corpo de Seth e bati com a pedra no vidro.

– *Não!*

No entanto, era tarde demais.

A rachadura se espalhou pela superfície do vidro mais depressa do que meus olhos podiam acompanhar, e depois o frasco explodiu em minhas mãos, vidro e magia caindo em uma chuva de luz, lavando o corpo de Seth com uma luminosidade branca que banhava a praia e os penhascos negros como se fosse o amanhecer.

O líquido penetrou na grande cavidade em seu peito, encharcou a ferida, banhou Seth com uma brancura radiante que se espalhou pela areia.

E depois... desapareceu. E eu não tinha nada.



– Anna, vamos. – Emmaline me puxava pelo braço com delicadeza, seu rosto era preocupado. – É quase de manhã.

– Não posso deixá-lo aqui – respondi.

– Anna... – Emmaline parou. Não precisava falar mais nada. Eu sabia.

Havia sido idiota, pateticamente idiota e esperançosa. Como aquela ferida aberta em seu peito poderia ter cura?

Deitei na areia ao lado de Seth e virei seu rosto para mim. Seu pescoço estava rígido como se ele resistisse, mas eu sabia que era só o rigor da morte se espalhando.

– Anna... – Em agora soava realmente preocupada. – Está ouvindo?

– Sim – respondi, cansada. – Sim, eu sei. Pode me dar um minuto?

– Tudo bem. – Ela esfregou os olhos por trás dos óculos, massageou o local dolorido onde eles pesavam sobre o nariz, depois endireitou os ombros. – Abe! – chamou. – Vou tentar nadar até o barco como S... – e parou. – Como combinamos.

– Tudo bem. – Abe se levantou com esforço de onde estava encolhido contra uma rocha, com a cabeça entre as mãos. – Posso fazer alguma coisa?

– Segure os meus óculos – Em falou, tentando fazer uma piada.

Abe não sorriu. Apenas assentiu, e eles começaram a andar para o mar, deixando-me sozinha com Seth.

Seus olhos me fitavam, cinzentos, calmos, cheios de amor, e de repente não pude mais suportar. Não aguentava mais aquele olhar firme, imutável, fixo. Estendi a mão e toquei suas pálpebras com dois dedos, fechando seus olhos. Depois chorei, deixei as lágrimas correrem por meu rosto e caírem na areia. Lágrimas silenciosas. Eu não soluçava nem tremia. Apenas meus olhos transbordavam, transbordavam e transbordavam.



– Não seja idiota. – A voz de Em era dura com o medo e a exaustão. Ela tremia de frio. – Anna, seja razoável. Como vai levá-lo para o barco?

– Não vou abandoná-lo – repeti pela décima vez.

Abe não disse nada. Só ficou sentado e encolhido contra uma pedra, a cabeça entre as mãos.

– Cristo! – Em gritou. Ela cerrou os punhos, como se engolissem alguma coisa que não queria dizer, e olhou novamente para o penhasco. Eu sabia que ela estava procurando. Perseguidores. Bruxas da mina. Tínhamos que sair dali depressa, mas...

– Sinto muito – falei com a voz trêmula. – Não posso deixá-lo. Não posso.

– Ele está morto. – A voz de Abe era dura. Ele se levantou com o rosto repentinamente furioso. – Não entende? Ele está morto. É difícil... Eu sei quanto é difícil, mas ele está morto!

– Eu sei! – gritei. As palavras ecoaram nos penhascos debochando de mim. As lágrimas lavavam meu rosto. Limpei furiosamente os olhos. – Mas não posso deixá-lo. Não posso. Por favor, Abe, eu tenho que levá-lo. Não posso deixá-lo apodrecer neste lugar. Preciso de ajuda para levá-lo para o barco. *Por favor.*

Abe levou a mão ao rosto e esfregou os olhos com ar cansado. Parecia perto de cair. Eu não sabia se *ele* tinha forças para chegar ao barco, muito menos para levar o corpo de Seth. Contudo, finalmente, ele assentiu.

– Tudo bem.

– Abe... – Em começou, e eu soube o que ela ia dizer. A impossibilidade disso, três pessoas esgotadas, machucadas praticamente sem nenhuma magia. Como levaríamos um corpo endurecido pela água gelada e para dentro de um barco? Mas ela parou. – Tudo bem – foi tudo que disse. – Tudo bem.



Não sei quanto tempo demorou. Muito tempo. Eu tinha a impressão de que havíamos passado horas lutando contra as ondas fortes, enquanto nossos dedos escorregavam e o barco batia em nossos ombros, na cabeça, nas mãos, e o corpo pesado de Seth escorregava e se recusava a sair da água. No entanto, finalmente, estávamos todos a bordo, tremendo como ratos molhados, pingando água salgada nas tábuas do assoalho enquanto tentávamos pensar no que fazer a seguir.

– Onde...? – Em olhou para o corpo de Seth, depois para Abe.

– No convés? – Abe sugeriu. – Podemos amarrá-lo, caso haja uma tempestade.

– Não – protestei, teimosa. – No quarto.

– Anna... – Emmaline mordeu o lábio. Parecia perto de perder a calma. – Sei que não quer acreditar nisso, mas ele vai começar... a cheirar mal.

– Nesse caso, Abe precisa manter o quarto resfriado...

– Não posso – Abe respondeu desesperado. – Pelo amor de Deus, nenhum de nós sabe como pilotar este barco. Você sabe velejar?

Balancei a cabeça e senti as lágrimas estúpidas correndo por meu rosto outra vez. Não sabia. Não sem Seth para me dizer que corda puxar e quando fazer uma coisa ou outra.

– Então, como vamos chegar em casa – Abe insistiu –, a menos que eu force o vento a nos levar? Não posso fazer as duas coisas, mal consigo me segurar em pé.

– Vou deixar a janela aberta. Está frio.

– Onde vamos dormir? – Emmaline beirava o desespero.

– Tem outra cama embaixo da cabine de comando. Podem ficar com ela.

– E você?

– Eu fico com Seth. – Limpei o rosto com o braço e implorei aos meus olhos para pararem de chorar.

– Com a janela aberta? – Em exclamou incrédula. – Ficou maluca? Você vai congelar!

– Vocês me ajudam a levá-lo para o quarto? – pedi.

Nenhum dos dois disse nada. Depois Abe segurou os ombros de Seth. Quando ele o levantou, o corpo pesado e sem vida de Seth escorregou de suas mãos, a cabeça se chocou contra o chão como uma pedra. Abe fez uma careta.

– Como teve coragem? – As palavras soaram cheias de amargura. Abe continuou: – Você podia ter sido qualquer coisa, podia ter feito qualquer coisa. Como pôde jogar tudo fora desse jeito?

– Ela não jogou fora – Emmaline o interrompeu furiosa. – Ela *deu!* A escolha era dela, Abe. Só dela.

Contudo, Abe continuava olhando para mim com o rosto tomado pela dor. Em seguida ele balançou a cabeça e levantou o corpo de Seth novamente. Seus olhos se encheram de lágrimas.

Juntos levamos o corpo pelo corredor entre as camas. Quando passamos pela mesa, eu vi a grande bússola de bronze. A agulha balançava loucamente... apontava o norte magnético, como devia ser.

Aquele pequeno detalhe, uma agulha voltando ao normal, acabou comigo. Era a prova. A prova de que Seth havia partido e minha magia não existia mais. Senti uma enorme dor no coração, como se a faca de Marcus houvesse penetrado fundo, mais fundo do que ele havia pretendido.

De certa forma, Marcus arrancou meu coração como havia prometido. Eu quase desejava que houvesse realmente arrancado. Pelo menos a dor teria

cessado, enfim.

## CAPÍTULO VINTE E SEIS

**E**u estava quieta no quartinho, com frio. Podia ouvir Emmaline e Abe andando pelo barco, falando em voz baixa. Não conseguia ouvir o que diziam, nem tentava. Sabia o que era. Estavam preocupados com o barco. Especulavam se Abe, em seu estado de exaustão e esgotamento, poderia controlar o tempo e nos levar de volta para casa. Estavam preocupados comigo, com a possibilidade de eu ter perdido a razão.

O vento frio entrava pela escotilha e eu tremia; então me aproximei o máximo possível de Seth, virando seu corpo rígido e frio, jogando seu braço em cima da minha cintura e deixando seu rosto repousar sobre o travesseiro.

Assim, podia quase acreditar que ele apenas dormia. A ferida em seu peito parecia estar fechada nessa posição, seu sangue seco estava escondido nas sombras entre nós. Seus olhos estavam cerrados, e seus lábios permaneciam distendidos naquele meio sorriso. Se eu quisesse, poderia fingir...

Fechei os olhos e coleí minha testa em seus lábios.

– Oh, Seth – sussurrei. – Eu lamento tanto!

– Não lamente.

Mantive os olhos fechados com mais força, as lágrimas quentes esfriavam quando escorriam por minha pele. Queria tanto acreditar...

– Anna, não chore.

Sua voz em minha cabeça era real... *muito* real. Um gemido de dor brotou dos meus lábios.

Apertava as pálpebras com tanta força que luz e escuridão explodiram dentro da minha cabeça, uma onda de dor no escuro.

– Amo você – sussurrei. Senti as lágrimas correndo por cima de meu nariz e pelo rosto, mas não houve resposta. Nunca haveria, apesar de tudo pelo que eu havia desistido.

As palavras de Abe voltaram à minha memória, fizeram-me doer por



dentro, fizeram-me pensar em tudo que eu havia despejado naquele buraco no peito de Seth. A sensação de voar sem nada para me sustentar, só a força da minha vontade. O sentimento inebriante de que tudo, qualquer coisa, era possível. A chance de ser algo mais, alguma coisa... impressionante.

No entanto, sabia a que ele realmente se referia. Ele mesmo. Eu havia desistido de Abe.

E era verdade, mas, mais que isso, desisti de minha mãe. A chance de algum dia saber a verdade, de voltar a vê-la. Desde que decifrei o significado do enigma, tive esperança. Esperança de que, mesmo que minha mãe *estivesse* morta, talvez não fosse o fim. Porque com um poder capaz de dominar a morte...

Por um momento havia vibrado dentro de mim aquela centelha, uma pequena possibilidade, mesmo que eu nunca tivesse tido coragem de alimentar essa esperança. E agora havia acabado. E por quê? O corpo de Seth jazia em meus braços, imóvel e frio. Eu havia desistido de tudo... por nada.

Fiquei deitada de olhos fechados, ouvindo o som das ondas, sentindo o vazio dentro do meu coração, e o corpo de Seth pressionado contra o meu, ganhando um pouco do calor que absorvia da minha pele.

Não podia ficar assim por muito tempo. Ele precisava do frio, e eu tinha que manter seu corpo resfriado para poder levá-lo de volta a Winter. Contudo, não queria me mover.

No convés, ouvia Abe e Emmaline andando de um lado para o outro, brigando com as velas. Sabia que devia me levantar e ir ajudá-los.

Abri os olhos.

Os olhos frios e cinzentos de Seth olhavam para mim.

– Seth...? – Toquei seu rosto frio. – *Seth?*

Deus, como eu queria acreditar. O vazio rugia e gritava dentro de mim.

E então ele sorriu.

Meu coração deu um pulo enorme... e quase parou.

Eu me ajoelhei, puxei-o para cima pela camisa ensanguentada, minhas mãos tocavam seu rosto, deslizavam pela pele nua dos ombros e do peito; tentei encontrar a ferida embaixo do sangue coagulado; procurava desesperadamente em seu corpo um sinal de que ele era real.

– Estou ficando doida? – Descobri que soluçava. – Seth?

– Você não ficou maluca! – Ele segurou minhas mãos, contendo meus

movimentos desesperados. – É real... pare de me apalpar. Por que todo esse pânico?

– Você *morreu!* – Encostei minha testa à dele, minhas lágrimas corriam por seu rosto, misturando-se ao sangue e ao suor. – Não lembra?

– O quê? – Ele ficou pálido, espantado. – Isso é uma piada?

– Você *morreu* – falei, chorando. – Marcus enfiou uma faca no seu coração. Você sangrou até morrer na areia da praia, não lembra?

Seth continuou sentado, pálido.

– Não lembro – ele respondeu com tom inexpressivo. Depois olhou para o próprio peito. Sua pele estava escura e suja de sangue desde as costelas até a barriga; seus pelos escuros sobre o cinto estavam sujos e grudados.

Ele tocou a própria pele e olhou para os dedos pegajosos, vermelhos.

– Cristo, o que aconteceu? A última coisa que lembro... – Seth passou as mãos no rosto, deixando um rastro de sangue antes de parar. – Isso é muito estranho. Eu me lembro das cavernas... de ter andado pela floresta... Lembro...

Ele tocou um lado do corpo, depois o peito sobre o coração. E parou de repente como se congelasse.

– Que foi? – Senti um medo súbito ao ver seu rosto. A expressão iluminada, carregada de energia.

– Não sinto mais, sumiu.

Eu o encarei, espantada.

– *Sumiu!* Não tem mais... nada...

Sumiu.

Desapareceu.

De repente senti frio, um frio incrível, e o espaço vazio dentro de mim, o lugar que antes era ocupado por minha magia, pareceu se alastrar como uma imensa aridez.

– O que você fez? – Ele me agarrou pelos ombros. – Anna, onde está sua magia?

Desapareceu.

Tentei dizer “Você está livre”. Tentei ficar feliz, mas não conseguia falar e não conseguia sentir nada além do doloroso vazio que parecia se espalhar a partir do meu coração.

Seth me abraçou com uma força desesperada, dolorosa.

– O que você fez? – ele perguntou em voz alta. – Onde está o frasco... sua

magia? O que você *fez*?

– Eu dei... – Engoli a saliva. Minhas mãos tremiam de cansaço. Senti que podia cair, se Seth não me segurasse com força. – Eu dei... a você.

– Não. – Seu rosto se contorceu. Seth começou a balançar a cabeça. – Não. Não! Como pôde? Como?

– Como? Despejei no... – Estava passando mal. – No buraco. No seu peito.

– Não foi isso que eu perguntei! Quero saber como teve coragem! Como *pôde* sacrificar sua magia por mim?

– Não foi sacrifício. – Minha garganta ardia por causa das lágrimas. – Foi egoísmo. Não queria que você morresse.

– Mas sua magia! – Ele segurou a cabeça com as mãos num gesto agoniado. – O que foi que fez? Meu Deus, o que você fez?

– Estou feliz – tentei dizer. Engoli a saliva para resistir à dor. Era como um espinho em minha garganta me sufocando, quase me impedindo de falar. – Estou feliz. Feliz por você estar livre.

– O que quer dizer?

– Está livre – repeti. E depois não consegui evitar que as lágrimas corressem quentes, furiosas, cheias de dor.

Eu sabia que era errado. Seth estava vivo, nada mais importava. E eu não *queria* ter certeza? Não foi isso que sempre *quis*, que ele fosse livre para eu poder saber se seu amor por mim era real?

Ainda tinha esperança. Sempre tive. Esperava que uma das minhas tentativas houvesse quebrado o feitiço. Esperava que fosse real.

No entanto, as palavras dele: *não sinto mais... sumiu... Só resta... nada...*

Eu *devia* estar feliz, mas só conseguia sentir desespero, porque percebia que tudo havia sido uma mentira. Não era só a certeza de que Seth não me amava. Era saber que *nada* daquilo havia sido real. Todas as vezes que ele disse que me amava nunca foram de verdade. Nosso primeiro encontro não foi de verdade. Os beijos não foram de verdade. A noite que passamos juntos neste barco, nesta *cama...*

Eu não podia continuar. Virei de costas, e um soluço brotou de minha garganta.

– Anna... – Ele tocou meu ombro. – Amor...

– Não me chame assim! – gritei. Como ele era capaz? A palavra que sempre havia usado quando acreditava me amar, quando eu esperava que

fosse verdadeiro. Agora era como uma violação, prova de que tudo não passou de palavras, mentiras, ilusões.

– Pelo amor de Deus! – Sua voz era uma mistura de frustração e dor. – Do que está falando? Não chamar você do quê? Acabou? É isso que está tentando dizer?

– *Acabou?* – Comecei a soluçar e rir ao mesmo tempo, uma estranha e eufórica histeria. – Você que tem que saber! Não foi o que acabou de dizer?

– Dizer o quê? – Os olhos de Seth tinham a cor de nuvens de tempestade. Seus punhos estavam cerrados.

– Você disse. – De repente me sentia calma, vazia, drenada de tudo, não só da magia, mas de todos os sentimentos. – Você disse que não sentia mais nada, que havia desaparecido, que só restava o nada.

– *Sim!* – Seu rosto se iluminou, foi dominado por uma emoção tão intensa que eu nem conseguia identificar, mas que parecia com alegria. O vazio dentro de mim uivou de dor. – Sim. Acabou. A dor sumiu, Anna. Minha perna... posso andar novamente.

Queria falar, mas não conseguia.

Ele se colocou de joelhos com um movimento fluido, fácil, sem nenhum sinal de dor, e ficou ajoelhado na minha frente.

– Não sei o que sua magia fez, mas não sinto mais dor, está... normal outra vez. Eu me sinto inteiro.

Olhei para ele, para seu rosto, seus olhos, seus lábios que eu havia beijado, amado e beijado de novo.

– Tudo desapareceu – ele continuou. – Cada dor. Todas as dores. Até... – E virou o braço para me mostrar a pele da parte interna do pulso, onde a cicatriz sempre esteve, a queimadura de corda. – Até isto.

Sumiu. A pele estava intacta.

Virei sua mão sem entender o que via, depois a segurei. Havia ainda uma cicatriz, a marca branca no dedo anelar, o sinal igual ao meu. A marca de meu amor por ele, da minha necessidade, do meu desespero de salvá-lo, e da dor que havia imposto a nós dois.

– Anna... – Ele entrelaçou seus dedos nos meus, ainda ajoelhado diante de mim sobre a cama; sua voz era baixa e urgente. – Anna, eu amo você. *Sempre* amei você. Ontem, hoje, amanhã... Entende?

Não conseguia falar. Apenas olhei para ele.

– Acredita em mim, Anna?

– Sim – respondi. – Acredito.

E acreditava. Finalmente acreditava.

A magia havia desaparecido para sempre, mas em seu lugar ficava a enorme certeza, uma certeza que nunca senti antes, que nunca tive esperança de sentir. Então era assim... o amor. Amor sem magia. Sem feitiços. Só amor.

Eu o beijei, abracei, apertei meus dedos nos músculos de suas costas, tracei o desenho de suas costelas, de sua coluna.

Seus lábios estavam sobre os meus, seus dedos em meus cabelos.

– Eu amo você – ele falou muitas vezes, seus lábios em meu pescoço, no ombro, na pele sensível embaixo de uma orelha. – Amo você. Amo você. Amo você.

## EPÍLOGO

**E**ra uma vez, uma menina.

Não, não era bem assim.

Era uma vez, uma bruxa.

Ainda não...

Como eu podia contar essa última parte? Quem sou eu?

Lembro-me das palavras de Emmaline há muito tempo: não existe essa coisa de meio-apartado. Se você tem magia, é um bruxo. Se não tem, é um apartado.

Então, o que isso faz de mim? Uma apartada? Uma bruxa? Uma assassina? Uma... ninguém?



– Anna, está acordada?

A voz de Seth penetrou nos meus pensamentos e eu abri os olhos. Estávamos parando ao lado de uma casa branca e alta.

Assenti e comecei a soltar o cinto de segurança com os dedos entorpecidos.

– Quer que eu entre? – Seth perguntou.

– Não sei – falei. Depois suspirei. – Não, isso é covardia. Eu sei. É melhor ficar aqui. Esse assunto é entre mim e Elizabeth. Eu só... Tenho medo de enfrentar minha avó.

– Não tem do que se envergonhar. Você fez o que tinha que fazer. Ele era um assassino. Um assassino e traidor, e teria vendido você como escrava pela maior oferta.

– Ele era meu *primo*.

Seth suspirou.

– Vou esperar aqui. Se precisar de mim, estou com o celular ligado. Tudo bem?

– Sim. – Desci do carro e respirei fundo algumas vezes para acalmar meu coração disparado. Depois criei coragem, subi a escada de degraus largos e toquei a campainha.

Para minha surpresa, ela estava sentada na sala de estar, com uma bandeja de chá sobre a mesa ao lado da janela. Quando entrei, ela se virou e sorriu.

– Anna!

Elizabeth abriu os braços, mas não aceitei seu abraço.

– Espere – falei. – Por favor... tenho algo para dizer.

Ela me olhou intrigada por um momento, depois seu rosto empalideceu. Por um minuto pensei que teria outro derrame e estendi a mão para a sineta disposta para chamar a senhorita Vane, mas Elizabeth se levantou da cadeira, os dedos sobre o cabo da bengala brancos com o esforço.

– Anna, o que aconteceu?

– Como assim?

– O que aconteceu com você? – Ela segurou meu braço com força quase dolorosa. – Sua magia. Meu Deus, Anna. O que aconteceu com sua magia?

E eu contei a história toda. Cada detalhe.

Quando terminei, fiquei esperando pelo que ela tinha a dizer, mas minha avó não disse nada. Apenas se sentou. Sua mão segurava a bengala, seu rosto era ilegível como pedra.

– Deve estar pensando que sou um fracasso – arrisquei. – Alguém que joga fora suas chances por causa de um apartado... como minha mãe. E pior, uma assassina.

Houve um longo silêncio. Depois ela assentiu.

– Anna, não sou mulher de medir as palavras. Sim, você o matou. Nada do que eu diga vai mudar esse fato. Você matou o filho de minha irmã e vai ter que passar o resto da vida com esse sangue nas mãos.

Senti frio, muito frio. Ouvir dos lábios dela...

– Mas... era ele ou você. Mais, era ele ou os Ealdwitan. Se ele continuasse vivo para concluir a traição...

– Mas você o amava. Eu sei disso.

– Porque sou tola – Elizabeth falou com tom sombrio. – Se eu não fosse uma velha simplória e fácil de enganar... – Ela suspirou e passou a mão pelo rosto; seus anéis piscavam e refletiam a luz. – Você pagou caro, Anna. Deus sabe que pagou pelo que fez. E, se a conheço bem, vai passar o resto da vida pagando. A culpa, a perda de sua magia... – Sua voz tremeu. – Se

alguém tinha que carregar esse fardo, esse alguém era eu. Os Ealdwitan eram *meu* fardo; eu devia pagar o preço, não você.

– Não fiz isso pelos Ealdwitan. – Minha avó balançou a cabeça e tentou responder, mas eu continuei. Não havia honra em aceitar sua gratidão por uma coisa que não fiz. – Não, escute, não posso deixar você acreditar nisso. Sim, eu matei Marcus. Sim, abri mão da minha magia, mas nada disso foi *pelos* Presidentes. Não posso deixar você pensar que...

– Mesmo assim, você fez tudo isso. Não importa por quê. Pagou o preço. Podia ter se negado, mas não. E, por esse motivo, mesmo que não seja por mais nada, será sempre minha neta. Sempre haverá um quarto para você aqui. Sempre haverá uma cadeira para você no conselho.

– Mas não uma Presidência? – brinquei com um sorriso distorcido.

– Não sei. – Ela se virou para olhar o jardim e vi as mechas brancas em seus cabelos, agora mais brancos que pretos. – Essa era minha maior vontade, mas sem magia... Não sobrou realmente nada... nada?

– Nada. Eu tentei, não consigo nem acender uma luz de bruxa. Posso *sentir* que não tem mais nada. Só o vazio.

Elizabeth deixou escapar um suspiro.

– Eu nunca quis a Presidência – falei. – Não teria sido capaz disso, vó, de verdade. Não teria conseguido viver sua vida. Não teria sido capaz de carregar o peso da responsabilidade.

– Tem um peso muito maior para carregar – ela falou com tristeza, recostando-se na cadeira e deixando a cabeça repousar em uma das asas do encosto. Por um momento pareceu distante, muito menor do que eu lembrava e muito frágil. Seus pulsos finos pareciam poder quebrar. Seu pescoço com o pesado colar de ouro era como um galho seco de uma árvore envelhecida. Então ela endireitou as costas e pegou o bule de chá.

– Chega disso – minha avó anunciou com firmeza. – Anna, por favor, toque a sineta para pedir mais água quente. Vamos tomar chá e falar sobre coisas mais amenas.



Elizabeth me acompanhou até a porta para se despedir quando fui embora. Seus passos eram lentos e arrastados no assoalho de tacos polidos, mas ela estava em pé e andando. Sua força de vontade me espantava. Pensei



no esqueleto frágil embaixo das cobertas há algumas semanas, e era difícil acreditar que ela agora falava e andava ao meu lado. Seus passos eram incertos, mas minha avó sustentava o próprio peso, e seus olhos eram brilhantes e atentos como sempre.

Na porta, ela me beijou.

– Até logo, minha querida.

Depois olhou por cima do meu ombro. Seth estava apoiado ao capô do carro com os cabelos escuros bagunçados pelo vento; seus olhos cinzentos olhavam para nós.

– Então é ele? – Elizabeth murmurou. – Um apartado: a fonte de todo caos e toda dor. Bem, Deus sabe que cometi meus erros na juventude...

Ela endireitou a coluna, soltou meu braço e, devagar, muito lentamente, desceu a escada para caminhar em direção ao carro. Quis ajudá-la, mas ela estendeu a mão numa recusa imperiosa, manteve-me em meu lugar.

Ao se aproximar do carro, ela tocou o braço de Seth, que inclinou a cabeça para ouvir sua voz baixa, tão baixa que não consegui ouvi-la.

Meu estômago se contraiu com o repentino nervosismo. Não sei o que pensei que ela poderia dizer, alguma coisa horrível, alguma coisa imperdoável, talvez. Afinal, Elizabeth nunca perdoou minha mãe e meu pai.

No entanto, Seth apenas assentiu e respondeu com o mesmo tom baixo. E, quando olhou para mim, havia um sorriso em seus lábios.

– Agora vão – minha avó ordenou com firmeza. – Voltem para Winter, Anna. Estou velha demais para ficar em pé na rua.

Eu a beijei novamente e entrei no carro, e nós partimos.



– E agora? – Seth perguntou quando atravessamos a Ponte Hammersmith e pegamos a entrada para a M25.

– E agora? – Olhei por cima do ombro para a A-Z. – Não tenho certeza, mas acho que devemos seguir as placas para Richmond. Ou Twickenham, talvez.

– Não, quero dizer, o que vai acontecer agora? Com você. Com... a gente.

– Ah. – Mordi a parte interna do lábio. – Não sei. Meu pai acha que vou voltar para a escola, mas...

– Eu sei. – Seth sabia que era impossível ter passado por tudo que

passamos, vimos e fizemos, e depois voltar para nossa vida de antes. Ele dirigiu em silêncio por um tempo, seu rosto era sério e ilegível. Depois falou: – Lembra que uma vez eu disse que podíamos fugir?

– Sim. – Sorri com a lembrança. – Velejar no seu barco. Pescar para comer.

– Ainda tenho que levar aquele barco para Helsinki e ganhar dinheiro para pagar as multas do porto e essas coisas. – Ele respirou fundo e segurou o volante com mais força. – Se quiser, você pode, bem... pode vir. Eu sei – acrescentou, apressado –, sei o que está pensando. Tudo que aconteceu, tudo que deu errado. Vou entender se nunca mais quiser entrar em um barco. Contudo, o mar será sempre uma parte de mim. Não consigo ignorar esse chamado. E você poderia aprender a velejar, navegar. Com duas pessoas tripulando, a viagem seria muito mais rápida. Quem sabe, talvez aprenda até a pescar!

Pensei nisso enquanto ele dirigia pelas ruas de Londres, passava pelos lugares onde eu havia vivido e que amava, pelo Tâmis com todos seus segredos.

Então, eu me lembrei de uma coisa.

– O que ela disse, Seth? Minha avó, o que ela disse quando estávamos saindo?

– Ah... – Ele sorriu. – Ela disse: “Cuide dela, mocinho. Ela é ainda mais impressionante do que você sabe”.

– E o que você respondeu?

– Eu disse que sei disso, mas que você não precisa dos meus cuidados, porque é mais forte que eu e ela juntos. E sua avó concordou.



Pobre pai. Ficou horrorizado, é claro. Queria saber o que aconteceria com as provas, com minhas notas, pobres notas esquecidas, mas eu disse que ia ficar bem. Sempre podia voltar e fazer as provas. Podia estudar no barco, tirar um ano de folga, candidatar-me no próximo ano. Contudo, ele ainda não estava convencido, nem mesmo quando falei para ele quanto essa experiência seria impressionante em um formulário de inscrição para a Oxbridge. No fim, foi Elaine quem o convenceu a aceitar minha decisão, eu acho. E, como disse a ele, eu não estava desistindo da universidade, só

percorreria um caminho mais longo.

O porto estava cheio de rostos quando partimos: meu pai, Elaine, Maya, Emmaline, Sienna com a barriga começando a aparecer, Simon com o braço em torno dela... todos sorriam, embora houvesse lágrimas nos olhos de meu pai de vez em quando.

Eu não devia ter chorado. Não chorei quando fui à Rússia. Bem, talvez tenha sido porque senti falta da única pessoa que não estava ali: Abe.

– Ele está errado – Emmaline falou quando se despediu de mim com um abraço. – Você ainda é uma de nós, com ou sem magia. Sempre será. Ele vai aceitar, garanto.

– Não sei. Acho que Abe nunca me perdoará – eu disse. E não consegui me conter quando ela me abraçou novamente, dessa vez com ainda mais força. – Em, você precisa contar a Abe. *Por favor*, você precisa se abrir com ele. O que tem a perder?

– O que eu tenho a perder? – Sua risada era amarga. – Só a amizade dele. O respeito por mim mesma. Uma situação bem satisfatória, obrigada.

– Mas... você *ama* Abe. Eu sei que ama.

Ela recuou com o rosto triste.

– Não estou prometendo nada. Não sou durona como você. Tem alguns sacrifícios que não vou fazer, nem mesmo por isso. O que você fez... As coisas de que abriu mão... – Ela balançou a cabeça.

Seth soltou a amarra, Em recuou um passo, e nós começamos a nos mover por entre os barcos atracados no porto.

– Adeus, queridos! – Elaine gritou em meio ao barulho das velas.

– Fiz um amuleto! – Em anunciou. Ela mostrou uma trança, os cabelos dela e os meus juntos. – Vocês vão ter que voltar.

– Tenham cuidado! – repetiu meu pai. – Não se esqueçam de mandar notícias!

As mãos firmes de Seth nos conduziam para águas profundas, e eu olhava para os rostos perfilados no cais, pensava nas palavras de Em, em Abe, nas coisas de que desisti e se havia valido a pena.

E quando os contornos de todos no cais foram ficando cada vez menores, ainda acenando, ainda sorrindo, percebi uma coisa: não abri mão de nada. Só escolhi um caminho diferente. Todas as pessoas incríveis que conheço, minha mãe, minha avó, Emmaline, Abe e os outros, eles não são incríveis por causa da magia, mas apesar dela. Sua força, sua determinação, sua

capacidade de amar e ser amado, nada disso vinha da magia. Essas coisas vinham de outro lugar. Algo que não se pode tirar.

E havia meu pai, é claro, que é bem incrível à sua maneira quieta. Ele poderia ter se agarrado ao passado, poderia ter se tornado amargo e introspectivo como as bruxas na mina, mas não foi o que fez. Ele aprendeu a viver com perguntas que nunca fez, para as quais nunca teve resposta, e ser feliz. Abriu mão do passado. Deixou minha mãe no passado. E, no fim, também me deixou partir.

E Seth. Seth, que deu sua vida por mim sem pedir nada em troca. Talvez ele seja a mais incrível de todas as pessoas.



– Consegue sentir? – perguntei a Seth, elevando a voz acima do barulho das ondas que quebravam no casco.

– Sentir o quê? – ele gritou de volta.

– Minha magia. – Eu o observava enquanto ele velejava. Seth havia despido a camisa, e eu via as veias em seus braços quando ele puxava as cordas e girava o leme para lá e para cá, dirigindo em mar aberto. E estive pensando na magia de Abe, em como ela havia corrido por *minhas* veias, em como me fez ver a vida de um jeito diferente e me modificou, ligou nós dois. – Consegue me sentir dentro de você, no seu coração?

Seth olhou para o mar, seus cabelos batidos pelo vento; seus olhos eram tão cinzentos quanto o canal em um dia de chuva, embora hoje fosse um dia claro e ensolarado de verão.

Depois ele olhou para mim.

– Você sempre esteve no meu coração – disse. – Sempre.

E me beijou.

E o mundo balançou embaixo dos meus pés, como sempre acontecia e ainda acontece. Meu coração bateu mais depressa, minha pele arrepiou embaixo das roupas, meus dedos se agarraram às suas costas.

Quando nos separamos, Seth jogou a rede no mar, nas ondas que brilhavam e cintilavam sob o sol de verão.

Eu me inclinei contra as tábuas do barco, levantei a cabeça e olhei para o céu azul, ensolarado e infinito. O sol refletido nas ondas me ofuscava, e, por um momento, só por um momento, tive a impressão de ver flocos de neve

flutuando ao vento.

Em seguida eles sumiram, derreteram no mar e em suas infinitas possibilidades.